ELEMENTOS DE HISTORIA ECCLESIASTICA,

Que contém em resumo tudo quanto se tem passado de mais interessante nà Igreja, desde o Nascimento de Jesu Christo até o Pontificado de Pio VI.

Compostos em Francez por huma Sociedade Litterária, e traduzidos em Portuguez, e accrescentados com humas Taboas Chronologicas, em que se contém, álem de outras noticias interessantes tudo o que pertence ao Estado, e Igreja Lusitana.

TOMO I.

PORTO:

Na Offic. de Pedro Ribeiro França, Anno 1793.

Com licença da Real Mesa da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

NOTICIA DO EDITOR.

COMO no nosso Idioma naõ tinhamos senaõ huma Historia Ecclesiastica, que sendo ainda muito extensa, e por conseguinte dispendiosa, fazia impossivel á maior parte das pessoas estudiosas huma Leitura taõ util, como necessaria, logo que nos vieraõ á maõ estes Elementos de Historia Ecclesiastica compostos em Francez por huma Sociedade Litteraria, que pela elegancia, precisaõ, e clareza com que estaõ escriptos, tem merecido a geral approvaçaõ, resolvemos offerece-los ao Publico fazendo-os traduzir em Portuguez: e para mais realçar o seu merecimento, e fazer esta Obra mais util á nossa Patria, lhe mandamos ajuntar no principio de cada seculo huma Taboa Chronologica, na qual summariamente se tractasse das vidas dos Papas, e Imperadores, e particularmente dos Reis de Portugal, e se tocasse quanto até o presente se tem passado de mais notavel na Igreja Lusitana

ſitana até o preſente. Eſtas Taboas porém naõ ſaõ taõ ſeccas, e eſtereis, como ſe poderia conjecturar, e álem das ſobreditas ſe acharáõ nellas outras muitas noticias intereſſantiſſimas. A noſſa tençaõ era, naõ fazer pública eſta Obra antes de eſtar de todo completa; mas naõ o conſente a impaciencia do Publico, que nos inſta pela ſua publicaçaõ; e para ſatisfazermos ao ſeu deſejo, reſolvemos dar os primeiros quatro volumes, que abrangem até o XVI ſeculo incluſivamente, deixando os ſeculos XVII, e XVIII, para o ultimo, que ſe dará á luz, logo que ſe terminar a actual Revoluçaõ, facto taõ triſte, como eſtrondoſo, com que ſe dará fim á preſente Obra. Eſte reſto ſe acha já quaſi compoſto. Paraque neſta Obra ſe naõ encontraſſe couſa que podeſſe motivar dúvida, ajuntamos no fim de cada volume as reſpectivas erratas, defeito, que ſem embargo de toda a diligencia he impoſſivel evitar inteiramente.

TABOA CRONOLOGICA
Para a Introduçaõ
DA
HISTORIA ECCLESIASTICA.

Annos antes da Era vulgar.

ZACHARIAS occupado nas funçoens de ſeu miniſterio Sacerdotal, a tempo que junto do Altar queimava o incenſo, e repetia as preces, ſegundo o rito da naçaõ, appareceo-lhe *Gabriel*, e o ſegurou de que teria hum filho, a quem devia pôr o nome de *Joaõ*. O meſmo *Zacharias* vacilando

Antes da Era vulgar.

ſobre a promeſſa, pedio ao Anjo, que lhe afiançaſſe a verdade por algum ſinal: o Nuncio Celeſtial lho deo pela repentina mudez com que ſe vio, e em que o certificou perſiſtiria até ao naſcimento do filho profetiſado. Tudo aſſim ſuccedeo.

5 *Izabel* ſua mulher concebeo no mez de Setembro, naõ obſtando a inſuperavel eſterilidade que moſtrava.

O meſmo Embaixador Celeſte appareceo em Março a *Maria* deſpoſada com *Jozé*, e annunciou-lhe, que conceberia hum filho por obra do Divino Eſpirito, ſem detrimento de ſua virgindade, dizendo-lhe mais, que ſeria o *Principe da paz, o Pai do futuro Seculo*, e que ſe chamaria JESUS.

Maria viſitou ſua prima *Iza-*

Izabel, e o Precurſor ainda nas entranhas da Mãi, ſentindo o Meſſias no ſeio da Virgem, ſaltou de prazer, e foi ſantificado pela graça, ficando iſento da culpa original.

Antes da Era vulgar.

Joaõ naſceo a 24 de Junho, e logo que os annos lho permittiraõ ſe embrenhou nos deſertos da Judêa até á ſua miſſaõ, paſſando huma vida auſtéra, e penitente. 4

Jesus Christo foi dado á luz por *Maria* a 25 de Dezembro, imperando *Auguſto* em Roma, e por elle *Quadrato*, e *Tito Quinto Claudio*, na Luſitania, que ſeguia a Religiaõ dos que a dominavaõ. Os tres diſtrictos que o Summo Governante havia feito de Merida, Beja, e Santarem, moſtravaõ-ſe-lhe entaõ agradecidos, e appreciavaõ os no- 4

Annos antes da Era vulgar.	
	mes de *Emerita Augusta*; *Pax Julia*, e *Præsidium Julium*, excedendo este ultimo com Lisboa em tributar sacrilegamente a *Octaviano* as honras de Divindade.
	O Salvador foi circumcidado no primeiro de Janeiro, e a seis se vio adorado dos Magos, sendo mais provavel, que esta adoração se fizesse depois que seus Pais o apresentárão no Templo a 2 de Fevereiro.
3	*Maria*, e *Jozé* forão mandados logo por Deos para o Egypto com o Menino Jesus, a fim de subtrahí-lo ao odio de *Herodes*, o *Grande*, que ordenou a mortandade dos Innocentes, com o intuito de o comprehender em tal carnagem.
Depois da Er. v. 9	Depois da morte do tyranno, voltárão para Nazareth, e na idade de doze annos roubando-se aos olhos de

de ſeus Pais; eſtes o achá-raõ no Templo diſputando entre os Doutóres da Lei.

Era vulgar.

9 S. *Joaõ* começou a prégar penitencia, e a annunciar Jeſus Chriſto como verdadeiro Meſſias.

29 O Salvador foi baptiſado pelo *Baptiſta*, e declarado neſſa occaſiaõ por huma voz ſenſivel, e celeſte,

30 *Filho do Eterno Pai.* Entrou depois a manifeſtar-ſe, e paſſou logo ao deſerto a jejuar 40 dias, onde permittio ſer tentado pelo demonio. Caminhando ao longo do mar da Galilêa chamou a ſeu Apoſtolado, *André*, *Pedro*, *Jacob*, e *Joaõ*, a quem aggregou os mais.

31 Em Março aſſiſtio ás Nupcias de Caná em Galilêa, e fez ſeu primeiro milagre de mudar a agoa em vinho.

32 O *Baptiſta*, reprehenden-

do

Era vulg.	
	do *Herodes Antipas* por haver tomado a propria mulher de ſeu irmaõ Filippe, reſultou-lhe a morte á inſtancia de *Herodias* por ſua filha *Salomé*.
33	J. C. transfigurou-ſe no monte Tabor, moſtrando a ſeus Diſcipulos hum vislumbre da gloria de ſua Divindade; inſtruio-os depois, já formando o numero de doze, no governo, e poder de ſua Igreja, naõ excedendo nelle a huma Ariſtocracia, mas dando ſempre a primazia a *Pedro*, e a ſeus ſucceſſores ſem os fazer jámais Monarcas, prometten do a todos juntos naõ lhes faltar com ſua aſſiſtencia até o fim dos Seculos. Obrou nos ultimos tres annos ſua vida, dedicado á miſſaõ Evangelica, huma infinidade de prodigios, e inſtituio por ſi meſmo os ſete Sacra-

men-

mentos, como canaes, que nos podeſſem communicar ſuas miſericordioſas graças, álem daquellas com que illuſtraſſe noſſo entendimento, e arrebataſſe noſſa vontade por ineffaveis, e marivilhoſos modos.

Era vulg.

O meſmo Senhor fez ſua entrada triunfante em Jeruſalem, no meio das acclamaçoens do povo, que o feſtejou como ſeu Rei, e o Meſſias promettido. Enſinou no Templo; celebrou a ultima Paſcoa com ſeus Diſcipulos; deo-lhes ſeu corpo, e ſeu ſangue nas eſpecies de paõ, e vinho, depois de lhes haver lavado os pés, e de recommendar-lhes que qualquer que ſe julgaſſe entre elles o maior, ſe portaſſe como o menor de todos, ſendo ſempre a baze de ſua Doutrina, abrandura, e a humildade. 33

33

A

Era vulg.

A dous d' Abril á noute, Jesus Christo foi entregue com hum osculo de amisade por *Judas Iscarioth* a seus maiores inimigos, que depois d'arrojados em terra, ao ouvir unicamente a voz do que buscavaõ, tornados a si, prendêraõ-no por ser a hora, e o poder das trevas, ou do inferno, e conduzíraõ-no a casa d' *Annaz*, sogro do grande Pontifice *Caifaz*, que contra sua intensaõ, profetizára a morte do Redempor, e que foi, passados annos, deposto por *Vitelio*, sendo homicida de si proprio, no meio de sua desesperaçaõ.

33

No dia seguinte, sexta feira, tres de Abril levaraõ-no a *Pilatos* Governador da Judêa: *Pilatos* mandou-o a *Herodes*, Tetraca, ou Rei de Galilêa, e este o recombiou com desspreso ao mesmo

mo Miniſtro Romano, que lho enviára.

Era vulg. 33

Pedro negou por tres vezes ſer diſcipulo do Salvador, affirmando com juramento naõ conhece-lo; de cujo crime advertido pelo canto do galo, e tocado pela graça, paſſou a chorar amargoſiſſimamente ſua culpa.

Jesus reconhecido innocente por *Pilatos*; eſte cede ſó aos injuſtos clamores do povo, que lhe preferio *Barrabaz*, na graça do perdaõ paſcal, e naõ receou condemna-lo, moſtrando no lavatorio das maõs, que unio com a Sentença mais iniqua, de ver eſcapar ao Omnipotente desfexo do ſangue do Redemptor, que as turbas dos Judeos pediaõ dardejaſſe ſobre elles, e ſeus filhos, vozeando pela morte do falſo Meſſias, como obſtinada, e cegamente lhe chamavaõ.

O

Era vulg.

JESUS caminhou para o o Calvario com a Cruz em que havia de padecer, e ſendo nella pregado expirou em taõ cruel tormento pelas tres horas da tarde entre dous ladroens, hum venturoſo para ſempre, outro eternamente deſgraçado.

33 As trevas que cobríraõ toda a terra pela eſcuridade do Sol, ſem ſèr eclipſado com a Lua, que era entaõ cheia; o abalo dos montes, a abertura dos ſepulchros, e outros muitos ſinaes eſtrondoſos, e horriveis deraõ teſtemunho de quem padecia em taõ execrando ſupplicio, vendo-ſe o meſmo Centuriaõ Romano obrigado a dizer: *Eſte Homem era verdadeiramente Filho de Deos.*

O Deurio *Jozé* d' Arimathea o deo á ſepultura com permiſſaõ de *Pilatos*, que naõ quiz por providencia,

cia, que se lhe tirasse o titulo da Cruz, J. N. R. J.

Era vulg. 33

Jesus resuscitou na manhã do Domingo a 5 de Abril, e depois de fazer repeti das appariçoens aos Discipulos, doutrinou-os mais largamente sobre o ministerio de sua Igreja. Subio ao Céo á vista delles, no quadragesimo dia seguido á propria Resurreiçaõ, e sendo acompanhado dos olhos de todos, dous Anjos em figura humana, vestidos de branco os inquiriraõ sobre esta acçaõ, e sem mais resposta os seguráraõ logo de que Jesus tornaria do mesmo modo depois; finalisando-se todos estes Mysterios no anno 19 do governo de *Tiberio*, que succedeo a *Augusto*, morto no 14 da Era vulgar, em que se deve saber, haverem menos 38 annos d[illegible] que na d' Hespanha,

Era vulg.

nha, de que ſe uſou em Portugal até D. *João* I. que ſupprimio ſeu uſo em 1420 tendo tambem a dita Era vulgar menos 4 annos, que a Chriſtã, ou a que ſe conta do dia do naſcimento de Chriſto.

INTRO-

INTRODUÇAÕ
A'
HISTORIA ECCLESIASTICA,
OU
VIDA ABBREVIADA
DE
JESUS CHRISTO.

Naſcimento de S. JOAÕ BAPTISTA, *e de* JESU CHRISTO.

O IMPERADOR *Auguſto* era Soberano pacifico do Univerſo conhecido, quando o Verbo Divino igual ao Pai, quiz naſcer homem para reſgatar os homens. Havendo chegado o tempo preſcripto para ſeu naſcimento, fez preceder-ſe de *Joaõ Baptiſta*, como a eſtrella apparece antes de levantarſe o Sol.

O

O Anjo *Gabriel* annunciou ao Santo Sacerdote *Zacarias*, Pai do Precurſor, que ſua Eſoſpa *Iſabel*, ainda que eſteril, e avançada em idade, lhe daria hum filho chamado *Joaõ*, q̃ precederia o Senhor com o eſpirito de *Elias*, a fim de preparar os homens para a vinda de ſeu Libertador. Cumprio-ſe a palavra do Anjo apezar da incredulidade de *Zacarias*. *Izabel* veio a ſer Mãi, dando á luz *Joaõ Baptiſta*. Entaõ *Zacarias* que ſe tinha tornado mudo, fallou, e celebrou o naſcimento de ſeu filho por hum cantico cheio de enthuſiaſmo do Eſpirito Santo.

Quaſi ſeis mezes depois que *Gabriel* annunciou eſte naſcimento, foi mandado Embaixador Celeſte a huma Virgem da Caſa de *David*, que ſe chamava *Maria*. Eſta havia deſpoſado hum homem de ſua meſma proſapia, que tinha por nome *Joſé*, teſtemunha, e guarda fiel de ſua pureza, por quanto ambos viviaõ em continencia. *Gabriel* declarou a *Maria*, que ſem ceſſar de ſer Vir-

gem,

gem, e por obra do Eſpirito Santo, conceberia, e daria á luz hum Filho, a quem devia pôr o nome de *Jeſus*; que ſeria grande, que ſe chamaria Filho do Altiſſimo, o Senhor o collocaria no Throno de *David* ſeu Pai, e q̃ reinaria eternamente ſobre a Caſa de *Jacob*. *Maria* ſujeitou-ſe á diſpoſiçaõ do Omnipotente. *Jeſus Chriſto* Filho de Deos na eternidade, Filho d' *Abrahaõ*, e de *David* em tempo, tomou hum corpo, e huma alma ſimilhantes á noſſa no ſeio deſta immaculada Virgem.

Maria achava-ſe no nono mez de ſua prenhez, quando o Imperador *Auguſto* ordenou por vaidade politica, huma enumeraçaõ de todos os Vaſſallos do Imperio na Judêa. *Jozé*, e *Maria*, que habitavaõ em Nazareth viraõ-ſe obrigados a ir declarar-ſe nos regiſtros publicos de Betlem. Neſta Cidade foi onde o Libertador do Genero humano naſceo no fundo de hum preſepe entre dous animaes: humilhaçaõ de hum Deos

com

com que devia confundir o orgulho do homem.

O anno do nascimento do Salvador, segundo o calculo mais seguido, foi o de 4004 da creaçaõ; o 3. anno da 194 olimpiada; o 752. depois da fundaçaõ de Roma; o 25 do reinado d' *Augusto* datando-o depois de sua posse pelo Senado, e povo Romano.

Adoraçaõ dos Pastores, e dos Magos. Mortandade dos Innocentes. Morte d' Herodes, *e seu caracter.*

EM a noute que *J. C.* veio ao mundo, alguns Espiritos Celestes annunciáraõ seu nascimento aos Pastores, que vieraõ á competencia adora-lo, sendo os primeiros Apostolos, que publicáraõ em toda a Regiaõ, a vinda do Messias. Oito dias depois o Salvador se sujeitou á Circumcisaõ, e recebeo o nome de *Jesus*, que sinalava o objecto de sua missaõ, como o de *Christo*, que significava *Ungido*, ou *Sagrado*; titulo

tulo porque se conhecia sua realesa, e seu divino Sacerdocio.

Huma nova estrella symbolo da luz, que o Redemptor vinha espalhar sobre a terra, se mostrou no Oriente. Magos (que vem a ser Filosofos a quem suas riquezas, e seu credito faziaõ dar o nome de Reis) seguem esta estrella, e vem adorar o Homem Deos, offerecendo lhe ouro, mirrha, e incenso.

O Septro de Judá achava-se nesse tempo entre maõs estrangeiras. *Herodes* Idumeu d' origem, Principe suspeitoso, e cruel reinava na Judêa. A chegada dos Magos tanto mais o assombrou, quanto se havia divulgado nesse tempo huma tradiçaõ, que annunciava em Israel hum Dominador, cujo Imperio devia dilatar-se sobre todas as Naçoens. Mandou juntar os Sacerdotes, e Doutores da Lei para saber delles onde devia nascer o Messias: elles respondêraõ; que em Bethlem, Cidade de Judá. Em continente ordena a mortandade geral de todos os

meninos, que tivessem menos de dous annos na Cidade, e suas visinhanças. Hum Escriptor Pagaõ do V. Seculo refere que *Herodes* havia incluido nesta mortandade hum de seus filhos, e que nesta occasiaõ, *Augusto* dissera, *que mais valia ser porco de Herodes, que seu filho.* Pouco depois, nessa mesma occasiaõ, mandou matar *Antipates*, cuja morte foi procedida da d' outros dous filhos seus, *Alexandre*, e *Aristobulo.*

Segundo o Historiador *Jozé*, *Herodes* marcou o principio do seu reino pela morte d' *Antigono* a quem os direitos do nascimento chamavaõ ao Throno. Este cruel homicidio foi seguido de todas as pessoas adherentes a este desgraçado Principe, e quasi de todos os membros do Synedrio. *Aristobulo* o moço, reunindo em si os direitos d' *Hircano*, e d' *Aristobolo* o Velho, á Corôa, assombrando tambem *Herodes*, foi mandado afogar. Sahindo duas vezes de Judêa para ir justificar-se diante do Imperador *Augusto*, deu occul-

cultas ordens para matar ſua Eſpoſa *Marianna*, ſe elle foſſe condemnado á morte. Ainda que a amava aturdidamente, ſempre a fez perecer depois com *Alexandra* Mãi deſta infelice. Accuſou *Hircano*, o ultimo da familia dos Aſmoneus, de hum crime quimerico, a fim de pretextar com preſſa a morte de hum velho mais que Octogenario, que a peſar de ſua idade, e de huma vida pacifica, o inquietava por cauſa dos direitos, que tinha ſobre o Septro da Judêa.

Tantas crueldades foraõ punidas ainda neſta vida. Huma eſpantoſa doença reduzio Herodes ao eſtado mais horrivel. Os bichos roiaõ-lhe todo o corpo, e mil inſectos ſahiaõ das partes, que o pudor naõ permitte nomear. No meio deſtes formidaveis tormentos, caſtigo viſivel de ſeus crimes, *Herodes* expirou de 70 annos, havendo reinado 40.

Como eſte Principe ſanguinario, imaginava, que o dia de ſua morte ſeria feſtivo para os Judeos, or-

denou que prendeſſem no cerco de Jericó, onde habitava, os principaes da Naçaõ a fim de que os mataſſem quando elle acabaſſe a vida; porém eſte taõ horroroſo mandado, como extravagante, naõ foi executado. Ninguem chorou eſte monſtro, compoſto d' artificio, e de barbaridade, algoz de ſua propria filha, e tyranno de ſeu povo. Foi o primeiro que abalou os fundamentos da Républica Judaica. Confundio á ſua vontade a ſuceſſaõ dos Pontifices; enfraqueceo o Pontificado, cuja eleiçaõ veio a ſer arbitraria, e debilitou a auctoridade do Conſelho da Naçaõ, que ſó foi eſcravo de ſuas reſoluçoens. Entretanto alguns enthuſiaſtes deſta Naçaõ alucinados pela magnificencia de ſua Côrte, e pelo eſplendor dos edificios, que elevou, quizeraõ fazê-lo paſſar pelo Meſſias. Eis-aqui o que formou a Seita dos *Herodianos*, a qual acabou apenas appareceo.

Herodes deixou tres filhos por quem dividio ſeus eſtados, confórme

me ſeu teſtamento confirmado por *Auguſto*, de cujo Imperador foi conſtantemente hum vil adulador. *Arquelau*, o mais velho; foi Tetraca, ou Principe de Jeruſalém, e ſuburbios. *Herodes-Antipas* teve a Galilêa, e *Filippe* a Iturêa, e Traconitis. *Herodes* naõ deo couſa alguma aos dous netos por parte de ſeu filho *Ariſtobulo* a quem elle fez derramar o ſangue; porém eſtes ſempre vieraõ depois a reinar. *Agripa* foi Rei de Jeruſalém, e *Herodes* o moço, Principe de Calcidica.

Jeſus no Templo; Prégaçaõ do Baptiſta; *Baptiſmo* de J. C., e *ſeu primeiro milagre.*

ALGUNS dias antes da morte dos Innocentes, *Jozé* e *Maria* aviſados por hum Anjo, ſalvaraõ-ſe no Egypto. Aqui vivêraõ ſete annos, tornando depois da morte d' *Herodes* para a Cidade de Nazareth, onde *Jozé* ganhava ſua vida pelo ſuor de ſeu roſto. Hiaõ todos os an-

nos a Jeruſalém para celebrar a feſta da Paſcoa. Hum dia em que levaraõ ao Salvador, ſendo já de idade de 12 annos, eſte Senhor ſe ſeparou delles, ficando no Templo onde o achár aõ diſputando com os Doutores, e propondo-lhes queſtoens q̃ os aſſombravaõ. *Jeſus* unido a ſeus Pais tornou para Nazareth, onde permaneceo até á idade de 30 annos, preparando-ſe em ſilencio, para a miſſaõ Evangelica, por cuja cauſa quiz habitar entre os homens.

O Imperador *Tiberio* havia ſuccedido a *Auguſto* de quem teve os vicios, ſem herdar ſuas qualidades. No decimo quinto anno de ſeu reinado, foi que *Joaõ Baptiſta* exercitou o lugar de Precurſor de *Jeſus* começando a prégar a penitencia. Eſte Santo Precurſor viveo deſde ſeus primeiros annos na ſolidaõ, mortificando ſeu corpo, e elevando ſeu eſpirito aos bens Celeſtiaes. Sua vida auſtéra, e ſuas eminentes virtudes movêraõ de tal modo o pôvo, que vendo nelle hum novo *E-*

lias,

lias , naõ eſtava longe de o reconhecer por Meſſias: porém o Precurſor lhe declarou, que *ſó era huma voz, q̃ annunciava o Libertador de Iſrael* , *e q̃ nem ſe achava digno de deſatar-lhe as correias dos çapatos*, accreſcentando, *eu ſó vos baptizo na agoa* ; porém *virá outro mais poderoſo* , *que vos baptizará no Eſpirito Santo.*

O Baptiſmo de *Joaõ* ſó era preparaçaõ para o do Meſſias ; com tuco J. C. diginou-ſe recebê-lo , a pezar da oppoſiçaõ de ſeu Santo Precurſor. Em quanto o Salvador entra no Jordaõ , o Céo ſe abre , o Eſpirito Santo deſce ſobre elle , na figura de huma pomba , e huma voz Celeſte faz ouvir eſtas palavras : *Vós ſois meu Flho amado* , *em quem tenho poſto todas as minhas complacencias.*

Logo que *Jeſus* ſantificou as agoas por ſeu baptiſmo , e que lhes deo a força de regenerar o peccador , foi conduzido a hum deſerto pelo Eſpirito Santo. Paſſou nelle 40 dias ſem comer , nem beber para

nos

nos ensinar que pelo jejum nos devemos preparar para o Sagrado Ministerio. Permittio, que o Demonio o tentasse, mas foi vencedor deste maligno espirito. Deste modo e victoria do segundo *Adaõ* sobre o diabo reparou o vencimento do primeiro. *Jesus* mandou ao Demonio, que se retirasse, por quanto *estava escripto, que só hum Deos devia ser adorado, e servido.* Ao mesmo tempo chegáraõ os Anjos, e ministráraõ ao Senhor.

O Salvador do mundo tendo deixado o deserto depois desta tentativa, que deve fortificar nossa coragem nas tentaçoens buscou S. *Joaõ Baptista.* O Precursor apenas o vio, exclamou: *Eis-aqui o Cordeiro de Deos, e eu só vim para o mostrar.* Muitos dos Discipulos de *Joaõ* seguíraõ nesse tempo o Divino Messias, que começava a provar sua missaõ por milagres. Achando-se ás nupcias, que se celebráraõ em Caná de Galilêa, contribuio á innocente alegria dos convidados, mudando a agoa em vinho. Vi-

Vocaçaõ dos Apostolos. Sermaõ no monte. Compendio da Doutrina de Jesus Christo.

NOVAS maravilhas confirmáraõ sua Doutrina. O Povo occupado todo d' admiraçaõ seguia-o constantemente para receber as instrucçoens de seu Divino moral, e para ser o objecto, ou a testemunha de seu poder. *Jesus* via-se algumas vezes obrigado a roubar-se a este piedoso empenho, retirando-se para os desertos, e montanhas. Em hum destes tempos de retiro, depois de passar a noute em oraçaõ, poz os fundamentos de sua Igreja pela vocaçaõ de seus doze principaes Discipulos. Nomeou-os Apostolos, que he o mesmo que Enviados, por quanto o Senhor os destinava para se espalharem por toda a terra, a prégar o Evangelho. A maior parte era do commum do pôvo, e sem letras; porém o Salvador os elevou por huma graça singular acima do ser de

suas

ſuas peſſoas, e lhes concedeo o dom dos milagres.

Os nomes deſtes doze enviados, ſaõ: *Pedro*, *André*, *Tiago*, *Joaõ*, *Filippe*, *Bartholomeu*, *Mattheus*, *Thomé*, *Tiago filho d' Alfeu*, *Judas*, *Thadeo*, *Simaõ*, *e Judas Iſcariota*. *Jeſus* poz S. *Pedro* á frente de todo eſte rebanho. Sua prerogativa foi de tal modo reconhecida pelos mais Apoſtolos, que os Evangeliſtas, na enumeraçaõ, que formaõ delles, naõ guardando ordem alguma, todos ſe unem ſempre de acordo em nomear a S. *Pedro* antes dos outros.

Os primeiros raios da luz Evangelica eſtavaõ deſtinados para os filhos d' Iſrael. Deſte modo pois começáraõ ſua miſſaõ, annunciando ſeu divino Meſtre, aos Judeos, e aos habitantes das provincias viſinhas. *Jeſus* ſuſtentando ſeu zelo por luminoſas inſtrucçoens, deſcobriolhes pouco tempo depois de ſua vocaçaõ, eſtas excellentes, e intereſſantes maximas, conhecidas com o

no-

nome de *Sermaõ do monte*. O Compendio deſte diſcurſo, e o de todo o moral Evangelico, era bem proprio para illuſtrar o eſpirito de homens ignorantes, e carnaes, e mover-lhes ſeus coraçoens. Eis-aqui a ſubſtancia confórme hum dos melhores interpretes do Evangelho.

„ Nós ſomos creados para hu„ ma vida eterna, e bemaventura„ da, onde devem dirigir-ſe todos „ os noſſos deſejos. Eſta vida con„ ſiſte em conhecer hum ſó verda„ deiro Deos, e *J. C.* ſeu Filho, „ enviado pelo meſmo Senhor. Deos „ he eſpirito; he neceſſario que os „ que o adoraõ, façaõ eſta adora„ çaõ em eſpirito, e verdade.

„ Noſſo unico negocio, e ſó„ mente neceſſario, he o de nos „ unir-mos a Deos. Somos indignos „ deſte Senhor quando lhe antepo„ mos quaeſquer creaturas.

„ Toda a Divina Lei ſe reduz „ aos dous Mandamentos d' *amar a* „ *Deos de todo o noſſo coraçaõ, e ao* „ *noſſo proximo como a nós meſmos.*

„ Os

,, Os Judeos carnaes limitavaõ
,, ſua piedade em obſervar exterior-
,, mente á letra os preceitos da Lei;
,, *J. C.* enſinou, que para cumpri-
,, la, devia-ſe-lhe procurar o eſpi-
,, rito; que era preciſo abſter-ſe naõ
,, ſómente das acçoens prohibidas,
,, mas reprimir os penſamentos, os
,, deſejos, e reformar tanto os ſen-
,, timentos internos, como os mo-
,, vimentos exteriores.

,, O homem depois da queda de
,, noſſo primeiro Pai, he domina-
,, do pelo amor de ſi meſmo. *J. C.*
,, quer que ſe renuncie a ſi pro-
,, prio, que ſe humilhe, que ſe a-
,, bata com ſujeiçaõ aos outros.

,, Há hum vivo apego aos bens
,, da vida, e temem-ſe os ſeus ma-
,, les. *J. C.* enſinou, que nos deve-
,, mos deſapegar de tudo, até da
,, meſma vida, para nos occupar-
,, mos ſó de Deos.

,, As promeſſas, e ameaças que
,, o meſmo Salvador faz, ſaõ uni-
,, camente para a vida futura. As pe-
,, nas, as lagrimas, as afflicçoens
,, ſaõ

„ ſaõ a herança dos verdadeiros
„ Chriſtaõs, no tempo da vida pre-
„ ſente.

„ O homem carnal ama, e buſ-
„ ca tudo o que he grande, as ri-
„ quezas, os veſtidos ſumptuoſos,
„ os moveis de maior preço, as
„ diſtincçoens liſongeiras. *J. C.* lhe
„ declara, que a pobreza he hum
„ eſtado venturoſo; que a obſcuri-
„ dade, e a baixeza ſaõ preferiveis
„ ás grandezas humanas; que o que
„ he elevado aos olhos dos homens,
„ he abominavel aos de Deos.

„ O homem mundano caminha
„ á vontade de ſuas paixoens, ty-
„ rannos de ſeu corrompido cora-
„ çaõ. *J. C.* lhe declara, que ſó
„ póde alcançar a felicidade eter-
„ na, violentando-ſe a ſi proprio.
„ Elle ama ſeus cómodos, e naõ
„ quer ſoffrer couſa alguma, nem
„ da parte dos elementos, nem da
„ parte dos homens; e *J. C.* naõ o
„ admitte á ſua companhia, ſe o
„ naõ vê tomar o caminho das tri-
„ bulaçoens.

„ O

,, O homem ſenſual olha, e a-
,, borrece como ſeus inimigos to-
,, dos os que lhe perturbaõ a poſ-
,, ſe dos bens da vida, ou que lhe
,, ſuſcitaõ males temporaes. *J. C.*
,, lhe ordena o contrario, mandan-
,, do-o ama-los; ſopportar ſeus de-
,, feitos com paciencia, e ſuas con-
,, tradiçoens com doçura. Em fim
,, o meſmo Senhor quer, que pa-
,, ra conſervar o verdadeiro theſou-
,, ro do Chriſtaõ, a caridade eſte-
,, ja ſempre prompta para ſacrificar,
,, e perder tudo por ſeu reſpeito.

Virtudes de JESÚS CHRISTO.

ESTA Doutrina, que era ao meſ-
mo tempo taõ nova, e taõ admira-
vel, moſtrava-ſe ſuſtentada por gran-
des exemplos de virtude, que fa-
ziaõ a ſua fiel expreſſaõ. *J. C.* ap-
parece deſde ſua infancia, modelo
dos homens: docil, e ſujeito a ſeus
Pais; fazendo-ſe ao meſmo tempo
amavel a todos, e creſcendo em gra-
ça, e ſabedoria. Em ſua adoleſcen-
cia

cia até aos 30 annos, paſſa no retiro, e na obſcuridade, ſendo o meſmo que vinha para luz do mundo. Julgado por Filho de hum Carpinteiro, e Elle meſmo Carpintei-teiro: trabalha em ſilencio, e tem huma vida ſéria, occupada, e por conſequencia mais virtuoſa, que a primeira idade de hum menino naſcido no luxo, e na grandeza.

Quando começa a obra de ſua Divina miſſaõ, attrahe o reſpeito, e o amor dos póvos, por ſeu zelo para inſtruir, e converter, pelos beneficios, que liberaliza, e pelas maravilhoſas curas, que pratîca. A' ſua voz as doenças deſaparecem, os demonios fojem, os mortos reſuſcitaõ, as agoas ſe firmaõ, e as tempeſtades ſocegaõ. Porém em quanto manda como Senhor a natureza, tudo reſpîra nelle o mais perfeito deſapego do amor proprio, e do orgulho. Parece querer occultar tanto ſeus milagres, como os homens eſcondem ſeus crimes. *Herodes Antipas* teſtemunha muitas vezes o maior

empe-

empenho em o ver; mas *Jesus* evitou sempre mostrar-se a este Principe, e quando lhe appareceo no tempo de sua paixaõ, nada fez de assombro a seus olhos. Veio para condemnar a curiosidade dos homens, e naõ para satisfaze-la.

Seu despreso relativo ás vans grandezas, e seu amor para a pobreza, foraõ taõ notaveis, que naõ teve, segundo o testemunho de sua boca, onde repousar a propria cabeça. Soffria a fome, e sêde, comendo o que precisava, e o que lhe punhaõ diante. Em suas viagens, acomodava-se nas casas de todos aquelles, que queriaõ dar-lhe hospitalidade. Pobres, e ricos, tudo era igual a seus olhos, ainda que testemunhasse huma predilecçaõ mais notavel pelos primeiros, como tendo hum direito mais seguro aos bens eternos. Fazia esmolas do pouco que tinha; porém naõ as pedia a pessoa alguma. Quiz antes fazer hum milagre, que pedir emprestado meio siclo para pagar o tributo dos primoge-

mogenitos. Sua maxima era, de que *He muito maior felicidade dar, que receber.* Huma incrivel multidaõ de doentes, mendígos, e miseraveis pela maior parte o seguiaõ continuamente, e nenhum lhe era pesado em seu trato. Naõ se dedignava igualmente de conversar, e de comer com os peccadores, a fim de achar mais occasioens de os levar á virtude.

Seu exterior naõ tinha singularidade alguma, nem cousa que o distinguisse na apparencia do commum dos homens; porém com estes mesmos modos taõ pouco energicos, *J. C.* conservava huma dignidade maravilhosa. *Fallava*, diz hum Evangelista, *como quem podia tudo, e enchiaõ d' admiraçaõ as palavras de graça, que se escutavaõ de sua boca.* Seu discurso simplice, e claro; só tinha por ornamento estas figuras vivas, e naturaes, que naõ faltaõ a hum homem persuadido, e que quer persuadir os outros. *Naõ era*, diz S. Justino, *hum so-*

fiſta, *mas o Verbo de Deos*. Os principios que eſtabelece, e de que naõ procura tirar as conſequencias, tinhaõ por ſi meſmos huma luz de verdade á qual ſó ſe podia reſiſtir por cegueira voluntaria. Fallou algumas vezes por parabolas, a fim de caſtigar por eſte modo a má diſpoſiçaõ dos animos: porém em favor dos eſpiritos mais bem intencionados explica-va-ſe por ſenſiveis raciocinios, e comparaçoens ordinárias, formadas por ſeus milagres, que eraõ as provas mais proporcionadas a todas as almas, e mais fortes, que os ſylogiſmos dos Filoſofos.

Priſaõ, e morte do Baptiſta.

Os teſtemunhos, que o Precurſor do Meſſias havia tributado ás maravilhas de ſua miſſaõ, foraõ bem depreſſa ſeguidos de o prenderem. *Herodes-Antipas* havia roubado a ſeu irmaõ *Filippe*, *Herodias* ſua mulher, e vivia com ella como ſe foſſe a propria Eſpoſa. O eſcandalo

lo deſte adulterio, tornado mais horrivel pelo inceſto, revoltava os animos de todos; porém o temor de ſe exporem ao reſentimento de hum Principe taõ cruel como laſcivo, reprimia-lhes as lingoas. *Joaõ* foi o unico que teve a coragem de fallar, repreſentando a *Herodes* a enormidade de ſeu crime. Eſte Principe naõ podendo ſoffrer a liberdade do Precurſor, mandou-o carregar de ferros no caſtello de Macheronta.

Herodias naõ contente de o ver ſopreſo, pedia ſua morte com inſtancia. *Herodes* temeo que a morte de hum juſto reſpeitado da Naçaõ a revoltaſſe contra elle. *Herodias* achou promptamente com que diſſipar eſte receio, e ſatisfazer á ſua vingança. *Herodes* celebrava o dia de ſeus annos, e dava hum grande feſtim aos da Corte no meſmo caſtello de Macheronta. Em quanto os convidados, aqueciaõ exceſſivamente com o vinho, e mais prazeres, *Salomé*, filha de *Herodias*, e de *Filippe* ſeu primeiro marido, entrou na ſála do

festim, e dançou diante do Rei com tal vivacidade, e ligeireza, que de todo o encantou. *Herodes* no calor da volutuosa funçaõ disse a *Solomé*: *Pedi-me o que quizer-des, e eu vòs juro, que vo-lo concederei, ainda-que seja ametade de meu Reino. Salomé* referio logo a sua mãi a offerta do Rei, e a vingativa *Herodias* ensinuou-lhe immediatamente, que pedisse a cabeça do *Baptista. Salomé* entrou segunda vez, e disse promptamente a *Herodes*: *dai-me neste prato a cabeça de Joaõ Baptista.* Entristeceo-se o Rei porque estimava as virtudes do Santo; mas como se havia obrigado por juramento diante de huma numerosa assemblêa, o rubor impedio que se retratasse: mandou pois hum de seus guardas cortar a cabeça ao Santo Precursor, e trouxeraõ-na em hum prato a *Salomé*, que a deo a sua Mãi. S. *Jeronymo* diz, que *Herodias* lhe atravessou a lingua com huma agulha do cabello, por se despicar ferinamente da liberdade com que o

Ba-

Baptiſta fallava contra ſeus crimes. A morte do Santo Precurſor ſucce- deo no fim do anno 31, ou princi- pio 32 de *J. C.* Seus Diſcipulos fieis á ſua memoria fizeraõ as honras fu- nebres a ſeu corpo.

Multiplicaçaõ dos paens, e outros milagres de JESU CHRISTO.

A morte do Baptiſta tocou viva- mente *J.C.*, que ſe retirou para o de- ſerto, ſendo ſeguido de todos aquel- les a quem ſeus milagres, e benefi- cios attrahiaõ junto de ſi. Curou os que ſe achavaõ doentes, e lhes pré- gou o Reino dos Céos. Hum dia in- do a anoutecer, e ignorando ſeus Diſcipulos até onde ſe extendia o uſo do poder de ſeu Divino Meſtre, advertiraõ-no que nada tinhaõ para dar de comer a toda a multidaõ que o ſeguia. *Elles ſaõ*, lhe diſſe *André*, *mais de cinco mil, e aqui ſó ſe acha hum rapaz que tem cinco paens de ſevada, e dous peixes. Trazeimos*, lhe diz o Senhor, *e fazei arranjar*

o povo. Pegou dos paens, abençoou-os, e deos a ſeus Diſcipulos para os diſtribuirem. Todos ficáraõ ſatisfeitos, e ſobejou ainda de que encher doze ceſtos.

Eſte pôvo arrebatado d'admiraçaõ, exclamou em alta voz: *He neceſſario faze-lo Rei!* Porém o Reino de *J. C.* Superior a todos os da terra, era puramente eſpiritual; e eſte Senhor para ſe livrar das empenhadas acclamaçoens da multidaõ, fez metter ſeus Diſcipulos em huma barca do Lago de Génézareth, e retirou-ſe depois a huma montanha.

Entre tanto chegada a noute, os Diſcipulos fluctuavaõ ſobre o lago, por cauſa de vento contrario; mas vendo de repente caminhar nas agoas huma eſpecie de figura grande, e temivel, que hia para elles; gritáraõ: *He hum fantaſma!* *Sou eu* lhes diz o Senhor, *naõ temaes couſa alguma.* *Se ſois vós*, lhe diz Pedro, *ordenai, que eu vá até vós, caminhando ſobre as agoas.* *Jeſus* lhe diz, *vinde.* *Pedro* deſceo logo da barca,

e

e caminhou por cima da agoa. Tendo-se levantado hum impetuoso vento, o Apostolo receando, começou a fundir-se. Exclamou entaõ ao Senhor, dizendo, *Salvai-me*! *Jesus* tomando-o pela maõ lhe diz: *Homem de pouca fé, porque motivo duvidaste*? Entráraõ na barca, o vento cessou, e felismente abordáraõ na praia.

Jesus correo depois toda a Regiaõ, e encheo por toda a parte as funçoens de Salvador. Traziaõ-lhe os doentes em todos os lugares, por onde passava, e apenas elles tocavaõ as fimbrias de seu vestido, sentiaõ-se logo saõs. *Jesus* fazia seus milagres sem fasto, sem fadiga, nem ostentaçaõ, e parecia algumas vezes attribuir mais as curas dos enfermos á sua fé, que ao seu poder.

A Cananea ; o Surdo , e Mudo ; e a Primazia de S. Pedro.

Havendo o Meſſias deixado o Paiz de Nazareth , que havia ſido hum dos principaes theatros de ſeu Divino poder , paſſou á Fenicia da Syria para a parte de Tiro , e de Sidonia. Ahi foi quando moſtrou pela primeira vez , que os Gentios ſeriaõ chamados aos bens Celeſtes , do meſmo modo que os filhos de Iſrael. Huma mulher do paiz de Canaan , exclamava inceſſantemente ao Salvador: *Senhor ,Filho de David,tende piedade de mim.Minha filha achaſe atormentada pelo demonio. Jeſus* querendo experimentar ſua fé , moſtrou que a naõ ouvia ; porém ella continuava na ſua rogativa com fervor. *Meſtre* , lhe diſſeraõ os Apoſtolos , *deferi-lhe ao que vos pede. Naõ*, reſpondeo o Senhor ; *eu ſó tenho ſido enviado para as ovelhas da Caſa de Iſrael. Senhor* , proſeguio a Cananea , *attendei-me. Tornou-lhe* , o Salvador , *he juſto dar aos caens*

o paõ dos filhos? Replicou a mulher com huma humildade digna de ſer ouvida; *os caensſinhos ao menos comem as migalhas que cahem da meſa de ſeus Senhores.* Entaõ *Jeſus* lhe diſſe: *O' mulher tua fé he grande! Seja-te tudo feito como o deſejas.* No meſmo inſtante recobrou a filha ſaude.

Jeſus veio dos confins de Sidonia, ao longo do mar de Galilêa, curando todos os enfermos. Hum homem ſurdo, e mudo alcançou de ſua bondade o ouvir, e o fallar. O Salvador prohibio-lhe divulgar eſta portentoſa cura; porém tanto exigia o ſilencio, quanto o pôvo ſe apreſſava mais em annunciar ſuas maravilhas. O aſſombro que eſtas inſpiravaõ fazia creſcer tanto o numero de ſeus Diſcipulos, que ſe vio obrigado ſegunda vez a produzir o milagre da multiplicaçaõ, em beneficio deſte fiel pôvo. Quatro mil peſſoas foraõ ſatisfeitas com ſete paens.

Jeſus paſſou depois aos orredores de Ceſarea, e no caminho perguntou

guntou a ſeus Diſcipulos, que ſe dizia delle? *Huns*, reſpondêraõ elles, *affirmaõ que vós ſois* Elias: *outros*, Joaõ Baptiſta; *outros*, Jeremias. *E vós quem dizeis que eu ſeja? Vós ſois Chriſto*, reſpondeo Pedro, *Filho de Deos vivo. E eu te digo*, lhe tornou o Senhor, *que tu es Pedro, e que ſobre eſta pedra eu edificarei minha Igreja. Todo o poder do inferno naõ poderá deſtrui-la, e quanto tu ligares, ou desligares ſobre a terra ſerá ligado, ou desligado no Céo.* Deſte modo recompenſou o Senhor o teſtemunho de *Pedro*, que ſegundo S. *Joaõ Chriſoſtomo*, naõ ſó foi o orgaõ, e o Principe dos Apoſtolos, mas tambem o grande pregoeiro da Igreja.

Transfiguraçaõ de J. C.

O SALVADOR, querendo alguns dias depois, dar hum vislumbre de ſua gloria, levou comſigo S. *Pedro*, S. *Tiago*, e S. *Joaõ* a hum monte, que ſe crê ſer o Tabor. No tempo em

em que orava, ſeu roſto ſe moſtrou brilhante como o Sol, e ſeus veſtidos reluzentes como a neve. Os Apoſtolos que haviaõ cahido em hum adormecimento, deſpertáraõ, e foraõ teſtemunhas da Transfiguraçaõ de ſeu Divino Meſtre. Elles viraõ *Moyſés*, e *Elias* que fallavaõ com o Senhor, tratando da morte que devia ſoffrer em Jeruſalém.

Pedro extaſiado de alegria, propoz ao Salvador, que ſe formaſſem naquelle monte tres barracas para *Jeſus*, *Moyſés*, e *Elias*. Mas deſaparecendo os dous Profetas no tempo deſta prática, huma nuvem encobrio aos Diſcipulos. Immediatamente ouvíraõ huma voz que diſſe: *Eſte he meu Filho amado, em que tenho poſto as minhas complacencias.* A taes palavras, proſtraraõ-ſe por terra, cheios todos de eſpanto; mas *Jeſus* os levantou.

Chegada a manhã deſcêraõ todos do monte, ordenando-lhes o Salvador, que naõ diſſeſſem couſa alguma das maravilhas que haviaõ preſen-

ſenciado, ſenaõ depois de ſua Reſurreiçaõ.

Quanto o Senhor lhes diſſe ſobre eſte ultimo milagre, que devia ſeguir ſua morte, naõ foi bem entendidò pelos Apoſtolos. Elles procuravaõ entre ſi, que queria iſto ſignificar? *Como*, diſſeraõ os Diſcipulos a *Jeſus*, *nos ſeguraõ os Eſcribas*, *que* Elias *deve vir antes*? *Jeſus* lhes reſpondeo, que na verdade *Elias* devia apparecer antes do ultimo dia, para reſtabelecer todas as couſas; mas que já tinha vindo em eſpirito, na peſſoa do *Baptiſta*, que os Judeos o naõ recebêraõ, ou que ſe o recebêraõ o tratáraõ de hum modo indigno de taõ grande Profeta, annunciando-lhes, que elles ſe preparavaõ para obrar o meſmo com o *Filho do Homem*. Debaixo deſte modeſto nome, occultava repetidas vezes ſua Divina auctoridade. Sem duvida que os inimigos de *Jeſus*, naõ eraõ menos furioſos em deſacreditar ſua vida; e igualmente em accelerar ſua morte por intrigas, e calumnias. *Ini-*

Inimigos de Jesus, Sacerdotes, Fariseos, e Saduceos.

JESUS vinha abolir as ceremonias da antiga Lei; instruir os homens em orar a seu Pai com espirito, e verdade, e a attrahir todas as verdadeiras virtudes a seu unico amór. Podia este Senhor naõ excitar a animosidade dos Sacerdotes, e Fariseos, destruindo por sua doutrina, a fortuna de huns, fundada em parte sobre o numero das victimas, e a gloria dos outros que por huma piedade de ostentaçaõ haviaõ surprehendido, e subjugado o pôvo?

Com effeito os Fariseos formavaõ a Seita mais poderosa entre os Judeos. A austeridade de seu moral, o alarde, que elles faziaõ de seus jejuns, de suas mortificaçoens, a inteireza com que pagavaõ o dizimo das mais pequenas cousas, lhes grangeavaõ os applausos da multidaõ. O conceito de sua santidade, fazia-os olhar como sabios por excellencia. Seus artificios, e affectados exte-

exteriores de ſeveridade tornaraõ-os taõ poderoſos, que os meſmos Principes os tratavaõ com circunſpecçaõ, por quanto elles attrahiaõ apoz de ſi hum partido capaz de equilibrar com toda a ſoberania.

Quanto ás ſuas opinioens, ellas eraõ inteiramente oppoſtas ás dos Saduceos. Eſtes naõ reconheciaõ reſurreiçaõ, nem exiſtencia de eſpiritos, e por conſeguinte nem penas, nem recompenſas da outra vida. Negavaõ a direcçaõ da Providencia nas acçoens dos homens, e toda a influencia ſobre ſua vontade. Na perſuaſaõ, em que ſe achavaõ, de que o homem tem em ſi meſmo o poder neceſſario para obrar todo o bem, que preſcreve a Ley, e evitar o mal que ella condemna; criaõ naõ ter preciſaõ alguma dos ſoccorros do Céo.

Os Fariſeos pelo contrario admittiaõ a exiſtencia dos Anjos, e dos Eſpiritos, a reſurreiçaõ dos mortos, e huma vida futura. Com tudo alguem diz, que a ſua reſurreiçaõ ſó

era

era pitagorica. Julgavaõ ſegundo *Jozefo*, que as almas dos máos ſe encerravaõ em priſoens, e que nellas ſoffriaõ eternos ſupplicios; em quanto as dos bons achavaõ huma volta facil para a vida, e unindo-ſe de novo a outros córpos. Porém com opinioens, menos ſediciosſas na apparencia, que as dos Saduceos, elles eraõ infinitamente mais temiveis. Baſtava querer-ſe levar os homens á virtude, para experimentar da parte de ſeu caracter ſoberbo, e envejoſo, as maiores contradiçoens. A viſta dos males que elles praticavaõ, e dos bens que impediaõ, excitou mais de huma vez o zelo de *Jeſus*, que uſando do direito de ſeu Divino Miniſterio, argui-os com os nomes de *raça de viboras*, *d' hipocritas*, *de ſepulchros branqueados*. Os Fariſeos deſde o principio de ſua miſſaõ, buſcáraõ ſempre animar o pôvo contra a ſua peſſoa; porém antes de referir por que modos, chegáraõ a ſuſcitar-lhe os mais crueis inimigos, he neceſſario proſeguir

a

a hiſtoria de ſeus trabalhos.

Cura de hum endemoninhado. Lições de humildade, e de indulgencia.

JESUS tendo deſcido do monte; onde havia deixado ver parte de ſua gloria, tornou á companhia de ſeus Diſcipulos que naõ podéraõ curar hum mancebo mudo, lunatico, e epileptico, e poſſuido do demonio. Logo que o Salvador appareceo, todo o pôvo o foi buſcar. O Pai do moço doente, tendo-lhe pedido com inſtancia a cura de ſeu filho, *Jeſus* lha concedeo. Os Diſcipulos ſurprehendidos de naõ ter podido por ſi meſmos lançar fóra o eſpirito maligno, lhe procuráraõ a cauſa? *Jeſus* lhes reſpondeo: *He voſſa pouca fé: eſta ſórte de demonios ſó ſe affugenta pela oraçaõ, e pelo jejum.*

O Salvador paſſou depois a Cafarnaum. Os Recebedores do meio ſiclo, que cada Judeo eſtava obrigado a pagar annualmente no Templo, vieraõ ſaber de S. *Pedro* ſe ſeu Meſtre

tre queria pagar-lhes? *Jesus* preve-
nio o Apostolo antes que lhe fallas-
se sobre isto, mostrando-lhe que co-
mo Filho de Deos teria podido dis-
pensar-se deste tributo, mas sempre o
mandou ir ao mar visinho da Cidade
deitar sua linha, e que hum peixe
que tirasse, lhe daria com que satis-
fazer por ambos. O primeiro pois
que *Pedro* pescou, trazia debaixo
da lingua hum siculo de prata, que
deo ao Recebedor por *Jesus*, e pe-
la sua propria pessoa.

Os Discipulos no caminho de
Cafarnaum disputáraõ sobre a pri-
masia. Para acclarar suas duvidas pro-
curáraõ ao Salvador: *Quem seria
o maior no Reino dos Céos? Jesus*
querendo dar-lhes huma liçaõ de hu-
mildade, disse-lhes: *que para ser o
primeiro, era necessario procurar
ser o ultimo.* Entaõ pegando de hum
menino, proseguio: *Se vós quereis
entrar no Reino de meu Pai, he
preciso que vos façaes como este in-
fante.* Accrescentou a este saudavel
aviso, as regras da correcçaõ frater-

na. S. *Pedro* lhe perguntou neſta occaſiaõ quantas vezes devia elle perdoar a ſeu Irmaõ? *Perdoar-lhe-hei ſete vezes? Naõ ſómente até ſete vezes*, lhe reſpondeo o Salvador, *mas até ſetenta vezes ſete*. Confirmou-lhe a reſpoſta pela parabola de hum ſervo, a quem ſeu Senhor perdo-ou huma ſôma de dez mil talentos, e que depois de huma tal graça, tratára duramente outro ſervo ſeu companheiro, que lhe pedia cem dinheiros, ou couſa de pouco valor. O Senhor mandou prender eſte homem injuſto, e o entregou aos executores da Juſtiça até que tiveſſe pago toda a ſua divida. *Deos obrará o meſmo*, continuou o Redemptor, *a reſpeito daquelles que naõ perdoarem a ſeus irmaõs*.

Bondade de JESUS. *Dez leproſos curados. Mulher adultera.*

ENTRETANTO que chegava a Feſta dos Tabernaculos, hum grande numero de Judeos vinhaõ ſempre a Jeruſalém

ſalém por occaſiaõ de tal ſolemnidade, que eſte anno de 32 da era vulgar cahia a 23 d' Outubro. Aquelles parentes do Salvador, que ainda o naõ accreditavaõ, pedíraõ-lhe inſtantemente, que ſe achaſſe na Cidade neſſa occaſiaõ, a fim de dar-ſe a conhecer ao mundo. O Senhor recuſou ir com elles a Jeruſalém, mas ſempre foi occultamente. Paſſando pelo paiz de Samaria, os habitantes naõ quizeraõ alojá-lo. Dous de ſeus Diſcipulos, S. *Tiago*, e S. *Joaõ* indignados deſte deſabrimento, rogáraõ ao Salvador, que lhes permittiſſe o fazer deſcer fogo do Céo, como o havia praticado *Elias*; mas o Senhor, cujo coraçaõ ſó reſpirava bondade, e a infundia unicamente com ſua preſença, deſpreſou eſte tranſporte de cólera. *Eu vim*, diſſe-lhes, *para ſalvar, e naõ para perder os homens.*

O máo tratamento que recebeo, naõ o impedio moſtrar em ſimilhante paiz, toda a ſua benefica doçura. Dez leproſos lhe ſupplicáraõ

que tiveſſe piedade de ſeus males, e de huma ſó palavra os curou todos.

Jeſus tendo chegado a Jeruſalém, começou a inſtruir o pôvo no Templo. Ouviraõ-no extaticos. Os Pontifices, e Fariſeos a quem os maravilhoſos ſucceſſos do Salvador accendia ſua inveja, armavaõ-lhe todos os dias laços, e ſiladas. Em hum delles trouxeraõ-lhe huma mulher achada em adulterio. *Meſtre*, diſſeraõ elles, *ſegundo* Moyſés, *ella deve ſer apedrejada; que dizeis vós ſobre iſto?* Reſpondeo o Senhor; *aqulle que ſe ſente ſem culpa atire-lhe a primeira pedra.* Eſtes Doutores confuſos retiraraõ-ſe todos, hum depois do outro. Entaõ o Divino Salvador diſſe á adultera: *ninguem ouſou condemnar-te, tampouco eu te condemnarei, vai-te, e livra-te de peccar para o futuro.* Deſte modo confundio *Jeſus* ſeus inimigos, que queriaõ fazê-lo paſſar por hum infractor ſenaõ tiveſſe ſentenciado de morte; ou por hum cruel ſe julgaſ-

ſe,

ſe, ſegundo todo o rigor das Leis.

Cégo de natividade curado.

Os Fariſeos envejoſos ſempre do bem que elles naõ praticavaõ por ſi meſmos, reſolvêraõ attentar á vida do Salvador, ou ao menos á ſua liberdade. *Jeſus*, que conhecia ſuas perverſas intençoens, diſſe-lhes; *que elles naõ accreditavaõ as verdades de ſua Doutrina, porque naõ eraõ de Deos*. Eſtes hypocritas foraõ taõ ſenſiveis a eſta reprehençaõ, que intentáraõ por ella apedrejar o Salvador, que ſoube poupar-ſe a ſeu furor, porque ſua hora ainda naõ eſtava chegada. Com tudo para diſſipar os odioſos motins que os Fariſeos excitavaõ ſobre a realidade de ſeus milagres, deo viſta a hum cégo-nato. *Jeſus* obrou eſta prodigioſa cura no dia do Sabbado, e iſto baſtou para que ſeus inimigos pretextaſſem calumniá-lo, como tranſgreſſor da Lei de Deos. Alguns porém, menos corrompidos, ou mais illuminados, que

que os outros, naõ podéraõ deixar de confeſſar, *que hum taõ grande milagre ſó era factivel por hum homem bom.*

Os Fariſeos procuráraõ por todos os modos enfraquecer a maravilha, dirigindo-ſe aos pais do cégo curado, a fim de ſe certificarem, ſe com effeito a tal cegueira tinha ſido de natividade, e como havia taõ repentinamente ſarado? Os Pais ateſtáraõ a verdade; porém os Fariſeos naõ podendo occultar a virtude de *Jeſus*, deſviáraõ o venturoſo cégo, ſobre quem ſuccedêra a maravilha. O Salvador tendo-o encontrado, o inquirio ſe elle cria no Filho de Deos? *Quem he elle*, lhe reſpondeo, *a fim de que eu lhe proteſte minha fé*? *Jeſus*, lhe diſſe: *ſou Eu*. Exclamou entaõ o cégo: *Ah! Senhor, eu creio em vós*, e proſtrado logo por terra, o adorou.

Parabolas do Samaritano; do Filho prodigo, e do Rico avarento.

Os Doutores da Lei, querendo diminuir, o imperio que as virtudes, e milagres de *Jesus* lhe davaõ sobre o povo, propunhaõ-lhe varias questoens insidiosas. Hum dia, que o Divino Mestre fallava sobre o amor do proximo, hum delles lhe perguntou; *Quem he pois meu proximo? Eu vo-lo vou ensinar*, lhe disse o Salvador. ,, Hum homem havia sido roubado, e ferido por ,, ladroens, e passando pelo lugar, ,, onde se achava o desgraçado, ,, dous Sacerdotes, naõ lhe valêraõ ,, de modo algum; vindo depois ,, dous Levitas, praticáraõ a mesma tyrannia: chegava em fim hum ,, Samaritano, e vendo o estado do ,, infelice, levou-o a huma estalagem visinha, curou-lhe as feridas, mandou-lhe dar todo o necessario, e pagou d' avanço a fim de ,, haver com elle todo o cuidado.,, *Quem se mostrou proximo deste pobre*

bre abandonado, perguntou o Salvador; *foi o Sacerdote, ou Levita, ou o Samaritano?* Reſpondeo o Doutor *foi o que ſe deſvelou por elle.* Entaõ o Senhor lhe diſſe, *vaite pois embora, e pratica o meſmo.*

Eis-aqui de que maneira *Jeſus* inſtruia os ſimplices, e fechava a boca aos Doutores. Applicava ſuas inſtrucçoens ſaudaveis aos differentes eſtados da vida. Movido das devaſſidoens dos peccadores, moſtrava-lhes por ſymbolos energicos, e ſenſiveis, os venturoſos effeitos de huma ſincéra converſaõ ao Senhor. Humas vezes, pintava-ſe como o Bom Paſtor, que tendo achado huma ovelha deſgarrada, a conduz ſobre ſeus hombros ao apriſco: outras repreſentava-ſe no emblema de huma mulher, que ſe alegra por haver achado o dinheiro, que tinha perdido.

Mas, de todas as alegorias, de que uſou, a parabola do *Filho Prodigo*, he a mais terna. ,, Hum Pai ,, de familia tinha dous filhos; o ,, ſegundo havendo-lhe pedido a

,, por-

,, porçaõ, que lhe tocava, retirou-
,, se a hum paiz distante, onde consu-
,, mio todos os seus bens com mu-
,, lheres, e outros excessos. Reduzido
,, á ultima necessidade, vio-se obri-
,, gado a guardar pórcos, e esta des-
,, graça o fez entrar em si mesmo,
,, tomando a resoluçaõ de tornar
,, para casa de seu Pai. Poz-se a ca-
,, caminho, e chegando, teve a fe-
,, licidade de encontrar logo quem
,, buscava, o qual tocado de toda
,, a desventura a que vio reduzido
,, seu filho, abraçou-o, banhando-o
,, com lagrimas de ternura. *Ah meu*
,, *Pai!* lhe disse este filho penetra-
,, do de arrependimento, *eu tenho*
,, *peccado contra o Céo, e contra*
,, *vós*. Eu naõ mereço mais ser cha-
,, mado vosso filho. O Pai cada vez
,, mais enternecido, mandou, que
,, lhe trouxessem os melhores vesti-
,, dos, que tinha tido seu filho, or-
,, denou, que se matasse o bezer-
,, ro mais gordo, que houvesse,
,, e testemunhou o excesso de seu
,, prazer por hum magnifico festim.

,, Seu

,, Seu filho mais velho na vinda do ,, campo, censurou o Pai enterne- ,, cido do agasalho, que fazia a ,, hum filho dissipador: *meu filho*, replicou o Pai, *vós me tendes sempre obedecido fielmente, e vós sois senhor de quanto eu possuo; porém naõ he justo, que eu manifeste a grandeza de minha alegria, tornando a achar vosso irmaõ; que estava já perdido para mim?*

A parabola de *Lazaro*, e do Rico avarento naõ era menos instructiva para os coraçoens duros, que se naõ commovem da desgraça, e da miseria de seus irmaõs. ,, Havia ,, hum homem rico, *diz o Salvador*, vestido com pompa, vivia ,, em dilicias, em quanto hum po- ,, bre, chamado *Lazaro*, cheio de ,, enfermidades, e chagas, estava á ,, sua porta, desejando sómente a- ,, limentar-se das migalhas, que lhe ,, cahissem da mesa: morrêraõ am- ,, bos: *Lazaro* foi levado ao seio ,, d' *Abrahaõ*, e o Rico precipita- ,, do nos infernos. Este vendo de ,, lon-

,, longe *Abrahaõ*, rogava-lhe inſ-
,, tantemente, que lhe enviaſſe *La-*
,, *zaro*, para refrigerar ao menos
,, com hum pingo d' agoa, poſto
,, na ponta do dedo, ſua lingua,
,, ſequioſa. *Meu filho*, diſſe-lhe *A-*
,, *brahaõ*, *no tempo de voſſa mor-*
,, *tal vida*, *vós nadaſtes em pra-*
,, *zeres*, *e* Lazaro *foi opprimido de*
,, *males*; *no dia d' hoje Deos tem*
,, *feito juſtiça*: Lazaro *acha-ſe em*
,, *repouſo*, *em alegria*; *e vós ſois*
,, *devorado pelas chammas*: *o eſpa-*
,, *ço*, *que há entre vós*, *e elle*, *he*
,, *immenſo*, *naõ vos podendo* Laza-
,, ro *levar ſoccorro algum*: ao me-
,, nos (replicou o Rico) enviai á
,, caſa de meu Pai, para advertir cin-
,, co irmaõs meus, que ainda vi-
,, vem, dos caſtigos, que os eſ-
,, peraõ, ſe elles imitarem meu exem-
,, plo. *Elles*, (reſpondeo *Abrahaõ*)
,, *tem Moyſés*, *tem Profetas*, *pó-*
,, *dem muito bem ouvi-los*. *Se ſe*
,, *naõ rendem ás ſuas vozes*, *at-*
,, *tenderiaõ elles mais a hum mor-*
,, *to*, *que voltaſſe a ſeus olhos*?

Eſ-

Eſtas parabolas entendidas por todos aquelles, q̃ a inteireza de coraçaõ fez dignos de conhecer a Doutrina do Meſſias; naõ foraõ propoſtas ao meſmo tempo; porém nós as havemos juntado para dar mais força á luz, que ellas eſpalhaõ ſobre as verdadeiras obrigaçoens dos homens.

Eleiçaõ dos ſetenta e dous Diſcipulos.

DEPOIS da cura do Cégo de natividade, *Jeſus* continuando a inſtruir o pôvo, eſcolheo ſetenta e dous Diſcipulos, que enviou dous a dous, a prégar em todos os lugares, que o Senhor queria honrar com ſua preſença. Recõmendou-lhes orar ao Pai de familia a fim de mandar obreiros á ſua vinha, porque, accreſcentou o meſmo Senhor, a colheita he dilatada, e os que trabalhaõ nella, ſaõ raros. *Conſiderai-vos*, lhe diz, *como cordeiros entre lobos*. Enſinou-lhes huma total entrega á Providencia, hum eſpirito deſviado de reſ-

respeitos humanos, de levesa, de sensualidade, comendo o que lhes ministrassem, sem affectar cousa alguma, nem se queixar de qualquer acontecimento. Ordenou-lhes, que ficassem na primeira casa, onde fossem recebidos, sem sahir já mais della até o fim de sua missaõ. Quiz que sua passagem se sinalasse sempre pelo bem que fizessem. Deo-lhes poder para curar todos os doentes, que achassem nas casas, em que os hospedassem caritativamente. Ensinou-lhes o levar por toda a parte hum espirito de paz, e satisfazer-se unicamente com o sacudir os pés da poeira, nos lugares, que recusassem sem admitti-los. Toda-via accrescentou-lhes, que aquelles que os naõ recebessem, seriaõ punidos mais severamente no dia do Juizo, que Sodôma: *Porque quem vos attender, attende-me a mim; e quem vos despresar igualmente naõ faz caso de mim, e he tambem vilipendiar a Deos que me enviou, o despresar-me a mim.*

Re-

Resurreiçaõ de Lazaro.

VISINHO ao monte Olivete, em distancia de duas milhas de Jerusalém, havia hum pequeno lugar, chamado Bethania, onde habitavaõ *Martha*, *Maria Magdalena*, e seu Irmaõ *Lazaro*. *Jesus* amava esta familia taõ piedosa, como distinta, e fazia-lhe a honra de hospedar-se em sua casa, quando hia a Jerusalém, ou voltava da Cidade. Hum dia que o Salvador dava instrucçoens sobre o Reino de Deos, e que *Maria* procurava anciosamente recebelas em seu animo, *Martha* se queixou amargosamente de que sua Irmã lhe deixava todos os cuidados da casa. *Martha*, *Martha* lhe res respondeo o Senhor, *Vós vos inquietaes pelo cuidado de muitas cousas. Huma só he necessaria*, Maria *escolheo a melhor parte, a qual lhe naõ será tirada jámais.*

O Salvador havendo deixado a casa de *Lazaro*, passou o Jordaõ,

e

e foi ao ſitio deſta Regiaõ, onde S. *Joaõ Baptiſta* tinha começado a baptizar; mas tres, ou quatro dias depois, *Maria*, e *Martha* lhe annunciáraõ, que ſeu Irmaõ *Lazaro*, a quem o Senhor amava ternamente, ſe achava doente. Reſpondeo; que tal doença ſó lhe fôra enviada para manifeſtar a gloria de Deos. Demorou-ſe pois ainda dous dias no meſmo lugar. Neſte tempo morreo *Lazaro*: entaõ o Salvador tomou o caminho de Bethania: *Martha* ſahindo-lhe ao encontro, diſſe-lhe: *Senhor ſe Vós eſtiveſſeis aqui, meu irmaõ naõ morreria*; *porém eu ſei que Deos vos concederá tudo quanto lhe pedirdes*: JESUS lhe reſpondeo; *voſſo irmaõ reſuſcitará*: *eu ſei bem*, lhe replicou, *que elle reſuſcitará no ultimo dia*: *Eu ſou*, lhe diz o Salvador, *a reſurreiçaõ, e a vida*: *crede-vo-lo vós*? *ſim eu o creio*, reſpondeo Martha, *eu creio, que Vós ſois Chriſto, Filho de Deos vivo*. Ao meſmo tempo chega *Maria* banhada em lagrimas,

e

e lança-ſe aos pés de *Jeſus* de quem implora a bondade : o Salvador movido de ſua afflicçaõ , manda o conduzaõ ao tumulo de *Lazaro* , chama por elle, e reſuſcita-o á vida.

Eſte milagre em que as forças da natureza foraõ evidentemente ſobrepujadas , fez huma impreſſaõ taõ forte nos eſpiritos , que os Sacerdotes reſolvêraõ matar o Salvador. Todo o mundo ſe ſurprehendêra á viſta de tal cegueira. Huma reſurreiçaõ taõ maravilhoſa era mais que ſufficiente para convencer os humildes , cujo coraçaõ puro naõ reſiſtia de modo algum á graça : mas os Doutores orgulhoſos , os Sacerdotes hypocritas , enojados pela baixeſa apparente de *J. C.* , e endurecidos no mal , naõ queriaõ render-ſe aos meſmos milagres , em que a Omnipotencia de Deos mais ſe oſtentava em ſeu Filho. Elles projectáraõ matar *Lazaro* , que gozava a face de toda a Naçaõ , de huma perfeita ſaude , depois de haver eſtado quatro dias na ſepultura. A'

viſta de hum tal teſtemunho, depunha mais, que altamente em favor do Meſſias, que elles naõ queriaõ reconhecer, para que ſeu envejoſo furor podeſſe ficar em repouſo, ſem motim, nem ſublevaçaõ.

Entrada triunfante de JESUS *em Jeruſalém: Negociantes expulſos do Templo.*

JESUS conhecendo os máos projectos de ſeus inimigos, retirouſe a Ephrem ſobre o Jordaõ, onde eſteve até 24 de Março do anno de 33. Em fim o momento de completar o myſterio da redempçaõ havendo chegado, poz-ſe a caminho para ſe achar em Jeruſalém. Paſſando por Jericó, liberaliſou ao Publicano *Zaqueu* os effeitos de ſua graça. *Zaqueu*, que era de pequena eſtatura, ſubio a hum ſycomoro para ver melhor o Salvador. *Jeſus* mandou-o deſcer, eſcolheo ſua caſa para alojar-ſe. As palavras do Senhor obráraõ huma grande mudança no

coraçaõ do Publicano. *Zaqueu* cheio d'arrependimento offereceo dar em esmolas ametade de seus bens, e entregar o quadruplo de quanto podia ter recebido injustamente.

De Jericó, *Jesus* passou a Bethania, onde esteve seis dias antes da Pascoa. *Simaõ* o leproso teve a felicidade de o receber em sua casa: *Lazaro* resuscitado foi hum dos convidados, e huma mulher peccadora, nomeada *Maria*, penetrada d'amor, e de compunçaõ, derramou sobre os pés de *Jesus* o olio de hum perfume preciosissimo. *Judas* hum dos Apostolos, mas que desde entaõ se preparava para entregar seu Mestre, quiz censurar esta acçaõ, com o pretexto de que o preço de tal perfume, teria podido darse aos pobres. *Jesus* respondeo-lhe: *Vós tereis sempre pobres comvosco, mas vós me naõ tereis em todo o tempo*, e louvando o zelo de *Maria*, fez conhecer a occulta intençaõ de hum falso Apostolo, que occultava sua avareza, debaixo do véo da caridade.

O

O dia ſeguinte (era hum Domingo) *Jeſus* foi a Jeruſalém como em triunfo, montado ſobre hum jumento. O pôvo ſabendo, que o Salvador ſe aproximava á Cidade, ſahio-lhe ao encontro, fazendo-lhe mil acclamaçoens de regoſijo. Huns extendiaõ no caminho ſeus veſtidos, outros cortavaõ ramos de arvores, e os lançavaõ na paſſagem. Todos clamavaõ com extaſi: *Bemdito ſeja o que vem em nome do Senhor! Gloria, e honra ao Filho de David! Gloria no mais alto dos Céos.*

O Salvador entrou em Jeruſalém no meio de vivas, de applauſos, e de alegria; mas ſeu coraçaõ achava-ſe penetrado de dor, conhecendo o fundo deſta Cidade. Tinha derramado lagrimas ſobre a deſventurada ſórte, que a eſperava, ſegundo o que profetiſára de ſua proxima ruina.

Seu primeiro empenho, na chegada foi o de ir ao Templo, de donde lançou fóra os mercadores, e negociantes, que profanavaõ ſua

ſantidade, porque a *Caſa de ſeu Pai, naõ devia ſer huma caverna de ladroens*. Os Principes dos Sacerdotes, a quem ſua entrada triunfante lhes havia envenenado a raiva, procuráraõ ao Salvador; quem o auctoriſava para obrar com tanta ſeveridade? *Jeſus*, ſó lhes reſpondeo, perguntando-lhes logo: *Com que direito havia o Baptiſta, baptizado no deſerto?*

Entre tanto alguns Gentios, vindo ao Templo, para adorar a Deos, deſejárao ver *Jeſus*, que ſe lhes moſtrou, e que foi glorificado por huma voz do Céo taõ eſtrondoſa, como o ruido de hum trovaõ.

Tributo pagado a Ceſar. *Inſtrucçoens ſobre os Fariſeos. Dinheiro da Viuva.*

Nos dous dias, que ſe ſeguiraõ ao triunfo do Meſſias, eſte Senhor, ſó ſe occupou em inſtruir ſeus Apoſtolos, ſeus Diſcipulos, e o pôvo. Os Eſcribas, e os Fariſeos ſempre entreti-

entretidos do projecto que lhes desſ-cobriſſe meios de tornar o Salvador odioſo á auctoridade ſoberana, mandárað-lhe fazer por alguns de ſeus Diſcipulos huma pergunta incidicioſa, que vinha a ſer; ſe era neceſſario pagar o tributo a *Ceſar*? *Jeſus* fez, que lhe preſentaſſem huma peça da moeda: e lhe diz: *De quem he a imagem, que ſe acha nella impreſſa*? De *Ceſar*, reſpondèrað os Doutores; *eſtá bem*, replicou o Senhor, *dai pois a* Ceſar, *o que he de* Ceſar, *e a* Deos, *o que pertence a* Deos. Huma reſpoſta tað prudente, que nað offendia os Judeos, nem os Romanos, e que nað auctoriſava o pôvo a negar ao Soberano os tributos preciſos, obrigou aos Diſcipulos dos Fariſeos a retirarem-ſe com tanta confuſað, como aſſombro, e maravilha.

Os Saduceos, que nað accreditavað a immortalidade da alma quizerað tambem depois embaraçar o Salvador com huma queſtað, que lhe propuzerað, em que ſe notava mais von-

vontade de se divertirem do que de serem ensinados: *Huma mulher*, dizem elles, *teve sete maridos com quem delles cohabitará depois da resurreiçaõ?* „ Quando se resuscitar, respondeo-lhes o Salvador, „ naõ haverá mais matrimonios: os „ homens do mesmo modo, que os „ Anjos naõ devendo jámais morrer, naõ precisaráõ de mulheres „ para se perpetuarem. Naõ deixou „ *Moysés* escripto, que Deos lhe „ dissera da Sarsa ardente: *Eu sou* „ *o Deos d' Abrahaõ, d' Isaac, e* „ *d' Jacob?* Ora o Deos vivo, naõ „ he o Deos dos mortos.

Hum Fariseo propoz-lhe outra questaõ; *Dizei-nos qual he o maior dos Mandamentos da Lei? He este*, respondeo *Jesus*; *O Senhor teu Deos he hum só unico; tu o amarás de todo o teu coraçaõ*: eis-aqui o segundo: *tu amarás ao proximo como a ti mesmo.* Os Doutores, que estavaõ presentes admiráraõ a resposta, e naõ se atrevêraõ mais a inquiri-lo.

Com

Com tudo ſua animoſidade, ainda que occulta, naõ era menos violenta. *Jeſus* buſcando mais convertêlos, que ſublevar os póvos contra ſua auctoridade, diz aos que o attendiaõ: *Os Eſcribas, e Fariſeos eſtaõ aſſentados na cadeira de* Moyſés: *ſegui o que elles vos diſſerem, e naõ obreis o que praticarem.* Porém para que ſua hypocrisía naõ ſerviſſe de enganar mais as peſſoas bem intencionadas, pintou-os taes, quaes elles eraõ. „ Os Fariſeos, *diz o* „ *Senhor*, pôem nos hombros dos „ outros fardos taõ peſados, que „ elles os naõ quereriaõ tocar com „ a ponta do dedo. Toda a ſua in- „ tençaõ he, de ſe fazerem reſpei- „ tar de terem em toda a parte os „ primeiros lugares, e de ſerem cha- „ mados *Meſtres*. Com eſtes pro- „ jectos, he que elles trazem na „ teſta, e no braço os preceitos da „ Lei, em grandes pergaminhos; „ porque tem nas fimbrias de ſeus „ veſtidos flocos maiores, que as „ do commum do pôvo. Quanto a

„ vós,

,, vós, naõ procureis eſtas diſtincções,
,, nem os vaõs titulos de honra.
,, Aquelle que for maior entre vós,
,, porte-ſe como o mais pequeno;
,, porque *aquelle que ſe eleva ſerá*
,, *humilhado, e o que ſe abate virá*
,, *a ſer exaltado.*

Reprehendeo tambem aos Fariſeos, 1. De ſerem cégos conductores, fechando o Céo aos outros, que elles meſmos naõ viriaõ a poſſuir. 2. De devorarem, as caſas das Viuvas, com o pretexto de longas preces, que faziaõ por ellas. 3. De correrem a terra para formar hum proſelíto, tornando-o peior do que d' antes era. 4. De darem o dizimo da hortelã, e da arruda ao meſmo tempo que deſpreſavaõ as partes eſſenciaes da Lei, que vem a ſer, a juſtiça, a miſericordia, e a boa fé. Elles coaõ hum moſquito, e engolem hum camelo. Tem grande cuidado de purificar o externo do vaſo, e nada ſe deſvelaõ em limpar-lhe o interior. Saõ *ſepulchros nevados*, que parecem belos por fora, em quan-

quanto por dentro eſtaõ cheios de corrupçaõ. Reedificaõ o tumulo dos Profetas, e proteſtaõ, q̃ ſe viveſſem no tempo de ſeus maiores, naõ teriaõ imitado ſua raiva ſanguinaria contra elles; porém elles meſmos enchem a medida dos que lhes precedêraõ, por ſua crueldade, procurando matar os que ſaõ enviados da parte de Deos.

Depois que *Jeſus* acabou ſuas inſtrucçoens, lançou os olhos para o lugar do Templo, onde eſtava o mialheiro das eſmolas. Muitas peſſoas deitavaõ nelle prata, em quanto huma pobre Viuva lhe botou duas pequenas moedas de cobre: o Salvador o fez notar a ſeus Diſcipulos, dizendo-lhes, que a offerta de tal mulher, por modica que foſſe, excedia tanto mais ás dos outros, pelo motivo de ter ella ſacrificado o ſeu neceſſario, quando os ricos ſó tinhaõ dado do ſeu ſuperfluo.

Inſti-

Inſtituiçaõ da Euchariſtia ; Lavatorio dos pés.

NESTE meio tempo os Pontifices, e os Doutores ſe juntáraõ em caſa do Grande Sacerdote *Caifáz* , para concordarem nos meios de matarem o Salvador. Receavaõ prendê-lo em público , a fim de que o pôvo ſe naõ declaraſſe por elle ; porém o pérfido *Judas* aplanou as difficuldades , offerecendo-ſe-lhes para lhe entregar ſeu Meſtre por trinta dinheiros , modica ſomma , notada pelo Profeta *Zacarias* , e que vem a ſer na noſſa moeda , pouco mais de moeda e meia. Na quarta feira ſe fez eſta indigna venda. A Igreja no tempo de Santo Agoſtinho jejuava eſte dia de todas as ſemanas.

Na quinta de amanhã , veſpera de ſua morte , *Jeſus* mandou dous de ſeus Apoſtolos preparar a comida do Cordeiro Paſcal , em huma caſa que lhes indicou prompta. Eſtando tudo diſpoſto para eſta ultima ceia , que

que havia ardentemente deſejado celebrar com elles, foi ao lugar dito, e depois de comerem, o Salvador ſe levantou da meſa, cingio-ſe com huma toalha, tomou huma bacia cheia d'agoa, e poz-ſe aos pés dos Apoſtolos, para lhos lavar. S. *Pedro* vendo ſeu Divino Meſtre em tal figura, exclamou; *Haveis Vós Senhor lavar-me os pés?* *Jeſus* o obrigou a ſoffrer eſta prática de humildade, que era huma liçaõ, que dava a ſeus Diſcipulos. Perſuadi-os depois, que elle ſó ſe tinha abatido para os inſtruir dos mutuos ſerviços de caridade, que deviaõ obrar huns com os outros.

Jeſus pondo-ſe ſegunda vez á meſa tomou o paõ, benzeo, dividio, e o deo a ſeus Apoſtolos, dizendo-lhes: *Tomai, e comei, eſte he meu Corpo, que ſerá por vós entregue.* Pegou depois no Cáliz, ou Cópo com vinho, rendeo graças a ſeu Eterno Padre, e o deo a ſeus Diſcipulos: *Bebei*, lhe diz, *todos delle, porque eſte he meu Sangue,*

o

o Sangue da nova aliança, que ſerá derramado por muitos para remiſſaõ de ſeus peccados. Tal foi a inſtituiçaõ do Sacramento de noſſos Altares. As palavras de que o Salvador ſe ſervio para obrar eſte Myſterio, ſaõ ſimplices, claras, e as meſmas em tres Evangeliſtas, e em S. *Paulo*. Devem-ſe por conſequencia tomar, ſegundo o ſentido literario, que ſe offerece deſde logo ao eſpirito, e he bem em vaõ, que os heréges dos ultimos ſeculos tenhaõ nellas buſcado hum ſentido figurado.

Depois da inſtituiçaõ do Sacramento de ſeu amor, *Jeſus* fallou a ſeus Diſcipulos com tanta força, como ternura, ſobre a uniaõ, que devia reinar entre elles, e a reſpeito da confiança, que deviaõ ter na providencia, e na ſua propria bondade. Prometteo-lhes enviar hum Eſpirito Conſolador. Profetiſou a *Pedro*, que elle o negaria naquella meſma noute, e antes de cantar o galo.

O

O Salvador annunciou tambem, q̃ hum de ſeus Apoſtolos hia a entregá-lo. Deſignou *Judas* para obrigar a eſte traidor a aproveitar-ſe deſte derradeiro ſignal de bondade, e fazelo entrar em ſi; mas o demonio da avareza, que poſſuia ſeu coraçaõ, o levou logo a executar ſeu crime. *Jeſus* diſſe-lhe entaõ: *Faze com maior preſſa que poderes, o que tens determinado obrar.*

Jeſus tendo-ſe levantado da meſa, e dito o hymno de acçaõ de graças, ſahio da Cidade com ſeus Apoſtolos. No caminho, fez-lhes hum diſcurſo a reſpeito da uniaõ, que deviaõ ter com elle, dos trabalhos a que ſeriaõ expoſtos, do Eſpirito Santo, que haviaõ de receber; de ſua Paixaõ, Morte, e Reſurreiçaõ proximas; do eſcandalo, que ſua morte lhes cauſaria, e da negaçaõ de *Pedro*. Eſtas differentes predicçoens, provavaõ bem, que *Jeſus* ſabia todas as couſas, e que ſó hia a morrer por ſer aſſim ſua vontade.

JE-

JESUS *no Horto das Oliveiras*, *em casa d'* Annáz, *e de* Caifáz. *Negaçaõ*, *e arrependimento de S.* Pedro.

JESUS havendo passado a torrente do Cedron, entrou no Horto das Oliveiras, acompanhado de *Pedro*, de *Tiago*, e de *Joaõ*, q̃ foraõ testemunhas de sua Transfiguraçaõ. Recõmendou-lhes, q̃ vigiassem, q̃ orassem, e o Senhor separou-se hum pouco delles tambem para orar ao Eterno Padre. Durante sua oraçaõ, sentio tal perturbaçaõ, tal horrôr, e huma tal tristeza, que o fizéraõ entrar em agonia. Hum suor como de gotas de sangue corria até á terra. Sua alma experimentava todos os pavores da morte. Neste estado orou ao Eterno Padre com instancia de que desviasse, se possivel fosse o Cáliz, que lhe havia preparado! Com tudo, accrescentou o Salvador, *faça-se vossa vontade*, *e naõ a minha*. Entaõ hum Anjo desceo do Céo a confortá-lo. Em

Em quanto *Judas* chegava com a tropa de gentes armadas, que os Sacerdotes lhe haviaõ dado, *Jesus* procura sahir-lhes ao encontro. O traidor dá-lhe hum osculo, signal pateado com os executores das violencias, que o acompanhavaõ. *Meu amigo*, lhe diz o Salvador, *que projecto vos traz aqui? Assim entregaes o Filho do homem por hum osculo?* Depois encaminhando-se para os Soldados, procurou-lhes: *Quem buscaes vós?* Nós buscâmos, respondêraõ elles, *Jesus* de Nazareth. *Sou eu*, tornou-lhes o Salvador. A este dito, cahíraõ todos por terterra. *Jesus* depois de os haver inquirido segunda vez do mesmo modo, os esforça, e se entrega em suas maõs.

Pedro, que trazia huma espada, quiz defender seu Mestre, e cortou a orelha direita a hum dos servos do Grande Sacerdote, chamado *Malco*. *Jesus* moderou o zelo de seu Apostolo, lembrando-lhe, que tudo quanto via, só se obrava porque elle

le meſmo o queria, e depois curou logo a orelha cortada.

Todos os Diſcipulos havendo-o deſamparado por ſua fugida, foi logo conduzido a caſa de *Annáz* Sogro de *Caifáz*. *Annáz*, que havia ſido Grande Sacerdote no anno precedente inquirio o Salvador ſobre ſua Doutrina, e ſeus Diſcipulos. *Jeſus* lhe fallou com muita liberdade: *Eu nunca enſinei em ſegredo, e vós o podeis perguntar áquelles, que me ouvíraõ no Templo, e nas Synagogas.* No meſmo tempo hum dos ſervos d' *Annáz*, deo-lhe huma grande bofetada, dizendo-lhe: *Deſſe modo he, que vós fallais ao Pontifice?* *Jeſus* diſſe-lhe logo; *Se eu fallei mal, moſtra-me em que; mas ſe eu o naõ fiz de tal modo, por que razaõ me feres?* Eſta reſpoſta cheia de doçura, e de tranquilidade d' eſpirito, deve maravilhar nos mais, do que ſe o meſmo Salvador, ſegundo ſeus conſelhos Evangelicos offereceſſe a outra face.

Annáz recambiou-o a *Caifáz* ſeu

ſeu genro, que habitava, veroſimelmente na meſma caſa. O Grande Sacerdote buſcou com ſeu conſelho, algum falſo teſtemunho para condemná-lo á morte; porém ainda que ſe preſentaſſem muitas teſtemunhas peitadas, ſuas depoſiçoens contradictorias eraõ inſufficientes. Em fim o Pontifice mandou-o em nome de Deos vivo, que declaraſſe, ſe elle era o Chriſto, e o Filho do meſmo Deos? *Tu o dizes*; *eu o ſou*, reſpondeo *Jeſus*; e *vós vereis algum dia o Filho do homem vir ſobre as nuvens*, *aſſentado á direita de Deos*. A eſtas palavras o Grande Sacerdote raſgou os veſtidos, e exclamou: *tem blasfemado! Que preciſãõ temos nós de teſtemunhas?* Accreſcentou logo, he digno de morte. *Jeſus* foi immediatamente entregue aos Soldados, que lhe fizeraõ mil ultrajes. Cuſpiraõ-lhe no roſto, feríraõ-no, zombando de ſua peſſoa, e depois de lhe ter vendado os olhos, quizeraõ obrigá-lo a advinhar, quem o havia ferido.

Durante esta indignissima scena, que passou até ao meio da noute, S. *Pedro* sendo reconhecido tres vezes, pela gente do Grande Sacerdote, como hum dos Discipulos de *Jesus*, outras tantas o negou com juramento, de cuja fraqueza se arrependeo immediatamente. O Salvador lançando sobre seu Apostolo os olhos de sua comiseraçaõ, esta vista o encheo de dor, e de confusaõ. Lembrou-se da profecia, que seu Divino Mestre lhe fizera a respeito da negaçaõ em que cahiria, e sahindo da casa, chorou amargamente sua culpa.

O traidor *Judas* sentindo todo o horror de sua perfidia, lançou no Templo as trinta peças de dinheiro, que recebêra, e protestou publicamente diante dos Sacerdotes, pela innocencia de *Jesus*, porém juntando hum novo crime ao primeiro, enforcou-se por desesperaçaõ. Os Sacerdotes naõ querendo pôr no thesouro a sômma, que lhe haviaõ dado, compráraõ com elle o campo

de

de hum oleiro, para enterrar os peregrinos.

JESUS *em caſa de* Pilatos, *de* Herodes, *e entregue á ſeus inimigos.*

LOGO que amanheceo, os Sacerdotes, o Senado, e os Doutores ſe juntáraõ, fazendo comparecer *Jeſus* diante de ſeu Tribunal. Perguntáraõ-lhe ſe era Chriſto? O Senhor lhes diſſe, que ſim; accreſcentando; *Algum dia vós vereis o Filho do homem aſſentado á direita de Deos.* Replicáraõ elles todos; logo vós ſois o *Filho de Deos*? *Jeſus* reſpondeo: *Eu o ſou.* Entaõ elles todos igualmente concluíraõ, que naõ era neceſſario ouvir contra elle teſtemunha alguma, por quanto por ſua meſma confiſſaõ, era digno de morte.

Porém como os Romanos lhes haviaõ tirado o direito de vida, e de morte, ſujeitando a Judêa a ſeu Imperio, leváraõ-no á *Pilatos*, Governador da Provincia. No furor

que os animava accusárão *Jesus* de tres crimes principaes. 1. Que era perturbador do repouso público: 2. Que ensinava, naõ ser preciso pagar os tributos ao Imperador: 3. Que dizia ser *Christo, e Filho de Deos*... *Pilatos* o inquirio, e lhe perguntou se era Rei dos Judeos, ou Messias? O Salvador respondeo: *Que na verdade era Rei, mas que seu Reino naõ era deste mundo.* Os Judeos accusadores de *Jesus* naõ haviaõ entrado no Pretorio, ou na casa do Governador, por medo de se mancharem, pois queriaõ nesse mesmo dia celebrar a Pascoa. *Pilatos* depois d'haver repreguntado *Jesus* sahio do Pretorio, e lhes declarou, que lhe naõ achava culpa alguma para o condemnar. Com tudo estes furiosos continuárão a accusá-lo com huma turbulenta vivacidade, sem que o Salvador se dignasse responder ás suas calumniosas imputaçoens.

Pilatos sabendo, que *Jesus* nascêra em Galilêa o recambiou a *Herodes*; Rei, ou Tetrarcha desta Provin-

vincia. Este Principe, que estava entaõ em Jerusalém, desejava á muito tempo ver hum homem de quem havia ouvido contar tantas maravilhas. Fez-lhe muitas perguntas, ás quaes *Jesus* naõ respondeo cousa alguma. *Herodes* surprehendido, e irritado de seu silencio, mandou-o cobrir por zombaria de huma capa de escarlate, para insultar sua realesa, e o tornou a mandar a *Pilatos*.

Este Magistrado estava convencido da envejosa malicia dos accusadores de *Jesus*, e de sua innocencia. Servio-se da mesma remeça de *Herodes*, para persuadir aos Judeos, que este Principe lhe naõ achára mais culpa do que elle: porém naõ podendo ainda acalmar seu furor, empregou dous meios para subtrahir *Jesus* á morte.

Na occasiaõ da solemnidade da Pascoa, os Romanos concediaõ aos Judeos, a liberdade de hum criminoso: *Pilatos* lhes propoz fazer esta graça a *Jesus*, ou a *Barrabás* ladraõ notavel, que em huma sediçaõ

ha-

havia commettido hum homicidio. Horrivel comparaçaõ! mas o Governador Romano julgava que o receio, que inſpirava eſte ſcelerado os obrigaria a antepor-lhe *Jeſus* na liberdade. Enganou-ſe. *Jeſus* devia derramar ſeu Sangue pela ſalvaçaõ dos homens. Os Judeos pedíraõ que *Barrabás* foſſe livre, e que *Jeſus* ſe crucificaſſe.

Entaõ *Pilatos* recorreo a outro meio bem indigno da innocencia de hum homem injuſtamente accuſado. Para apaziguar os exceſſos dos inimigos de *Jeſus*, e movê-los á comiſeraçaõ, fê-lo açoutar de hum modo ſanguinolento. Os Soldados juntáraõ á flagelaçaõ os inſultos, os mais crueis. Lançáraõ ſobre ſua carne lacerada huma capa de purpura, coroáraõ-no de eſpinhos, e pozéraõ-lhe nas maõs huma cana por Septro. Ajoelhando depois diante delle, e dando-lhe mil golpes, e pancadas na cabeça, e roſto, diziaõ-lhe por irriſaõ: *Eu te ſaúdo Rei dos Judeos.*

De-

Depois desta barbara execuçaõ, *Pilatos* mostrou *Jesus* aos Judeos, e lhes diz: *Eis-aqui o Homem*; esperando, que o triste estado, a que estava reduzido, e a paciencia, que se lhe descobria em tantas penas socegaria a raiva de taes tigres; mas similhante espactaculo, naõ fez mais que augmentar-lhè a sanha da paixaõ, clamando amiudadas vezes: *Seja crucificado*! *Pilatos* lhes respondeo: *Tomai vós pois conta delle, e crucificai-o, porque quanto a mim naõ lhe acho causa alguma de morte*. Os Judeos encarniçados dobráraõ os gritos, dizendo: *Nós temos huma Lei, e segundo ella deve morrer, porque se chamou Filho de Deos*.

O receio de *Pilatos* cresceo a estes clamores, e sendo hum pusilanime Juiz, entrou de novo no Pretorio a inquirir o Salvador, perguntando-lhe de donde era? Naõ lhe deo o Senhor resposta alguma. *Pilatos* admirado disse-lhe: *Vós naõ me respondeis? Naõ sabeis, que eu te-*

tenho o poder de vos mandar matar, ou de vos conceder a vida? *J. C.* ensinuando-lhe, que daria conta desse mesmo poder a Deos, de quem o tinha recebido, obriga assás nisto a conhecer, que elle se tornaria criminoso na sua condemnação, dizendo-lhe ainda por hum modo recatado, e cheio de doçura: ,, Os que me tem posto entre vossas maõs, commettem maior peccado do que vós, sendo o Juiz. ,,

Pilatos sahio do Pretorio, resoluto a naõ ceder á paixaõ dos inimigos de *J. C.*; porém os Judeos, conhecendo sua intereceira politica, o buscáraõ por tal fraqueza, gritando-lhe, que sua indulgencia o tornaria culpavel diante de *Cesar*, por quanto *Jesus* pertendia ser Rei, e qualquer que usurpasse similhante titulo, vinha a ser inimigo do mesmo *Cesar*.

Pilatos decidido por esta razaõ a sacrificar o Cordeiro sem mancha, lavou todavia as maõs em publico, declarando por este symbolo, que *Je-*

Jesus estava innocente, e que elle punha em seus inimigos toda a iniquidade do juizo, que elles solicitavaõ. Os Judeos exclamáraõ: *Seu Sangue venha sobre nós, e nossos filhos*! Pronunciando assim contra suas mesmas pessoas huma maldiçaõ, cujos terriveis effeitos entrariaõ a experimentar, subsistindo ainda agora depois de dezoito seculos á face de todas as naçoens da terra.

Depois que *Pilatos* lavou as maõs, proferio o Decreto de morte contra *J. C.*, e o entregou aos Judeos para o crucificarem. Deos naõ differio longo tempo, para castigar este iniquo Juiz; malignamente circunspecto. O temor de encorrer na desgraça de *Tiberio*, o fez commetter huma injustiça atroz, a que os Judeos naõ tiveraõ depois attençaõ alguma. Quasi hum anno immediato á morte do Salvador, o pôvo vexado por este Governador arrebatado, e cubiçoso se queixou ao Imperador, que o banío junto de Viena no Delfinado. A Desesperaçaõ

çaõ ſe apoderou de tal modo de ſeu animo, que veio a ſer o Algoz de ſua vida, matando-ſe a ſi proprio dous annos depois.

JESUS *com ſua Cruz, e nella pregado.*

ERAÕ quaſi nove horas da manhã quando *Pilatos* entregou o Salvador aos Judeos para ſer crucificado. Os Soldados Romanos conduziraõ para o Calvario a *Jeſus*, Senhor da vida, e da morte, que queria verdadeiramente ſer immolado pelos peccados dos homens; porém como o Salvador ao ſahir de Jeruſalém, naõ podia já com a Cruz, por cauſa de ſeu extremo deſfalecimento, os meſmos Soldados, obrigáraõ hum homem nomeado *Simaõ* para levá-la com o meſmo Senhor.

Huma grande multidaõ de pôvo, o ſeguia. Mulheres piedoſas, e ſenſiveis choravaõ a ſórte do Juſto entregue a taes malvados. *Jeſus* voltando-ſe para ellas lhes diſſe: Fi-

,, Filhas de Jerusalém naõ choreis
,, sobre mim, mas sobre vós mes-
,, mas, e sobre vossos filhos, por-
,, que virá tempo em que se cla-
,, mará; *Venturosas as que saõ es-*
,, *tereis*! Dirse-há tambem nessa
,, occasiaõ aos montes; *Cahi sobre*
,, *nós*! E aos outeiros; *Escondei-*
,, *nos*! Se o verde páo he assim tra-
,, tado, que se naõ fará ao sêcco? ,,

Quando *Jesus* chegou ao Calvario, cuidáraõ logo seus inimigos em crucificá-lo entre dous ladroens, pondo-lhe sobre sua Cruz, esta inscripçaõ. JESUS NAZARENO REI DOS JUDEOS. *Pilatos* foi quem ordenou se lhe pozesse este titulo, ou por desprezo da naçaõ Judaica, ou por esta dura sensibilidade dos Grandes da Terra, que se divertem no meio das scenas, que mais affligem os humanos. Os Sacerdotes representáraõ ao Governador, que se devia pôr no lugar de REI DOS JUDEOS, estas palavras: *Que se tinha dito* REI DOS JUDEOS: mas *Pilatos* lhes respondeo;

deo; *O que eſcrevi eſtá eſcripto*; e a inſcripçaõ permaneceo.

Jeſus achando-ſe no Altar em que devia ſer immolado, orou por ſeus perſeguidores. *Meu Pai*, diz o Senhor, dirigindo-ſe a Deos, *perdoai-lhes, por quanto ignoraõ o que fazem.* Os Soldados dividíraõ entre ſi os veſtidos do Salvador, mas como ſua tunica era de huma ſó peça, ſorteáraõ-na, para ver quem havia de levá-la.

O pôvo rodeando a Cruz, e olhando para o Salvador o eſcarnecia. Os paſſageiros accreſcentavaõ blasfemias ás injurias. Os Principes dos Sacerdotes, os Magiſtrados, os Doutores da Lei, os Soldados, todos diziaõ maneando a cabeça: *Se elle he Chriſto deſça agora da Cruz, e nós o accreditaremos. Elle pôem ſua confiança em Deos. Se Deos pois o ama, que o liberte.*

Hum dos dous ladroens crucificados com o Salvador tendo parte nos ſentimentos, e linguagem deſta inſolente multidaõ lhe diſſe: *Se tu*

es

es Christo, salva-te a ti mesmo, e a nós com tigo; porém o outro ladraõ movido pela resignaçaõ com que hum Homem Deos soffria, reprovava os vituperios de seu companheiro, dizendo-lhe: *Tu mostras que naõ temes a Deos, ainda no estado em que te achas*; *porque quanto a nós, he bem merecido o supplicio, mas a respeito de* JESUS, *que tem elle feito*? E voltando-se ao Salvador lhe disse: *Senhor, tende compaixaõ de mim, quando vos achardes em vosso Reino*! *Eu vos seguro*, respondeo *Jesus*, *Que estareis hoje comigo no Paraiso.* Deste modo fez na Cruz o officio de Juiz, que praticará algum dia á face de toda a terra.

Maria Mãi de JESUS, *Maria* filha de Cleofas, e *Maria Magdalena*, estavaõ junto da Cruz do Divino Libertador. *Jesus* vendo sua Mãi, e o Discipulo, que amava, disse a *Maria*: *Mulher, eis-ahi vosso Filho*; fallando de S. *Joaõ*; e dirigindo-se a este Apostolo, igualmente

mente lhe disse : *Eis-ahi vossa Mãi.* Desde este instante o Discipulo amado, se desvelou por *Maria*, olhando hum taõ precioso deposito, como a mais chara porçaõ da herança de *Jesus.* A Virgem penetrada de dôr, mas cheia de fé, e de affecto, uniase entaõ ao Sacrificio, que *J. C.* offerecia para reconciliar a Terra com o Céo.

Morte de JESUS. *Sua sepultura.*

NAÕ era ainda meio dia, quando *Jesus* foi fixado na Cruz, e hum pouco depois delle, o Sol começou a escurecer-se, e o ar foi todo coberto de trevas até ás tres horas. A estas exclamou o Salvador em altas vozes: *Meu Deos, meu Deos, porque me haveis desamparado?* Depois disse: *Tenho sede.* Logo hum dos Soldados lhe presentou para beber, huma esponja ensopada de vinagre. Entaõ *Jesus* vendo, que seu Sacricificio estava consummado, proferio esforçadamente : *Tudo está con-*

sum-

summado! E tendo abaixado a cabeça, expirou na tarde da Sexta feira, 3 d' Abril do anno 33 da Era vulgar, e no 36.° de sua vida.

Assim morreo Christo, o Messias, taõ longo tempo esperado pelos Judeos, e naõ recebido por elles. Na fraqueza apparente de sua morte mostrou, que era Senhor da natureza. O véo do Templo se rasgou em duas partes; a terra tremeo, as pedras se quebráraõ, os sepulchros se abríraõ, muitos Santos sahíraõ de seus tumulos, e apparecêraõ em Jerusalém.

Tantos prodigios, assombráraõ o Capitaõ, e os Soldados, que guardavaõ JESU CHRISTO, vendo-se como obrigados a exclamar: *Este Homem era verdadeiramente o Filho de Deos*! O pôvo presente a este espectaculo naõ foi menos sensivel, que elles, e todos em sinal de dor, voltáraõ ferindo seus peitos; porém a maior parte dos Judeos, e principalmente os Sacerdotes, perseveráraõ em sua obstinaçaõ, mais duros nisto, diz

S.

S. *Leaõ*, que os rochedos, os quaes se fendêraõ, e abríraõ.

Os Judeos naõ querendo, que os córpos ficassem nas cruzes para o dia seguinte, sendo do Sabbado, ou da Pascoa, alcançáraõ de *Pilatos*; o tirá-los, e o quebrar-lhes primeiro as pernas a fim de morrerem mais depressa. Esta ordem foi executada a respeito dos dous ladroens; mas como *Jesus* estava já morto, hum Soldado se contentou de lhe abrir o lado, com huma lançada, de donde lhe sahio logo sangue, e agoa.

No fim da tarde *Jozé d' Arimathea*, hum dos Discipulos occultos de *Jesus*, e Senador distincto em sua naçaõ, pedio a *Pilatos* o Corpo do Salvador para o sepultar antes de se pôr o Sol. *Jozé* obtendo esta permissaõ, colocou *Jesus* em hum sepulchro novo, que estava em hum horto, perto do Calvario. O tumulo tapava-se com huma pedra, q̃ lhe fechava igualmente a entrada: porém os Sacerdotes receando, que os Discipulos do Salvador viessem

rou-

roubar ſeu Corpo, e que publicaſſem depois haver reſúſcitado, ſelláraõ a pedra do monumento, e pozeraõ-lhe guardas, que podeſſem evitar a chegada de qualquer peſſoa. Todas eſtas precauçoens ſervíraõ unicamente de verificar a gloria de Chriſto, e a certeza de ſuas promeſſas.

Reſurreiçaõ de JESUS. *Differentes appariçoens.*

O CORPO do Salvador, ſendo ſepultado ao pôr do Sol da Sexta feira, aſſim eſteve o Sabbado, e parte do dia ſeguinte. Sua alma ſeparada do corpo, deſceo a certos lugares baixos da terra, para conſolar as almas dos juſtos, que eſperavaõ ſua vinda, e para lhes annunciar a propria liberdade.

Domingo de manhã cedo, hum grande terremoto annunciou a Reſurreiçaõ do Filho de Deos, vencedor da morte, e do peccado. Hum Anjo veio tirar a pedra, que fechava o Sepulchro, e ſentando-ſe em

 ci-

cima na preſença dos guardas, os encheo de terror, e os obrigou a deſamparar o tumulo. *Jeſus* ſahio delle glorioſo, e quando *Magdalena*, e as outras duas mulheres chegáraõ com o projecto de emballamar ſeu Sagrado Corpo, já o naõ víraõ. Ellas ſó acháraõ hum Anjo, cujo roſto era brilhante como hum luzeiro, e o veſtido branco como a neve. *Aquelle, que vós buſcaes*, lhes diz elle, *goza de huma vida, que naõ ſerá jámais ſujeita á morte.*

S. *Pedro*, e S. *Joaõ* foraõ tambem aó Sepulchro: o Anjo os aviza de que foſſem a Galilêa, onde o Salvador ſe lhes moſtraria. Retiráraõ-ſe; porém *Magdalena*, ficou junto do tumulo. Seu amor, ſuas lagrimas, e ſua perſeverança lhe merecêraõ a graça de ſer a primeira em ver *J. C.* depois de ſua Reſurreiçaõ; ainda que lhe prohibio que o tocaſſe.

Jeſus ſe moſtrou em fim a ſeus Apoſtolos. A primeira appariçaõ foi ſobre o lago de Teberiades, mas ficá-

cáraõ taõ penetrados de reſpeito, e de temor, que naõ óuſaraõ fallar-lhe. Outra vez appareceo de repente no meio delles, em huma caſa, cujas portas ſe achavaõ bem fechadas. *A paz ſeja com voſco*, lhes diſſe: *Sou eu, naõ temaes couſa alguma. Porque vos perturbaes vós? Hum eſpirito tem carne, e oſſos?* Comeo diante delles parte de hum peixe aſſado, e hum favo de mel. Procurou tres vezes a S. *Pedro* ſe o amava? O Principe dos Apoſtolos, reſpondeo-lhe todo inflammado, e *Jeſus* o encarregou de apaſſentar ſuas ovelhas, que vem a ſer, de governar ſua Igreja, de quem o Salvador o declara cabeça.

S. *Thomé*, que ſe naõ avia achado a eſtas duas appariçoens, moſtrava huma incredulidade, que enchia de pena aos outros Apoſtolos; mas paſſados oito dias, o Divino Libertador, lhes appareceo, e diſſipou as duvidas da vacilante fé do Diſcipulo, mandou-lhe metter os dedos em ſuas chagas. *Vós ſois meu*

Senhor; lhe diſſe entaõ o Apoſtolo, *Vós ſois meu Deos*! *Vós tendes crido Thomé*, lhe tornou o Salvador, *Porque haveis viſto. Venturoſos aquelles, que crêraõ, e naõ víraõ.*

Em fim todos os Apoſtolos achando-ſe juntos em Jeruſalém, *Jeſus* lhes appareceo, e lhes diſſe: *Eu tenho recebido todo o poder no Céo, e ſobre a terra. Hide por todo o mundo a inſtruir, e a baptizar os homens, em nome do Padre, do Filho, e do Eſpirito Santo.* Prometteo-lhes o dom de milagres, naõ ſómente para elles, mas tambem para todos, que accreditaſſem ſuas palavras. Segurou-os de ſua Divina aſſiſtencia até o fim do mundo. *Eu eſtou comvoſco até á conſummaçaõ dos Seculos*: promeſſa ſolemne, que Deos fez deſde entaõ á ſua Igreja, de a naõ abandonar jámais aos preſtigios do erro, nem á malicia de ſeus inimigos.

Os Apoſtolos eraõ pela maior parte de hum eſpirito ſimplice, e apoucado. Seu Divino Meſtre lhes fran-

queou

queou os animos por ſua graça, a fim de entenderem o ſentido das Eſcripturas. Annunciou-lhes o deſcenſo do Eſpirito Santo, e lhes ordenou que perſeveraſſem em Jeruſalém até que foſſem alentados de huma força Celeſtial.

Depois que o Divino Salvador confirmou ſua fé, e deo novos eſforços ás ſuas eſperanças, conduzio-os a Bethania, e dahi ao monte das Oliveiras. Quando elles chegáraõ, o Senhor os abençoou, e elevando-ſe logo ao Céo, huma nuvem lho roubou aos olhos; porém os Diſcipulos o ſeguíraõ com eſtes quanto podéraõ, e continuando a olhar, dous Anjos veſtidos de branco, lhes apparecêraõ em fórma humana, e lhes diſſeraõ: *Eſte* Jeſus, *que vós acabaes de ver ſubir ao Céo, algum dia virá do meſmo modo.* Deſta maneira he que *Jeſus* depois de completar os Myſterios, pelos quaes foi enviado, acabou, e coroou ſua victoria ſobre o mundo, ſobre a morte, e ſobre o meſmo inferno.

TA-

TABOA CRONOLOGICA

PARA

O PRIMEIRO SECULO.

Era vulg.

33

MAtthias concorrendo com *Barſabé*, denominado o *Juſto*, a fim de ſucceder hum delles no lugar de *Judas Iſcariotha*, invocado o auxilio Celeſte pelos Apoſtolos, a ſórte cahio em *Mathias*, ficando deſde logo aggregado ao Collegio Apoſtolico, ſem que ſeu concorrente ſe tornaſſe envejoſo, ou deixaſſe por naõ ſer Apoſtolo, de ſervir a Igreja do Senhor.

Os Diſcipulos eſperando em Jeruſalém na companhia da Virgem *Maria*, e de ſeus parentes, a vinda do Eſpirito

rito Santo; esta succedeo ao ouvir-se pelas nove horas, o ruido como de hum vento impetuoso, descendo logo o Espirito Divino em linguas de fogo sobre todos em 24 de Mayo, quinquagesimo dia depois da Resurreiçaõ do Salvador, q̃ por tal meio lhe deo a chave de seus Mysterios, a plenitude do Sacerdocio. | *Era vulg.* 33

S. *Pedro* prégou animosamente o Evangelho nessa occasiaõ, e cada hum dos diversos nacionaes, que se achava na Capital da Judêa, o percebeo na sua propria lingua, convertendo-se, e batizando-se logo tres mil em nome de quem dá a virtude ao Sacramento que recebêraõ.

S. *Pedro* curou hum côxo de nascença, que se achava á porta do Templo depois de 40 annos de entreva- | 33

Era vulg.

33 vado, e prégando aos que ſe maravilhárаõ, converteo pela graça do Senhor, cinco mil peſſoas. Continuou com *Joaõ* no miniſterio Apoſtolico, apeſar de os prenderem, e de os ſoltarem depois, ſó com a condiçaõ de naõ annunciarem a *J.C.*, o que naõ executáraõ, perſuadidos de que deviaõ obedecer mais a Deos, do que aos homens; o que foi tolerado pelo conſelho dos Judeos, por temerem alguma ſublevaçaõ do pôvo á viſta de tanta conſtancia unida com ſeus milagres.

33 Os convertidos vendiaõ os fundos de ſeus bens, entregando os preços aos Apoſtolos: porém *Ananias*, e *Safira*, que lhe proteſtáraõ com fraudulencia praticar a meſma generoſa Chriſtandade, foraõ mortos repentinamente por mentirem ao Eſpirito Santo. Vi-

Viviaõ todos em commum, mas nem por iſſo foraõ chamados Conegos Regulares, ainda fallando ſó dos Diſcipulos, por naõ ſer couſa, que lembraſſe antes do XI Seculo, devendo-ſe ainda muito menos ſopporlhes Chriſto por ſeu primeiro Abbade no monte Siaõ, cujo dito naõ paſſa de manía, adoptada por *Volaterrano*, *Penoto*, D. *Thomaz* Biſpo de Pernanbuco, e do confuſo, e inexacto D. *Nicoláo de Santa Maria* na *Chronica dos Conegos Regrantes*, onde os factos mais precioſos ſe omittem muitos menos importantes ſe encontraõ ſó referidos no principio, meio, ou fim; e os indifferentes, fóra de ſeu lugar, tudo narrado por huma dicçaõ vulgariſſima, ſem eſpirito, nem energía.

Era vulg. 33

Eleiçaõ dos Diaconos para

33

Era vulg.	
	ra dividirem as eſmolas, e ajudarem os Apoſtolos nas repartiçoens diarias, poſto q̃ tambem baptizaſſem, diſtribuiſſem a Euchariſtia, e prégaſſem a todo o mundo.
	Perſeguiçaõ excitada contra os Chriſtaõs em que foi morto Santo *Eſtevaõ* a 25 de Dezembro, merecendo o titulo de Protomartyr.
34	*Paulo* hindo para Damaſco a perſeguir os Chriſtaõs, cahio a huma grande luz, que o cercou, ouvindo logo perguntar-lhe o Senhor; *para que o perſeguia?* Converteo-ſe, e foi o Apoſtolo das Gentes, obrando tudo nelle a graça de *J. C.* pelo miniſterio d' *Ananias*, ſem mais recalcitrar contra Dom taõ efficaz, e precioſo.
34	*Filippe* hum dos 7 Diaconos ordenados pelos Apoſtolos depois de baptizar *Si-*

Era vulg.

Simaõ Mago, que quiz comprar os Dons do Eſpirito Santo, baptizou tambem o Eunuco de *Candacea*, Rainha dos Etiopios, de quem o novo fiel, ſegundo ſe conta, foi ſeu primeiro Apoſtolo.

41 — S. *Pedro* depois de haver curado muitos doentes ſó com ſua ſombra, fundou a Igreja d'Antioquia, cujos Fieis ſe foraõ logo chamando Chriſtaõs por ſeguirem a Doutrina de *J. C.*

42 — O meſmo Apoſtolo hindo a Roma, o que negaõ os Proteſtantes, e ſeus Copiſtas, eſtabeleceo na Cidade ſua Sé, e durou ſeu Pontificado 25 annos, devendo-ſe advertir, que eſta ſuprema dignidade naõ pertence de Direito Divino ao Biſpo daquella Capital.

44 — *Agripa* mandou degolar S. *Tiago Maior*, irmaõ de S.

Era vulg.

S. *Joaõ*, e prender S. *Pedro* na volta de Roma. Este Apostolo foi libertado por hum Anjo; e S. *Tiago* sendo martirisado em Jerusalém, e enterrado na mesma Capital, onde teve muitos Discipulos, naõ se soube até hoje de translado açaõ alguma de seu corpo para a Hespanha, naõ obstante o que nos diz o Bispo Pernambuquense a quem os Sábios Portuguezes devem a primeira Historia Geral da sua Igreja, posto que naõ passe do XIV. Seculo.

49 Os Judeos convertidos quizeraõ obrigar os Gentios á observancia da Lei Moysaica.

O Concilio de Jerusalém decidio, e regulou o que se devia observar a este respeito, votando todos os Apostolos, ainda que S. *Pedro* foi o primeiro que fal

lou

lou em taõ reſpeitavel Junta.

Era vulg.

S. *Paulo* depois de hum ſem numero de fadigas Apoſtolicas, e de trabalhos ainda excitados por ſeus irmaõs, foi preſo pelo Tribuno *Lyſias*, e mandado a *Felis* Governador da Judêa na Ceſarea, que o teve preſo dous annos, poſto que ſem a fraqueza de o condemnar, nem o esforço de o abſolver. — 58

O Apoſtolo defendeo-ſe contra *Tertullo* advogado dos Judeos; refutou-o com tanta efficacia, e fallou com tanta energîa da Juſtiça, da Caſtidade, e do Juizo final, que fez tremer o meſmo *Felis*.

Feſto ſucceſſor de *Felis*, ouvio S. *Paulo*, e ſeus accuſadores. O Apoſtolo appellou para *Ceſar* da força, e violencia, que lhe fazia; fal lou — 60

Era vulg.	
	lou na preſença d' *Agripa*, e conduzíraõ-no depois a Roma.
61	S. *Marcos* fundou a Igreja d' Alexandria; e S. *Tiago Menor* foi apedrejado em Jeruſalém.
63	S. *Paulo* chegou a Roma depois d' haver arribado a Creta, e a Meleda por cauſa das tempeſtades, ſem entrar em Malta a extinguir as viboras ao ſer mordido por huma. Prégou na Capital do Mundo por dous annos a peſar de nunca o deixarem ſem huma ſentinela: libertado tornou para a Aſia, ſem ſaber-ſe em que parou a cauſa da ſua appelaçaõ.
	S. *Pedro*, e S. *Paulo* chegáraõ de novo a Roma, e confundíraõ *Simaõ Mago*, que terminou ſua vida entre iniquos deſvaríos.
64	Primeira perſeguiçaõ feita por *Nero*, que por huma inſa-

insana furia, passado o primeiro quinquenio de seu governo em que só a muito custo condemnava, protestou estimar mais ser aborrecido, que amado, chegou com sua crueldade aos Fieis das Hespanhas, posto que nada se saiba de certo da Igreja Lusitana neste I. Seculo, duvidando-se de seus Bispos, e de tudo o mais com que se queira formar a sua Historia, sendo o mesmo até o III. Seculo, ainda que se lhe naõ negue Fieis, Martyres, e Pastores.

Era vulg.

66

S. *Pedro*, e S. *Paulo* soffrêraõ o martyrio em Roma a 29 de Julho, sendo o primeiro como Judeo crucificado, posto que com a cabeça para baixo, e o segundo degolado como Cidadaõ Romano.

Revolta dos Judeos. Principio da guerra. Os Chrif-

staõs

Era vulg.	
	taõs deixáraõ Jerusalém, e foraõ para Pella.
	S. *Joaõ* passou á Asia a combater os erros d'*Ebiaõ*, de *Cerinto*, e de *Menandro*.
67	Jerusalém vio-se reduzida ás ultimas extremidades. O furor, e precipitaçaõ dos Judeos zeladores, foraõ desmedidos, e irritantes. Seguíraõ-se os horriveis effeitos da cólera de Deos sobre a Naçaõ.
	Nero aborto infernal contra os Christaõs, foi homicida de si mesmo.
68	*Tito* cercou Jerusalém; porém esta depois de se defender por quatro mezes desesperadamente, veio a a entregar-se, sentindo sobre si todo o peso do Divino Braço. As immensas riquezas do Templo foraõ saqueadas, e o edificio a ultimo custo do mesmo *Tito*, reduzio-se a cinsas com toda

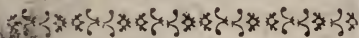
	Era vulg.
toda a Cidade baixa, sem lhe ficar pedra sobre pedra.	
Segunda perseguiçaõ de *Domiciano*. S. *Joaõ* sendo lançado em azeite fervendo, e sahindo depois mais vigoroso, foi banido para a Ilha de Pathmos.	90 95
Domiciano mandou matar seu primo *Flavio Clemente* ao acabar do consulado, por ser Christaõ; desterrando-lhe depois a mulher, e a sobrinha.	96
Nerva restituio os Christaõs banídos, e permittio-lhes o exercio da sua Religiaõ. Prohibio por huma de suas sabias Leis, o formar *Eunucos*, abusando-se da mininisse dos infantes.	
S. *Joaõ* tornando à Efeso, e chegando á idade de 94 annos, acabou seus dias com huma morte pacifica.	100

Era vulg.

Os Imperadores que governáraõ pela série destes successos, foraõ:

Tiberio que reinou 23 annos até 37
Coligula 4 até 41
Claudio Nero 13 até 54
Domiciano Nero 13 até 68
Segio Galba 8 mezes:
Silvio 3: *Vitelio* 8:
Vespasiano 10 annos até 79
Tito 2 até 81
Flavio irmaõ de *Tito* 15 até 96
Coeçio Nerva 2 até 98

Por estes, e os mais Imperadores foraõ sempre mãdados ás Hespanhas Pretores, e Proconsulos até aos Godos, saciando-se por taes ministros a sêde dos que entre elles se abrazavaõ de raiva contra os Christaõs Lusitanos, e Hespanhoes sendo

do muitos os deſtas Nações que conſeguírão a palma do martyrio. | *Era vulg.*

TABOA DOS TEMPOS Em q̃ ſe publicárão os Livros do Novo Teſtamento. | *Era vulg.*

S. *Mattheus* eſcreveo o Evangelho, que anda com ſeu nome, em Syriaco, Hebreo, e Caldaico, cuja linguagem miſturada formava a dos Judeos de ſeu tempo. | 39

S. *Marcos* abbreviador de S. *Mattheus* compoz o ſeu Evangelho em Grego, ainda que *Baronio* diga que foi eſcripto em latim, concordando os ſábios já hoje em que o dito purpurado ſe enganou. Os Veneſianos preſumem ter o original grego | 43

Era vulg.

go escripto pelo mesmo Evangelista, mas como o naõ abrem a pessoa alguma, nenhum sensato jurará na sua asseveraçaõ. Os mais Evangelistas, e Apostolos escrevêraõ em grego, posto que muitas expressões indiquem *hebraismos.*

43 S. *Pedro* escreveo sua primeira Epistola a todos os Fieis, particularisando os Judeos, datando-a de Babilonia, porque a compoz em Roma, que pela sua confusaõ, e vicios se assimilhava.

52 S.*Paulo* dirigio a sua primeira aos Tesolonicences, naõ lhes tardando com a segunda, pois saõ ambos do mesmo anno.

56 A que escrevo aos Galatas, e o Evangelho de S.*Lucas*, naõ excedem quatro annos ás Epistolas enviadas a Tesolonica.

No

	Era vulg.
No ſeguinte formou o Apoſtolo das Gentes as duas aos Corinthios, e a dos Romanos, onde o Apoſtolo moſtra projectar vir ás Heſpanhas, cuja execuçaõ ſe ſuſtenta hoje como Theſe na illuſtrada Univerſidade de Coimbra. *Theſes Joſephi Moreira*: Colimbriæ 1789.	57
As Epiſtolas aos Filippenſes, a *Filemo*, aos Colocenſes, aos Efeſios, e aos Hebreos foraõ compoſtas cinco annos depois.	62
S. *Lucas* eſcreveo no anno ſeguinte os *Actos dos Apoſtolos*.	63
Saõ do meſmo anno as duas Epiſtolas a *Timotheo*, a que mandou a *Tito*, e a ſegunda de S. *Pedro*.	
Naõ ſe ſabe da data certa das de S. *Tiago*, e de S. *Judas*: julga-ſe ſerem trabalhadas, paſſados tres annos.	66

Era vulg.	
94	S. *Joaõ* eſcreveo o *Apocalipſe* ſeis annos antes de ſua morte. A eſte livro Divino ſeguio-ſe depois de
96	dous annos, o ſeu Evangelho, e as ſuas Epiſtolas foraõ eſcriptas nos fins de ſua vida, reſpirando em todas eſtas producçoens áquelle terno amor que bebêra no
98	peito do Salvador.

ELE-

ELEMENTOS

DE

HISTORIA ECCLESIASTICA.

PRIMEIRO SECULO.

Eleiçaõ de S. Mathias; *Vinda do Eſpirito Santo.*

A Aſcenſaõ de *J. C.*, o ultimo triunfo do Meſſias ſobre a terra, he a primeira época da Hiſtoria da Igreja. Deſde que o Salvador ſubio ao Céo, os Apoſtolos, e os Diſcipulos ſe retiráraõ a Jeruſalém, onde trabalháraõ em dar hum ſucceſſor ao pérfido *Judas*, que por ſua morte taõ horrivel, como deſgraçada, deixára vago ſeu lugar no Apoſtolado. Eſcolhêraõ entre os Diſcipulos *Mathias*, e *Jozé Barſabas*, e havendo-os colocados no meio da aſſembléa, pedíraõ a Deos, que lhes fizeſſe

zeſſe conhecer quem o meſmo Senhor julgava digno de ſer Apoſtolo: a ſórte cahio ſobre S. *Mathias*.

Os Fieis prepararaõ-ſe depois pelo retiro, e ſilencio para receber o Eſpirito Santo. Tendo chegado o dia do Pentecoſtes, ſentio-ſe hum grande eſtrondo, ſimilhante a hum embravecido vento, na caſa onde os Diſcipulos ſe achavaõ juntos, formando o numero de cento e vinte. Viraõ-ſe depois deſcer algumas chammas ſobre elles, e vendo-ſe logo cheios do Divino Eſpirito, começáraõ a fallar diverſas linguas. De toda a parte tinhaõ vindo Judeos a Jeruſalém para celebrar a feſta do Pentecoſtes, e S. *Pedro* apparecendo no meio delles com os mais Apoſtolos, lhes annunciou as maravilhas da morte, e Reſurreiçaõ de *J. C.* Eſte primeiro Sermaõ attrahio tres mil Judeos ao Chriſtianiſmo, e o ſegundo cinco mil, teſtemunhas do milagre, que o Santo Apoſtolo obrou no côxo, que foi curado á porta do Templo.

Vi-

Vida dos primeiros Chriſtaõs.

Jerusalem encheo-ſe immediatamente de huma grande multidaõ de Judeos, que crêraõ em *J. C.* Eſtes primeiros Chriſtaõs paſſavaõ huma vida Evangelica, moſtrando-ſe filhos de hum meſmo pai, unidos por huma meſma fé, e aſpirando a huma meſma patria, ſó tinhaõ hum coraçaõ, e huma alma. Vendiaõ ſeus bens, levavaõ ſeu preço aos pés dos Apoſtolos, para o deſtribuir ſegundo a preciſaõ de cada fiel. Tudo era commum entre elles. Creſcendo o numero dos Diſcipulos de Chriſto, os Apoſtolos eſtabelecêraõ miniſtros para os aliviar nas trabalhoſas funçoens do Apoſtolado, a quem chamáraõ Diaconos. Elegêraõ ſete, e os encarregáraõ de ſervir ás meſas, ao principio na ſagrada, onde repartiaõ o paõ Euchariſtico, e depois na commum, ſendo como adminiſtradores dos bens temporaes da Igreja em quanto os Apoſtolos ſe dedicavaõ inteira-

inteiramente ao miniſterio dos Sacramentos, e da palavra divina.

Primeiras perſiguiçoens; morte de S. Eſtevaõ; *Converſaõ de S.* Paulo.

Os ſocceſſos Evangelicos irritáraõ o ciume, e enveja dos Judeos. Os mais poderoſos delles, prohibíraõ aos Apoſtolos, que annunciaſſem a *J. C.*, e para os intimidar os prendêraõ, de donde foraõ tirados milagroſamente por hum Anjo. Continuáraõ a publicar com esforço, *quanto haviaõ ouvido, e preſenciado.* Citaraõ-nos de novo diante do conſelho dos Judeos, que quiz mandálos matar; porém o Doutor *Gomaliel*, hum dos Juizes, trouxe ſeus irmaõs a hum parecer mais ſuave; dizendo-lhes: *Deixai livres eſtes priſioneiros, por quanto ſe ſua empreza procede dos homens, ſerá de pouca duraçaõ, e por ſi meſma ſe diſſipará, mas ſe originada em Deos, baldada ſerá voſſa oppoſiçaõ.* Licenciáraõ por tanto aos Apoſtolos, depois

pois d' açoutados, reiterando-se-lhes a prohibiçaõ de ensinar em nome de *J. C.* Porém estes homens já entrépidos, felicitando-se d' haver recebido similhante affronta por seu Divino Mestre, contentáraõ-se de responder-lhes: *Importa mais obedecer a Deos, que aos homens.* S. *Estevaõ* o primeiro dos sete Diaconos, sinalava-se por seus milagres, e por seu zelo. Reprehendia animosamente aos Judeos de sua dureza. Condemnaraõ-no a ser apedrejado, e veio por esta pena a ser honrado como o primeiro Martyr, que sellou o Evangelho com seu sangue. Estando a morrer, orou por seus algozes, e perseguidores.

Todos os Discipulos á excepçaõ dos Apostolos perseguidos com furia, espalháraõ-se pela Judêa, e Samarîa. O que mostrava maior senha contra elles, era hum adolescente Fariseo, nomeado *Saulo*. Entrava nas casas, onde se achavaõ alguns Fieis, e levava-os á prisaõ, e respirando unicamente vingança, e sangue

güe, procurou, que se lhe désse da parte do Grande Sacerdote, huma commissaõ para os buscar até Damasco. Quando se achava junto desta Cidade, vio ao meio dia hum claraõ taõ extraordinario, que o cegou, e o fez cahir por terra. De repente ouvio huma voz, que lhe dizia: *Saulo, Saulo porque motivo me persegues? Eu sou* Jesus, *em vaõ tu me rezistes.* Entaõ *Saulo* penetrado de hum arrependimento, procurou ao Salvador, que queria, que elle obrasse? *Jesus Christo* o enviou a hum Santo homem de Damasco, chamado *Ananias*, que o baptizou, e lhe tornou a vista.

Igreja de Samaría. De Simaõ *o Mago.*

O novo Discipulo de *Christo* começou desde entaõ a espalhar a semente Evangelica, e foi logo contado entre os Apostolos da primeira ordem. O Diacono S. *Filippe* mandado a Samarîa fazia grandes con-

conquiſtas para a fé. Tendo-ſe muitos convertido; e baptizado, os Apoſtolos lhes enviáraõ S. *Pedro*, e S. *Joaõ* para os confirmar, e aperfeiçoá-los em ſua crença. Eſtes nóvos Fieis recebêraõ o Eſpirito Santo, e o dom de milagres.

Entre os que foraõ baptizados em Samarîa, eſtava hum magico, chamado *Simaõ*, que vendo conferir pelos Apoſtolos, com a impoſiçaõ das maõs, os dons Celeſtiaes offereceo-lhes algum dinheiro, a fim de que elles lhe communicaſſem hum tal poder. S. *Pedro* rejeitou a offerta com exacraçaõ, e depois deſte Sectario, he que o trafico das couſas eſpirituaes, foi chamado *Simonîa*.

Simaõ he conſiderado como auctor da primeira hereſia que perturbou a Igreja. Inculcava-ſe pelo *poder Soberano*, que havia apparecido entre os Judeos, como *Filho*; em Samarîa como *Pai*, e entre as outras Naçoens como *Eſpirito Santo*. Pertende-ſe, que elle ſe fez adorar

rar com o nome de *Jupiter*, do mesmo modo que huma de suas prostitutas com o de *Minerva*. Rejeitava o antigo Testamento, e negava a resurreiçaõ dos córpos. A estes erros juntava idêas extravagantes, das quaes he difficultoso presentar a Analyse, porque se assimilhaõ aos sonhos de hum fatricitante. A seita fez toda via, seu estrondo, porém naõ passou álem de hum Seculo.

Principio da Conversaõ dos Gentios.

A Luz da fé, que até entaõ só tinha illuminado os descendentes de Abrahaõ começou a luzir sobre os Gentios. Havia hum Centuriaõ, ou Capitaõ Romano, que a pesar das trevas da idolatría se achava prevenido com o conhecimento de hum só Deos, fazendo-se-lhe favoravel por suas oraçoens, e esmolas. Em occasiaõ que elle orava, appareceo-lhe hum Anjo, e lhe ordenou que buscasse S. *Pedro*, para saber o que devia praticar. O Santo Apostolo adver-

vertido ao mesmo tempo por huma visaõ, que o instruio de que naõ havia creatura immunda nos olhos de Deos, venceo todo o horror que tinha, do mesmo modo que os outros Judeos, a respeito dos Gentios, e foi logo a casa de *Cornelio*, a quem baptizou com muitos de seus parentes, e amigos.

Os Apostolos apenas souberaõ, que S. *Pedro* entrára nas casas dos incirconcisos, e que comêra com elles, ficáraõ escandalisados; porém o Apostolo fazendo-os sabedores dos avisos, que tivera do Céo, admiráraõ todos a bondade do Senhor, que queria communicar-se igualmente aos Gentios, e aos Israelitas.

Apostolado de S. Paulo, *suas viagens, seus successos; seus soffrimentos.*

O Mysterio da vocaçaõ dos Idólatras foi principalmente descoberto por S. *Paulo*, chamado por excellencia o *Apostolo dos Gentios*. As pro-

provas, que elle ſuſtentou pelá prégaçaõ Evangelica, ſaõ innumeraveis. Quaſi tres annos depois de ſua Converſaõ, partio a Damaſco a inſtruir os Fieis. Os Judeos o denunciáraõ ao Governador da Cidade, que mandou pôr ſentinelas ás portas para o prender; porém os Chriſtaõs o arrebatáraõ á vingança de ſeus perſeguidores, deſcendo-o em hum ceſto por entre as ameias dos muros.

Chegado a Jeruſalém, prégou neſta Cidade, depois em Tarço, ſua patria, de donde S. *Barnabé* o levou a Antioquia. *Paulo* era mais efficaz no dom da palavra, e *Barnabé* por ſua doçura, acabava de ganhar os coraçoens movidos pela eloquencia do Apoſtolo das Gentes. Fizeraõ innumeraveis proſelítos, e entaõ foi (no anno 38 de *J. C.*) que ſe deo o nome Chriſtaõs aos que profeſſavaõ o Evangelho. Os Fieis de Antioquia, havendo-o encarregado para trazer ſuas eſmolas a ſeus irmaõs de Jeruſalém, *Paulo* fez eſta viagem com *Barnabé*. Voltados a Antio-

Antioquia, foraõ á Ilha de Chipre, no anno 43 de *J. C.*, depois a Pafos, onde elles convertêraõ o Proconſul *Sergio Paulo*. Eſte Magiſtrado tinha junto de ſi, hum magico, chamado, *Barjeſu*, que o enganava com ſeus preſtigios. *Paulo* confiando inteiramente no poder de Deos, de quem annunciava a palavra, combatem em público, eſte malvado. *Enganador*, lhe diſſe, *filho do diabo, inimigo de toda a juſtiça, naõ ſeſſarás tu de preverter os caminhos do Senhor? Sua maõ vai a desfechar ſobre ti, e tu ſerás cégo.* De repente os olhos do magico ſe lhe eſcurecêraõ, e buſcou alguem, q̃ lhe deſſe a maõ. Eſte milagre acabou a converſaõ do Proconſul. A opiniaõ commum he, que *Saulo*, tomou entaõ o nome de *Paulo*, que era o do Magiſtrado, que o meſmo Apoſtolo ganhou para o Chriſtianiſmo, ao exemplo, diz o Abbade *Choiſi*, deſtes antigos Capitaens Romanos, a quem ſe lhes dava o nome dos póvos, que haviaõ ſubjugado.

 Os

Os principaes lugares, que viajou depois, foraõ Antioquia, Iconia, e Liſtres, Cidade onde curou hum homem paralitico de naſcimento. Os habitantes maravilhados deſte prodigio, olháraõ *Saulo*, e *Barnabé* como deuſes, e quizeraõ levantar-lhes altares; porém alguns Judeos havendo mudado as diſpoſições do pôvo, arremeçáraõ-ſe ſobre *Paulo*, e o apedrejáraõ, de modo, que o deixáraõ por morto.

Concilio de Jeruſalém. Perſeguiçaõ d' Agripa; *caſtigo deſte Principe.*

COMO as feridas de *Paulo* naõ eraõ mortaes, continuou eſte ſuas fadigas Apoſtolicas, e veio de novo a Antioquia da Syria, cuja Igreja começava a ſer numeroſa. Alguns Judeos, novamente convertidos, queriaõ obrigar todos os Fieis á obſervancia das ceremonias legaes; os outros oppunhaõ-ſe-lhes. Eſta queſtaõ dividindo a Igreja d' Antioquia, deputáraõ-ſe *Paulo*, e *Barnabé* a Jeruſalém

ſalém para conſultar os Apoſtolos. A deciſaõ do Concilio junto neſta occaſiaõ, em o anno 49 de *J. C.*, foi, que ſe naõ impozeſſe aos Gentios o jugo da Lei, mas que ſó ſe obrigaſſem a evitar o acceſſo á mulher, que naõ foſſe ſua, a idolatrîa, e o uſo das carnes ſuffocadas, e do ſangue. Eſta deciſaõ levada a Antioquia por *Paulo*, e *Barnabé*, pacificou eſta Igreja.

Os Fieis de Jeruſalém experimentáraõ algum tempo antes, huma cruel perſeguiçaõ. *Herodes Agripa* foi ſeu Auctor, evitando nella a vida ao Apoſtolo S. *Tiago maior*, irmaõ de S. *André*. S. *Pedro*, que foi tambem preſo por ordem deſte barbaro Principe, devendo ſer immolado á raiva dos Judeos, depois da feſta da Paſcoa no anno 44 de *J. C.*, hum Anjo lhe abrio as portas da priſaõ em a noute do dia decretado para o ſupplicio, e deſte modo ſe livrou da execuçaõ d' *Agripa*, que mandou matar as guardas, querendo mais accuſá-los de negli-

gencia, que reconhecer a milagrosa maõ que havia quebrado os ferros do Apostolo.

Este injusto Principe naõ gozou muito tempo do fruto de seus crimes, porque hindo a Cesarêa para celebrar huma festa magnifica em honra de *Claudio*, pronunciou alli o panegyrico deste estúpido Imperador, com tanta graça, e eloquencia, que o pôvo o interrompeo por estas contínuas acclamaçoens: *He a voz de hum Deos, e naõ de hum homem.*

Agripa querendo merecer os excessivos louvores, que lhe prodigalisavaõ, naõ rejeitou os vaõs fumos de hum incenso offerecido por temor, mas começou a saborear-se delles, e Deos o punio logo de seu desmedido orgulho. Hum Anjo o ferio no meio de seu triunfo, e sentio dores horribilissimas por todo o corpo, de donde sahiaõ os bichos ainda em vida. Eis-aqui, dizia elle a huma grande multidaõ de póvo, prostrada diante de seu palacio, para pedir ao Céo, a cura de sua quei-

queixa; *Eis-aqui o vosso Deos, que vai a morrer*. Elle expirou na verdade, depois de cinco dias de tormentos, e de desesperaçaõ.

Apenas morreo, este mesmo pôvo, que mostrava adorá-lo, fez publicamente festins, attentou á honra de suas filhas, e bebeo, segundo *Josefo* em seu ultimo suspiro. O Imperador, que o amava, mandou Commissarios para punir a ingratidaõ dos habitantes de Cesarêa. Quiz mesmo dar ao filho d'*Agripa* de idade sómente de dezasete annos, o reino de seu Pai, mas os libertos, que o rodeavaõ, se oppozeraõ a este designio, e a Judêa veio a ser huma provincia do Imperio Romano.

Continuaçaõ dos trabalhos de S. Paulo.

Neste meio tempo S. *Paulo*, separado de *Barnabé*, tomou por companheiro *Sila*, e viajou com elle á Syria, á Celicia, á Frigia, á Galacia, á Macedonia, &c. Lançando

do os demonios dos córpos dos possessos, e restituindo a saude do corpo, no mesmo tempo, que obrava a da alma pela graça do Senhor. Em Athenas fallou com muita eloquencia diante do *Areopago*, de quem elle converteo hum Senador, nomeado *Dionysio*. Havia nesta Cidade hum altar dedicado ao Deos desconhecido, e este Deos, que os Athenienses adoravaõ, e naõ conheciaõ, he o mesmo que *Paulo* lhes annunciou. Huma Senhora chamada *Damaris*, movida da graça de *J. C.* abraçou o Christianismo.

Corintho, e Efeso tiveraõ depois a consolaçaõ d'ouvir o Santo Apostolo; porém huma sediçaõ, que excitou hum ourives, irritado de que depois da prégaçaõ de S. *Paulo*, naõ vendia já templinhos de *Diana* d'Efeso, o obrigou a sahir desta Cidade. Depois de ter corrido a Asia menor, veio a Jerusalém, apezar do Profeta *Agabo*, que lhe havia annunciado grandes contradiçóes.

Apenas chegou, foi visitar S. *Tia-*

Tiago, que era ſeu Biſpo. Eſte Apoſtolo ſabendo, que os Judeos o accuſavaõ de querer deſtruir a Lei de *Moyſés* lhe aconſelhou, que foſſe juſtificar-ſe, ſegundo os ritos judaicos, a offerecer ſacrificios com os Nazarenos. S. *Paulo* o fez por ſojeiçaõ; porém a obſervancia deſtas ceremonias naõ ſerenou a raiva dos Judeos. Arremeçáraõ-ſe a elle, e eſtavaõ diſpoſtos a matá-lo, quando o Tribuno *Lyſias*, comandava entaõ os Romanos, o fez ſegurar. O pôvo enfurecido, pedia ſua morte: *Lyſias* para os ſocegar, determinou-ſe a mandá-lo açoutar. Quando os Soldados haviaõ já ligado a *Paulo*, perguntou eſte ſe era permittido infligir ſimilhante caſtigo a hum Cidadaõ Romano? A eſte nome taõ reſpeitado, o Tribuno o mandou logo ſoltar, e conduzí-lo ao campo dos Romanos.

No dia ſeguinte elle o appreſentou ainda aos Judeos, ſempre animados igualmente contra *Paulo*. O Apoſtolo naõ podendo applacá-los, ſe lem-

brou

brou de que elles eſtavaõ divididos em Fariſeos, que admittiaõ a reſurreiçaõ dos córpos, e em Saduceos, que a rejeitavaõ: entaõ ſe pôz a exclamar: ,, que ſó queriaõ ,, perdê-lo, porque elle cria a re- ,, ſurreiçaõ: ,, logo que iſto foi ouvido, mais de ametade dos eſpectadores ſe declarou por elle, e os outros ſe retiráraõ.

Com tudo os Saduceos conſpiravaõ contra a ſua vida, o que fazendo ſaber ao Tribuno, eſte no outro dia, o enviou bem eſcoltado a Ceſarêa, onde *Felis*, Governador da Judêa ſe achava d'ordinario. Eſte Magiſtrado naõ podendo condemná-lo, nem ouzando abſolve-lo, conſervou-o preſo por dous annos.

Feſto tendo entaõ ſuccedido a *Felis*; os Judeos implacaveis em ſua vingança, começáraõ de novo ſuas perſeguiçoens contra o Santo Apoſtolo. O Governador vendo que todas as diſputas ſó eraõ de Religiaõ a que elle naõ attendia, de boa vontade recambiaria ſeu priſioneiro; mas

Pau-

Paulo appellou logo para o Imperador. *Festo* ordenou conseguintemente, que fosse conduzido a Roma, onde chegou no anno 64 de *J. C.*

O Apostolo occupado de sua defeza no Tribunal do Imperador, naõ o era menos na prégaçaõ Evangelica. Naõ só annunciava o Salvador áquelles que o buscavaõ para se instruirem, mas frequentemente o escrevia aos Discipulos, que havia formado em suas differentes missoens. As Epistolas ás Igrejas d' Efeso, de Filippes, e de Colosses, a segunda a *Timotheo*, seu Discipulo amado, e seu fiel cooperador; a Epistola a *Filemo*, e aos Hebreos, saõ do tempo de seu cativeiro em Roma, que durou quasi dous annos. O Santo Apostolo acabou sua vida com o martyrio, tendo a cabeça cortada, como se póde ver depois no artigo da perseguiçaõ de *Nero*.

*

Martyrio de S. Pedro.

S. *Pedro* tendo prégado aos Judeos diſperſos no Ponto, Bytinia, e Capadocia. Veio a Roma receber a recompenſa de ſeus trabalhos. Crêſe que eſte Apoſtolo foi a eſta Capital do Imperio, depois d'haver fundado a Cadeira d'Antioquia. A perſeguiçaõ ſendo accêſa, foi condemnado a morrer na cruz. Foi nella pregado, ſegundo a oppiniaõ cõmum, no meſmo dia, e no meſmo lugar em que degoláraõ a S. *Paulo*, no anno 66 de *J. C.* Alguns Chriſtaõs do Oriente leváraõ ſeus córpos até ás Catacumbas, duas legoas fóra de Roma, mas os Fieis da Cidade recobráraõ hum depoſito taõ precioſo, e pozeraõ eſtas reſpeitaveis relíquias em hum lugar, onde ellas ſe achavaõ ainda no fim do Sexto Seculo.

S. *Lino* governou por dous annos a Igreja de Roma, depois da morte de S. *Pedro*. Teve por Succeſſor

ceſſor S. *Clemente*, que a regeo nove annos, vindo depois S. *Anacleto*, cujo Pontificado foi de doze. O defeito de monumento, e a diſtancia dos tempos eſpalhaõ algumas nevoas ſobre a ſucceſſaõ dos primeiros Biſpos de Roma: o plano de noſſo Compendio, naõ nos permitte a diligencia de diſſipá-las.

Trabalhos, e fim dos outros Apoſtolos.

O Campo, que cultiváraõ os outros Apoſtolos, era ſem dúvida taõ extenſo como o que roteáraõ as laborioſas maõs de S. *Pedro*, e de S. *Paulo*; porém os frutos, que elles colhêraõ, ſaõ pouco conhecidos. Quaſi todas as obras, onde achaõ algumas relaçoens, ſaõ apócrifas.

S. *Joaõ* ficou na Aſia menor, e formou a Igreja d'Efeſo, onde acabou ſeus dias em huma avançadiſſima idade.

Santo *André*, irmaõ de S. *Pedro*, annunciou *J. C.* aos Scytas,

aos

aos Ethiopios, e aos Thraças; porém a historia de suas missoens, e de seu martyrio naõ póde sustentar a prova da critica. As particularidades de sua morte, saõ attribuidas aos Sacerdotes d'Acaia, e se este testemunho naõ he muito autentico, he preciso confessar, que ella dá a Santo *André* hum amor á cruz, bem digno deste Apostolo.

S. *Filippe* foi tambem o Apostolo dos Scistas. Viveo, dizem, oitenta e sete annos, e morreo no tempo do Imperador *Trajano* em Herapla, na Frigia. *Polycrates*, que era Bispo de Efeso no fim do II. Seculo, segura, que *Filippe* celebrava sempre a Pascoa na Lua XIV. Este Apostolo era casado, e tinha filhos de huma Santidade eminente.

S. *Thomé* foi prégar aos Medas, aos Persas, aos Caramanios: julga-se, que passou até á India. Os Portuguezes tem pertendido, que seu corpo fora achado em Meliapur, nas ruinas de huma Igreja, que lha havia sido dedicada. Transportáraõ-

no

no a Gôa, onde lhe rendem grandes honras.

A Armenia maior, a Lycaonia, e algumas outras Provincias da Asia foraõ o Theatro do zelo de S. *Bartholomeu*. Pertende-se, que lhe fora tirada a pelle estando vivo, ainda que se saiba mui pouco de sua vida, e que as relaçoens de sua morte sejaõ incertissimas. S. *Mattheus* fez conquistas para o Evangelho entre os Etiopes. S. *Simaõ*, e S. *Judas* instruíraõ os póvos, que se achaõ entre o Eufrates, e Tigre: porém o que se sabe de suas prégaçoens, e de seu martyrio, só he fundado sobre as tradiçoens vagas, valendo mais (diz o Abbade de *Choisi*) sojeitar nossa curiosidade á Sabedoria de Deos, que nos occulta frequentemente seus maiores Santos, para nos ensinar a sermos escondidos em nossas virtudes.

S. *Tiago menor*, e S. *Mathias* ficáraõ na Judêa. Nós já fallamos de S. *Tiago o maior*: tudo o q̃ nós podessemos dizer de mais, sería muito sospeito:

peito: mas ſe a hiſtoria dos Apoſtolos, miniſtra pouco á noſſa curioſidade, ſeus eſcriptos contribuem muito para a noſſa inſtrucçaõ. Além dos quatro Evangelhos, dos quaes dous foraõ eſcriptos por dous Apoſtolos, S. *Mattheus*, e S *Joaõ*, ſendo os outros, que reſtaõ obras de S. *Marcos* Diſcipulo de S. *Pedro*, e de S. *Lucas*, companheiro das viagens de S. *Paulo*; temos quatorze Epiſtolas deſte derradeiro Apoſtolo; duas de S. *Pedro*; tres de S. *Joaõ*, ſem contar ſeu Apocalypſe; huma de S. *Tiago*, e outra de S. *Judas*, que ſegundo *Origines*, contém muitas palavras em poucas linhas. Eſtes differentes eſcriptos, o leite dos fracos, e o paõ dos fortes, ſaõ a primitiva origem das verdades, que nós devemos crer, e dos preceitos que nós eſtamos obrigados a praticar.

Há peſſoas que paſmaõ de que tenhamos taõ poucos eſcriptos dos Apoſtolos, e de ſeus primeiros Diſcipulos. Deſejar-ſe-há que elles tiveſſem explicado em particular as cere-

ceremonias do culto exterior; a disciplina da Igreja; os Dogmas da Religiaõ, e que nos houvessem deixado memorias das principaes circunstancias de suas missoens: porém (diz o Abbade *Racine* depois de *Fleury*) nós devemos adorar com profundo respeito a disposiçaõ divina, sem nos queixarmos do que Deos nos tem recusado conceder. Sem dúvida, que por solidissimas razoens, *J. C.* nada escreveo, e os Apostolos nos deixáraõ taõ poucas obras. Há sete destes de que nós apenas sabemos os nomes; mas o que os Actos dos Apostolos nos referem de S. *Pedro*, e de S. *Paulo*, basta para nos fazer julgar dos outros. Nós alli vemos como elles prégavaõ aos Judeos, aos Gentios, aos ignorantes, aos sábios. Seus milagres, seus soffrimentos, suas virtudes. Quando nós soubessemos outras tantas particularidades de S. *Bartholomeu*, ou de S. *Thomé*, naõ tirariamos dellas outras instrucçoens. Nossa vontade immoderada de saber sería unicamente mais satis-

ſatisfeita; porém eſta he huma das paixoens, que o Evangelho nos enſina a mortificar.

O ſilencio dos Apoſtolos deve ſer huma grande inſtrucçaõ a noſſo reſpeito. Nada há que prove melhor, que elles naõ buſcavaõ a propria gloria, do que o pouco cuidado, que tiveraõ de conſervar na memoria dos homens, as grandes acçoens, que por todo o mundo obráraõ. Baſtava para gloria de Deos, e enſino da poſteridade, que huma ſó parte de ſeus illuſtres feitos lhe foſſe conhecida. O eſquecimento que tudo ſepulta, he mais vantajoſo aos Apoſtolos, que todas as Hiſtorias, pois naõ deixa de ſer conſtante, que elles convertêraõ innumeraveis póvos. Tantas Igrejas, que nós veremos deſde o Seculo ſeguinte, naõ ſe formáraõ por ſi proprias, mas pelas fadigas Apoſtolicas.

Perſe-

Perseguiçaõ de Nero.

Todos os que annunciáraõ a fé, e as maximas Evangelicas, foraõ perseguidos como inimigos do genero humano, bem que elles eraõ seus verdadeiros consoladores. *Nero* foi o primeiro Imperador, que fez guerra ao Christianismo. He bem glorioso, que seu primeiro inimigo, fosse hum Principe, que o mostrava ser de toda a virtude. A perseguiçaõ começou no anno 65 de *J. C.* por occasiaõ de hum incendio que consumio dous terços da Cidade de Roma. *Nero* accusado de ser o auctor, quiz imputar este crime aos Christaõs, que eraõ aborrecidos dos que os naõ conheciaõ, porque toda a novidade em materia de religiaõ, era odiosa aos olhos do pôvo. ,, Apanháraõ-se alguns, diz *Tacito*, dos que professavaõ esta re-,, ligiaõ, e sua confissaõ servio pa-,, ra descobrir huma infinidade de ,, outros.... *Nero* lhes fez soffrer os

,, mais exquifitos tormentos. Zom-
,, bava-fe em fua morte, cobrindo-
,, os de pelles de feras, e fazen-
,, do-os devorar pelos caens: pu-
,, nhaő-fe em cruzes, e depois de
,, os haver banhado de materias in-
,, flammaveis, faziaő-nos fervir de
,, faxos, durante a noute.,, (*Tac. Ann. l.* 1. 15. *n.* 44.) *Tacito*, que nos faz eftas defcriçoens, favorece a cegueira de fua naçaő a refpeito dos Fieis; por quanto ainda que queira paffar por Efcriptor imparcial, chegou a fer taő preoccupado, que veio a moftrar-fe complice das crueldades de *Nero* por fua approvaçaő.

O Principe dos Apoftolos S. *Pedro*, e o Apoftolo das Naçoens S. *Paulo*, foraő prefos em Roma no tempo de *Nero*, guardando-os no carcere de Mamertino, que eftava junto do Capitolio, e fe dilatava por debaixo da terra. Conta-fe que eftiveraő nefta prifaő pelo efpaço de nove mezes, que dous dos guardas affom-

assombrados de seus milagres se convertêraõ, e que S. *Pedro* os baptizou com outras quarenta e sete pessoas, que se achavaõ encarceradas.

Os Fieis excitáraõ os Apostolos, a que se retirassem. S. *Pedro* sahio; mas chegando á porta da Cidade, *J. C.* lhe appareceo, segurando-o de que queria entrar nella. „ Onde hi- „ des vós, Senhor? „ lhe diz *Pedro*. „ *Jesus Christo* lhe respondeo: Eu „ vou a Roma para ser lá crucificado segunda vez.„ S. *Pedro* disse com sigo mesmo: *J. C. naõ póde já morrer, he pois na minha pessoa que deve ser crucificado*, e voltou logo sobre seus passos. *Nero* estava entaõ em Achaia, e os Governadores de Roma, foraõ quem condemnáraõ á morte os Apostolos, e os fizeraõ executar no mesmo dia. Foi, segundo se julga, a 29 de Junho do anno 66 de *J. C.*

S. *Paulo* como Cidadaõ Romano foi degollado: S. *Pedro* foi crucificado como Judeo. Conta-se, que S. *Paulo* hindo para o supplicio, converteo tres Soldados, que sof-

frêraõ o martyrio, pouco tempo depois. Conduziraõ-no a tres milhas de Roma ao lugar chamado, *Agoas Salvianas*, onde se mostraõ tres fontes, que dizem haver nascido por milagre. Alli mesmo foi executado; mas *Lucina*, Senhora Romana, o enterrou em huma terra sua, no caminho d' Ostia. S. *Pedro* foi levado álem do Tibre ao sitio, que habitavaõ os Judeos, e o crucificáraõ no alto do Monte-Janiculo. Quizeraõ crucificá-lo do modo ordinario; porém o Santo Apostolo disse, que *naõ merecia ser tratado como seu Mestre*, e pedio, que fosse pregado com a cabeça para baixo. Os outros Martyres, que derramáraõ seu sangue no tempo de *Nero*, foraõ: em Alexandria, S. *Marcos* Evangelista, primeiro Bispo desta Cidade; em Millaõ S. *Gervasio*, e S. *Protasio*, &c. &c. A perseguiçaõ acabou com a funesta morte do tyranno, que depois de ter immolado sua propria Mãi, e seu Mestre ás suas paixoens, se matou a si mes-

mo no anno 68 de *J. C.* ficando livre o Universo de hum monstro que o horrorisava.

Perseguiçaõ de Domiciano.

A Igreja repousou até o anno 92, que *Domiciano* imitador de *Nero* de quem tinha o caracter perturbou sua tranquilidade. O que deo assumpto a esta perseguiçaõ, foraõ as investigações contra os Judeos, a respeito do tributo, que elles deviaõ ao Fisco. *Suetonio* diz, que estas inquiriçoens se extendêraõ áquelles, que em virtude de huma obrigaçaõ contratada entre si, viviaõ como Judeos na Cidade: expressaõ, q̃ indica assaz claramente os Christaõs, que o pôvo, e ainda os grandes se confundiaõ tambem com a naçaõ Judaica.

Outro motivo; hum pertendido interesse de Estado estimulou a crueldade de *Domiciano*, que por outra parte naõ tinha muita precisaõ de ser excitado. A posteridade de *Da-*

David o inquietou, temendo que os que restavaõ da geraçaõ deste Principe sublevassem os Judeos, cuja Idéa misturada com a do *Reino de Christo*, e outros muitos que occorriaõ a seu espirito distante de conhecer o Mysterio do Salvador, augmentáraõ seus insanos medos. Renovou as ordens, que havia dado n'outro tempo *Vespasiano* seu Pai contra os descendentes de *David*, que se occultavaõ para se pouparem á perseguiçaõ. Toda via descobriraõ se dous levados a Roma por hum official, e vinhaõ a ser os netos de S. *Judas*, parentes de *J. C.* descendentes como o Senhor do sangue de *David*.

O Imperador os fez comparecer perante si, e os inquirio sobre sua fortuna: respondêraõ, mostrando suas maõs callejadas pelo trabalho, como aquelles que manejaõ de ordinario a enchada, ou governaõ o arado. *Domiciano* concebeo facilmente, que taes homens, que só deviaõ a seus rusticos trabalhos, huma

ma parca ſubſiſtencia, naõ eraõ para ſer temidos por hum Imperador Romano. Quiz porém ter alguma inſtrucçaõ ſobre o *Reino de Chriſto.* Os meſmos Netos do Apoſtolo já dito, lhe reſpondéraõ, ,, Que eſte ,, Reino naõ era temporal, nem ter- ,, reſtre, mas eſpiritual, e celeſte, ,, e que ſó ſe manifeſtaria na con- ,, ſummaçaõ dos Seculos, quando ,, *Chriſto* vieſſe em ſua gloria, a ,, julgar os vivos, e os mortos, ,, pezando em huma balança igual ,, os Póvos, e os Reis. ,, *Domiciano* curado inteiramente de ſeus temores por eſtas ſincéras reſpoſtas, deſpreſou os ditos homens, que lhe pareciaõ ſimplices, e pobres, recambiando-os, ſem lhes fazer mal algum.

Naõ tratou os outros Chriſtaõs com a meſma indulgencia. S. *Joaõ* Evangeliſta foi por ſua ordem lançado em huma caldeira d'azeite fervendo, de donde ſahindo illeſo milagroſamente, foi deſterrado para a Ilha de Pathmos, na qual eſcreveo

ſeu

ſeu Apocalypſe. *Clemente* tio do Imperador foi morto, e ſua mulher, com ſua ſobrinha *Domitilla*, que eraõ Chriſtaõs como elles, viraõ-ſe banidos em Ilhas deſertas. *Suetonio* nota a *Clemente* de huma preguiça, que diz elle, o tornava deſpreſivel; e *Diaõ* o accuſa de atheiſmo. Deſte modo, he que os cégos pagaõs caracteriſavaõ a indifferença, que a eſperança dos bens do Céo inſpirava a reſpeito das couſas da terra, e a averſaõ, que as luzes do Evangelho haviaõ dado ſobre ſuas falſas divindades.

A perſeguiçaõ auctorizada em todo o Imperio por hum rigoroſo Edicto, datado do anno de 95 finalizou pela morte de *Domiciano*, que morreo hum anno depois. *Nerva* ſeu ſucceſſor reſtituio todos os deſterrados, e S. *Joaõ*, que teve parte neſta graça, ainda foi de novo juntarſe com os Fieis de Efeſo.

Guer-

Guerra dos Judeos; destruiçaõ de Jerusalém.

Os Gentios vindo a ser os herdeiros do Reino de Deos, que os Judeos tinhaõ rejeitado; este desventurado pôvo experimentou todos os flagelos com que os Profetas o ameaſſáraõ, e o mesmo Salvador lhos havia já tambem predicto. A Judêa estava reduzida a provincia Romana; os Governadores, que os Imperadores deraõ aos Judeos irritáraõ por suas acçoens este pôvo indocil, excessivamente já disposto á sublevaçaõ. Lia nos Profetas, que hum filho de *David*, o libertaria da oppressaõ; persuadia-se, que este tempo estava chegado, e sua insolencia augmentava-se com a sua debilidade. As Sediçoens eraõ continuas, que reprimidas com rigor, naõ socegavaõ jámais os espiritos.

Pilatos, que o ajudou no projecto de matar o Salvador, tratou taõ severamente aos Judeos, que foi por essa

eſſa cauſa punido pelos meſmos Romanos. *Fado*, *Tiberio*, e *Cumano*, que os governáraõ ſeguidamente, moſtraraõ-ſe ſó occupados da diligencia de deſpojarem os póvos commettidos ás ſuas regencias. *Felis* irmaõ do liberto *Pallas*, taõ famoſo no tempo do Imperador *Claudio*, dominou-os com auſteridade de hum Rei, e crueldade de hum liberto. *Feſto* lhe ſuccedeo, *Albino*, e *Floro*, que vieraõ depois delle, foraõ exceſſivamente ſuperiores á dureza dos que os tinhaõ governado. Elles permittiraõ tudo por dinheiro. A licença, e impunidade reinavaõ em toda a Judêa: os ladroens penetráraõ até ao Templo. A Religiaõ naõ era menos regulada q̃ a policia. Os Pontifices por ſua cubiça, e máos coſtumes, mais pareciaõ Soldados, que Sacerdotes.

Em fim os Judeos tendo-ſe abertamente revoltado no anno 66 de *J. C.*, *Ceſtio* veio ſitiar Jeruſalém, ainda que naõ pôde tomá-la. Como iſto ſuccedeo no tempo de *Nero*, eſte meſ-

mo

mo Principe, que ſe achava entaõ em Achaia, enviou *Veſpaſiano* para reparar a affronta das armas Romanas. O General entrou na Paleſtina com hum exercito guerréiro, ſem dar jámais quartel a peſſoa alguma que ſe lhe preſentaſſe, foſſem homens, mulheres, ou meninos. Diſpunha-ſe a tomar Jeruſalém quando *Nero* morreo. Tres Imperadores ſubíraõ ao Throno Imperial, e deſcêraõ delle por mortes tragicas. Em fim o meſmo *Veſpaſiano* tendo ſido eleito Imperador, apreſſou-ſe com empenho em mandar *Tito* ſeu filho, a fim determinar eſta guerra fazendo-ſe Senhor de Jeruſalém.

Tudo fazia eſperar o mais venturoſo ſucceſſo. Huma guerra inteſtina deſolava a Paleſtina, entregue a fanaticos, e ambicioſos, que queriaõ aproveitar-ſe das infelicidades públicas para dominarem.

Jeruſalém era lacerada por facionarios, que tomavaõ o nome de Zeladores, e q̃ rompiaõ nas maiores crueldades. *Joaõ* de *Giſcala*, *Simaõ*, e *Eleaſar*

leasar disputárão entre si a honra de se pôr á frente deste partido; porém nenhum delles pôde reunir todos os Cidadãos debaixo de seu estandarte, dividirão-se em tres ranchos, e Jerusalém foi como huma presa despedaçada por muitos animaes ferozes. Em vão os sabios quizerão sojeitar-se; os cabeças dos zeladores se obstinárão sempre em resistir aos Romanos, tyrannisando o pôvo ao mesmo passo, que elles provocavão a vingança do inimigo. Outras Cidades, (diz *Duguet*) tiverão de soffrer os rigores de hum sitio, ou da fome, ou da peste; porém he cousa inaudita, que huma parte dos Cidadãos tenha reduzido os outros a huma miseria inexplicavel, arrebatando-lhe até o ultimo bocado de pão, atormentando os velhos, as mulheres, e os meninos com horriveis castigos, nutrindo-se com alegria do espectaculo de suas desgraças, fazendo entretanto a si mesmos huma guerra implacavel, unindo-se unicamente para

o mal: eſtando em deſeſperaçaõ, e reduzindo os outros a ella naõ ſabiaõ o que elles queriaõ: fechados a todos os bons conſelhos; obſtinados na ſua perda, e determinados a obrar de modo, que tambem a experimentaſſe ſua patria, ſua Naçaõ, ſua meſma Religiaõ, de que elles ſe chamavaõ Zelóſos defenſores.

Entre eſtas infelices circunſtancias veio *Tito* filho do Imperador *Veſpaſiano*, pôr no anno 70 de *J. C.* o ſitio diante de Jeruſalém. A Cidade foi accommettida, e como ella ſe defendeo por quatro mezes, os viveres lhe faltáraõ de tal modo, que depois de recorrerem ás couſas mais immundas para ſe ſuſtentarem, paſſáraõ á carne humana, que ſervio de vianda aos homens. Huma Mãi matou ſeu filho, que pendia de ſeus peitos, e prolongou ſua vida alguns dias com diſpendio daquelle, a quem ella a havia dado. Eſta cruel careſtia conſtrangia os ſitiados a ſahir de noute com as armas nas maõs, a buſcar algumas hervas nos campos; porém

rém a maior parte ſó encontrava a morte. *Tito* mandava crucificar quantos ſe apanhaſſem, e dia houve que o fizeraõ a quinhentos. Os que ficavaõ na Cidade morriaõ de outra maneira naõ menos horroroſa; a fome levava-os a milhares.

Em fim os ſitiados reduzidos ás ultimas extremidades, *Tito*, depois de haver forçado os tres recintos, que defendiaõ a Cidade, mandou-lhes fazer algumas propoſiçoens de paz. Eſte Principe queria ſalvar o Templo, que ſegundo *Tacito era de huma riqueza immenſa*: mas ſobre a recuſaçaõ deſtes deſgraçados, o ſoberbo edificio foi tomado, e queimado a 8 de Agoſto. Todos os que nelle ſe refugiaraõ foraõ mortos cruelmente. *Tito* ſenhoreando-ſe a 8 de Setembro ſeguinte da Cidade alta, onde os ſedicioſos ſe retiráraõ, a entregou do meſmo modo que a baixa, á devaſtaçaõ, e ao fogo, vendo-ſe depois paſſar o arado pelo lugar das groſſas muralhas, e ſumptuoſas habitaçoens. Aſſim foraõ completas as

pala-

palavras de *J. C.* quando disse, *Que lhe naõ ficaria pedra sobre pedra.* O mesmo *Tito* naõ pôde deixar de dizer: *Eu só tenho sido hum mero executor das ordens do Céo contra hum pôvo, que parecia o objecto de sua cólera.* Perecéraõ neste cerco, segundo *Josefo* hum milhaõ e mil Judeos, e noventa e sete mil reduzidos a escravos, foraõ vendidos como animaes de carga. O despojo dos vencedores foi taõ consideravel, que o ouro, na Syria, diminuio metade de seu valor.

Tito havendo deixado huma legiaõ em Jerusalém para guardar as ruinas dessa infeliz Cidade; passou depois a Roma, onde triunfou com seu Pai *Vespasiano.* Transportáraõ nessa mesma solemne occasiaõ á mesa, o candelabro d' ouro de sete ásteas, huma parte dos vasos do Templo, o livro da Lei, que foi guardado no palacio com a cortina de púrpura do Sanctuario.

Vê-se ainda em Roma o arco, que se elevou para este triunfo, notando-

tando-ſe nelle em meio relevo o candelabro, e a meſa. Cunharaõ-ſe tambem neſſe meſmo tempo medalhas em honra de *Veſpaſiano*, e de *Tito*, repreſentando huma mulher aſſentada junto de huma palmeira, repouſando a cabeça na maõ, e cuberta de hum eſpeço véo, com eſta inſcripçaõ: *A Judêa Captiva.*

Porém ,, naõ fallemos mais, diz ,, *Boſſuet*, de Jeruſalém, nem do ,, Templo. Lancemos os olhos ſo- ,, bre o meſmo pôvo, antigamen- ,, te o Templo vivo do Deos dos ,, exercitos, e agora o objecto de ,, ſua colera. Os Judeos eſtaõ mais ,, abatidos, que ſeu Templo, e ſua ,, Cidade. O eſpirito de verdade ,, já ſe naõ acha entre elles; o eſ- ,, pirito de profecia igualmente ſe ,, lhes extinguio; as promeſſas em ,, q̃ ſe fundavaõ ſe obſervaõ do meſ- ,, mo modo deſvanecidas; tudo ſe ,, vê tranſtornado neſte pôvo. *Elle* ,, *ſó he pedra ſobre pedra.* ,, Na verdade depois da deſoloçaõ de Jeruſalém feita no tempo de *Tito*, os

Ju-

Judeos naõ podéraõ jámais juntar-se em corpo de naçaõ.

Herejes.

A Igreja desde o primeiro Seculo, foi inquietada com diversos herejes, que tratáraõ de corromper a pureza de sua doutrina. *Cerintho*, e *Ebiaõ* negáraõ a Divindade de *J.C.*, a resurreiçaõ dos mortos, e quizeraõ conservar na nova Lei as ceremonias da antiga. Os *Ebionitas* pertendiaõ tambem, que Deos havia dividido o Imperio do Universo entre *Christo*, e o diabo. O primeiro tinha, segundo elles, todo o poder sobre o seculo futuro; mas o diabo reservava para si o mundo presente.

Nicolau, hum dos sete primeiros Diaconos deo nome aos *Nicolaitas*, que admittîaõ a pluralidade das mulheres, e se manchavaõ por monstruosas impudicicias. Esta seita era já vigorosa no tempo de S. *Pedro*, por quanto falla della em huma de suas Epistolas.

Menandro, Samaritano, adotou os erros de *Simaõ o mago*, e dos *Nicolaitas*. Defendia, que o mundo fora creado pelos Anjos, e que elle era a Omnipotencia de Deos, o Padre, o unico Salvador dos escolhidos, que só podiaõ entrar no Céo por sua arte magica. Seus discipulos em seus ajuntamentos occultos, entregavaõ-se ás mais infames dissoluçoens.

Saturnino, e *Basilides* discipulos de *Simaõ o mago*, que quiz comprar a S. *Pedro*, o dom de milagres, reprovavaõ o antigo Testamento, e só reconheciaõ em *J. C.* hum Anjo transformado em homem. Os *Saturninianos* olhavaõ o matrimonio, e a geraçaõ como huma producçaõ de Satanaz, como huma obra diabolica.

Mas de todos os impostores, q̃ o demonio suscitou neste Seculo para impedir os progressos do Evangelho, o maior, e mais perigoso foi *Apolonio* de *Thiana* na Capadocia. Era hum filosofo Pythagorico, que empen-

prendeo longas viagens a exemplo de *Pythagoras*. Suas converſaçoens com as Gymnoſophiſtas do Egypto, com os Brachmenes da India, com os Magos da Caldêa, o inſtruíraõ de ſegredos, de que ſe ſervio para enganar os ſimplices.

Em Ninive, Efeſo, Smyrna, Athenas, Corintho, e as principaes Cidades da Grecia, *Apolonio* ſe moſtrou como o prégador do genero humano, condemnando os eſpectaculos, viſitando os Templos, e corrigindo os coſtumes por ſuas liçoens, e por ſeus exemplos. Nutria-ſe unicamente de legumes, abſtinha-ſe de vinho, e de mulheres, ſoccorria os pobres, e apaſiguava as lites. Hum filoſofo que vivia deſte modo, e que ſó fallava por ſentenças cheias de enfaſe, devia fazer impreſſaõ ſobre o vulgo. Todo o mundo o ſeguia: os artifices deixavaõ ſeus trabalhos para o ouvir; os oraculos cantavaõ ſeus louvores, as Cidades enviavaõ-lhe deputados.

Para impôr melhor os rudes, at-

attribuio a si proprio o dom de profecia, e de milagres, que o fizeraõ passar aos olhos da multidaõ, por hum homem divino, em quanto os sabios só descobriaõ nelle hum entusiasta cheio de vaidade, e de ouzadia. Depois de suas viagens ás Indias, e á Arabia, foi a Roma no tempo de *Nero*, *para ver de perto*, dizia elle, *que casta de animal era este tyranno*: palavras que provaõ naõ obstante a sabedoria, de que fazia alarde, lhe escapavaõ cousas indiscretas a respeito de seus Monarcas.

A pezar do favor de que gozára no tempo de *Vespasiano*, *Apolonio* foi accusado, governando *Domiciano*, de magia, e de revolta. Passou a Roma, onde fallou ao tyranno com huma extrema liberdade, sem ser jámais por elle castigado. Em fim depois de ter enganado muito tempo o mundo por seus pertendidos prodigios, morreo em huma idade avançada no anno 90 de *J. C.* Como elle passava por hum Deos

no

no eſpirito dos póvos, e ainda na oppiniaõ dos Grandes, o Imperador *Caracalla* fez-lhe erigir hum Templo como a huma divindade. O romanciſta *Philoſtrato* quaſi 120 annos depois de ſua morte, eſcreveo ſua hiſtoria, que ſó he hum tecido de incomprehenſiveis maravilhas, ás quaes lhes faltavaõ unicamente a verdade para ſe moſtrarem como as mais elevadas, e excelſas.

Hierocles, filoſofo pagaõ, que florecia no tempo de *Diocleciano*, ouſou comparar em hum eſcripto intitulado *Philaleto*, os milagres de *Apolonio* com os de *J. C.*; porém *Euſebio* moſtrou bem o abſurdo do paralello. A authenticidade dos prodigios obrados pelo Inſtituidor do Chriſtianiſmo, experimentáraõ o mais rigoroſo exame. Eſtas maravilhas, que pareciaõ a todos os homens attentos, obra da Divindade, convertêraõ o Univerſo, em lugar de que os preſtigios d' *Apolonio* acabáraõ com elle. Naõ reſtaõ já de ſua exiſtencia, monumento algum, ou tra-

diçaõ,

diçaõ, ainda popular. Nenhum ſucceſſo importante, que lhe foſſe conſeguinte. Foi unicamente huma figura particular, e de mui pequena duraçaõ, e a maior prova, que ſe póde cittar contra elle aos inimigos do Chriſtianiſmo, he a meſma hiſtoria de ſua vida.

Eſcriptores Eccleſiaſticos.

Independente dos eſcriptos dos Apoſtolos, reſtaõ-nos alguns precioſos monumentos da primeira idade do Chriſtianiſmo. A Epiſtola de S. *Clemente* Papa aos Corinthios reſpira o meſmo fogo, o meſmo ardor de caridade, e de zelo, que ditou as de S. *Paulo*. Sua grande reputaçaõ lhe fez attribuir nos ſeculos de ignorancia, todos os eſcriptos, que ſe julgavaõ os mais antigos depois das Eſcripturas Canonicas, e que naõ tinhaõ auctor certo. Aſſim ſe pertendeo, que elle havia ſido auctor, ou compilador dos *Canones dos Apoſtolos*, e *das*

Conſti-

Constituiçoens Apostolicas, que saõ hum compendio de toda a disciplina da Igreja; ao menos para o Oriente, escripto, segundo o que mais se póde protrahir no terceiro Seculo. Imputáraõ-lhe igualmente muitos escriptos apócrifos, que se achaõ colegidos com o nome de *Clementinos*, devendo-se unicamente reputar genuina a Epistola aos Corinthios, impressa no Seculo passado em Oxford.

O livro intitulado *Pastor*, escripto por *Hermas*, no Pontificado de S. *Clemente*, inclúe liçoens de moral, expressadas com a simplicidade dos primeiros tempos.

Pôem-se de ordinario na classe de escriptores Ecclesiasticos, dous Judeos illustres: o primeiro he *Filo*, Judeo d'Alexandria, que indo sobre os passos de *Plataõ*, tomou deste filosofo o gosto d'instrucçaõ moral, e d'alegoria, que caracterisa suas obras. O outro he *Flavio Josefo*, que nos deixou sete livros da *Guerra dos Judeos contra os Romanos*, e *vinte das antiguidades*

Judai-

Judaicas. Sua eloquencia, ſeu ſaber, e a nobreza de naſcimento grangeáraõ-lhe muito credito para com *Tito*, e *Veſpaſiano.* Eſcreveo, como teſtemunha occullar, a hiſtoria da deſtruiçaõ de ſua patria. Eſta obra he hum monumento precioſo para a Religiaõ. *Joſefo* naõ tendo jámais deixado de profeſſar o Judaiſmo, ninguem o póde arguir de haver querido, para favorecer os progreſſos do Chriſtianiſmo, moſtrar o complemento das profecias de *J. C.* A melhor ediçaõ deſte he, a d' Amſterdaõ 2. v. in Fol., e a outra he a Londinenſe 2. v. in Fol.

Diſciplina, coſtumes dos Chriſtaõs.

A vida dos primittivos Chriſtaõs foi hum modelo, que a relaxaçaõ dos ultimos Seculos achou inimitavel. Elles viviaõ unidos entre ſi pelos laços da caridade, e pelo commum dos bens, livres na publica eſcravidaõ, e retirados no centro do mundo. O auctor da *Carta a Diognetes*,

gnetes, que ſe julga ſer de S. *Juſtino*, diz, fallando do modo de vida dos Chriſtaõs; ,, Elles naõ tem
,, couſa alguma, no exterior, que
,, os diſtinga dos mais homens, pe-
,, lo que reſpeita ao trato civil;
,, que conſiderando toda a terra,
,, como o lugar de ſua morada, vi-
,, vem em qualquer parte que a ha-
,, bitaõ, ſojeitos ás Leis do Eſtado,
,, e aos coſtumes dos lugares. Amaõ
,, todo o mundo, e todos os per-
,, ſeguidores; porém a morte, que
,, lhes fazem ſoffrer, ſó ſerve para
,, dar-lhes a vida. Ainda que priva-
,, dos de riquezas temporaes, nun-
,, ca, quando podem, deixaõ
,, de favorecer ſeus ſimilhantes,
,, e no meio da indigencia, achaõ-
,, ſe conſtantemente ſatisfeitos. Os
,, opprobrios ſaõ ſua gloria, as ca-
,, lumniás com que procuraõ dene-
,, grilos, ſervem de teſtemunho á
,, ſua juſtiça, e elles ſó reſpondem
,, ás maldiçoens, de q̃ os carregaõ
,, com palavras cheias de caridade. ,,

Os Superiores dos Chriſtaõs conheci-

nhecidos pelos nomes d' *Ancioens*, *Bispos*, *Sacerdotes*, e *Diaconos*, cuidavaõ das rendas communs, proviaõ as precisoens dos Fieis, ministravaõ paõ aos pobres, e remedios aos doentes. Exortavaõ-se os Christaõs ricos a adotar os filhos dos pobres. Juntavaõ esmolas para as viuvas, para os orfaõs, para os desterrados, e estes mutuos soccorros, que os Christaõs davaõ entre si, ligava-os por vinculos indissoluveis.

Os *Essenianos*, seita de Judeos, offerecêraõ algum tempo antes, huma imagem da vida dos primeiros Fieis. Entregues a huma especie de vida monastica, e dedicados a mortificaçoens, viviaõ em commum, fugiaõ de todos os prazeres, condemnavaõ os juramentos, e bebiaõ só agoa. Vestiaõ de branco; observavaõ taõ escrupulosamente o Sabbado, que apenas satisfaziaõ ás obrigaçoens da natureza. Offereciaõ a Deos, só cousas inanimadas. Os *Essenianos* rigidos naõ se cazavaõ jámais;

mais; os mitigados recebiaõ huma ſó mulher para a propagaçaõ da eſpecie; deixando o commum leito depois de a ſentir pejada. Eſtes filoſofos dividiaõ-ſe entre *praticas*, e *theoricas*: huns habitavaõ as Cidades, outros os campos, occupados no trabalho, na oraçaõ, e no eſtudo da Lei. Porém hum orgulho inſoportavel, que ſó queria reconhecer a Deos por Soberano, rejeitando toda outra qualquer auctoridade, erros capitaes ſobre o deſtino, advinhaçaõ, e ſuperſtiçoens innumeraveis, os punha muito abaixo dos primitivos Chriſtaõs, de quem elles tinhaõ por hum lado, ao menos na apparencia, quaſi todas as virtudes.

Os laços de concordia, e da fraternidade uniaõ todos os Fieis. S. *Paulo* queria, que ſe entre elles houveſſe alguma diſputa, ou lite, a fizeſſem julgar por ſeus irmaõs, dos quaes dizia, que os menos capazes baſtavaõ para decidir de taõ pequenos intereſſes. Os Anciaõs eraõ ordi-

ordinariamente os arbitros das contendas.

As ordens eraõ precedidas do jejum, das preces, e se celebravaõ pela imposiçaõ das maõs. Os Apostolos olhavaõ como huma de suas maiores obrigaçoens, o discernimento dos que Deos chamava ao Sacerdocio. S. *Paulo* ordenava, que se escolhessem os cabeças de familias, os mais regulados, e requeria que estivessem bem reputados ainda entre os mesmos Pagaõs. Prohibia a *Timotheo* impôr ligeiramente, ou sem acordo, as maõs em pessoa alguma; receber alguma accusaçaõ contra hum Sacerdote, naõ havendo nella duas, ou tres testemunhas, e deixava, que se désse dobrada recompensa aos que se occupassem do ministerio da palavra. Estes saõ os fundamentos, diz *Fleury*, da disciplina Ecclesiastica.

Os ajuntamentos dos Fieis celebravaõ-se ao Domingo, em qualquer sála de huma casa particular, e era prohibido o faltar-se-lhe. Liaõ-se as

San-

Santas Eſcripturas: os Apoſtolos, ou os Sacerdotes inſtruiaõ, e exortavaõ o pôvo, apparecendo frequentemente Profetas inſpirados. Alli meſmo conſagrava-ſe a Euchariſtia, e diſtribuia-ſe pelos Fieis, que faziaõ todos juntos huma refeiçaõ de manjares communs, que nomeavaõ *Agape*, que quer dizer comida de caridade.

S. *Paulo* preſcrevia como huma das obrigaçoens importantes, o orar pelos Imperadores, e Magiſtrados. Recommendava aos Biſpos „ o conſervar com grande cuidado o depoſito de doutrina, e confiá-lo a homens fieis, capazes de o tranſmittirem a outros. „ Eſte he o melhor modo de perpetuar huma doutrina, naõ a confiando ſómente a eſcriptos, que nem ſempre ſe explicaõ aſſaz, mas enſinando-a tambem a homens eſcolhidos, cuja fidelidade he conhecida, para naõ alterá-la, tendo ao meſmo tempo capacidade, e zelo a fim de tranſmitti-la aos outros.

A-

Além dos ſete Diaconos, inſtituidos pelos Apoſtolos para ſervir á ſociedade Chriſtã nas preciſoens eſpirituaes, e temporaes, havia tambem na Igreja Diaconiſſas. Eſte era o nome que ſe dava a certas mulheres, que recebiaõ a impoſiçaõ das maõs, a fim de miniſtrarem ás peſſoas de ſeu ſexo, em quaeſquer religioſos officios, que os Diaconos naõ poderiaõ ſatisfazer com decencia.

Digreçaõ ſobre a intolerancia dos Romanos á reſpeito dos Chriſtaõs.

ACABAREMOS o quadro deſta primeira idade do Chriſtianiſmo por huma importante anotaçaõ. Algumas peſſoas juſtamente ſe admiraõ de ver que os Romanos, que toleravaõ todas as religioens eſtrangeiras, moſtraſſem hum furor taõ violento contra a Chriſtã; porém ceſſar-lhe-há eſte aſſombro quando fizerem as reflexoens ſeguintes.

1. Os Fieis achando-ſe confundidos

dos deſde os primeiros tempos da Igreja com os Judeos, objectos do odio, e do deſpreſo do Imperio, o horror dos Romanos naõ podia diſtingui-los entre ſi, e pôr huma differença no meio das virtudes de huns, e dos vicios dos outros.

2. No principio do Chriſtianiſmo, eſpalhàraõ-ſe as calumnias mais atrozes contra os que a profeſſavaõ, e eſtas impoſturas foraõ acreditadas por cauſa do ſegredo, que os meſmos Chriſtaõs guardavaõ ſobre os myſterios. Julgou-ſe, que elles eſcondiaõ ſeus dogmas, ſuas ceremonias, porque naõ podiaõ ſer expoſtas publicamente, ſem encher de pejo os que lhes foſſem ſujeitos.

3. Os Sacerdotes, os devotos Idólatras, e tudo o que vivia do culto dos falſos deuſes, Arquitetos, Muſicos, Droguiſtas, Eſcultores, Eſtatuarios, ſoblevaraõ-ſe contra os Chriſtaõs, imputáraõ-lhes todas as infelicidades, todas as deſordens, e nada eſquecêraõ para os fazer odioſos.

4. Os nobres conſideráraõ o Chriſ-

Chriſtianiſmo como huma nova ſuperſtiçaõ. Os magiſtrados, e os politicos, perſuadidos, que toda a religiaõ que accuſa as outras de darem a Deos hum culto impio, he ſacrilega, e tende a turbar a paz, e a armar os Cidadaõs huns contra os outros, olhavaõ os Chriſtaõs como homens perigoſos.

Outra digreſſaõ ſobre a fórma dos juizos pronunciados contra os Martyres, de ſeus ſupplicios, e dos actos dos martyrios de cada hum.

SENDO pois os Chriſtaõs aborrecidos de huns, como impoſtores, ſcelerados, ſedicioſos, e de outros deſpreſados, diz *Fleury*, como viſionarios, melancolicos, loucos, a quem huma teima deſeſperada fazia correr á morte; os Juizes irritados, ou prevenidos exercitáraõ nelles crueldades, que naõ ſeriaõ veroſimeis, ſe taes Julgadores os naõ imaginaſſem como inimigos do genero humano.

mano. Aquelles que pasmaõ de que estes magistrados os fizessem atormentar em sua presença na praça publica, diante de todo o pôvo, ignoraõ que os Romanos costumavaõ praticar deste modo na sua audiencia quaesquer actos judiciarios.

O Magistrado estava público debaixo de huma varanda coberta, assentado em hum Tribunal elevado, cercado de seus officiaes, e dos lictores, que tinhaõ machados, e molhos de varas. Hum processo occulto (diz hum auctor) offenderia a magnanimidade Romana: porém os juizos públicos estavaõ sujeitos a hum inconveniente, e vem a ser, que o pôvo, quasi sempre arrebatado, e fanático, obrigava algumas vezes o Juiz a tratar os accusados muito mais severamente, do que o fariaõ, se houvessem só escutado a voz de sua consciencia, e da justiça. Eis-aqui o que os Christaõs experimentáraõ muitas vezes da parte da infima plebe, feróz, e amotinada.

A questaõ praticava-se tambem

em público, e era cruelissima, fazendo-a pela extençaõ violenta dos membros, ou por açoute, ferro, e fogo, que tudo se empregava contra os Martyres, que negavaõ seus pertendidos crimes, de cujas torturas se serviaõ para fazer confessar aos scelerados, os proprios, e effectivos crimes. Viraõ-se muitos expirar em taes tormentos. Descarnavaõ outros com unhas, ou pentes de ferro, de modo, que se lhes descobriaõ os ossos, e as entranhas. Estiravaõ alguns sobre equúleos, e pondo-lhes debaixo fogo, cujas labarédas, e fumo suffocava, e queimava os passientes. Para fazer suas chagas mais sensiveis, refricavaõ-lhas algumas vezes com sal, e vinagre, abrindo-lhas tambem quando começavaõ a fechar-se.

No meio destes tormentos, onde quasi nunca se triunfava da constancia dos Martyres, o Juiz naõ sessava de os inquirir. Tudo o que diziaõ os accusados, ou os magistrados, escrevia-se palavra por palavra, por

publi-

publicos officiaes. Formavaõ-ſe proceſſos verbaes muito mais exactos, que quantos vemos eſcriptos por noſſos eſcrivães, por quanto a arte de eſcrever em notas, que tinhaõ os antigos, dava a facilidade de pôr no meſmo inſtante as proprias palavras, que ſe proferiaõ. Os Chriſtaõs eraõ deſveladiſſimos em ter copia, dos actos formados em taes occaſioens a ſeus irmaõs, e ſobre eſtes papeis autenticos, he que ſe eſcreviaõ as Paixoens dos Martyres, cuidando extremoſamente cada Igreja em conſervá-las.

Depois do interrogatorio, os que perſiſtiaõ na confiſſaõ do Chriſtianiſmo, eraõ mandados para o ſupplicio. As penas de cada crime eraõ reguladas pelas Leis, ainda que ſempre mais rigoroſas contra os eſcravos, que contra os homens livres; contra os eſtrangeiros, que contra os Cidadaõs Romanos. Aſſim S. *Paulo* foi degollado, como Cidadaõ, e S. *Pedro* crucificado como Judeo. A cruz era a mais infame de todos os

ſupplicios. Os que deviaõ ſer fixos nella, de ordinario eraõ açoutados, e queimados nas coſtas com ferros em braza, ou com fachos acceſos.

Algumas vezes os Confeſſores de *J. C.* em lugar de ſe enviarem ao ſupplicio, ficavaõ na priſaõ a fim de lhes augmentarem o martyrio, atormentando-os por diverſas vezes. As priſoens em ſi meſmas, eraõ hum tormento aſſaz grande. Carceres eſcuros, e infectos; ferros nos pés, e nas maõs; grilhoens ao peſcoço; pedaços de barro, e vidro quebrados, cobriaõ o pavimento dos meſmos calabouços: taes eraõ os meios de que ſe ſerviaõ para tornar mais cruel a perda da liberdade. Deixavaõ-ſe corromper as chagas de huns, e faziaõ morrer de fome, e ſêde a outros. Dava-ſe frequentemente ordem para entrarem neſtas habitaçoens de dor, aquelles, que ſe julgavaõ capazes de abalar a firmeza dos Martyres: hum pai, huma mãi, filhos, huma eſpoſa, cujas lagrimas eraõ huma tentativa mais perigoza, que os tormentos. A

A Igreja tinha cuidado particular deſtes Santos priſioneiros. Os Diaconos os viſitavaõ para lhes dar os alivios neceſſarios a ſeus males. Os Fieis traziaõ-lhes todas as commodidades, que lhes faltavaõ, como, as camas, veſtidos, e alguns refreſcos. Beijavaõ ſuas cadêas, curavaõ ſuas chagas, e faziaõ por ſe moſtrarem participantes de ſuas dores.

Os Chriſtaõs ſeguiaõ tambem os Martyres ás praças publicas, que eraõ o theatro de ſeu heroiſmo. Naõ receavaõ chegar-ſe a elles, em quanto os atormentavaõ, para recolher em lenços, e eſponjas o ſangue que corria de ſuas chagas. Naõ ſe moſtravaõ menos empenhados em levar os Córpos dos Martyres, quando eraõ degollados, ou em apanhar ſuas cinzas, ſendo queimados. Muitos Santos ſe expozeraõ á morte por conſervar ſuas reliquias, ou por fazerem ſuas oraçoens junto de ſeus túmulos.

Os Confeſſores que eraõ enviados ao ultimo ſupplício, deſterra-

vaõ-

vaõ-ſe para ilhas deſertas, ou para barbaros paizes. Deſtinavaõ-ſe tambem muitos para as obras publicas, e principalmente para as minas, em que ſeu eſtado era peor, que a meſma morte, ſe os Chriſtaõs naõ tinhaõ cuidado de adoçar ſuas penas, ſupprindo aos máos alimentos, e aos groſſeiros veſtidos que lhes davaõ.

TABOA CRONOLOGICA

PARA

O SEGUNDO SECULO.

	Era vulg.
PLinio o Moço, ſendo Proconſul na Bithinia, conſultou a *Trajano*, como ſe devia portar a reſpeito dos Chriſtaõs? O Imperador reſpondeo-lhe, que ſe naõ inquiriſſe contra elles, mas que ſe foſſem delatados, e ſe ſe obſtinaſſem na ſua Religiaõ, morreſſem; eſquecendo-ſe de quanto era opposto ás delaçoens caſtigadas por elle meſmo com pena de infamia, e outras muito maiores, pela liberdade novamente concedida aos accuſadores dos Fieis, no meio das acclamaçoens	102

Era vulg.	
102	çoens de *Pai da Patria*, que lhe fez Roma, como se estas podessem justamente subsistir com a terceira perseguiçaõ excitada sobre os Vassallos mais rendidos, e leaes.
107	Nesta inhumana perseguiçaõ foi crucificado S. *Simeaõ* de 120 annos, Bispo de Jerusalém; Santo *Ignacio* Bispo d'Antioquia; Santo *Onesimo* Bispo d'Efeso, o primeiro Discipulo de S. *Pedro*, e o segundo de S. *Paulo* coroáraõ igualmente suas vidas com o martyrio.
115	Os Judeos revoltáraõ-se na Lybia, e no Egypto, onde matáraõ mais 200000 homens, devorando de raiva na Cyrenaica até as mesmas entranhas dos Gregos, e Romanos, cobrindo-se depois com suas pelles.
117	*Trajano* morto em 117 da

da Era vulgar, só fabulizando, se póde contar que sua alma fôra no VI. Seculo livre dos infernos pelas oraçoens de S. *Gregorio Magno*, posto que os dous purpurados *Belarmino*, e *Baronio* se inclinem pela sua piedade a acreditar similhante successo, persuadidos erradamente que seguem nesta parte a S. *João Damasceno*. *Marmontel* attrevido escriptor do XVIII Seculo busca fazernos hesitar sobre a desgraçada sórte de *Trajano*, pelos principios de seu perigoso *Belisario*, sem reparar na falta de crença do tal Principe; nem nos monstruosos vicios de que encheo sua vida.

Era vulg.

Os Santos *Quadrato*, e *Aristides* offerecêraõ a *Adriano* duas Apologias a favor do Christianismo, de

que

Era vulg.

que resultou escrever o Imperador a *Minucio Fundano* Proconsul da Asia, que os Christaõs naõ deviaõ ser condemnados, salvo se fossem convencidos d' outros crimes. A Questaõ, ou Tractos taõ usaes nestes Seculos de ferro, e fogo, e hoje taõ impugnados pelos Principes, e Filosofos, eraõ bem capazes de os representarem réos d' outras culpas.

124

130 *Adriano* fundou sobre as ruinas de Jerusalém huma nova Cidade, á qual deo o nome d' *Elina Capitolia*, enviando-lhe huma colonia de Romanos.

132 Os Judeos vendo a sua Cidade habitada por Gentios, formáraõ huma nova rebeliaõ, tendo por General *Coquebas*: porém *Adriano* mandando contra elles hum exercito, desbaratou

ratou ſuas forças, e projectos.

Era vulg.

137

Aquila, pagaõ abraçando o Chriſtianiſmo, que deixou pelo Judaiſmo, traduzio do Hebraico em Grego o Antigo Teſtamento, ainda q̃ por ſua apoſtaſia interpretrou differentemente dos *Setenta* os lugares que diziaõ reſpeito ao Meſſias, vindo depois *Juſtiniano* a prohibir huma tal verſaõ de que ſó hoje reſtaõ alguns fragmentos. S. *Jeronymo* foi-lhe d'algum modo favoravel, ſem ir apoz ſeus deſvarios.

138

Todos os que guiados pela auctoridade do Hiſtoriador da Igreja Luſitana reconhecem como ſeus Martyres do I. Seculo a S. *Mancio*, e a S. *Pedro* de Rates, deverâraõ com mais razaõ fazer-lhe o meſmo obſequio na perſuaſaõ de que Santa *Qui-*

Era vulg.

Quiteria, e mais oito irmãs o foraõ tambem do II, ainda que ſerá melhor deixar na ſegunda parte o douto Prelado Pernambuquenſe, que quiz offerecernos huma Hiſtoria completa do Chriſtianiſmo do noſſo paiz, a pezar de fundamentá-la em credulidades, que já tinhaõ excitado o riſo dos *Bollandiſtas*, ſuppoſto que eſte caia ſobre ſerem todas do meſmo parto, o que elle ſó julga poſſivel.

139 S. *Juſtino* appreſentou ſua primeira Apologia a favor do Chriſtianiſmo no principio do Imperio d' *Antonino* o *Pio*, cujo titulo lhe deo o Senado, vendo a ſingular humanidade de ſeu governo.

152 O meſmo Imperador prohibio perſeguir os Chriſtaõs, e ordenou que foſſem caſtigados ſeus accuſadores, pro-

proteſtando ſempre em geral, *que preferia a morte de hum Cidadaõ, á de mil inimigos.*	*Era vulg.*
S. *Policarpo*, Diſcipulo de S. *Joaõ* Evangeliſta paſſou a Roma a tratar com o Santo Papa *Aniceto* ſobre a queſtaõ da Paſcoa.	157
Quarta perſeguiçaõ no tempo de *Marco Aurelio*, de quem Mr. *Thomaz* faz taes elogios, que ſe os Fauſtos da Igreja naõ foſſem infinitamente mais luminoſos, que ſua brilhante dicçaõ, naõ conheceriamos eſte Principe cruel por huma piedade, formada na ſua fantaſia.	162
Padecêraõ neſta perſeguiçaõ S. *Policarpo*, Biſpo d'Eſmirna, e S. *Juſtino* depois d' offerecer a ſua ſegunda Apologia pelos Chriſtaõs em 167 com os Santos de Leaõ de França, unidos ao ſeu	168

Era vulg.

seu Bispo S. *Pathino*.

169 *Symaco* Samaritano, Judeo primeiro, depois Christaõ, e a final Ebionita, publicou huma versaõ grega da Escriptura.

171 S. *Milita*, o Bispo de Sardes, fez huma Apologia a favor dos Christaõs, e he o primeiro Auctor Catholico, q̃ apparece com o Cathalogo dos livros sagrados, posto q̃ naõ seja exacto, pela falta de instrucçaõ em que estavaõ algumas Igrejas.

174 *Marco Aurelio* achandose em guerra com os Quados dentro da sua mesma Provincia, o exercito Romano pereceria de sêde, se Deos naõ mandasse huma copiosa chuva pelas oraçoens da legiaõ fulminante dos Christaõs, a cujo prodigio se seguio a vitoria.

177 Por hum Edicto solemne do mesmo Imperador se finali-

nalizou a perſeguiçaõ, honrando aos Chriſtaõs na Carta que eſcreveo ao Senado, prohibindo depois, que os accuſaſſem com a comminaçaõ de pena ultima, ainda que paſſados tres annos, entrou nos ſentimentos de cruel, movido pelos artificios dos Magiſtrados, inſtigaçoens dos Filoſofos, e furor do Pôvo, moſtrando naõ lembrar-ſe já do dito de *Plataõ*, que repetia frequentemente: *Venturoſo o Pôvo, cujos Reis ſaõ Filoſofos, e cujos Filoſofos ſaõ Reis.* — *Era vulg.*

Athenagoras, *Miltiades*, Santo *Apolinario* d'Hierapla ſaõ conhecidos na Igreja por ſuas Apologias a favor do Chriſtianiſmo. — 177

Soſpeita-ſe, que *Marcía* concubina do Imperador *Comodo*, era fautora dos Chriſtaõs, e por eſta cauſa — 180

Era vulg.

ſa naõ foraõ perſeguidos no tempo deſte Principe, como nos Imperios dos que lhe precedêraõ, ainda que ſempre lhe convinha mais o nome de *Leaõ* por ſua ferocidade, que o d'*Hercules*, que tomou por ſeu esforço.

181 *Theodocio*, natural de Efeſo ſendo recebido na Synagoga dos Judeos, com a condiçaõ de traduzir o Antigo Teſtamento em Grego; ſatisfez ao empenho, em 185 da Era vulgar, ouſando-ſe o mais, que os ſetenta, e *Aquila*, porque accreſcentou, e cortou o que lhe pareceo, reſtando-nos ſó hoje poucos fragmentos de ſua obra.

Lucio Rei d'Inglaterra, ſegundo o Abbade *Racine*, expedio ao Papa *Eleuterio*, huma embaixada em que lhe teſtemunhou querer abra-

braçar a Religiaõ Chriſtã, que ſe vio depois pacifica até ao tempo de *Diocleciano.*

Era vulg.

185

S. *Panteno* governou a Eſcola d' Alexandria, e teve por Diſcipulo *Clemente* dito *Alexandrino*, que foi Meſtre d'*Origines*, naſcido em 185, empenhando-ſe a natureza em offerecer-lhe deſde ſeus primeiros annos, os dons, e talentos, que ella liberaliza com raridade.

Por eſte meſmo tempo florecia na Africa o grande *Tertuliano*, presbitero Carthaginez, exceſſivo em tudo: mas S. *Cypriano* naõ duvidou confeſſar-ſe ſeu Diſcipulo, ainda que o naõ foi dos erros que ſeguio por ſua illuſaõ.

193

Depois da morte de *Cõmodo*, e dos dous aſſaſſinados *Elio Pertinaz*, e *Didio*

Era vulg.

Juliano, foraõ acclamados *Septimio*, *Severo*, na Hungria; *Pescinio Nigro* na Syria; *Clodio Albino* na Bretanha; dos quaes, desbaratados os dous ultimos, ficou imperando o primeiro, auctor da quinta perseguiçaõ do Christianismo, casto, puro, e innocente em hum seculo taõ desordenado, q̃ só no Imperio do Principe de que se trata foraõ processadas 3000 pessoas por adulteras.

S. *Victor*, vendo que os Asiaticos celebravaõ a Pascoa na Lua 14. de Março, quando o resto da Igreja ainda jejuava, esperando pelo Domingo depois dos quatorze da Lua do equinoxio da Primavera, condemnou solemnemente em hum Concilio a pratica dos ditos Asiaticos.

196 *Policrates* Bispo de Efeso

ſo com outros Prelados da Aſia menor celebrando a ſua Sinodo, oppozêraõ Concilio a Concilio, e proteſtáraõ defender-ſe com a auctoridade de S. *Joaõ Evangeliſta*.

Era vulg.

197

S. *Victor* convocando ſegundo Concilio, intentou excommungá-los, ſe ſe moſtraſſem contumazes; porém Santo *Irineo* Biſpo de Leaõ de França o diſſuadio com boas razoens, a fim de evitar quaeſquer funeſtas conſequencias, que já ſe previaõ, naõ ſendo ponto algum de fé, mas de pura diſciplina, ficando cada huma das Igrejas com o ſeu uſo até que foi decidido pelo primeiro Concilio Geral de Nicea, ſegundo o coſtume de Roma, naõ podendo depois haver prática alguma em contrario, ſem nota de *Quarto decimano*, ou

Era vulg.

dos herejes, que celebraõ a Paſcoa á maneira dos Judeos.

200 Santo *Eſperato*, e ſeus companheiros chamados todos *Scilitanos*, ou *Scilianos* por ſerem naturaes de Sicilia, padecêraõ martyrio no tempo de *Severo* Imperador, ſendo Proconſul de ſeu Paiz, *Saturnino*; devendo-ſe advertir, que neſte Seculo houveraõ muitas perſeguiçõens locaes movidas pelos Governadores Romanos, que exercitavaõ todo o genero de violencias contra os Chriſtaõs, ainda quando os Imperadores lhes eraõ favoraveis.

Pelos fins deſte meſmo Seculo, e principios do ſeguinte floreceo com ſinaladas virtudes, em portentoſos milagres, S. *Narciſo* Biſpo de Jeruſalém experimentando ſeus calumniado-

res

res ainda nesta vida as imprecaçoens com que o haviaõ desacreditado, apezar dos sentimentos Evangelicos do mesmo Santo, que regeo sua Igreja até á idade de 116 annos. *Eusebio* refere que ainda no IV Seculo existia do azeite que S. *Narciso* mudára d' agoa para alumiar as lampadas na celebraçaõ, que devia fazer no officio da vigilia Pascal.

Era vulg.

Estes successos abrangem as vidas dos Imperadores.

Trajano que governou 17 annos até - - -	117
Elio Adriano 21 até -	138
Antonino Pio 23 até -	161
Marco Aurelio com seu irmaõ *Lucio Vero* os primeiros 9 annos, e depois dez só por si até - -	180
Cõmodo 13 até - -	192

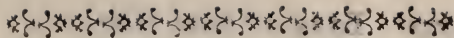
Elio,

Era vulg.	
200	*Elio*, e *Didio* alguns mezes com *Septimio Severo* que depois de Imperar 11 annos até o fim do ſegundo Seculo, entrou com ſeu governo pelo terceiro, que eſcureceo por ſuas tenebroſas iniquidades, ainda que miſturadas de algumas acçoens illuſtres, pelas quaes olhando, fizeraõ-lhe applicar o que ſe havia já dito de Auguſto, que *ou naõ devia ter exiſtido, ou nunca deixar de viver.*

ELE-

✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻

ELEMENTOS

DE

HISTORIA ECCLESIASTICA.

SEGUNDO SECULO.

Perſeguiçaõ de Trajano.

O CHRISTIANISMO tendo gozado, no Imperio de *Nerva*, de huma grande tranquilidade, extendeo-ſe em muitas provincias, principalmente na Bithynia. *Plinio* o *Moço* Proconſul deſta Provincia no tempo do Imperador *Trajano*, eſcreveo a eſte Soberano no principio do ſegundo Seculo, ſobre o modo, com que devia portar-ſe a reſpeito dos Chriſtaõs.

,, Eu naõ tenho jámais aſſiſtido, ,, (diz elle na ſua carta) á inſtrucçaõ, e ao juizo do proceſſo de

,, al-

,, algum Christaõ! O que supposto,
,, eu naõ sei sobre que cahe a in-
,, formaçaõ, que se dá contra elles,
,, nem até onde deve levar-se seu
,, castigo. Eu hesito muito a respei-
,, to das differentes idades. Eis-aqui
,, a regra, que tenho seguido nas
,, accusaçoens intentadas diante de
,, mim contra os Christaõs. Os que
,, confessaõ, eu os inquiro segun-
,, da, e terceira vez, ameaço-os de-
,, pois com o supplicio, porque
,, julgo, q̃ devem ao menos punir-se,
,, nelles sua desobediencia, e sua in-
,, vencivel contumacia. Pozeraõ en-
,, tre minhas maõs huma Memoria
,, sem nome de auctor, em que ac-
,, cusaõ differentes pessoas de serem
,, Christaõs, que negaõ havê-lo sido
,, jámais. Ellas tem em minha pre-
,, sença, e nos termos prescriptos
,, por mim, invocado os deuses,
,, e isto he ao que nunca se podem
,, forçar aquelles, que saõ verda-
,, deiramente Christaõs. Julguei pois
,, que era necessario absolvê-las. Ou-
,, tras deferidas por hum denuncia-
,, dor,

,, dor, tem ao principio reconhe-
,, cido, que eraõ Christaõs, e lo-
,, go depois o negaõ, declarando,
,, que o foraõ verdadeiramente; mas
,, que já o naõ eraõ. Toda esta gen-
,, te tem adorado vossa imagem, e as
,, estatuas dos deuses: toda tem car-
,, regado de maldiçoens a Christo.
,, Seguraõ-me, que todo o seu er-
,, ro, e falta havia sido incluido
,, nestes pontos: *Que n'hum dia*
,, *sinalado se ajuntavaõ antes de*
,, *nascer o Sol, e que cantavaõ al-*
,, *ternadamente Hymnos em louvor*
,, *de Christo, como se fosse Deos:*
,, *que elles se obrigavaõ por jura-*
,, *mento, naõ a algum crime, po-*
,, *rém a naõ commetter furto, nem*
,, *adulterio; a naõ faltar ao pro-*
,, *mettido, nem a negar de modo*
,, *algum qualquer deposito, que lhes*
,, *entregassem.* Eu naõ tenho desco-
,, berto em seu culto, mais que hu-
,, ma superstiçaõ má levada a excess-
,, so, e por este motivo, eu sus-
,, pendi tudo a fim de saber vossas
,, ordens. O negocio me pareceo
,, digno

,, digno de vossas reflexoens, pela
,, multidaõ dos que se achaõ com-
,, prehendidos neste perigo. Hum
,, grandissimo numero de pessoas de
,, todo o sexo, idade, e jerarquîa
,, saõ, e seraõ todos os dias impli-
,, cados nesta accusaçaõ.,,

A carta de *Plinio* ao Imperador *Trajano*, he huma prova do maravilhoso progresso, que o Christianismo havia feito em taõ poucos annos, indo até fazer desertar os Templos da Gentilidade. Esta mesma carta nos fornece bastantes reflexoens sobre o elogio, que nella se encontra da pureza de costumes dos primeiros Christaõs; do grande numero de Fieis de todo o sexo, e de toda a condiçaõ; do testemunho autentico, que dá hum Pagaõ á crença da Divindade de *J. C.* estabelecida geralmente entre os filhos da verdadeira Igreja.

Trajano respondeo a *Plinio*, *que elle se havia portado prudentissimamente; que naõ era necessario fazer pesquizas sobre os Christaõs,*

taõs, *mas só castigar aquelles que fossem accusados*, *e convencidos*. Contradiçaõ clarissima, por quanto se os Christaõs se achavaõ culpados, era justo buscá-los com diligencia, e se elles naõ se reputavaõ como taes, commettia-se huma injustiça, punindo-os, ainda que fossem accusados. A resposta de *Trajano* dando huma inteira liberdade aos denunciantes, perseguiraõ-se assaz vivamente os Fieis, ainda que todo o seu crime fosse, como *Plinio* o confessa, honrar a *J. C.*, praticar a piedade, a justiça, e a caridade. Santo *Ignacio* Bispo de Antioquia, Illustre por seus trabalhos, por sua fé, e por seus escriptos soffreo nesta perseguiçaõ todo o seu martyrio, até ser devorado em Roma pelas feras, diante da plebe testemunha de sua constancia, e de sua heroica virtude.

Nada há mais excellente do que a carta, que o Santo escreveo aos Fieis de Roma para lhes pedir encarecidamente, que naõ impedissem

por

por ſuas ſolicitaçoens ſeu ſacrificio.
„ Eu temo, (lhes diz elle,) voſſa
„ caridade, e aprehendo, que te-
„ nhaes por mim huma compaixaõ
„ exceſſivamente terna. Talvez vos
„ ſeja facil impedir minha morte;
„ porém oppondo-vos a ella ſervi-
„ reis de obſtaculo á minha felici-
„ dade. Se vós me amais ſincéra-
„ mente vós me deixareis ir gozar
„ de meu Deos. Eu nunca terei oc-
„ caſiaõ mais favoravel para me re-
„ unir a eſte Senhor, que eſta que
„ ſe me preſenta, e vós tambem
„ naõ encontrareis melhor para ex-
„ ercitar huma boa obra. Para iſto,
„ baſta que vós deſcanceis a meu
„ reſpeito; ſe vós dais quaeſquer
„ paſſos para me arrancardes das
„ maõs dos algozes, eu naõ paſſa-
„ rei a gozar de meu Deos ſe vós
„ vos deixais tocar de huma falſa
„ commiſeraçaõ por eſta miſeravel
„ carne, vós me recambiaes ao tra-
„ balho, e me fazeis entrar de no-
„ vo na carreira a que poſſo já pôr
„ fim. Soffrei que eu ſeja entregue
„ ao

,, ao Sacrificio, em quanto o altar
,, se acha elevado: univos a mim
,, em quanto me sacrifico, entoan-
,, do canticos de honra ao Padre,
,, e a *J. C.* seu Filho. Vós naõ ten-
,, des até agora tido inveja de pes-
,, soa alguma, podereis pois exer-
,, citá-la ao presente sobre a minha
,, felicidade? Alcançai-me antes por
,, vossas oraçoens, a coragem que
,, me he necessaria para resistir aos
,, combates internos e repelir os ex-
,, ternos. Vale pouco parecer Chris-
,, taõ, se se naõ he na realidade.
,, O que faz hum homem Christaõ,
,, naõ saõ as boas palavras, nem as
,, singulares apparencias, mas a
,, grandeza da alma, e a solidez
,, da virtude. Eu escrevo ás Igre-
,, jas, que vou para a morte com
,, alegria, com tanto, que vós vos
,, naõ opponhaes de modo algum a
,, estes meus intentos. Eu vos peço
,, ainda huma vez, que naõ tenhaes
,, por mim huma ternura, que tor-
,, ne a minha sórte desavantajosa.,,

S. *Simaõ*, parente de *J. C.* se-
gundo

gundo a carne, ſcelou tambem o Evangelho com ſeu ſangue. Eſte Santo era Biſpo de Jeruſalém, ſuccedeo neſta Cadeira ao Apoſtolo S. *Tiago*, e contava de idade 120 annos, quando foi appreſentado ao Conſular *Attiquo*, Governador de Syria. Alguns herejes o denunciáraõ por Chriſtaõ, e da proſapia de *David*. Os Imperadores havendo reſolvido exterminar eſta familia, para tirar aos Judeos toda a occaſiaõ de revolta, *Simaõ* foi atormentado por muitos dias. Todos os eſpectadores, e o meſmo Conſular, naõ ſe cançavaõ de admirar tanto animo, e fortaleza em hum velho de ſimilhante idade. Em fim pozeraõ-no em huma Cruz no anno 107, depois de haver ſido Biſpo de Jeruſalém mais de quarenta.

Eſta perſeguiçaõ ſanguinolenta, naõ ſe achava auctorizada por algum Edicto, que proſcrevêſſe o Chriſtianiſmo; mas *Trajano* havendo prohibido todas as ſórtes de ajuntamentos, os Governadores das

Provin-

Provincias tomáraõ occaſiaõ de tal ordem, para mandarem ſacrificar aquelles, que ſe uniſſem para fazerem ſuas preces em commum. Finalmente o Imperador ſabendo, que naõ haviaõ ſufficientes algozes para matar os Fieis, que corriaõ ao martyrio, determinou no anno 116 que ceſſaſſe a perſeguiçaõ. Eſta borraſca paſſageira naõ ſuſpendeo os progreſſos do Chriſtianiſmo. A pureza dos coſtumes dos Fieis, as conſoladoras verdades, que elles annunciavaõ, a conſtancia com que arroſtavaõ a morte, a felicidade eterna, que promettiaõ aos que derramaſſem o proprio ſangue por *J. C.*, e os favores ſobrenaturaes, que proſperavaõ ſeus esforços, eraõ os mais capazes de multiplicar os Chriſtaõs, cujo numero diminuiaõ a intolerancia, e o fanatiſmo dos grandes, e do pôvo. A pezar de todos os obſtaculos, que ſe lhes oppunhaõ á Religiaõ Chriſtã ſe eſtabeleceo em todas as partes do mundo, em Roma, em Athenas, em Alexandria,

no meio das escolas mais célebres dos Filosofos de todas as seitas; cujo furor émulo, e orgulho humilhado naõ eraõ menos para temer, que a cruel superstiçaõ da estupida gentalha.

Novas infelicidades dos Judeos.

Os Judeos obrigados a deixar sua patria depois da tomada de Jerusalém por *Tito*, leváraõ comsigo pelos lugares de seu desterro, as proprias desventuras. Aquelles que habitavaõ no recinto de Cyrena em Chipre se sobleváraõ no tempo de *Trajano*, matáraõ violentamente os Gregos, e os Romanos, expozeraõ-os ás feras, e foraõ causa de perecerem quasi duzentos mil homens, animados a estas execuçoens barbaras por hum homem nomeado *André*, que se pôz á sua frente. Foi preciso enviar hum exercito, que só os reduzio depois de porfiados combates, considerando-os como inimigos do genero humano. A Lybia ficou de tal modo deserta, que foi necess-

necessario mandar-lhe huma colonia a fim de povoá-la de novo.

Estes desgraçados, tendo-se multiplicado na Palestina, hum impostôr chamado *Barcochebas*, que tomou a qualidade do Messias, obrigou-os a sublevarem-se de novo no tempo do Imperador *Adriano.* Este Principe havia mandado huma colonia a Jerusalém para renová-la sobre suas mesmas ruinas, mudando-lhe o nome em *Elia*, e edificando no lugar do Templo de Deos, outro consagrado a *Jupiter.* Os Judeos naõ podiaõ ver a Santa Cidade cheia de Gentios, e de idolatrîa. Era-lhes prohibido mesmo o circumcidarem-se. Soffrêraõ por algum tempo, temendo a *Adriano* em quanto se achou junto delles, posto q̃ sempre se preparavaõ para a guerra. Fizeraõ huma grande quantidade de cavernas, e de passagens subterraneas para se poderem occultar, communicar, associar-se occultamente, e fugir quando fossem perseguidos. Estes caminhos cubertos tinhaõ de distancia a

diſtancia aberturas para a recepçaõ de novo ar, e de luz, que preciſavaõ. Os Romanos deſprezaraõ ao principio ſeus esforços, mas víraõ toda a provincia em movimento, e que os Judeos, que ſe achavaõ eſpalhados por quaeſquer outros paizes, conſpiravaõ entre ſi d' acordo para lhes cauſarem grandes males, tanto occulta, como manifeſtamente, chegando por meio delles a abalar-ſe por todo o Imperio. *Adriano* mandou contra elles a *Julio Severo*, que lhes tomou depois de hum porfiado ſitio, a Cidade de Bitter onde *Barcochebas* ſe tinha entrinxeirado. Eſte miſeravel foi depois morto, como o merecia, perecendo nos combates, quaſi ſeis centos mil de ſeus adherentes, e acabando como victimas da deſolaçaõ, fome, e fogo, huma innumeravel multidaõ dos meſmos Judéos. Arrazaraõ-lhes cincoenta caſtellos fortificados, ſaqueando-lhes ao meſmo paſſo, e abrazando-lhes perto de mil Cidades pela maior parte povoadiſſimas. Finalmente a carni-

niceria foi taõ geral, que ſegundo os hiſtoriadores do tempo, a Judêa ſe mudou em deſerto.

Adriano querendo prevenir as revoltas, lançou fóra da Paleſtina a todos os deſgraçados deſcendentes de *Abrahaõ*, prohibindo-lhes aproximar-ſe a Jeruſalém, excepto unicamente no anniverſario da tomada da Cidade por *Tito*, que lhes permittio o virem preſentar-ſe diante de ſuas ruinas. Para lhes fazer inteiramente eſquecer ſua antiga patria, mandou collocar hum porco de marmore ſobre a porta q̃ hia a Bethlem. Neſte derradeiro deſaſtre da naçaõ Judaica, ſeus miſeraveis filhos foraõ levados como eſcravos a todos os paîzes que poſſuem hoje em dia os Chriſtaõs, e os Mahometanos. Naõ houve naçaõ alguma das que formavaõ o exercito Romano, a quem eſtes infelices deixaſſem de ſervir de trem de triunfo, paſſando neſſe eſtado á Grecia, á Alemanha, e á Italia. *Adriano* mandou-os principalmente tranſportar as Heſpanhas, de

donde o Imperador era oriundo, reputando-se tambem ellas, nesse tempo como os limites mais occidentaes da terra.

Apologia em favor dos Christaõs em tempo de diversas perseguiçoēs.

AINDAQUE *Adriano* naõ tivesse hum caracter de perseguidor, com tudo os Christaõs soffrêraõ muito em seu Imperio, porque foraõ repetidas vezes confundidos com os Judeos, cujo castigo o interessava. Hum Edicto deste Imperador datado de 125, no qual sem nomear o Christianismo, proscrevia quaesquer novas Religioens, deo lugar aos fanaticos do Paganismo para denunciarem muitos Christaõs. A plebe, e principalmente a gentalha das provincias, que os aborrecia, excitava os Magistrados contra elles, vindo por esta causa hum grande numero a padecer o martyrio.

No meio destas circunstancias dous Christaõs illustres, *Quadrato*, e *Aristides* apresentáraõ Apologias

taõ

taõ ſólidas, como eloquentes ao Imperador. Na meſma occaſiaõ *Sereno Grannio*, homem menos diſtincto por ſeu naſcimento, que por ſua equidade expoz a *Adriano*, quanto era injuſto ſacrificar innocentes ao falſo zelo d'hum vulgo enthuſiaſta, ſem que ſe lhes reprehendeſſe outro crime fóra do empenho pela ſua particular Religiaõ. O Imperador movido deſtas repreſentaçoens, prohibio em 126 a *Minucio Fundano*, Proconſul da Aſia, perſeguir aquelles, que naõ foſſem convencidos juridicamente de crimes poſitivos. Ordenou tambem que ſe caſtigaſſem os calumniadores dos Chriſtaõs, e eſta juſtiça feita aos Fieis por *Adriano* foi cauſa de ſe imaginar falſamente, que elle profeſſava em ſegredo o Chriſtianiſmo.

Os mandados do Imperador fizeraõ ceſſar a perſeguiçaõ; mas nem por iſſo deixáraõ de haver Martyres, porque a raiva dos Sacerdotes idolatras ſempre achava diverſos pretextos com que arraſtaſſem os Fieis

aos

aos Tribunaes, onde os Juizes nada lhes eraõ favoraveis, e por conſeguinte viaõ-ſe ſacrificados. S. *Euſtaquio*, e ſeus companheiros recebêraõ a Coroa do Martyrio em Roma, e do meſmo modo Santa *Symforoſa*, e ſeus ſete filhos. S. *Fauſtino*, e Santa *Jovita* derramáraõ ſeu ſangue pela fé em Breſſe.

A morte d'*Adriano* ſuccedida em 138, naõ poz fim aos males, que ſoffria da Igreja naſcente. *Antonino* o *Pio*, Principe juſto naõ a perſeguio; porém a enveja dos Sacerdotes dos idolos, que viaõ com pena ſeus templos deſertos, occaſionou vexaçoens locaes, e por conſequencia houve hum grande numero de Martyres. S. *Juſtino* Filoſofo Chriſtaõ, e Orador eloquente lhe preſentou ſua primeira, e ſegunda Apologia, que ſe contaõ entre os excellentes monumentos da antiguidade.

Na primeira reſponde ás objecçoens dos Pagaõs: eſtabelece os principios da fé, e ſua auctorida-

de.

de. Mostra depois a injustiça dos processos criminaes sem convicçaõ de crime, e sem as formalidades prescriptas pelas Leis. Faz hum fiel quadro das ceremonias innocentes dos ajuntamentos dos Christaõs, excitando ao mesmo passo na lembrança do Imperador o justo porte com que *Adriano* se houve em taes circunstancias, implorando huma equidade igual.

O Imperador cedendo ás justas razoens, q̃ se lhe expozeraõ, escreveo no anno 152 aos Governadores das Provincias, e principalmente aos da Asia, para lhes prohibir o atormentar os Sectarios do Christianismo, e para lhes ordenar, que contivessem o Vulgo auctor das sediçoens, que se levantavaõ contra elles. No rescripto que dirigio aos póvos da Asia menor em commum, toma altamente a defesa dos Christaõs, louva a fidelidade que elles guardaõ a seu Deos, e o esforço, que lhes faz desprezar a morte. Volta igualmente os elogios que dá ás

vir-

virtudes, em cenſuras contra os vicios de ſeus perſeguidores. Todavia a pezar deſtes louvores, e reſcritos imperiaes muitos martyres foraõ ſacrificados nas ſublevaçoens populares, ou nas execuçoens feitas por alguns Magiſtrados prevenidos, e falſamente zeloſos. O Papa S. *Telesforo* alcançou em Roma a palma do martyrio, e do meſmo modo Santa *Felicidade*, e ſeus ſete filhos.

Perſeguiçoens de Marco Aurelio.

DEPOIS da morte do Imperador *Antonino*, roubado a Roma, e ao Imperio no anno 160, o fogo da perſeguiçaõ ſe accendeo de novo na Aſia. *Marco Aurelio* confundio infelizmẽte os Chriſtaõs com os Gnoſticos, cujos coſtumes eraõ infames olhando-os como fanaticos, quando os via correr á morte; por naõ haver couſa alguma mais oppoſta aos principios da filoſofia Eſtoica, que decide dever o homem conſervarſe no lugar que a natureza lhe havia

via

via dado, até que a lei do destino o tirasse delle. *Marco Aurelio* pois (diz *Plaquet*) considerava o ardor dos Christaõs pela morte, como huma desordem religiosa, e politica, permittindo sobre esta falsa idea, que os perseguissem. He verdade que os naõ proscreveo por Edictos publicos; porém havendo mandado ordens particulares aos Governadores das provincias para se opporem aos progressos da nova Religiaõ, hum grande numero de Fiéis foi martyrizado. S. *Policarpo* Bispo de Smyrna discipulo de S. *Joaõ*, e imitador de suas virtudes; e S. *Justino* defensor do Christianismo, foraõ incluidos nesta perseguiçaõ. *Rustico* Prefeito da Cidade de Roma diante de quem compareceo *Justino*, lhe procurou. *A que especie de sciencias vos applicaes vós? Eu tenho buscado*, respondeo Justino, *adquirir todo o genero de conhecimento applicando-me particularmente á Religiaõ Christã, aindaque ella naõ agrade ás que se achaõ no erro,*

e na cegueira. Pois que, miseravel! exclamou Rustico, *seguiz vós esta doutrina? Sim*, respondeo *Justino*, *e com prazer; por quanto tenho achado nella a verdade.* O Prefeito inquirio onde se ajuntavaõ os Christaõs? *He* diz Justino, *onde querem, e onde podem. Julgais vós, que nós nos unimos sempre no mesmo lugar? O Deos dos Christaõs naõ está ligado a algum espaço; como he invisivel, e enche a terra, e o Céo, os Fiéis o louvaõ, e adoraõ em todo o lugar.* O Prefeito perguntou depois os que haviaõ sido prezos com *Justino*, e elles todos respondêraõ que eraõ Christaõs. *Sacrificai todos juntamente*, replicou o Magistrado, *e obedecei senaõ farvos-hei atormentar sem piedade alguma. Nosso unico desejo*, diz Justino, *he de soffrer por Jesus Christo. Eis-aqui o que nos procurará a salvaçaõ, e o que nos dará confiança para apparecer no terrivel Tribunal do Senhor, diante de quem se presentaráõ todos os homens*

quan-

quando o meſmo Juiz o ordenar. Os outros Martyres tiveraõ huma linguagem igual, e o Prefeito pronunciou a Sentença do modo ſeguinte: ,, Aquelles que tem recuſado ,, ſacrificar aos deoſes, e obedecer ,, ao Edicto do Imperador, ſejaõ ,, açoutados, e degollados como as ,, Leis o ordenaõ.,, Os Santos Martyres deraõ graças a Deos por eſte beneficio, e foraõ conduzidos ao lugar do ſupplicio, onde depois de açoutados, lhe ſeparáraõ as cabeças dos córpos no anno 167.

A perſeguiçaõ finalizou em 174 por hum Edicto ſolemne do Imperador. Ainda que eſte Principe tiveſſe os olhos fechados ſobre os milagres, com q̃ Deos apoiava o Chriſtianiſmo, naõ pôde deixar de ſentir a evidencia de hum prodigio de que foi teſtemunha na guerra contra os Quados, pôvo de Alemanha. Seu exercito achava-ſe encerrado entre os montes por innumeravel multidaõ de barbaros, e os Soldados por hum exceſſivo calor, com

a

a falta d' agoa ; viaõ-ſe a ponto de acabar de ſêde, e ao fio da eſpada de ſeus inimigos : neſta cruel extremidade, a duodecima legiaõ, chamada a *Fulminante*, quaſi toda formada de Chriſtaõs, invocou o Céo, e alcançou de repente huma abundante chuva, em quanto ſobre os inimigos cahiaõ ſó raios, e pedriſco.

Eſte prodigio animou huns, e atemorizou outros. Os Romanos cheios de confiança foraõ ſobre os Barbaros, que fugíraõ deixando livre o lugar, onde deviaõ combater. A certeza deſte milagrozo ſucceſſo foi atteſtada pelos Pagaõs, e Chriſtaõs. Os primeiros o attribuíraõ a *Jupiter chuvozo*, e dous Magicos, que ſeguíaõ o Imperador. *Marco Aurelio* na carta que eſcreveo ao Senado, fez delle honra aos Chriſtaõs. Eſta foi, ſegundo dizem, huma das razoens, que o obrigáraõ a prohibir com pena de morte o accuſálos; porém as preoccupaçoens de que os Filoſofos haviaõ enchido ſeu animo, impediraõ-no favorecer o

Chriſ-

Chriſtianiſmo, e a perſeguiçaõ deſpertou tres annos depois pelos artificios dos Magiſtrados, e pelo furor do pôvo. Muitas Cidades tiveraõ a gloria de ſer banhadas com o ſangue dos Martyres. S. *Pothino* primeiro Biſpo de Liaõ, S. *Attalo*, Santa *Blandina*, Santo *Epipopio*, Santo *Alexandre*, e mais quarenta e cinco Martyres perecêraõ neſta Cidade. S. *Marçal* foi martyrizado em Chalons ſobre o rio Saona; S. *Benigno* em Dijon; Santos *Eſpeuſíppo*, *Eleaſíppo*, e *Meleaſíppo* tres irmaõs gemeos em Langres; S. *Simforiano* em Autun, &c.

Faz na verdade paſmar, que hum Imperador beneficiente por caracter, e por ſyſtema haja ſoffrido eſtes inhumanos tratamentos contra os mais Fieis de todos os ſeus vaſſallos: porém *Marco Aurelio* tinha 1., como nós já diſſemos, falſiſſimas idêas reſpectivamente aos coſtumes, e principios dos Chriſtaõs. 2. Achava-ſe com dobradas prevençoens introduzidas pelos Filoſophos que

que o cercavaõ. Estes Sofistas eraõ inimigos declarados dos Christaõs, que por seus exemplos, e frequentemente por seus discursos tiravaõ a mascara ás fallsas virtudes de taes presumidos Sectarios da sabedoria. *Marco Aurelio* tinha huma taõ grande adhesaõ ao culto idolatrico, de que o Christianismo era ruina, que passava a ser nelle supersticioso 4. Em fim este Imperador respeitava singularmente as Leis do Estado; e como estas proscreviaõ a Religiaõ Christã, que combatia á face descoberta, cedia-lhe com detrimento dos Fieis. Naõ sendo pois o fanatismo dos póvos reprimido pelo Imperador, subio tanto de ponto em diversas Cidades, que verdadeiramente competio com a doçura do Reinado de *Marco Aurelio.*

A Carta, que as Igrejas de Liaõ, e de Vienna escrevêraõ para a Asia a respeito dos Martyres, que a honráraõ com seu sangue derramado, he hum fragmento de eloquencia simplice, e patetica. Tanto era maior

ior a Cidade de Liaõ, quanto abundaya mais em Sacerdotes dos falsos deoses, cujo poder crescia na razaõ do numero. Os Magistrados protegiaõ estes Ministros, e os Christaõs naõ podiaõ apparecer em lugares publicos, sem se expôr a ser opprimidos de injurias, e de pedras. O Governador da Cidade, vendo o numero, e constancia dos Fieis, mandou lançar muitos ás feras, e os que eraõ Cidadaõs Romanos foraõ degollados. Insultavaõ aos Martyres, ainda depois de mortos; queimavaõ seus corpos, e arrojavaõ suas cinzas ao Rodano, imaginando com isto privá-los da resurreiçaõ futura, como elles protestavaõ esperar. *Se esta esperança*, diziaõ os inimigos do Christianismo, *os faz correr á morte com alegria, vejamos agora como poderáõ resuscitar*: naõ reflectindo, ser taõ difficil ao Creador, juntar estas cinzas, como o formar o mundo só por sua poderosa palavra. S. *Pothino*, Bispo de Liaõ tinha mais de noventa annos, fraco,

e

e enfermo, quando foi prezo, podendo apenas respirar. O zelo, e dezejo do martyrio o fortificárañ. Levado tyrannamente diante do Tribunal, todo o pôvo o amaldiçoava, como se fosse o mesmo *J. C.* Este veneravel anciaõ dando testemunho da verdade, nada lhe poupáraõ, açoutando-o logo com toda a crueldade. Os que se achavaõ junto delle o feriaõ inhumanamente com maõs, e pés, sem respeitar sua grande idade. Os que estavaõ mais ao longe lhe atiravaõ com o que podiaõ haver ás maõs. Todos criaõ commetter huma grande impiedade se faltassem a injuriá-lo, pensando vindicar dessa maneira o respeito devido a seus deoses. Quasi já agonizante, foi arremessado a hum calabouço, onde morreo dous dias depois.

Morto S. *Pothino*, Santo *Irineo* Grego de origem, discipulo de S. *Polycarpo*, como o primeiro; governou a Igreja de Liaõ com hum zelo verdadeiramente apostolico. Nós te-

temos deſte Santo cinco livros contra as hereſias, que excitaõ mil penas ſobre a perda das outras ſuas obras. Recebeo o premio de todos os ſeus trabalhos em 203, depois de haver ſellado com ſeu ſangue a fé, que havia ſuſtentado pelo que tinha eſcripto.

Erros naſcidos no ſegundo Seculo.

Em quanto a Religiaõ triunfava de ſeus perſeguidores, certos filhos naſcidos de ſeio taõ divino, laceravaõ ſuas entranhas. Hum ſem numero de enthuſiaſtas, renovos dos herejes do Seculo precedente, publicáraõ delirios os mais extravagantes. Os principaes, foraõ *Carpocrates*, *Prodico*, *Valentim*, *Marciaõ*, *Montano*, e ſeus diſcipulos, &c.

Carpocrates, filoſofo platonico d' Alexandria, foi auctor da ſingular ſeita dos *Gnoſticos*, que quer dizer Sábios, ou Conhecedores. Abraçou a opiniaõ de outro delirante, nomeado *Baſilides*, que ouſou primei-

ro sustentar ,, que *J. C.* só tinha cor-
,, po fantastico , e que naõ havia si-
,, do realmente crucificado. ,, Negava , como elle , a resurreiçaõ dos mortos , e admittia huma especie de transmigraçaõ das almas para diversos corpos. *O peccado* , segundo este hereje , *era huma cousa necessaria á perfeiçaõ* , *por quanto a alma* , *que se acha sem crime* , *naõ póde ser purificada*. Por huma consequencia deste execrando erro permittia a seus Sectarios os mais infames vicios.

Prodico , cabeça dos Adamitas caminhou pelos passos de *Carpocrates* , de quem renovou os erros. Seus partidarios , foraõ nomeados *Adamitas* , porque elles se punhaõ inteiramente nús em suas assembléas , julgando imitar nisto o estado da innocencia de vosso primeiro Pai. O opprobrio de sua vida , e de suas maximas recahia sobre os Fieis com quem os confundiaõ. *Valentim* , e *Marciaõ* pensáraõ quasi do mesmo modo.

Mar-

Marciaõ foi no ſeu principio hum Chriſtaõ zeloſo, mas ſendo excommungado por ſeu Pai, que era Biſpo, unio-ſe ao hereſiarca *Cerdo.* Tomou delle o ſyſtema dos *dous Principios*, que ligou com o Chriſtianiſmo, Platoniſmo, e Eſtoiciſmo. Negava a verdade da Incarnaçaõ, e naſcimento de *J. C.* de quem todavia confeſſava a paixaõ, ainda que ſó apparente. Admittia dous Chriſtos, hum enviado por Deos, deſconhecido, para ſalvaçaõ de todos os homens; outro deſtinado pelo Creador para vir algum dia reſtabelecer os Judeos. A reſurreiçaõ, conforme o ſeu ſentir, era huma quiméra, e o matrimonio, huma eſpecie de proſtituiçaõ. Só queria baptizar aquelles, que viviaõ em continencia; e ſuſtentava, que ſe podia receber o baptiſmo até tres vezes.

Como elle dogmatizava com muito calor, e vehemencia, adquirio hum grande numero de diſcipulos, que ſe expunhaõ por ſi meſmos ao martyrio. O mais célebre foi hum

chamadõ *Apelles*, que mudou alguma cousa dos delirios de seu Mestre. Este Sectario só admittia *hum Principio* necessario, e eterno; mas para explicar a origem, e a existencia do mal, pertendia, que este Soberano Ser, essencialmente bom, naõ cuidava de modo algum das cousas da terra; accrescentando, que creára Anjos, e que hum delles havia formado o nosso mundo sobre hum modélo de outro superior, e mais perfeito. Este múndo achando-se máo, por haver tambem sido máo seu Creador; *J. C.*, que elle dizia ser Filho de Deos Soberano, veio nos ultimos tempos com o *Espirito Santo* para salvar os homens, que accreditassem, para lhes descobrir as cousas celestiaes, e fazer-lhes desprezar o tal máo Creador, e todas as suas obras.

Apelles naõ dava a *J. C.* hum corpo fantastico, como *Marciaõ*, mas formava-lho de todas as partes do Céo, por onde havia passado, descendo á terra.

Ta-

Taciano, e ſeus Diſcipulos condemnavaõ as nupcias, o matrimonio, e prohibiaõ o uſo do vinho, e da carne dos animaes. Daqui procedeo o nome que lhes deraõ de *Encratitas*, que vem a dizer *Continentes*. Seu horror ao vinho os levava até offerecer unicamente agoa no Sacrificio da Miſſa.

Montano, Frygio de naçaõ, precipitou-ſe em erros ainda mais monſtruoſos. Segundo eſte inſenſato, Deos tinha querido ſalvar o mundo, primeiramente por *Moyſés*, depois pelos Profetas, e naõ o conſeguindo, incarnou; porém nem ainda aſſim chegando ao fim deſſa obra, deſceo pelo *Eſpirito Santo* em *Montano*, e em *Priſcilla*, e *Maximilia*, duas mulheres de má vida, que ſempre o acompanhavaõ.

Montano julgava-ſe o Paracleto, e por eſta qualidade pertendia „ que „ ſó era inſpirado para enſinar huma „ moral mais pura, e mais perfeita, „ que a que ſe enſinava, e ſe pu„ nha igualmente em prática. Naõ

„ ſe

„ ſe negava na Igreja o perdaõ aos
„ grandes crimes, nem aos pecca-
„ dores públicos, quando elles ha-
„ viaõ feito penitencia. *Montano*
„ enſinou, que era preciſo negar-
„ ſe-lhes para ſempre a Commu-
„ nhaõ, e que a Igreja naõ tinha
„ poder para abſolvê-los. Obſerva-
„ vaõ-ſe na Igreja varios jejuns,
„ e a Quareſma; *Montano* preſcreveo
„ tres Quareſmas, jejuns extraordi-
„ narios, e duas ſemanas de *Xero-*
„ *phagia*, ou de tal abſtinencia,
„ que nellas ſó ſe podiaõ comer
„ frutas ſeccas. A Igreja naõ tinha
„ jámais condemnado as ſegundas
„ nupcias; *Montano* as conſiderou
„ como adulterios. A Igreja nunca
„ teve por crime fugir á perſegui-
„ çaõ; *Montano* prohibio o fu-
„ gir a ella, ou valer-ſe de quaeſquer
„ meios para eſcapar ás diligencias
„ dos perſeguidores. „

„ Os homens tem no fundo de
„ ſeus coraçoens hum certo ſenti-
„ mento de reſpeito para com a
„ auſteridade de coſtumes; achaõ
„ naõ

,, naõ ſei que goſto em obedecer a
,, hum Profeta. O maravilhoſo da
,, profecia agrada á ſua imaginaçaõ
,, nos ignorantes, toma facilmente
,, as convulſoens, ou contorſoens
,, por extaſes ſobrenaturaes; pelo
,, que naõ he para aſſombrar, que
,, ſe chegaſſem aó partido de *Mon-*
,, *tano*, e que eſte tiveſſe logo Se-
,, ctarios. ,, (Pluquet, *Diccion. das Hereſias.*)

Priſcilla, e *Maximilla* deixáraõ ſeus maridos por ſeguir a *Montano*, profetizáraõ logo, como elle, e em pouco tempo ſe ſe vio huma multidaõ de Profetas Montaniſtas, de hum, e de outro ſexo. Depois de muitas conſideraçoens, e de hum longo exame, os Biſpos da Aſia declaráraõ as novas profecias falſas, profanas, e impias, condemnáraõ, e priváraõ da Communhaõ a ſeus auctores.

Os Montaniſtas, ſeparados por eſte modo da Igreja, fizeraõ huma nova ſociedade, que infectou por muito tempo a Igreja da Syria, e

ſe

ſe dividio em multipladas Seitas.

Pontifices Romanos.

Os Pontifices Romanos reconhecidos entaõ, como no dia d'hoje, por cabeças da Igreja Univerſal, ſe oppuzeraõ, quanto lhes foi poſſivel, aos eſcandalos, que eſtes differentes erros occaſionáraõ: todos os que governáraõ neſte Seculo, ſe achaõ no Catalogo dos Santos.

Santo *Evariſto*, Grego, occupava a Santa Sé deſde 96; martyrizado em 108, teve por Succeſſor Santo *Alexandre*, que governou até 117. S. *Xiſto I.*, S. *Telesforo*, S. *Hygino* ſaõ conhecidos por ſuas virtudes, mas ſeus pontificados offerecem poucas particularidades. Quaſi nada há que nos inſtrua ſobre a vida de S. *Pio*, primeiro deſte nome, que occupou a Cadeira de *Pedro*, deſde 142 até 150. Santo *Aniceto*, S. *Soter*, Santo *Eleutherio*, e S. *Victor*, foraõ ſeus Succeſſores, e imitáraõ ſuas virtudes.

Diſ-

Disputa sobre a Pascoa.

No tempo do ultimo Pontifice nomeado, excitou-se a disputa sobre o dia da celebraçaõ da Pascoa. Os Asiaticos celebravaõ-na no decimo quarto dia da Lua de Março, e o resto da Igreja no Domingo depois da Lua 14 do equinoccio da primavera. Deste modo, huns achavaõ-se já em festas, quando os outros jejuavaõ, e se mortificavaõ. S. *Victor* havendo chegado á dignidade Pontificia, quiz estabelecer hum uso uniforme. Congregou alguns Bispos, e Sacerdotes da Igreja de Roma no anno 196, e condemnou solemnemente em hum Concilio o costume dos Asiaticos.

Algũas Igrejas da Asia oppuzeraõ Concilio a Concilio. O de Efeso junto por *Polycrates* Bispo desta Cidade, ordenou, q̃ se celebrasse a Pascoa na Lua 14 de Março, em qualquer dia que cahisse. O Papa *Victor* convocou entaõ hum segundo Concilio

em

em Roma (em 197 , ou quaſi) no qual ameaçou ao Biſpo d' Efeſo , e ſeus adherentes, de os ferir com anathema : muitos Biſpos , e principalmente Santo *Irineo* , Biſpo de Liaõ , prevendo as conſequencias de tal paſſo , eſcrevêraõ ao Papa , a fim de o perſuadir , que naõ perturbaſſe a paz da Igreja por huma diſputa , que naõ intereſſava a fé. *Victor* recebendo como terno Pai as repreſentaçoens de ſeus filhos , deixou os Aſiaticos ſeguir o uſo de ſuas Igrejas. Com tudo parece (diz o Abbade *Fleury*) que eſta obſervancia vindo a ſer perigoſa , naõ devia ſer mais tolerada ; porém ella durou ainda alguns Seculos na Aſia , e no Oriente.

Eſcriptores Eccleſiaſticos.

O ſegundo Seculo foi illuſtrado por muitos , cujos eſcriptos ſaõ ainda o mais depurado alimento dos Fieis. Nós fallámos já de Santo *Ignacio* , Biſpo de Antioquia , de quem

nos

nos reſtaõ ſete Epiſtolas, tendo tambem precioſos monumentos de S. *Polycarpo*, do Filoſofo Martyr S. *Juſtino*, de Santo *Irineo*, luz da Igreja Gallicana, cujas obras foraõ dadas á luz pelo Padre *Maſſuet* em fl.

Ao exemplo de S. *Juſtino*, *Athenagoras* apreſentou aos Imperadores huma Apologia em favor dos Chriſtaõs; nós temos tambem delle hum Tractado da Reſurreiçaõ. Seus eſcriptos moſtraõ raciocinio, e eloquencia.

Taciano em ſeu *Diſcurſo contra os Gentios*, foi util igualmente á cauſa do Chriſtianiſmo, do meſmo modo, que *Quadrato* Biſpo de Athenas, e *Ariſtides* Filoſofo na meſma Cidade, que eſcrevêraõ hum, e outro em favor da Religiaõ perſeguida, com todo o calor, que huma boa cauſa póde inſpirar.

Melitaõ de Sardes deve ſer poſto na meſma jerarquia. Elle publicou huma eloquente Defeſa, e compoz outras obras de que nós ſó temos alguns fragmentos, em hum

ſe

dos quaes ſe acha hum Catalogo dos livros Canonicos do Antigo Teſtamento, que ſerîa confórme ao dos Judeos, ſe ſe naõ omittiſſe o livro d' *Eſther*.

Theofilo, Biſpo d' Antioquia, outro Apologiſta da Religiaõ Chriſtã ſe fez recommendavel por ſeu ſaber, e por ſuas virtudes. Seus eſcriptos a favor do Chriſtianiſmo, ſaõ conſiderados como continuaçaõ das obras de S. *Juſtino*, e como tal impreſſo no meſmo folio em 1642.

Hermias Filoſofo Chriſtaõ, he menos conhecido pelas particularidades de ſua vida, que por hum eſcripto, que poſto ſeja imperfeito, ſempre ſe olha como producçaõ de hum homem de eſpirito. He huma critica jocoſa das opinoens dos Filoſofos Pagaõs, ou para melhor dizer, de ſeus ſonhos, e delirios.

A ſociedade Chriſtã começando a ſer conſideravel, *Hegeſippo* eſcreveo a Hiſtoria de ſeu naſcimento, e de ſeus progreſſos, mas ſeu livro perdeo-ſe, á excepçaõ d' algumas paſ-

ſa-

ſagens, que *Euſebio* nos tem conſervado.

Da Diſciplina; da celebraçaõ dos Myſterios, e da adminiſtraçaõ dos Sacramentos.

Naõ he para admirar, que a Igreja, havendo experimentado violentas perſeguiçoens, deixaſſe entaõ de ter em ſeu culto público toda aquella mageſtade, com que ſe acha no dia de hoje. Os ajuntamentos religioſos eraõ occultos. Naõ ſe lhes podiaõ formar edificios, que deſſem com ſua magnificencia nos olhos dos eſpectadores. As taes congregaçoens dos Fieis começavaõ ordinariamente pelo canto dos Pſalmos. Lia-ſe logo alguma couſa pelo novo, ou antigo Teſtamento; que o Biſpo explicava ao pôvo em diſcurſos familiares, differentiſſimos dos ſermoens de apparato da maior parte dos Prégadores modernos. Depois da prégaçaõ, faziaõ-ſe algumas preces, nos Domingos em pé, e nos mais dias

da

da ſemana de joelhos. Ellas eraõ ſeguidas do Sacrificio Euchariſtico, que pouco tempo depois ſe chamou *Miſſa*. Todos os Fieis commungavaõ nella, e nenhum membro ſe podia diſpenſar de ir á Sagrada Meſa.

O Domingo foi deſde entaõ hum dia ſolemne, conſagrado inteiramente ao ſerviço divino. Com tudo o quarto, e ſexto dia da ſemana eſtiveraõ ſempre em veneraçaõ; hum em memoria da traiçaõ de *Judas*, e o outro por cauſa da morte do Salvador. As duas feſtas principaes eraõ *Paſcoa*, e *Pentecoſtes*. Celebravaõ-ſe tambem em muitas Igrejas as dos Martyres, que eraõ mais conhecidos por ſeus tormentos, ou que haviaõ derramado o proprio ſangue nas Cidades que habitavaõ.

Ainda que os Chriſtaõs naõ tiveſſem templos, nem baſilicas, ajuntavaõ-ſe em lugares, onde as ceremonias ſagradas ſe podiaõ praticar com mais decencia, e commodidade. Chamavaõ-ſe eſtas ſituaçoens, *Igrejas Oratorias*, *Dominica*, ou

Lu-

lugares do Senhor. No tempo das perſeguiçoens, retiravaõ-ſe para orar em cavernas, e particularmente nos cemiterios dos Martyres, que eraõ de ordinario ſubterraneos.

O baptiſmo reſpeitado, como a porta do Chriſtianiſmo era igualmente adminiſtrado aos infantes, e adultos. Sendo eſtes Judeos, ou Pagaõs convertidos, eraõ obrigados a paſſar pela ordem dos Cathecumenos, que vem a ſer daquelles que deviaõ primeiro inſtruir-ſe antes de ſe purificarem pelo banho Sagrado. Quando conheciaõ perfeitamente a Religiaõ, que hiaõ abraçar, dava-ſe-lhes entaõ o baptiſmo, precedido de preces, e de jejuns.

A Diſciplina Eccleſiaſtica diſtinguia-ſe nos primeiros Seculos por hum Santo rigor. Os que ſe manchavaõ por algum grande crime, como idolatrîa, apoſtasîa, homicidio, adulterio, ſujeitavaõ-ſe ás mais trabalhoſas penitencias. O primeiro acto de arrependimento era huma confiſſaõ pública de ſeu defeito, que

o

o penitente fazia diante de todos os Fieis. Impunhaõ-se-lhes depois algumas práticas de mortificaçaõ, e actos da mais profunda humildade, os quaes se repetiaõ ás vezes annos inteiros. Privado da participaçaõ da Euchariſtia, só era admittido a eſte Sacramento depois de haver ſatisfeito todas as condiçoens, de que dependia a ſua reconciliaçaõ com a Igreja.

TABOA
CHRONOLOGICA
PARA
O TERCEIRO SECULO.

Era vulg. 201

TErtulliano escreveo huma Apologia a favor dos Christaõs, e seu livro das *Prescripçoens* contra os Hereges, taõ respeitado dos PP., e dos Theologos de todas as idades.

O Dialogo entre hum Christaõ, e hum Pagaõ com que *Minucio Felis* appareceo nos principios deste seculo, mereceria ser lido com mais assiduidade, se unisse á sua elegancia igual cuidado no q̃ escreveo para estabelecer o Christianismo, de cujos Mysterios, parece

Era vulg.	naõ ter o preciſo conhecimento, a fim de ſatisfazer ao empenho que tomou de ridiculizar as fabulas gentilicas.
202	Quinta perſeguiçaõ pelos horrorosos Edictos de *Severo* contra os Chriſtaõs.
	Martyrio de S. *Leonidas*, Pai de *Origenes*, e de Santo *Irineo* Biſpo de Liaõ de França com hum grandiſſimo numero de Fieis.
206	*Origenes* da idade de 18 annos regeo na Alexandria huma eſcola para inſtrucçaõ dos Fieis, os quaes indo em chuſma a ouvi-lo ſem diſtincçaõ de homens, e de mulheres, entráraõ a calumniá-lo; de cujo teſtemunho querendo vindicar-ſe, e ſatisfazer de caminho ſua exceſſiva auſteridade, tornou-ſe eunuco, ſuppondo auctorizar-ſe neſta barbara acçaõ com a paſſagem do Evange-

gelho, entendida erradamente á letra, ſobre os que ſe caſtraõ pelo Reino dos Céos; o que nada fez á ſua Ordenaçaõ, por naõ exiſtirem ainda os Canones, que o prohibíraõ em tal eſtado. | *Era vulg.*

Queda de *Tertulliano* feito *Montaniſta*, depois de parecer huma das mais firmes columnas do Chriſtianiſmo; arrebatado ao ſciſma por virtudes apparentes, naõ ſe devendo confundir com hum Martyr de ſeu nome, e do meſmo ſeculo. | 207

Morto *Severo* em Yorc, e ſuccedendo-lhe ſeu filho *Baſſiano*, que mudou o nome para *Antonio Caracalla*, | 211

mandou matar, naõ ſómente ſeu irmaõ *Geta*, e o Juriſconſulto *Papiniano*, por naõ deſculpar o fratricidio, mas tambem innumeraveis peſſoas em Alexandria, que cenſuráraõ o meſmo deli- | 212

Era vulg.	
	cto: querendo porém extinguir a memoria de taõ horriveis desatinos, fez elevar o mesmo *Geta* á ordem dos deoses, dando-se-lhe pouco que fosse deidade, com tanto que naõ existisse vivo: *Sit divus, dum non sit vivus.*
221	*Julio Africano*, concluio a sua Chronologia para convencer os Pagaõs da antiguidade da verdadeira Religiaõ, e da novidade das fabulas do Paganismo. O q̃ há desta obra historica desde *Adaõ* até o Imperador *Macrino*, acha-se na Chronica d' *Eusebio.*
222	*Alexandre Severo*, ainda que educado pela Imperatriz *Mamea* sua Mãi, que communicára muito com *Origenes*, teve igualmente em seu Oratorio as imagens d' *Abrahaõ*, de *Christo*, e as estatuas d' *Orfeo*, e de *Appo-*

Apollonio de Tyana. | *Era vulg.*

O teſtemunho de *Lampridio*, ſobre querer eſte Imperador erigir hum Templo ao Salvador, he falſo, ſegundo *Crevier*, quando trata do aſſumpto na ſua *Hiſt. Romana*.

Origenes, achando-ſe na Paleſtina por cauſa de certa dependencia, tomou em Ceſarea ordens de Presbytero. — 228

Alexandre Severo, intentando reparar as deſordens dos Imperios paſſados, introduzio em ſeus conſelhos, e nos maiores cargos, *Sabino*, *Ulpiano*, *Paulo Africano*, *Modeſtino*, e outros muitos Juriſconſultos, que adherindo ſempre ás antigas Leis Romanas, olhavaõ a Religiaõ Chriſtã, como huma novidade eſtranha, e huma origem de deſaſſocego, e de perturbaçaõ. — 229

Deme-

Era vulg.	
230	*Demetrio*, Biſpo d' Alexandria, fez condemnar *Origenes* em dous Concilios, e declara-lo excommungado, poſto que as Igrejas da Paleſtina, Achaia, Fenicia, Arabia o naõ tratáraõ, como tal.
	S. *Dionyſio* governou, e dirigio a eſcola da Fé na Alexandria.
	S. *Gregorio Thaumaturgo*, e *Athenodoro* convertidos por *Origenes*, fizeraõ-ſe ſeus diſcipulos, ſem ſeguirem os erros, que lhe attribuíraõ, e de q̃ procuraõ vindicá-lo o P. *Halloix Pic* de Mirandola, e *Genebrardo*, naõ obſtando as deciſoens de muitos Papas, e do V. Concilio Geral, por ſer a queſtaõ de facto, ou do juizo humano.
231	*Origenes* formou as ſuas *Hexaplas*, e *Octaplas*, que ſaõ ſeis, ou oito Verſóes diver-

	Era vulg.
diversas da Escriptura, dispostas em iguaes numeros de columnas.	
Sexta perseguiçaõ, excitada por *Maximino*, contra o Clero, em que foraõ queimadas as Igrejas.	236
Origenes escreveo sua obra a respeito do martyrio, e esteve occulto dous annos, sem perdoar ás suas austeridades, nem a seus estudos, que o fizeraõ hum prodigio de sabedoria.	238
Censorino formou seu livro *De Die Natali*, ou do nascimento do homem, dos dias, dos mezes, e dos annos, que os Chronologos contemplaõ, como facho para acertarem as Epocas mais célebres da Historia Grega, e Romana.	
Decio começou a septima perseguiçaõ contra os Fieis, e morto este Imperador, continuáraõ nella com toda	250

Era vulg.

a furia, *Gallo*, e *Volusiano*.

A infernal crueldade de tormentos com que se empenhárao bannir o Christianismo, fez com que muitos Christaos apostatassem da verdadeira Religiao para a Idolatrîa. Taes deserçoens, precipitárao *Novaciano*, primeiro Antipapa, ordenado por tres Bispos Ebrios, no erro d'asseverar, que estes, e outros crimes erao irremissiveis; negando haver na Igreja poder de os perdoar: o que foi logo impugnado pelo Papa S. *Cornelio*, e por hum Concilio de sessenta Bispos, se os criminosos arrependidos pedissem a absolviçao.

251 S. *Paulo*, primeiro Ermita retirou-se para o deserto de 20 até 22 annos, e posto q̃ alguns criticos Catholicos duvidem dos suc-

cessos

ceſſos do corvo, e dos Leoens, naõ ſeguem o partido de cenſurar-lhe a vida como faz o bilioſo, e deſenfreado novador *Mosheim* na ſua Hiſtoria Eccleſiaſtica, ſó capaz de tratar-ſe por maõs habeis, coſtumadas a manejar armas perigoſiſſimas. | *Era vulg.*

Em Heſpanha *Baſilides*, e *Marçal*, hum, Biſpo Meridenſe, outro Aſturienſe, convencidos de *Libellaticos*, ou de terem recebido os bilhetes, declarados idolatras para ſua ſegurança, ſendo depoſtos, e eleitos em ſuas Sés, *Sabino*, e *Felis*, fizeraõ altas diligencias por ſe reſtabelecerem, particularmente o primeiro, enganando a Santo *Eſtevaõ* Papa, que naõ duvidou dar-lhe carta favoravel a ſeu empenho. | 253

Felis, e *Sabino* apreſentan- | 254

Era vulg.

tando no Concilio de Carthago, formado de trinta e seis Bispos com S. *Cypriano* á frente, as cartas das suas Igrejas respectivas sobre a causa dos dous Bispos Apostatas, foi nelle decidido a favor dos primeiros; naõ obstante a resoluçaõ do Papa enganado. Protestou-se por huma carta feita em nome de todos, e dirigida a Merida, Astorga, e Roma, que era tradiçaõ divina, praticada desde os Apostolos, que os Bispos mais proximos deliberassem a respeito de similhantes contestaçoens; resultando a exclusaõ de *Basilides*, e de *Marçal*; naõ havendo mais noticia alguma certa a respeito dos Prelados Lusitanos deste Seculo, sem disputar a existencia de algumas Igrejas Episcopaes.

Con

	Era vulg.
Controverſia de S. *Cypriano*, e mais Biſpos Africanos, aos quaes ſe uníraõ S. *Firmiliano*, e os da Cappadocia, com oppoſiçaõ ao Papa Santo *Eſtevaõ* ſobre a validade do baptiſmo conferido pelo hereges; defendendo os primeiros a parte negativa, e o Pontifice ſuſtentando a affirmativa, propondo ſempre a Tradiçaõ, que ſe naõ devia innovar.	256
S. *Cypriano*, e os mais Prelados conſerváraõ em todo o tempo a uniaõ com a Igreja Romana; poſto que Santo *Eſtevaõ* morreo, ſem ter a conſolaçaõ de os ver ſujeitos ás ſuas deciſoens, por naõ eſtarem ainda deliberadas em algum Concilio Geral, e contenderemſe naõ exceder as diſciplinares de diverſas Igrejas.	257
Oitava perſeguiçaõ declarada por *Valeriano* em que pa-	257

Era vulg.	
	padeceo Santo *Estevaõ*, S. *Cypriano*, e S. *Fructuoso* Bispo de Tarragona com os dous Diaconos *Aguro*, e *Eulogio*.
260	O mesmo Imperador sendo captivo por *Sapor* I, Rei dos Persas, foi mandado esfolar vivo, e salgar; pondo-se-lhe a pelle em hum Templo para eterno ludibrio dos Romanos.
270	*Paulo* Samosateno, protestando aos Fieis d'Antioquia, de donde era Patriarca, que por pura condescendencia affirmára a *Zenobia* Princeza da Syria, que *J. C.* era unicamente hum homem, a quem Deos havia communicado por modo extraordinario, sua sabedoria, illudio de tal modo os Padres do Concilio daquella mesma Igreja, que só no segundo Synodo foi convencido de seu crime, e exau-

	Era vulg.
exauctorado de ſua dignidade pela coutumacia do erro. Os Chriſtaõs vendo que elle naõ deixava a caſa da ſua reſidencia pertencente á Igreja, queixaraõ-ſe ao Imperador *Aureliano*, que ordenou, ſe adjudicaſſe aos que foſſem unidos com os Biſpos de Roma.	
Nona perſeguiçaõ levantada pelo meſmo *Aureliano*, ſegundo ſua crueldade; capaz de verificar o que ſe conta delle, d' haver matado pelas proprias maõs 900 homens em differentes batalhas.	272
Principio da *Era dos Martyres* famoſa entre os Faſtos Eccleſiaſticos, a que chamaõ alguns *Era de Diocleciano, e de que uſaõ ainda os Cophtas, e os Abiſſinos.*	284

Os

Era vulg.

Os Imperadores que mane járaõ o Sceptro neſte Seculo foraõ os ſeguintes.

Septimio Severo, Imperou 11 annos até - 211
Caracalla, 6 até - 217
Macrino, 1 até - 218
Heliogabalo, 4 até - 222
Alexandre Severo, - 13 até - - 235
Maximino, 2 até - 237
Gordiano, 1 até - 238
Maximo, e *Balbino*, 1 até - - 239
Gordiano o Moço, - 5 até - - 244
Os dous *Filippes*, - 5 até - - 249
Decio, 3 até - 252
Gallo, e *Voluſiano* ſeu filho, 2 até - 254
Valeriano, e *Gallieno* ſeu filho, 15 até - 268
Claudio II, 2 até 270

Aure-

	Era vulg.
Aureliano, 5 até - 275	
Tacito, e ſeu irmaõ *Floriano*, alguns mezes.	
Probo, 6 annos até 282	
Caro com ſeus filhos *Carino*, e *Numeriano*, 2 até - - 284	
Diocleciano depois de Imperar dous annos aſſociou-ſe com *Maximiano* ſeu amigo, e ambos governáraõ 14 até - 300	

ELE-

ELEMENTOS

DE

HISTORIA ECCLESIASTICA.

TERCEIRO SECULO.

Perſeguiçaõ de Severo.

O Imperador *Severo* occupava o Throno Imperial no principio deſte Seculo. Eſte Principe, em cuja alma ſe deſcobria huma miſtura de excellentes qualidades, e de grandes defeitos, havia ſido ao principio favoravel ao Chriſtianiſmo, em reconhecimento aos cuidados, que tivera delle, hum medico Chriſtaõ chamado *Proculo Torpaciaõ*, que o tinha curado de huma doença. Concedeo-lhe morada em ſeu palacio, e deo a ſeu filho *Caracalla* huma ama Chriſtã. Hu-

Huma falſa politica mudou ſuas felizes diſpoſiçoens. Os Fieis á ſombra da paz, que gozavaõ no tempo de *Commodo*, creſcêraõ prodigioſamente em numero. A eminencia de ſuas virtudes, e os milagres, que Deos obrava por ſuas maõs, attrahiaõ-lhes milhares de proſelytos. „ Nós „ enchemos, (dizia neſte tempo „ *Tertulliano* aos Pagaõs) nós en-„ chemos voſſas Cidades, voſſas „ povoaçoens, voſſo Senado, voſ-„ ſos exercitos. Nós ſó vos deixa-„ mos voſſos Templos, e voſſo „ theatro. „ O augmento do Chriſtianiſmo ameaçava huma ruina proxima á Religiaõ do eſtado. Eſta conſideraçaõ foi ſem duvida a cauſa porque *Severo* renovou as crüeldades exercitadas por alguns de ſeus predeceſſores contra os Chriſtaõs. Prohibio a todos os vaſſallos do Imperio abraçar o Judaiſmo, ou o Chriſtianiſmo. Eſte Edicto do anno 202 deo lugar a huma nova perſeguiçaõ, que foi taõ longa, como cruel.

As mais illuſtres victimas, ſacrifica-

ficadas neſſa occaſiaõ, foraõ: o Papa S. *Victor*; *Leonidas* Pai d'*Origenes* degollado em Alexandria; Santa *Pontamianna*, e ſua Mãi *Marcella*, conſumidas pelas chamas, depois d' haverem ſoffrido outros muitos tormentos; S. *Baſilides*, hum dos officiaes, que as conduzíraõ ao ſupplicio; Santo *Eſperato* em Carthago; Santa *Perpetua*, Santa *Felicidade*, e ſeus companheiros, &c. &c. *Origenes* inflammou-ſe tanto no deſejo do martyrio, naõ lhe obſtando a idade de dezeſete annos, que já hia preſentar-ſe aos perſeguidores, quando ſua Mãi o impedio, eſcondendo-lhe ſeus veſtidos.

A perſeguiçaõ accendeo-ſe particularmente nas Gallias, e mais que n'outra parte em Liaõ. Affirma-ſe, que *Severo*, notando multiplicar-ſe o numero dos Fieis pelos cuidados de Santo *Irinêo*, dera ordem a ſeus ſoldados para que cercaſſem a Cidade, ſem perdoar depois em ſua carnagem, a peſſoa alguma, que diſſeſſe ſer da Religiaõ Chriſtã. A mortandade

foi

foi quasi geral. Santo *Irinêo* foi levado diante do Imperador, que o mandou logo matar, gloriando-se de haver intimidado o rebanho, tirando a vida ao pastor.

Esta tempestade durou até á morte de *Severo* succedida em York no anno 211. Morreo de desprazer, sabendo que seu proprio filho attentára contra sua vida. Foi *Severo* no nome, e nos effeitos.

Moderaçaõ d' Alexandre Severo.

No tempo d'outro Imperador, do nome de *Severo* (*Alexandre*,) os Christaõs gozáraõ de huma sórte mais venturoza. Tem-se pertendido segurar, que este Principe, cuja sabedoria devia collocar-se a par da de alguns de seus predecessores, honrou a *J.C.* em sua Capella domestica. Accrescenta se tambem, que elle mesmo quizera elevar-lhe hum Templo no meio de Roma: porém isto, segundo *Crevier*, naõ parece fundado sobre provas sólidas, antes

confórme o meſmo hiſtoriador, ſe moſtra falſo, porque, ſe o tal Principe eſtimaſſe o Chriſtianiſmo, naõ reſpeitaria taõ pouco ſeu culto, como o teſtemunhou em huma occaſiaõ, em que meſmo protegeo os que ſeguiaõ eſta Santa Religiaõ.

Os Chriſtaõs ſendo demandados em Roma pelos mercadores de vinho, ſobre a poſſeſſaõ de hum lugar, onde ſe juntavaõ, o Imperador o adjudicou aos primeiros, pela razaõ de que valia mais, que o dito lugar ſe deſtinaſſe para honrar a Divindade, de qualquer maneira que pudeſſe ſer, do que para formar huma venda. Eſta reſoluçaõ denota mais ſentimentos religioſos em geral que hum reſpeito particular á Religiaõ de *J. C.* Deſte modo *Alexandre* amando a virtude, a venerou nos Chriſtaõs, ſem que ſeja neceſſario (diz *Crevier*) levar mais longe, o favor, que lhes fazia.

Quanto á paſſagem hiſtorica, que nós acabámos de referir ſobre huma Igreja de Chriſtaõs (como he aſſáz natu-

natural de o penſar) he eſte o teſtemunho mais antigo que temos de hum edificio conſagrado publicamente pela piedade dos Fieis, e á viſta dos meſmos Pagaõs, ao culto de noſſa Religiaõ. Pode-ſe com tudo preſumir, como veroſimel, que os Chriſtaõs havendo-ſe extremamente multiplicado, e naõ receando couſa alguma da parte de hum Principe juſto, edificariaõ animoſamente Templos exteriores, em lugar de Oratorios, que tinhaõ d'antes no interior das caſas.

Perſeguiçaõ no tempo de Maximino.

Os Fieis eſtiveraõ aſſáz tranquillos até o Reinado do Imperador *Maximino*, que perturbou de novo ſeu repouſo no anno 235, pela raiva que concebêra a reſpeito de *Alexandre Severo*, em havê-los favorecido. Eſte Principe cruel, conſiderando os Biſpos, como os mais ardentes propagadores do Chriſtianiſmo, proferio a pena de morte

con-

contra elles, ainda que naõ foraõ os unicos que tiveraõ ſuas vidas arriſcadas. Os Eccleſiaſticos, e outros quaeſquer Chriſtaõs vieraõ a ſer o objecto do furor dos Governadores, e Magiſtrados. Eſta perſeguiçaõ datada do primeiro anno do Reinado de *Maximino*, fez-ſe particularmente ſentir nas Provincias, onde elle teve alguma reſidencia. A avareza, ſendo a principal cauſa de ſua crueldade, perſeguio primeiro os mais ricos Senhores do Imperio, cujos bens foraõ confiſcados para ſeu proveito, e para o de ſeus ſoldados. S. *Ponciano* Papa morreo na Ilha de Sardenha, para onde fôra deſterrado. Julga-ſe, que no tempo de *Maximino*, Santa *Barbara* ſoffrêra o martyrio em Nicomedia. Deos vindicou ſeus ſervos pela morte trágica do Tyranno, que foi morto no anno 238, e a Religiaõ Chriſtã ſimilhante a huma arvore, á qual cortando-lhe alguns ramos, bem depreſſa dá dobrados fructos.

Perſe-

Perseguiçaõ no tempo de Decio.

A Igreja, tranquilla pelo espaço de onze annos, adquiria todos os dias novos filhos; mas vio-se obrigada a soffrer hum terrivel assalto no Reinado de *Decio*, o rival de *Nero* na sanha contra os Christaõs. O Imperador *Filippe* tendo sido morto pelos soldados em Verona no anno 249, *Decio* subio ao Throno Imperial. Seu predecessor havia favorecido o Christianismo: o que foi motivo bastante, para que o novo Soberano o perseguisse. A tormenta durou perto de anno e meio com violencia, e nenhum lugar do Imperio foi preservado della. O Papa S. *Fabiano* foi huma das primeiras victimas desta perseguiçaõ, que de Roma passou a todas as Provincias. S. *Babilas* padeceo em Antioquia, onde era Bispo. S. *Polyeucto*, hum dos maiores Senhores da Armenia soffrêo o tormento em Malathia. Mostrando-se insensivel ás lagrimas de

Pauli-

Paulina ſua mulher, e aos rogos de *Felis* ſeu ſogro, ſacrificou a *J. C.* ſua vida, ſeus empregos, ſuas riquezas, e exhortou, hindo para a morte, a *Nearco* ſeu amigo a ſeguir o meſmo exemplo. Em Lycia S. *Chriſtovaõ*; em Nicêa na Bythinia, S. *Trifo*, e S. *Reſpicio*; em Catana na Sicilia Santa *Ágada*, Virgem célebre, &c. &c.: illuſtráraõ-ſe com a laureola do martyrio. *Niceforas* diz, que ſería mais facil contar as arêas do mar, que nomear todos os que entaõ ſe ſignaláraõ pela confiſſaõ de ſua fé.

O caracter particular da perſeguiçaõ de *Decio*, foi a de prolongar os tormentos para forçar os Chriſtaõs a abjurar ſua Religiaõ. Cuidava-ſe muito em naõ enviá-los logo para o ultimo ſupplicio; tinhaõ-ſe tempo dilatado em carceres obſcuriſſimos; applicavaõ-ſe aos tractos repetidas vezes para triunfar por torturas reiteradas da conſtancia dos Martyres.

Por eſtas provas crueis, he que

os

os tyrannos fizeraõ paſſar o illuſtre *Origenes*, que ſeus talentos, e ſeu grande nome expunhaõ á raiva dos Pagaõs. Eſte veneravel velho de idade, a eſſe tempo de 67 annos foi preſo em Ceſarêa na Paleſtina, e arremeçado a huma dura priſaõ. O Magiſtrado cuidou particularmente em faze-lo atormentar, ſem lhe tirar logo a vida. Os horrores de hum calabouço, as cadêas, a colleira de ferro, os tormentos da tortura, os cepos, pelos quaes lhe fizeraõ paſſar as pernas, as ameaças das chammas, tudo foi manobrado a fim de roubar á Religiaõ Chriſtá eſte ſeu zeloſo defenſor. A graça de *J. C.* tendo esforçado ſua paciencia, foi a cauſa de o deixarem: retirou-ſe a Tyro, onde terminou pouco depois ſua glorioſa carreira.

Decio empregou tambem outro ardil cruel contra os Chriſtaõs, poſto que já havia ſido praticado por alguns de ſeus predeceſſores. Accommetteo principalmente os Biſpos, perſuadido de que as ovelhas deſtituidas do abrigo dos paſtores, ſeriaõ

mais

mais faceis de vencer. Presumio tanto desta diabolica astucia, que depois da morte de *Fabiano* impedio q̃ por mais de hum anno se lhe desse successor. Só por occasiaõ das guerras, e revoltas, q̃ occupáraõ toda a attençaõ do Imperador, he q̃ o Clero, e o pôvo de Roma tiveraõ a liberdade de se ajuntar, para eleger S. *Cornelio*.

Soccegada hum pouco esta horrivel borrasca pelos perigos, com que os Godos ameaçavaõ o Imperio, naõ acabou ainda na morte do Imperador, que terminou seus dias em 251. Ella continuou com o mesmo furor nos Reinados de seus successores, *Gallo*, e *Volosiano*, que sendo mórtos pelos soldados, deraõ por sua morte bonança á Igreja. No tempo destes dous Principes, os Santos Papas *Cornelio*, e *Lucio*, e o Presbytero Santo *Hippolito* derramáraõ seu sangue pelas verdades Evangelicas. A peste que desolou por doze annos huma parte do Imperio Romano, foi segundo se crê, a origem da perseguiçaõ de *Gallo*. Os Pagaõs afflígi-

fligidos por taõ horrivel castigo tratáraõ de apaziguar suas divindades por sacrificios. Procuráraõ violentar os Christaõs para que tomassem parte nos obsequios rendidos aos falsos deoses ; mas os Fieis, cheios de zelo pelo mesmo bem do Estado, naõ quizeraõ de modo algum irritar o verdadeiro Deos, unico dispensador dos bens, e dos males.

Queda de muitos Christaõs. Libellaticos.

Durante a perseguiçaõ de *Decio* muitos Christaõs, vencidos pela duraçaõ dos supplicios, ou horrorisados pelos tormentos com que os ameaçavaõ, tiveraõ a fraqueza de offerecer incenso aos idolos, ou de comer as viandas, que lhes eraõ consagradas.

Huns abattidos pelo temor, vinhaõ por si mesmos presentar-se aos Magistrados ; outros deixavaõ-se arrastar por seus parentes, e amigos. Viaõ-se pállidos, e trémulos (diz *Eusebio*) como se se tratasse, naõ de im-

immolar aos falſos deoſes, mas de ſerem elles meſmos immolados. Em quanto todo o pôvo idolatra mofava de ſua fraqueza, e de ſeus remorſos, outros mais ouſados proteſtavaõ, que nunca haviaõ profeſſado o Chriſtianiſmo. Muitos renunciáraõ ao Evangelho, deſde que ſe víraõ enterrados nas enchovias. Outros depois de ter ſoffrido os primeiros tormentos, cedêraõ aos ſegundos. Houveraõ muitos Biſpos, que tambem enfraquecêraõ, e que por ſua eſcandaloſa queda, leváraõ com ſigo huma parte de ſeu rebanho.

A penitencia era o unico meio de reparar a laxidaõ. A maior parte dos membros da Clerezîa, e do pôvo, que haviaõ idolatrado, quizeraõ de novo entrar no ſeio da Igreja, que lhes impoz, como boa Mãi, as expiaçoens, que julgou convenientes. Entre os *Cahidos*, diſtinguiaõ-ſe os *Libellaticos*, que vinhaõ a ſer aquelles, que alcançavaõ atteſtaçoens dos Magiſtrados, mediando algum dinheiro, de que

ha-

haviaõ ſacrificado aos idolos. Eſtes naõ ſe julgavaõ ſujeitos a huma penitencia taõ rigoroſa: tomavaõ ordinariamente alguns bilhetes, pelos quaes os Martyres, e os Confeſſores ſupplicavaõ aos Biſpos, que lhes perdoaſſem huma parte da pena, que deviaõ ſoffrer. Alguns Confeſſores exceſſivamente indulgentes deraõ eſtes teſtemunhos de recommendaçaõ indifferentemente a todas as ſórtes de peſſoas. S. *Cypriano* movido da relaxaçaõ, que eſte novo meio de reconciliar introduzîa na diſciplina da Igreja, eſcreveo com ardente zelo ao Clero de Roma, para ſe oppor a ſimilhante abuſo. Mandou ao meſmo tempo á ſua Clerezîa de Carthago, que naõ ordenaſſe couſa alguma ſobre os *Cahidos* até á ſua volta. Eſtava entaõ auſente; a providencia o havia obrigado a occultar-ſe no tempo da perſeguiçaõ, porque os Paſtores, eraõ perſeguidos mais violentamente, que ſeus rebanhos.

Sciſ-

Scisma de Felicissimo.

A justa severidade de S. *Cypriano* irritou *Felicissimo* Diacono de Carthago, que de acordo com cinco Sacerdotes partidistas, *Novato*, *Fortunato*, *Felis*, *Jovino*, e *Maximo*, se separou em 251 da Communhaõ de seu Bispo. Estes scismaticos animados pela inveja, e vingança ligáraõ-se aos Christaõs *Cahidos*, e retiráraõ-se ao alto de hum monte de Carthago, onde cabaláraõ contra S. *Cypriano*, que proferio contra elles huma Sentença de excommunhaõ.

A penas abrandou a perseguiçaõ, os primeiros cuidados do Santo Bispo foraõ congregar hum Synodo para terminar a disputa sobre os *Cahidos*. Huns haviaõ verdadeiramente sacrificado aos idolos, outros só tinhaõ recebido attestaçoens dos Magistrados de o ter feito. Os Padres de Carthago decidíraõ, que se concedesse a todos a graça da reconciliaçaõ, mas com esta differença, que

que os *Libellaticos* ſerîaõ admittidos logo á Communhaõ, e que os verdadeiros idolatras ſó poderiaõ ſer recebidos, depois de haver cumprido as penas, que lhes eraõ impoſtas. Quanto aos Sacerdotes que haviaõ ſacrificado aos falſos deoſes, foraõ julgados indignos de ſer Miniſtros de Deos verdadeiro, e reduzidos á claſſe dos Leigos. A meſma Junta Synodal excommungou *Feliciſſimo*, e os de ſua perigoſa facçaõ.

Miſſaõ ás Gallias.

O martyrio de Santo *Irinêo*, de que fallámos na Hiſtoria da perſeguiçaõ de *Severo*, ſó produzio nas Gallias inflammar o zelo dos Chriſtaõs, que as habitavaõ. Eſta Religiaõ promettia huma abundante colheita; porém ella preciſava de obreiros Evangelicos, que bem depreſſa chegáraõ de Roma. *Gregorio de Tours* conta ſete principaes, que depois de ter recebido a ordem Epiſcopal, foraõ enviados, ſegundo as appa-

apparencias, como Miſſionarios Evangelicos, ſem deſtino certo para Igreja alguma particular. Nomeáraõ-ſe depois primeiros Biſpos dos lugares, onde eſpalháraõ as ſementes da fé, ou dos que foraõ honrados com ſuas precioſas mortes.

Eſtes ſete Apoſtolos ſaõ, S. *Dionyſio* de Parîz; S. *Trofimo* de Arles; S. *Paulo* de Narbona; S. *Saturnino* de Toloſa; S. *Marçal* de Limoges; Santo *Auſtremonio* de Clermont; e S. *Gaciano* de Tours. No ſexto Seculo era opiniaõ conſtante em França, que os primarios da Miſſaõ das Gallias, tinhaõ vindo todos de Roma. Parece ter iſto ſuccedido pelas Actas do Martyrio de S. *Saturnino*, no anno 246. Julga-ſe, que S. *Fabiaõ* os enviou, durante a paz, que a Igreja gozou no Imperio de *Filippe*, e que elles trouxeraõ comſigo muitos Miniſtros inferiores, que participáraõ de ſuas conquiſtas, e de ſua gloria.

De todos eſtes homens Apoſtolicos, S. *Dionyſio* foi o que levou mais longe

longe a Luz Evangelica. Sabe-ſe pouco pelo que diz reſpeito a hiſtoria particular de ſua vida, ainda que ſeu nome ſeja célebre. Parece certo que foi honrado com a palma do martyrio, e que lhe cortáraõ a cabeça como a ſeus companheiros, *Ruſtico*, e *Eleuterio*, hum Sacerdote, outro Diacono.

S. *Saturnino*, o mais diſtincto entre Collegas de S. *Dionyſio* foi tambem martyrizado em Toloſa. Os Sacerdotes idolatras, envejoſos de ſeus ſucceſſos animárao a plebe contra elle. Foi moido com pancadas, e a final attado á cauda de hum touro furioſo, que o fez em pedaços. Preſume-ſe haver iſto acontecido no anno 257.

Póde-ſe referir á eſte tempo, mais ou menos, o principio de outras muitas Igrejas das Gallias, como de Saintes, de Sens, de Chartres, de Mans, de Perigueux, de Puy, de Lodéva, de Apt, de Ruan, &c. . . . Os primeiros Apoſtolos deſtas Igrejas a penas ſaõ conhecidos pela tra-

diçaõ, e culto dos póvos: porém huma prova de que seus trabalhos naõ foraõ infructuosos, he que no meio do terceiro Seculo, os raios da fé penetráraõ estas regioens, por entre as trevas do paganismo. As fabulas, espalhadas pelas lendas sobre o particular dos trabalhos destes homens Apostolicos, nos impedem fallar com mais extensaõ sobre tal assumpto.

Scisma de Novaciano. *Successaõ dos Papas.*

Em quanto estes Apostolos lançavaõ os fundamentos das Igrejas das Gallias, a de Roma sentia-se perturbada com huma divisaõ funesta. A Santa Sé havia sido occupada successivamente por Pontifices de huma virtude eminente, *Zeferino*, *Calixto I.*, *Urbano I.*, *Anthero*, *Fabiano*. Depois da morte do ultimo, a Igreja combattida pela perseguiçaõ de *Decio*, foi privada do Vigario de Christo pelo espaço de dous annos.

Hum

Hum Presbytero, nomeado *Novaciano*, homem cheio de eſpirito, e de eloquencia, esforçou-ſe por todos os modos para alcançar o Summo Pontificado; porém a pezar de ſuas intrígas, elle foi dado a *Cornelio*, Sacerdote da Igreja Romana, que ſe elegeo em 2 de Junho de 251.

Novaciano, picado por naõ haver huma cadeira, que liſongeava ſua cubiça, unio-ſe a *Novato*, e ſe fez ordenar Biſpo de Roma por tres Biſpos ignorantes, mercenarios, que elle cuidou de embriagar. Eſta irregular ordenaçaõ produzio hum eſcandaloſo ſciſma, que levou *Novaciano* á hereſia. Suſtentava, que a Igreja naõ tinha poder de perdoar grandes crimes, como igualmente de abſolver hum apoſtata. Defendia, que as ſegundas nupcias eraõ illicitas, e rebaptizava os que haviaõ recebido o baptiſmo na Igreja. Muitos Concilios provinciaes, convocados em Roma, e na Africa feríraõ de anathema e *Novaciano*, e ſeus partidarios; porém os raios, que dar-

dejáraõ contra elles, naõ podéraõ reduzí-los. Sua ſeita ſubſiſtia ainda no tempo de S. *Leaõ.*

Diſputa ſobre o Baptiſmo dos Hereges.

Debate entre S. Eſtevaõ *Papa*, *e S.* Cypriano.

A conteſtaçaõ, que ſe levantou no tempo do naſcimento do ſciſma de *Novaciano*, naõ contribuio pouco para fortificar ſeu partido. Ella foi primeiro agitada na Africa. Procurava-ſe ſe era, ou naõ neceſſario, quando os hereges reconheciaõ ſeu erro, e ſe lhes concedia reconciliaçaõ da Igreja, adminiſtrar-ſe-lhes de novo o baptiſmo. S. *Cypriano* ſuſtentou; que ſe deviaõ rebaptizar, e para eſtabelecer ſeu ſentimento, que era oppoſto ao do Papa S. *Eſtevaõ*, ajuntou em 252, e 253 dous Concilios em Carthago, que decidíraõ ſegundo ſua opiniaõ.

O reſultado deſtas duas Aſſem-

bleas

blêas foi enviado a Roma por deputados; porém o Papa Santo *Estevaõ* fundado na tradiçaõ Apostolica, recusou vê-los, e ouví-los. Prohibio aos mesmos Fieis, que os recebessem em suas casas, ou que lhes dessem hospitalidade. Escreveo depois a S. *Cypriano*, e aos Bispos do seu partido huma carta, que correspondia á severidade de seu modo de obrar: prohibia-lhes expressamente o auctorizar hum sentimento taõ contrario ao uso da Igreja Romana, e aos costumes Apostolicos. Sua Carta parecendo vehementissima a muitos Bispos do Oriente, S. *Cypriano* nada trabalhou para os fazer declarar pelo Papa, antes juntou de de novo hum terceiro Concilio em Carthago no anno de 256: pronunciou hum discurso eloquente, que trouxe todos os Padres a seu parecer, chegando tambem todos de huma voz unanime a condemnar o baptismo dos hereges, como inutil á salvaçaõ. Estas disputas, nas quaes S. *Cypriano* sustentava hum sentimen-

to

to rejeitado depois pela Igreja, só poderaõ supprimir-se com a decisaõ do Concilio de Nicêa.

Parece que o Bispo de Carthago naõ tinha mudado de sentimento antes de sua morte. Considerando a questaõ do baptismo dos hereges, como hum ponto de disciplina, pôde crêr, que era livre a cada Pastor o conservar o uso auctorizado na sua Igreja. O Papa Santo *Estevaõ* morreo em 257, sem ter a consolaçaõ de saber, que os Bispos das differenças com Roma se haviaõ sujeitado ás suas decisoens. S. *Cypriano* desterrado no mesmo anno, foi coroado no seguinte com o diadema do martyrio. Conservou sempre a uniaõ com a Igreja Rómana, q̃ o respeita, como hum de seus mais Sábios Doutores, e hum de seus mais illustres Martyres. Suas obras foraõ compiladas por *Balusio*, e D. *Prudente* na Imprença de louvores.

Accrescentemos, que o Christianismo teve nelle o mais eloquente defensor. Em seu livro contra *Deme-*

me-

metrio, que era Juiz de Carthago para os infieis, responde a este Magistrado, que protestava serem os Christaõs causa das calamidades públicas. O Santo Doutor refuta esta accusaçaõ, e diz pelo contrario, que Deos afflige o Imperio com todos os males, por vindicar o sangue innocente dos Fieis, ainda que estes tambem os sintaõ. ,, As adversidades, ,, diz o Santo, do mundo só saõ ,, penas para os que pôem seu gos- ,, to, e sua gloria nos divertimen- ,, tos, e honras do Seculo. Quanto ,, a nós as calamidades naõ nos aba- ,, tem, e as perdas, ou doenças naõ ,, nos fazem numerar. Nós vivemos ,, mais pelo espirito, que pela car- ,, ne, persuadindo-nos de que tudo ,, para vós he supplicio, para nós ,, naõ passa de pura prova. Em nos- ,, sas casas (diz tambem aos Pagaons) ,, só se observa huma impaciencia ,, acompanhada de queixumes, e ,, murmuraçoens; e entre nós, des- ,, cobre-se unicamente huma pacien- ,, cia animosa, Santa, e tranquila,

re-

,, reconhecendo em tudo ao Senhor.
,, Nenhum de nós procura neste
,, mundo alegria, nem prosperida-
,, de; mas vive pacifico, satisfei-
,, to, e firme contra todas as revo-
,, luçoens humanas, esperando o ef-
,, feito das promessas divinas. Nós
,, temos a força da esperança, e a
,, constancia da fé, o espirito eleva-
,, do no meio dos despojos do mun-
,, do, que se arruina, huma virtu-
,, de já de prova de perseguiçaõ,
,, huma paciencia sempre contente,
,, e sempre segura de seu Deos.

Perseguiçaõ no Reinado de Valeriano.

Huma nova perseguiçaõ se levantou neste tempo na Igreja. O Imperador *Valeriano* foi em seus principios protector dos Christaõs. Todo o seu palacio imperial estava, segundo *Eusebio*, cheio delles. Nenhum de seus predecessores lhes havia testemunhado tanta benevolencia. Por hum impulso estranho, este Prin-

cipe, naturalmente brando, veio a ser hum de seus mais crueis perseguidores. Hum impostôr Egypcio chamado *Macriano*, que presumia de magia, lhe persuadio, que para dar ao Imperio sua antiga gloria, era preciso animar de novo o antigo culto, e destruir o novo. As infelicidades do estado, reduzido a pressa da peste, e das invasoens dos Barbaros, lhe ministráraõ huma occasiaõ favoravel para vir de todo a subjugar este espirito fraco, a quem os trabalhos abattiaõ, e inclinavaõ para a superstiçaõ. Desde esse tempo as execuçoens foraõ taõ numerosas, como sanguinolentas. Naõ se perdo-ou a idade, nem a sexo, ou a nascimento. Açoutavaõ-se os nobres do mesmo modo, que os escravos. Cortavaõ se as cabeças, e arremessavaõ-se ás fogueiras, segundo o capricho dos Juizes, e até dos mesmos algozes. Entre a multidaõ de Fieis que conseguíraõ a palma do martyrio, distinguio-se S. *Cypriano*, os Papas, S. *Estevaõ*, e S. *Sixto* seu

Suc-

Succeſſor. S. *Lourenço*, Diacono deſte Pontifice ultimo, e theſoureiro da Igreja Romana teve igual ſórte. O Prefeito de Roma tendo-lhe pedido em vaõ os theſouros dos pobres, acabou ſua glorioſa carreira ſobre huma grelha ardente. Os trezentos Martyres de Maſſa-Candida merecem huma attençaõ particular. Naõ querendo offerecer incenſo aos idolos, elles meſmos ſe precipitáraõ em hum vaſto foſſo, cheio de cal ardente, que ſe lhes havia preparado a qualquer reſiſtencia que fizeſſem. Foraõ logo ſuffocados pelo fumo, e conſumidos pelas chammas.

Eſta perſeguiçaõ durou deſde 257 até 260, que foi o anno da morte de *Valeriano*, ſobre quem o Céo punio o ſangue derramado de tantas victimas innocentes. *Sapôr* Rei da Perſia, oprisionou, e depois de o reduzir ao eſtado de eſcravo, mandou-o esfolar vivo para ſe ſervir de ſua pelle em huma ſélla, em que montava. O Imperio experimentou neſſe tempo flagéllos bem capazes de fazer en-

trar

trar aos Pagaõs em ſi meſmos. Huma peſte, taõ funeſta por ſua duraçaõ, aſſolou tudo deſde os confins da Ethiopia até naõ lhe eſcapar Provincia alguma do Imperio. Apenas ſe ſentíraõ livres do contagio, enxames de póvos barbaros deſpedidos do fundo do Norte, inundáraõ violentamente as mais ferteis regioens, trouxeraõ comſigo todas as deſordens da guerra, fazendo naſcer hum tropel de pérfidos, e de tyrannos, que vieraõ a ſer pelo tempo adiante a principal cauſa da ruina do Imperio Romano.

Os Godos, e os outros Scytas nas deſolaçoens, que exercitáraõ na Illyria, na Thracia, e em differentes Provincias da Aſia, leváraõ hum grande numero de priſioneiros, entre os quaes ſe acháraõ alguns Sacerdotes Chriſtaõs. Eſtes illuſtres captivos pelo eſplendor de ſuas virtudes, e por ſua paciencia, fizeraõ-ſe reſpeitar pelos meſmos Senhores. Os barbaros paſſáraõ deſta eſtimaçaõ, que tinhaõ dos Miniſtros da Religiaõ Chriſ-

Christã, ao desejo d'abraçá-la. Buscáraõ baptizar-se ás chumas; porém as luzes da Fé naõ podéraõ dissipar todas as trevas. A superstiçaõ idolatrica foi ainda longo tempo dominante entre os infieis, e deo Martyres á Igreja.

*Perseguiçaõ no Imperio d'*Aureliano.

Depois da desfeita de *Valeriano*, seu filho *Galliano* suspendeo a perseguiçaõ por hum edicto, e mandou entregar aos Christaõs os Templos, que se lhos haviaõ roubado. Esta paz foi passageira. O Imperador *Aureliano* pareceo ao principio indifferentissimo sobre os progressos do Christianismo. Fazia igualmente justiça, tanto aos Christaõs, como aos outros seus vassallos. *Paulo* de Samosates, Bispo de Antioquia, havendo sido deposto por seus erros, porfiou em naõ querer sahir da casa Episcopal; os Bispos recorrêraõ a *Aureliano*, a fim de que fizesse executar a Sentença que tinhaõ proferido.

rido. O Principe, ouvindo unicamente a voz da Justiça ordenou, que a habitaçaõ do Prelado pertencesse ao Pastor reconhecido pelos Bispos da Italia, e pelo de Roma. Estas disposiçoens favoraveis aos Christaõs mudáraõ para o fim de seu Imperio. Hum Auctor Ecclesiastico pertende, que posto nunca lavrasse Edicto algum contra os Christaõs, quando se determinou a assignar hum, ficára tolhido das maõs, e cahíra na paralysia, que lhe causou a morte em 273. Os que alcançáraõ a gloria do Martyrio no Reinado deste Imperador foraõ; em Roma, S. *Felis* Papa; em Sens Santa *Colomba* virgem, e S. *Saviniano*, primeiro Bispo desta Cidade; em Cesarêa na Capadocia, S. *Mamêde*, &c.

Perseguiçaõ no tempo de Diocleciano, Meximiano, *e* Galerio.

O uso barbaro de perseguir innocentes, sem algum Edicto preliminar continuou no Imperio de *Diocle-*

cia-

ciano. Este Principe só mostrou o odio, que tinha contra os Christaõs, depois que tomou por Collega *Maximiano-Herculeo*, e que deo os titulos de Cesar a *Constancio-Chloro*, e a *Galerio*, sendo logo por este mal tratados, e por *Maximiano. Diocleciano*, permittio, que elles se entregassem á crueldade de seu caracter. Huma perseguiçaõ passageira desassocegou a Igreja do Occidente. Desde o anno 286 os Christaõs foraõ condemnados aos supplicios. Contáraõ-se nas Cidades principaes, illustres testemunhas da Fé de *J. C.* Em Roma S. *Gens*, passando de Comediante a Martyr. Em Agaune na Gallia Narboneza, S. *Mauricio* com a legiaõ Thebana; em Roma S. *Marcos*, S. *Marcellino*, S. *Primo*, S. *Feliciano*, S. *Sebastiaõ*; em Parîz S. *Dionysio*, primeiro Bispo desta Cidade, com S. *Rustico* Sacerdote, e Santo *Eleutherio* Diacono; em Beauvaes S. *Luciano*; em *Nantes* S. *Donariano*, e S. *Rogaciano*, irmaõs, em Agen, Santa *Fé* virgem, S. *Ca-*

pras-

praſſio, em Marſelha, S. *Victor* official de guerra, &c. deraõ ſua vida pela Religiaõ do Salvador. Houveraõ outros muitos Santos Maryres em differentes Cidades; mas ſeu numero he pequeniſſimo em comparaçaõ dos que foraõ immolados, quando a perſeguiçaõ foi declarada pelo Edicto de 303. Eſte ſucceſſo pertencendo ao IV. Seculo, nós nos limitamos unicamente agora em annunciá-lo.

Eſcriptores Eccleſiaſticos.

Se os Martyres firmáraõ a Igreja com ſeu ſangue, os Doutores a ſervíraõ com ſeus eſcriptos. Os que brilháraõ neſte Seculo foraõ em grande numero; e quaſi todos ſaõ vantajoſamente conhecidos.

Ammonio, hum dos meſtres de *Origenes* attrrahir o meſmo reſpeito dos Pagaõs por ſuas virtudes. Buſcou, a exemplo dos Iſraelitas, que empregavaõ os vaſos dos Egypcios paro ornato do Tabernaculo, alguns

guns dos principios da filosofia Platonica, para defesa da Religiaõ Christã. Publicou huma *Harmonia Evangelica*, que S. Jeronymo louva muito.

Clemente appelidado d'*Alexandria*, porque ensinou a Escriptura Santa nas escolas desta Cidade célebre, era oriundo d'Athenas. Seu livro dos *Stromatos*, ou *Tapessarios* he huma mistura curiosa de erudiçaõ sagrada, e profana.

Origenes, filho do Martyr S. *Leonidas*, foi hum dos mais illustres discipulos de *Clemente Alexandrino*, e o excedeo em sabedoria. Era Presbytero, e leitor das Santas Escripturas em Alexandria. Deo-se-lhe este lugar desde a idade de 18 annos: tanto foraõ temporaõs seus talentos, e saber. Cheio d'amor para a virtude, deo em hum excesso condemnavel, tomando á letra o que *J. C.* disse, que há alguns, que se fazem eunucos pelo Reino dos Céos. Seu ardor por gozar da honra do Martyrio, seu desapego dos bens mortaes, sua humildade expiáraõ

em

em parte eſta falta. Morreo em Tyro de 71 annos, com huma reputaçaõ equívoca, por cauſa dos erros, que lhe eſcapáraõ, ou que ſeus inimigos introduzíraõ em alguns de ſeus eſcriptos. *Origenes* mereceo bem da Igreja por ſuas *Exaplas*, que he huma obra em que poz ſobre diverſas columnas, o texto Hebreo do antigo Teſtamento com as antigas verſoens Gregas. Poucos eſcriptores tem tido tanto natural engenho, aindaque levou muito adiante o goſto das allegorias.

Grandes talentos, e grandes defeitos foraõ os q̃ ſe acháraõ em *Tertulliano*, Presbytero de Carthago na Africa. Naſceo no meio da idolatrîa; porém a conſtancia dos Martyres, e os milagres, que Deos obrava em ſeu favor o tocáraõ. Abjurou ſeus erros, e moſtrou-ſe célebre pelo zelo, com que combateo os Idolatras, os Marcionitas, os Valentinianos, e outros hereges. A auſteridade de ſeu caracter o precipitou nas opinioens de *Montano*, e empregou contra a

verdade a meſma pena, de que ſe ſervíra para defendê-la. Sua fraqueza chegou até acreditar as ridiculas revelaçoens deſte falſo Profeta, que ſe dizia ſer *Eſpirito Santo*, e as viſoens extravagantes das mulheres, que ſeus delirios infatuáraõ. Levou, como *Montano* a auſteridade a exceſſo, em todos aquelles pontos que reſpeitavaõ a continencia, as vigilias, os jejuns, e o zelo pelo martyrio. Em fim ſubio ao ponto (diz *Hardiaõ*) de ſe perſuadir, que a alma era corporea, ſólida, e palpavel, mas tranſparente, e de figura humana. Naõ ſe ſabe das acçoens de *Tertulliano* depois de ſua queda, nem como acabou. He principalmente conhecido, por ſeu eloquente Apologetico, eſcripto em hum ſtylo ſólido, e nervoſo, poſto que algumas vezes embaraçado, e eſcuro. Huma reflexaõ importante do Apologetico, he, que ſe naõ achará jámais Chriſtaõ algum, que entraſſe em huma ſó conſpiraçaõ das que foraõ taõ frequentes contra os Imperadores. Todavia

davia os Pagaõs ousavaõ accusá-los de serem inimigos do governo, porque naõ queriaõ tratar os Imperadores, como deoses; protestando sempre fugir de tributar as honras devidas ao Creador. Outra accusaçaõ que faziaõ dos Christaõs, e a que o mesmo *Tertulliano* responde, he de se acharem inuteis para o commercio da vida. ,, Como se póde dizer ,, (pergunta elle) que de nada servimos, e nós vivemos comvosco, ,, usamos da mesma comida, dos ,, mesmos vestidos, dos mesmos ,, moveis? Nós naõ rejeitamos cousa alguma do que Deos tem creado; aproveitamo-nos de tudo, posto que com muita moderaçaõ, ,, dando-lhe sempre as graças como, ,, seu auctor. Nós navegâmos, nós ,, militâmos, nós cultivâmos as terras, traficâmos igualmente com ,, vosco. Nossos officios saõ os mesmos; nós expomos nossas obras á ,, utilidade pública. Se as rendas dos ,, Templos diminuem, porque naõ ,, contribuimos para elles, a repu-

,, blica as ganha, por quanto nós
,, liberalizamos mais esmolas nas
,, ruas, do que vós nos ditos Tem-
,, plos. Se além disto, se examinára
,, nossa fidelidade em pagar os tri-
,, butos, achar-se-há, que elles a-
,, vultaõ tanto mais por nossa boa
,, fé, quanto diminuem por vossas
,, fraudes, e por vossas doiosas de-
,, claraçoens. ,, O mesmo vigoroso
Auctor mostra ,, que he contra o
,, bem da républica prescrever a
,, morte dos Fieis, e tanto mais,
,, quanto em hum grande numero
,, de malfeitores, que todos os dias
,, se condemnaõ, naõ se acha hum
,, só, que seja Christaõ. Eu tomo por
,, testemunha vossos registros, vós
,, que julgais os criminosos. Have-
,, rá por ventura hum só nelles,
,, que seja Christaõ? Se em vossas
,, prizoens se encontra algum cul-
,, pado por outro principio, que
,, naõ seja a Fé de *J. C.*, elle naõ
,, he Christaõ. A innocencia he pa-
,, ra nós huma necessidade: ella he
,, huma consequencia de nossas Leis,

,, e

,, e de noſſas maximas. Eſtas ſaõ taõ
,, puras, que vós lhes deſcobrireis
,, a Divindade, ſe reflectirdes ſé-
,, riamente, e naõ as confundirdes
,, jámais com as dos Filoſofos. Se
,, vós nos fizerdes taõ pouca juſti-
,, ça, que nos accuſeis de huma
,, nova ſeita de filoſofos, porque
,, razaõ nos naõ tratais como a el-
,, les? Ninguem os obriga a ſacri-
,, ficar; naõ há peſſoa que ſe op-
,, ponha ás ſuas vozes declamato-
,, rias ſobre as ſuperſtiçoens. ,,

Minucio Felis Advogado Romano, e *Arnobio*, ſe ſignaláraõ tambem pela defeſa da Religiaõ Chriſtã, violentamente acommettida, e ſabiamente propugnada.

S. *Cypriano*, cujas grandes qualidades tem apparecido com luzimento neſta Hiſtoria, naõ preciſa mais, que de ſer citado.

Santo *Hippolyto* Martyr, S. *Dionyſio* d'Alexandria, *Methodio* Biſpo de Tyro na Fenicia, S. *Gregorio* de Ceſarêa, que ſeus milagres o fizeraõ nomear *Thaumaturgo*, naõ

ſe

ſe fizeraõ menos recommendaveis: elles illuſtraõ a Igreja por ſuas obras, e a edificáraõ por ſuas virtudes.

Hereges.

ALGUNS dos Eſcriptores, que nós acabamos de dar a conhecer, fizeraõ diſtinctos ſerviços á Fé combatida entaõ por hum tropél de Hereges. Os que tiveraõ principalmente para impugnar, foraõ: os *Novacianos*, de que nós já fallámos a cima; os *Sabellianos*, os *Paulianiſtas*, os *Maniqueos*, os *Origeniſtas.*

Os *Sabellianos* reconhecem por cabeça *Sabellio*, Lybio de naçaõ, que pertendia depois de *Praxeas*, e *Noet*, naõ haver diſtincçaõ alguma entre as tres peſſoas da Trindade, e que era o meſmo Deos, que tomava tres nomes differentes.

Eſte erro foi como origem do de *Paulo de* Samoſates, Biſpo d'Antioquia na Syria, homem igualmente corrompido d'eſpirito. Havia porém eſta differença entre *Sabellio*,

e

e elle, que o primeiro combatia em geral a Trindade das Pessoas, e o segundo anniquilava a Divindade de *J. C.* respeitando-o sómente, como hum homem favorecido de Deos. Seus erros, e seus vicios o fizeraõ anathematizar por dous Concilios, celebrados em 265, e 270; e o ultimo o depôz.

Ter-se-hia podido applicar aos partidistas de *Paulo* de Samosate o que *Tertulliano* dizia d'alguns hereges deste Seculo. ,, Seus costumes ,, naõ saõ mais puros, que, sua ,, doutrina. Tudo quanto se vê em ,, suas vidas, he humano, desprezi- ,, vel, e terrestre. Naõ se sabe en- ,, tre elles, quem he Cathecume- ,, no, ou Fiel. Chamaõ simplice mo- ,, do de viver, a huma inobservan- ,, cia total da disciplina; e affecta- ,, çaõ pueril á sua cuidadosa prá- ,, tica. Concedem a absolviçaõ a to- ,, do o mundo, sem algum discer- ,, nimento; suas ordenaçoens se fa- ,, zem sem consideraçaõ, nem exa- ,, me. Ordenaõ humas vezes neofi- tos;

„ tos; e outras pessoas ligadas a tu-
„ do o que he seculo, e mundano.
„ Naõ lhes dá cuidado algum o con-
„ verter Pagaõs, tendo só desvelo
„ em perverter os que vivem unidos
„ á verdadeira Fé. „

Paulo, naõ querendo subscrever á decisaõ do Concilio, que o havia deposto, perseverava em Antioquia, sem se resolver a deixar a casa, que pertencia á Igreja. Os Christaõs queixaraõ-se ao Imperador *Aureliano*, o qual mandou, q̃ a casa fosse adjudicada aos q̃ se achassem unidos aos Bispos de Roma: tanto era notorio, ainda aos Pagaõs, que a uniaõ com a Igreja Romana era o signal de verdadeiros Christaõs! O poder da Igreja he todo espiritual, e naõ póde usar de força, mas sómente implorá-la da parte dos Soberanos, de cuja auctoridade depende na ordem das cousas temporaes. Os *Paulinianos* naõ subsistíraõ tanto tempo, como os *Sabellianos*; porém tiveraõ mais terriveis consequencias, por quanto preparáraõ os caminhos ao *Arianismo*.

Os

Os *Maniqueos*, discipulos de *Manes*, Magico Persano, e instruido em todas as sciencias da Magia, depois Christaõ, e Sacerdote, deraõ huma nova vida aos erros dos Gnosticos, e dos Hereges dos dous Seculos precedentes. O projecto que *Manes* havia formado, de unir a filosofia de seus Mestres com a moral, dos Dogmas de *J. C.*, o precipitou nos devarîos mais funestos. Seu principal delirio era admittir *dous Principios*: hum *bom*, Origem da luz, e do bem; outro *máo*, pai de todo o mal.

O que fez acreditar principalmente suas extravagancias, foi o ar de reformador que tomou, enganando as pessoas virtuosas pela apparencia da mesma virtude austéra, e mortificada.

A seu erro principal, seus discipulos juntáraõ outros muitos. Prohibiaõ, e condemnavaõ o matrimonio. Negavaõ a liberdade do homem, o peccado original, a necessidade do baptismo, e da fé. Pertendiaõ que

Deos

Deos naõ era Auctor do antigo Teſtamento. Em *J. C.* ſó acreditavaõ hum corpo fantaſtico. Os *Maniqueos* achavaõ-ſe divididos em dous ramos; os chamados *Auditores*, e os *Eſcolhidos*. Os primeiros paſſavaõ huma vida ordinaria; porém os ſegundos faziaõ profiſſaõ particular de abſtinencia, e de pobreza. Seu exterior mortificado era proprio para illudir os ſimplices; mas ſuas infamias occultas contribuíraõ mais que tudo para eſpalhar eſta heresía, cujos progreſſos foraõ contagioſos, e horrificas ſuas conſequencias. Ella ſobreviveo a *Manes*, e ainda que confundida por Santo *Agoſtinho*, e por outros Padres, appareceo de novo em differentes tempos, debaixo de nomes diverſos.

Os *Origeniſtas* eraõ hereges que tomavaõ o nome d'*Origenes* para publicarem differentes erros, ou foſſe, porque elle os tiveſſe enſinado, ou que porque ſe entendeſſem mal alguns de ſeus livros. Segundo elles, a alma de cada homem exiſtia

antes

antes de ſeu corpo, aonde paſſava depois, como a huma eſpecie de prizaõ. Diziaõ, que a alma de *J. C.* fôra unida ao Verbo Eterno antes da Incarnaçaõ, e que *J. C.* havia ſido morto naõ ſómente pelos homens, mas tambem pelos demonios. Suſtentavaõ, que as penas do Inferno, eraõ correcçoens paternas, que deviaõ durar perpetuamente. Davaõ tanta força ao livre arbitrio, que diminuiaõ a da graça, admittindo-o ainda nos Anjos, que julgavaõ capazes do peccado.

Coſtumes dos Chriſtaõs; Diſciplina.

A Igreja, afflicta pelos exceſſos de tantos hereges, foi conſolada á viſta do monachato, que entrou neſſe tempo a fazer-ſe célebre. Egypcio, nomeado *Paulo* foi ſeu primeiro auctor. O receio de ſer entregue aos perſeguidores por ſeu cunhado, deſejoſo de ſeus bens, o obrigou retirar-ſe (no anno 250) ao fundo dos deſertos da Thebaida, onde

onde elle gozou das doçuras da contemplaçaõ. Hum corvo lhe trazia todos os dias sua comida.

O exemplo de S. *Paulo*, honrado como o primeiro Ermita, teve pela continuaçaõ do tempo muitos imitadores, a pezar dos vicios, que se introduziaõ entre os Christaõs. O socego, de que elles gozáraõ depois da perseguiçaõ de *Severo* até á de *Decio* os fez cahir na relaxaçaõ. Os Bispos vendo-se algumas vezes obrigados a caminhar de Provincia em Provincia, pelas necessidades de suas Dioceses, encarregavaõ-se tambem de negocios temporaes; e alguns deixando seu rebanho, tornáraõ-se agentes, e commissarios; bem que havia sempre Pastores dignos deste nome, que velavaõ sobre os Fieis entregues a seus cuidados, servindo-lhes em todo o tempo de modelos.

O que chamamos *Beneficios*, naõ sendo ainda conhecido na primitiva Igreja, cada Fiel contribuia para a subsistencia do Clero, e para o alli-

vio

vio dos pobres. Este dinheiro se depositava nas maõs do Bispo, que o distribuia, ou fazia dividir pelos Clerigos. Os Bispos, sem se descuidarem de seus diocesanos, dilatavaõ sua caridade sobre todos os paîzes, que naõ tinhaõ Pastores.

A celebraçaõ dos Synodos, ou Concilios provinciaes era frequentissima. Nelles se decidiaõ as materias de disciplina, e de doutrina. Porém nas grandes causas corria-se ás grandes Sés, e em particular á de Roma, fundada pelo primeiro dos Apostolos na Capital do Imperio.

O canto usou-se em todo o tempo na Igreja. Cantavaõ-se os louvores de Deos em todas as horas do dia, e da noute; cuja divisaõ se tem conservado nos Breviarios, onde as horas Canonicas saõ notadas, segundo a prática dos Romanos.

Havia na Igreja jejuns particulares, e públicos, sendo ambos muito mais rigorosos, do que o saõ no dia de hoje. Muitos nestes tempos de abstinencia, naõ comiaõ peixe algum,

gum, nem bebiaõ vinho.

Notaõ-se nestes primeiros tempos alguns outros usos, como o de se virarem ao Oriente, para fazerem suas preces; de voltar para a mesma parte os Altares; de orar em pé no tempo Pascal, e nos Domingos; de se absterem do sangue dos animaes, e de carne dos que fossem suffocados, &c. &c: porém estes usos, e alguns outros, que a Igreja mudava, ou deixava subsistir como terna, e prudente mãi, quando o genio dos póvos se lhes acommodava, nunca foraõ olhados como pontos essenciaes.

Summario da Doutrina da Igreja pelo tempo dos tres primeiros Seculos.

A Doutrina da Igreja, naõ foi jámais como a sua disciplina. ,, Tem ,, sido sempre a mesma, e o será ,, até á consummaçaõ dos Seculos. ,, A Doutrina de *J. C.*, he a que ,, os Apostolos publicáraõ por toda

,, a

,, a terra. Ensináraõ, que os prin-
,, cipios da Fé, eraõ a Escriptura
,, Santa, e Tradiçaõ; que era ne-
,, cessario crêr os Mysterios, ainda
,, que se naõ pudessem comprehen-
,, der. Adoráraõ hum Deos invisi-
,, vel, e eterno, incorruptivel &c.
,, Mostráraõ, que Deos creára todas
,, cousas, e que a mesma materia
,, naõ havia sido eterna. Reconhe-
,, cêraõ tres Pessoas em hum só Deos,
,, a Divindade, e eternidade do *Ver-*
,, *bo*, e do *Espirito Santo.* Con-
,, fessáraõ, que *J. C.* era o Verbo
,, feito homem, Deos, e homem
,, juntamente, que resgátara os ho-
,, mens por sua morte, e que havia
,, resuscitado. Acreditáraõ a eterni-
,, dade das recompensas, e dos sup-
,, plicios.

,, Todos os Doutores da Igreja,
,, Bispos, Presbyteros, professáraõ
,, esta Doutrina, que nos seguraõ
,, ser de *J. C.*, ensinada pelos Apos-
,, tolos, e necessaria para a salva-
,, çaõ. He verdade, que elles se ser-
,, víraõ algumas vezes de certas ex-
,, pres-

,, pressoens sobre a pessoa do *Ver-*
,, *bo*, que parecem derogar a sua
,, divindade, como quando dizem,
,, que *foi gérado no principio do*
,, *mundo*, *que he visivel*, *e que o*
,, *Pai he invisivel*; *que he huma*
,, *porçaõ da substancia do Pai* ...
,, porém estes modos de fallar tem
,, hum bom sentido nestes Auctores.
,, Quando elles dizem que o Verbo
,, *fóra gérado no principio do mun-*
,, *do*, naõ querem, que se acredi-
,, te, que começou entaõ; por quan-
,, to em todos os seus escriptos o
,, reconhecem desde a eternidade;
,, mas daõ o nome de géraçaõ a
,, huma certa emissaõ do *Verbo*,
,, que imaginaõ ser feita, quando
,, Deos quiz crear o mundo. Tem
,, attribuido a *visibilidade ao Filho*,
,, como a Omnipotencia ao *Pai*,
,, dizendo, que pelo *Filho*, Deos
,, creou tudo, q̃ fez exteriormente.
,, Em fim quando ensinaõ, q̃ o *Ver-*
,, *bo era huma porçaõ* da substancia
,, do *Pai*, concebiaõ-no como con-
,, tendo em si a Divindade, que com
,, muni-

;, municava ao *Filho*, e ao *Espirito Santo*.

,, He neceſſario confeſſar, que
,, muitos dos antigos Padres imaginárão, depois de *Papias*, que *J. C.* reinaria mil annos ſobre a terra. Naõ ſe cançáraõ em examinar, em que conſiſtiria a bemaventurança: naõ duvidáraõ de que a Euchariſtia foſſe o Corpo, e Sangue de *J. C.* Louvavaõ a Virgindade, ſem deſprezar o matrimonio. Honráraõ os Santos, e os Martyres, como ſervos de Deos: falláraõ da *Virgem Maria* com reſpeito, e circunſpecçaõ. Crêraõ que os livros ſagrados, eraõ inſpirados pelo *Eſpirito Santo*, e que continhaõ noſſa Fé; que era neceſſario acreditar o que a Eſcriptura, Tradiçaõ, e Igreja nos enſinaſſem. Naõ reconhecêraõ outros livros Canonicos do antigo Teſtamento fóra dos que ſe achavaõ no Canon dos Hebreos; e do novo ſó admittíraõ como taes, os quatro Evangelhos, os Actos

 ,, dos

„ dos Apoſtolos, as quatorze Epiſ-
„ tolas de S. *Paulo*, a primeira E-
„ piſtola de S. *Joaõ*, e a primeira de
„ S. *Pedro*. As de S. *Tiago*, e de S.
„ *Judas*, a ſegunda de S. *Pedro*,
„ a ſegunda, e terceira de S. *Joaõ*,
„ foraõ recebidas por alguns, e re-
„ jeitadas por outros, do meſmo
„ modo, que o *Apocalypſe*. „ (Porém ellas bem depreſſa ſe acháraõ reconhecidas pelo unanime conſentimento de todas as Igrejas.)

„ A moral do Evangelho foi taõ
„ immudavel, como ſua doutrina,
„ e ainda que ſe naõ ſeguiſſe ſem-
„ pre, póde-ſe dizer, que nunca foi
„ attacada. Levâraõ ſempre os Fieis
„ a obſervar a Lei natural, e os
„ preceitos do Decalogo. Prégáva-
„ ſe-lhes, que preciſavaõ de dar
„ ſeu coraçaõ a Deos; que aquel-
„ les que ſó obravaõ por temor
„ ſervil, naõ eraõ verdadeiramente
„ juſtos; que era neceſſario amar o
„ proximo, como a ſi meſmo, e tor-
„ nar bem por mal. O que ſe nota-
„ va de mais admiravel era, que ſe
„ eſta

,, eſta excellente moral apparecia nos ,, eſcriptos dos primeiros Chriſtaõs, ,, vio-ſe com muito mais eſplendor ,, em ſua vida, e em ſuas acçoens. ,, (*Choiſi* Hiſtoria Eccleſiaſtica liv. 4. Cap. 5.)

TABOA
CHRONOLOGICA
PARA
O QUARTO SECULO.

Era vulg. 303

NO NA perſeguiçaõ conſecutiva aos crueis mandados de *Diocleciano*, inſtigado por *Galerio* no Oriente, convindo *Maximiano Herculeo*, a fim de que em toda a parte déſſem as ordens mais enſanguentadas, e inhumanas contra os Chriſtaõs, que ſó no anno de 411 ſentíraõ abrandar a tempeſtade infernal, pelo Edicto do ferociſſimo *Galerio*, publicado em Sardica, quando o tal tyranno vio acabar ſeus dias entre horriveis dôres com ulceraçaõ de todo o

	Era vulg.
o corpo, desesperando do poder dos deoses, que adorava.	
Diocleciano, consumido por suas largas doenças, renunciou forçadamente a purpura imperial, e persuadio o mesmo a seu Collega *Maximiano Herculeo*, os quaes depois unidos declarárão para o Imperio, *Constancio Chloro*, e *Galerio Maximiano*; nomeando por Cesares, *Severo*, e *Daia*, sobrinho de *Galerio*, que lhe tinha posto o nome de *Maximino*.	305
Galerio Maximiano empenhou-se em naõ nomear-se *Constantino*, como Cesar, porque devorado de ambiçaõ, intentava depois das monstruosas tyrannîas exercitadas contra os Christaõs na effervescencia de seus mais cruentos annos, passar huma velhice em figura de Se-	305

Era vulg.	Senhor do mundo, elevando a *Augusto*, em lugar de *Constancio*, seu amigo *Licinio*, a quem dominaria praticando o mesmo com *Severo*, e igualmente com os dous Cesares, seu sobrinho *Maximino*, e seu filho *Candidiano*, que pertendia declarar, como tal, naõ obstante a idade de nove annos em que o via.
306	*Constancio Chloro*, tendo o governo da Gallia, Inglaterra, Hespanha, Italia, e da Africa, acabou sua vida sem levantar hum só cadafalso contra os Christaõs. Seu filho *Constantino* passou a Cesar, e a Augusto, succedendo no Imperio do Occidente.
212	*Maxencio*, perverso filho de *Maximiano Herculeo*, aproveitando-se da abdicaçaõ, que fizera o pai, fez declarar-se Augusto na Italia;

Era vulg.

lia; violentou *Severo* até estreitá-lo em Ravenna, e matá-lo contra a fé de sua palavra; pôz em fuga seu ingrato pai, e *Galerio*, vindo finalmente depois de mil crueldades contra os Christaõs, a perder contra *Constantino*, a famosa batalha de 28 de Outubro do anno 312, sendo sua ultima desgraça, o affogar-se no Tibre, quando hia arrostar seu rival com huma nova peleija.

Santo *Antaõ*, depois de recolhido ao deserto em 270, sahio delle a primeira vez com o fim de ajudar os Santos Confessores de Alexandria, quando o Imperador *Constantino* triunfou de *Maxencio*, e se converteo á fé de *J. C.*

313 O mesmo Imperador publicou no anno seguinte, muitos Edictos a favor da

Re-

Era vulg.

Religiaõ Christã, sem fazer doaçaõ alguma de Roma ao Pontifice, posto que *Varenes* na sua vida nos refira, que em 1478, tiveraõ pena de fogo em Straburgo os sustentadores desta verdade.

313

Neste mesmo anno, ou segundo outros com maior sequito, em 305 apparecêraõ os 81 Canones Penitenciaes da Igreja de Hespanha, a que chamaõ de ordinario Concilio de Elvira, ou Eliberitano, celebrado por 19 Bispos, contandose entre elles, *Ozio* de Cordova, *Singio* de Braga, *Vicente* do Algarve, *Quinciano* de Evora, *Liberto* Metropolita de Merida, cujos ultimos quatro Prelados, eraõ os que de certo governavaõ na Igreja Lusitana; naõ devendo esquecer o 60 Canon de Concilio: que determina *naõ re-*

co-

	Era vulg.
conhecer no numero dos Martyres, aquelles, que fossem mortos na acçaõ de quebrar os idolos.	
Celebraçaõ do Concilio de Arles contra os Donatistas, e os Traditores, ou os que entregassem os livros, e vasos sagrados aos hereges, para escaparem á morte, ordenando-se, que ficassem depostos de suas dignidades, aquelles que as tivessem, e que fossem convencidos do crime.	314
Flavio Licinio, Imperador, em despique de ser vencido por *Constantino* na batalha de Sibales, lançou fóra de seu palacio, aos Christaõs, prohibio-lhes a celebraçaõ de quaesquer Concilios, e martyrizou a muitos dos Fieis; saqueando sem differença ao mesmo tempo seus vassallos, roubando-lhes as mulhe-	319

Era vulg.	
	lheres, e aborrecendo os ſabios, como juizes importunos de ſua ignorancia.
324	A milicia de *Licinio* foi paſſada a fio de eſpada pelo exercito de *Conſtantino*, na batalha de Hadrianopole, e o meſmo Imperador igualmente morto em Theſſalonîca, querendo de novo levantar-ſe contra *Conſtantino*, que caſſou por huma Lei ſeus mandados, e o tratou de tyranno.
325	Primeiro Concilio Geral de Nicêa, convocado pelos cuidados de *Conſtantino*, em que foi anathematizado o Arianiſmo, e formado o Symbolo, que ſe repete na Miſſa depois do Evangelho. Preſidio *Ozio* Biſpo de Cordova, e aſſiſtio em peſſoa ao Imperador.
	Neſte anno findou *Euſebio*, Biſpo de Ceſarêa, a ſua

	Era vulg.
ſua Chronica do principio do mundo até ao 20 anno do Reinado de *Conſtantino*, de que S. *Jeronymo* fez a traducçaõ, e a adiantou até 379.	
Santo *Athanaſio* entrou na Séde Alexandrina pela morte de Santo *Alexandre*.	326
Miſſaõ de S. *Frumencio*, Apoſtolo da Ethiopia, onde o Chriſtianiſmo fez grandiſſimos progreſſos, ainda que pelo tempo adiante vieſſe ao eſtado antigo, e a perder ſua pureza, obſervando-ſe huma miſtura de Catholiciſmo, Judaiſmo, e Sciſma.	327
Invençaõ da Cruz, e de alguns inſtrumentos da Paixaõ de *J.C.* deſcobertos por Santa *Helena*, cuja Imperatriz ſoffrendo o repudio de ſeu eſpoſo *Conſtancio Chloro*, depois que *Diocleciano* o elevou a Ceſar, foi por	327

Era vulg.

328 por ſeu filho *Conſtantino* exaltada a Auguſta Imperante, dedicando ſua vida ás virtudes, com que terminou ſeus glorioſos dias, contando 80 annos de idade.

330 Dedicaçaõ da nova Cidade de Byſancio em Conſtantinopola, ou nova Roma, onde ſe celebráraõ taõ reſpeitaveis Concilios, e ſe formou o centro do ſciſma, que ainda hoje perſevera.

Leis de *Conſtantino* contra os hereges, naõ ſendo os Arianos comprehendidos. *Ario* reſtituïdo, e decadencia das antigas heresîas.

335 Concilio de Tyro, em que os Biſpos condemnáraõ Santo *Athanaſio*; e outro de Jeruſalém, em que *Ario* foi bem recebido.

Conſtantino deſterra a Sãto *Athanaſio* para Treveris, e Santo *Antaõ* Abbade deixa

xa ſegunda vez ſeu deſerto para ſuſtentar a fé Nicena contra os Arianos. | *Era vulg.*

Concilio de Conſtantinopola, em que prevalecêraõ ainda os Arianos. Fim deſventurado de *Ario*, ſeu cabeça, e primaz, poſto que ſeus erros naõ terminaſſem com a ſua vida, antes fizeſſem depois fataes progreſſos, aſſim no Oriente, como no Occidente. | 336

Conſtantino em ſeus ultimos tempos denegrio as grandes qualidades q̃ moſtrára nos primeiros. Sua demora em ſe iniciar nos Myſterios da Religiaõ, deixando para a morte, o baptiſmo, e mais Sacramentos; ſeu favor para com os Arianos; ſua fraqueza a reſpeito dos defenſores da fé; ſua crueldade com *Criſpo*, ſeu filho, e ſua eſpoſa *Fauſta*; ſua preſumpſaõ, ſua pro- | 337

Era vulg.	
	prodigalidade, ſeu deſvanecimento; ſua ambiçaõ, e outros infinitos defeitos, fazem quaſi eſquecer ſuas virtudes. Morreo em Nicomedia.
	No meſmo anno foraõ acclamados Auguſtos ſeus filhos, *Conſtantino*, *Conſtancio*, e *Conſtante*.
338	*Conſtantino* o *Moço*, reſtituio Santo *Athanaſio* á ſua Igreja, e moſtrou-ſe favoravel a reſpeito da verdadeira fé.
340	Naſceo Santo *Ambroſio*, e morreo *Euſebio* de Ceſarêa differente do de Nicomedia, grande fautor do Arianiſmo.
341	Concilio Antioqueno muito numeroſo, em que os Arianos apreſentáraõ á ſua vontade, huma formula de fé, obſcura; patrocinando a cauſa o Imperador *Conſtancio*, em cujo

Rei·

Reinado triunfou ſempre a ſeita Ariana, e ſe vio opprimida a verdadeira Religiaõ; ſobre o que lhe eſcreveo *Conſtante* ſeu irmaõ, q̃ imperava no Occidente.	*Era vulg.*
Naſcimento de S. *Jeronymo*, que fez tantos ſerviços á Igreja por ſeus eſcriptos, práticas, e exemplos.	342
No Concilio de Sardica foraõ ſentenceadas as cauſas de Santo *Athanaſio*; de *Marcello* Biſpo de Ancyra, e de *Aſclepas* Biſpo de Gaza, começando no meſmo Synodo as Appellaçoens aos Papas, naõ ſegundo o *Direito Iſidoriano*, mas ſó para que ſimilhantes lides foſſem reviſtas por mandado dos Romanos Pontifices em outros Concilios Provinciaes; ſendo Prezidente deſta Aſſembléa, *Ozio* Biſpo de Cordova; poſtoque	347

os

Era vulg.	
	os Bispos Orientaes se separáraõ para formar outro Concilio do mesmo nome.
353	Concilio de Arles, em que os Arianos decidíraõ, cedendo o legado do Papa, e os outros Prelados á violencia que lhes fizeraõ; ficando condemnado Santo *Athanasio*, com opposiçaõ de S. *Paulino* de Treveris, que foi desterrado para a Frygia.
	O Papa *Liberio* desapprovou o dito Concilio, e unio-se a Santo *Eusebio* Vercellense, e a *Lucifer* de Cagliaria para trabalhar em abrir os olhos ao Imperador.
354	*Constancio*, depois de morto *Constantino* por seu irmaõ *Constante*, e este por *Magnencio*, que se tinha feito proclamar Imperador, e que desesperado de suas desgraças se matou a si proprio,

	Era vulg.
prio, ficou Senhor abſoluto do Imperio Romano.	
Naſcimento de Santo *Agoſtinho* em Tagaſte.	354
Concilio Mediolanenſe, a que aſſiſtio *Conſtancio*, e onde quaſi todos os Biſpos cedêraõ á fraqueza de condemnarem Santo *Athanaſio*, no que naõ convindo depois o Papa *Liberio*, attrahio o deſterro, que padeceo na Tracia, cuja pena o levou aos ſentimentos do Imperador, até ſobreſcrever á artificioſa formula Sirmienſe, e rejeitar no Concilio de Ancyra a palavra *conſubſtancial*, do que arrependido á face da Igreja, foi ſeu nome poſto nos antigos Martyrologios.	355
Ozio depois de empenhar a *Conſtantino* para a celebraçaõ do Concilio de Nicêa, e a *Conſtante* para o de Sardica, praticando ſempre ac-	358

Era vulg.

çoens illuſtres pela gloria da Igreja até á idade de 100 annos, opprimido de tormentos ſobreſcreveo á formula Sirmienſe compoſta por *Potamio*, Biſpo de Lisboa, ſegundo alguns Eſcriptores eſtranhos, e nacionaes, como *Fleury*, *Moraes*, e o Biſpo de Pernambuco. *Ozio* acabou ſua vida em Heſpanha, cheio de arrependimento, e proteſtando contra a violencia que lhe haviaõ feito.

359 Santo *Hilario*, Biſpo de Poitiers, a quem S. *Jeronymo* chamava *Rhodano da eloquencia latina*, defendeo conſtantemente a fé Nicena no Concilio de Milaõ de 355, no de Beziers de 356, e no de Seleucia advogou de tal modo a cauſa contra a Hetorodoxia dos Arianos, deſcobrindo-lhe todos os artificios, e enganos, que el-

	Era vulg.
elles o fizeraõ logo voltar a França, onde terminou ſua carreira cheía de triunfos.	
A aſtucia, e violencia dos Arianos foi quem fez acabar infauſtiſſimamente o Concilio de Rimini, formado quaſi de 400 Biſpos; finalizando tambem dous annos depois o Imperador *Conſtancio*, fautor de todo o Arianiſmo.	359 261
A decima ſexta formula de Fé inventada pelos Arianos no Conciliabulo d'Antioquia com os 15 que lhe precedêraõ, moſtraõ quanto fluctua ſempre o erro.	361
Graciano, e *Theodoſio*, legisláraõ a favor do Chriſtianiſmo, querendo ſó o exercicio da Religiaõ Catholica, oppondo-ſe a todos os erros gentilicos, e hereticos.	380
Priſcilliano, Biſpo de Avi-	381

Era vulg.	
	Avila, condemnado em Heſpanha, e perſeguido diante de *Maximo*, por *Idacio* Biſpo de Merida, e por *Itlacio*, Biſpo de Oſſonoba, foi degollado, o que ſe levou muito a mal pelos Prelados Catholicos.
381	Segundo Concilio Geral contra os Macedonianos.
388	Os dous Biſpos perſeguidores, depois da morte do uſurpador *Maximo*, foraõ privados da Communhaõ da Igreja, e bannidos pelas grandes deſordens, que cauſáiaõ até quaſi ſe naõ ſaber quem ſuſtentava os erros, q̃ elles attribuiaõ aos Priſcillianiſtas, ou quem os contradizia, como ſe póde ver em *Sulpicio Severo* na Vida de S. *Martinho*; da meſma maneira, que ſuccedeo pêlos artificios dos inimigos da Graça efficaz per ſi meſma, a reſpeito *Janceniſmo.*

San-

Santo *Agoſtinho* baptizado em 387 foi feito Biſpo Hippomia, e coadjutor de *Valerio* por hum Concilio Provincial.	*Era vulg.* 397

Os Imperadores deſte Seculo ſaõ:

Diocleciano, e *Maximiano*, que reináraõ ainda perto de 5 annos até -	305
Chloro, e *Galerio* quaſi 2 até - -	306
Conſtantino Magno 31 até	337
Conſtantino o Moço 4 até	340
Conſtante ſeu irmaõ, contando da morte de *Conſtantino* 13 até -	350
Conſtancio irmaõ de ambos, e contãdo do meſmo modo 24 até	361
Todos tres governáraõ o Imperio dividido, ſuccedendo o ultimo no mando univerſal. *Juliano* Apoſta-	

Era vulg.

postata, que reinou 2 annos até - 363

Joviano durou poucos mezes.

Valentiniano formou dous Imperios, ficando com o do Occidente, e largando o do Oriente a

Valente, que regeo 14 annos até - - 378

Theodosio I. 17 até - 395

Arcadio 5 até - - - 400

Valentiniano I. no Occidente 12 até - 375

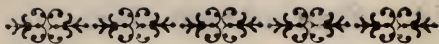
Graciano 8 até - - - 383

Valenteniano II - - - 393

Honorio 7 até - - - 400

ELE-

ELEMENTOS

DE

HISTORIA ECCLESIASTICA.

QUARTO SECULO.

Nova perſeguiçaõ no tempo de Dioclesiano.

A' Sombra da paz, de que a Religiaõ Chriſtã gozára depois de *Valeriano*, paz que ſó fôra interrompida por inquietaçoens paſſageiras; ,, a palavra Evangelica (diz *Euſebio*) era honrada por todos os ho-,, mens Gregos, e Barbaros. Voſſos ,, Principes davaõ mil teſtemunhos ,, de bondade áquelles, que faziaõ ,, della profiſſaõ. Confiavaõ-lhes go-,, vernos das Provincias, diſpen-,, ſando-os da neceſſidade de offere-

,, cer

,, cer os Sacrificios, que a piedade
,, lhes vedava. Os palacios Imperiaes
,, estavaõ cheios de Fieis, que se
,, gloriavaõ de adorar na presença
,, de seus Soberanos o nome de *J.*
,, *C.* A exemplo dos Monarchas, os
,, Intendentes, e Governadores das
,, Provincias tributavaõ toda a espe-
,, cie de honroso obsequio aos pri-
,, marios de nossa Religiaõ. Nossos
,, ajuntamentos vinhaõ a ser taõ nu-
,, merosos, que as antigas Igrejas
,, naõ bastavaõ já para receber em si
,, hum pôvo immenso. Nós as edifi-
,, cámos mais espaçosas em todas as
,, Cidades. Tal era nossa venturosa
,, posiçaõ, em quanto cuidamos me-
,, recer o patrocinio divino por hu-
,, ma vida santa, e irreprehensivel.,,

Porém o socego, de que a Igreja gozou, principalmente no Oriente, produzio seu effeito ordinario; a relaxaçaõ de disciplina, e de costumes. ,, A inveja, (continúa *Euse-*
,, *bio*) a ambiçaõ, a hypocrisia, se
,, introduzíraõ entre nós. Divisoens
,, entre os Ministros da Religiaõ; di-

vi-

,, visoens entre os póvos. Nós guer-
,, reavamos, huns com os outros, e
,, ainda que naõ fosse pela violencia
,, das armas, sempre o faziamos á
,, força de discursos, e de escriptos.
,, Aquelles mesmos que se achavaõ
,, na Jerarquia dos Pastores despre-
,, zando os preceitos divinos, irri-
,, tavaõ-se entre si por pendencias,
,, por animosidades, e se disputavaõ
,, os primeiros lugares da Igreja de
,, *J. C.*, como principados secula-
,, res. Nossos peccados accendêraõ
,, contra nós a colera de Deos, e a
,, dispuzeraõ para castigar-nos, a fim
,, de nos tornar a trazer aos seus ca-
,, minhos. ,,

A perseguiçaõ foi solemnemente declarada por hum Edicto público em 303. *Diocleciano* havia associado ao Imperio (como já o dissemos) *Maximiniano-Herculeo*, e *Constancio-Chloro*, pai do grande *Constantino*. *Constancio* Principe suave, e moderado poupou o sangue dos Christaõs; mas outros dous Collegas se assignaláraõ por sua tyrannia. *Galerio-Maximi-*

ximino tinha desde o anno 298 inquietado muito os Soldados Christaõs, que formavaõ huma parte de seu exercito. Muitos foraõ debaixo de diversos pretextos, sacrificados ao seu furor.

Em fim differentes Edictos affixados successivamente cõtra os Fieis, tornáraõ todo o Imperio em theatro de barbaridade. Foi necessario offerecer incenso aos idolos, ou acabar por supplicios os mais horriveis. O Papa *Marcellino*, que sacrificára por fraqueza, purificou-se deste opprobrio por hum glorioso martyrio, no oitavo anno de seu Pontificado. *Marcos*, e *Marcellino*, irmaõs de hum nascimento illustre em Roma; *Cosme*, e *Damiaõ*; tambem irmaõs, *Euthymio*, *Vicente*, *Sebastiaõ*, Santa *Ignez*, Santa *Luzia*, e huma infinidade de outros alcançáraõ a palma do martyrio. Os tormentos empregados contra os Christaõs arrebatáraõ-lhes hum taõ grande numero, que em huma só noute de Natal dezesete mil encerrados em huma

Igre-

Igreja, foraõ consumidos pelas chãmas. Houveraõ no Egypto cento e quarenta e quatro mil e setecentos Martyres, e desse tempo he que começou a epoca dos Cophtes, chamada por outro modo a Era dos Martyres, ou de *Diocleciano*.

Differentes circunstancias leváraõ *Diocleciano* a estes excessos de ferocidade, que pareciaõ contrarios a seu caracter, e ainda a seus principios. Este Principe tinha a fraqueza de querer descobrir o futuro, e de se persuadir, que se podia ler nas entranhas dos animaes. Hum dia, que elle sacrificava para satisfazer sua vã curiosidade, alguns officiaes fizeraõ o signal da Cruz. Perturbáraõ-se os Sacerdotes, e naõ acháraõ mais nas victimas os signaes, porque elles pertendiaõ conhecer a vontade dos deoses; ou talvez (diz *Crevier*) fingíraõ naõ os descobrir, a fim de irritar o Principe contra os que elles aborreciaõ, como destruidores de seus altares, e Censores de seus dolos religiosos. O que se sabe, he que havendo

vendo declarado ao Imperador, que a preſença dos profanos homens, os perturbava em ſuas funçoens, *Diocleciano* ſe encolerizou, ſegundo *Lactancio*, contra os que o privavaõ dos conhecimentos de que era ardentemente deſejoſo.

Seu reſentimento foi huma das cauſas do primeiro Edicto, publicado contra os Chriſtaõs. Eſte Edicto naõ continha, na verdade, pena de morte; porém á excepçaõ do ultimo rigor, comprehendia todos os outros: deſtruiçaõ das Igrejas; privaçaõ das dignidades pelo que tocava aos grandes, e de liberdade pelo que dizia reſpeito ao pôvo; ordem de applicar a tratos, ſem diſtinçaõ de nobreza, nem de ſexo; prohibiçoens aos Fieis de intentar acçaõ alguma em ſeu proveito nos tribunaes &c.

Tal foi o primeiro Edicto pronoſtico de hum Decreto ainda mais cruel. Promulgou-ſe logo hum ſegundo Edicto, dirigido eſpecialmente contra os Biſpos, Presbyteros, e outros Miniſtros do Chriſtianiſmo. Mãdava-

dava-ſe aos Magiſtrados, que os prendeſſem, e que pela prizaõ, e ſupplicios os forçaſſem a ſacrificar ás falſas divindades.

Eſtes dous Edictos baſtavaõ para obrigar os juizes a entregar-ſe aos furores da vingança, e da ſuperſtiçaõ. Elles ainda foraõ mais auctorizados quando a pena de morte ſe pronunciou claramente por novos mandados contra todos os que profeſſaſſem a Religiaõ Chriſtã.

Duas infelices circunſtancias haviaõ contribuido no principio a inflammar a colera de *Diocleciano*, e a juſtificá-la a ſeus prevenidos olhos. Huma foi o effeito do esforço indiſcreto de hum Chriſtaõ: outra foi manejada pelo negro artificio de *Galerio*, que naõ produzio effeitos menos funeſtos.

Logo que o primeiro Edicto foi affixado em Nicomedia, hum Chriſtaõ lacerou-o publicamente. Prendeo-ſe, e entregue aos algozes, deitaraõ-no ſobre humas grelhas, e foi conſumido pelo fogo. A conſtancia, e

e ſerenidade, que conſervou no meio dos ſupplicios, expiou ſem duvida diante de Deos a falta de tal temeridade, que punha em riſco ſeus irmaõs. He facil conceber (diz *Crevier*) que impreſſaõ faria no eſpirito de hum Principe tal, como *Diocleciano*, huma acçaõ taõ ouſada, e taõ contraria ás regras da prudencia Chriſtã.

Galerio, ſeu Collega, filho de huma fanatica Sacerdotiza, unindo juntamente a barbaridade, e a ſuperſtiçaõ, azedou ainda mais o reſentimento do Imperador por hum deteſtavel artificio. Mandou occultamente pôr fogo por alguns de ſeus officiaes a huma parte do palacio Imperial, e fez carga deſte crime aos Chriſtaõs, que por ſe vingarem, dizia elle, queriaõ desfazer-ſe dos dous Principes, que lhes haviaõ declarado a guerra.

Diocleciano, irritado mais do q̃ em tempo algum, mandou os Edictos da perſeguiçaõ a *Maximiano*, e a *Conſtancio*, para que os fizeſſem exe-

executar em ſuas repartiçoens. *Maximiano*, cruel por caracter, e cujas maõs eſtavaõ já á muito tempo tinctas com o ſangue dos Chriſtaõs, ſe moſtrou promptiſſimo na execuçaõ dos Edictos publicados contra elles. *Conſtancio*, cujos coſtumes, e principios eraõ mais moderados, permittio na verdade, que os Templos foſſem demolidos, mas poupou a vida dos homens. Se o fanatico zelo de alguns Magiſtrados coroou muitos Chriſtaõs nas Gallias, e em Heſpanha, foi, porque elle ſe vio forçado a tolerar, o que ſe naõ atrevia impedir, conſtrangido pelo vigor dos Edictos, e pelo reſpeito para com *Diocleciano*.

Porém em quanto deixava obrar alguns maniacos, que eſtavaõ longe de ſeus olhos, protegia a Religiaõ Chriſtã em ſua Corte. Julgou mais dignos de ſua confiança os que ſe avantajavaõ mais em deſvelar-ſe pela Religiaõ. Para os conhecer experimentou-os do modo ſeguinte. Fingio querer privar de ſeus cargos aquel-

aquelles, que naõ ſacrificaſſem aos idolos. Muitos renunciáraõ á propria Fé, a fim de conſervar ſeus empregos. *Conſtancio*, perſuadido de que os que faltavaõ á fidelidade de ſeu Deos, naõ conſervariaõ a de ſeu Principe, apartou eſtes laxos prevaricadores, e ſó colheo os officiaes, que preferiaõ ſua Religiaõ a todas as eſperanças humanas.

Pragas com que o Imperio foi afligido.

Em quanto a perſeguiçaõ ſuſcitada por ſeus tres Collegas, naõ ſocegou deſde 303 até 311, que o Imperador *Galerio* a mandou ceſſar por hum Edicto publicado em Sardica, Deos vingando o ſangue de ſeus Santos, fulminou os caſtigos de ſua dextra, por hum modo eſpantoſo, ſobre os Imperadores, e ſobre todo o Imperio.

A peſte fez horrororoſas deſolaçoens, e houveraõ em todas as Provincias formidaveis terremotos. Deos que

que até entaõ se satisfez de mostrar a vara de seu furor de tempos a tempos; fazendo apparecer as naçoens barbaras, que cercavaõ o Imperio, soltou estas (diz *Orosio*) que revestidas da vingança divina, vieraõ de tropel sobre todas as Provincias. A destruiçaõ foi taõ grande, que 150 annos depois, só se viaõ pobres cabanas, onde d'antes davaõ nos olhos Cidades opulentissimas. O mesmo Senhor permittio, que os Romanos se matassem huns aos outros. Sobrevieraõ-lhes guerras civís, que affligíraõ aquelles a quem os Barbaros haviaõ perdoado.

No ultimo anno da perseguiçaõ, houve huma taõ grande sêcca, que causou fóme. Este flagello foi seguido de huma doença pestilencial, que acommettia particularmente a vista, fazendo-a perder a huma infinidade de homens, mulheres, e infantes. A fome havia sido taõ extrema, que huma pequena medida de trigo, valia novecentas e cincoenta libras da moeda de França. Mui-

tos foraõ violentados a vender aos ricos ſeus filhos, para dilatar hum pouco ſuas vidas: outros vendiaõ pouco a pouco ſuas terras, e aſſim ſe achavaõ reduzidos á ultima indigencia. A maior parte das peſſoas de condiçaõ achavaõ-ſe taõ magras, e deſcarnadas, que ſe podiaõ tomar por eſpectros, e por fantaſmas. Cahiaõ no meio das praças, e ruas, cobertas já de corpos mortos, que nellas ficavaõ por muitos dias inteiramente nús, ſem que peſſoa alguma os enterraſſe. Os caens comiaõ muito de ſuas carnes, o que obrigou a matá-los, com receio de que coſtumados á carne humana, ſe naõ danaſſem. Deſte modo punio Deos os Pagaõs da injuſtiça, com que ſe haviaõ apoderado dos bens dos Chriſtaõs, e do furor, que exercitáraõ ſobre os Martyres, ainda depois de mortos, impedindo que ſe lhes deſſe ſepultura.

A peſte juntando-ſe a tantos males, acommettia aquelles, a quem ſuas riquezas refugiavaõ da fome.

Os Governadores das Provincias, os Magiſtrados, e as outras peſſoas conſideraveis, eraõ improviſamente arrebatados pela morte, acompanhada de violentas dores. Por toda a parte ſó ſe ouviaõ ays, e gemidos. O numero dos mortos era infinito, e viaõ-ſe acabar familias inteiras.

Só os Chriſtaõs ſe aproveitáraõ de ſimilhantes infelicidades, dando a todos os póvos ſignaes ſenſiveis de ſua piedade para com Deos, e de ſua caridade para com os homens. Elles unicamente, entre tantos infortunios, moſtráraõ compaixaõ, e humanidade. Viaõ-ſe todos os dias occupados, huns a amortalhar, e a enterrar eſte numero infinito, de que ninguem cuidava de modo algum; outros, a ajuntar os pobres de ſuas reſpectivas Cidades, para os ſoccorrer com o preciſo.

A pezar da beneficencia dos Chriſtaõs, *Maximiniano* fez reviver a perſeguiçaõ em 312, mas *Conſtantino*, protector declarado da Religiaõ Chriſtã ſuſpendeo os effeitos deſta nova tempeſtade.

Reinado de Constantino.

ESte Principe era filho de *Constancio-Chloro.* Mostrou-se desde logo digno de seu pai por suas virtudes civís, e militares. Depois de ter vencido o tyranno *Maxencio* em 322, achou-se Senhor do Imperio Romano, e reconheceeo publicamente, que só era ao Deos dos Christaõs, a quem elle devia seus triunfos. Entre os Imperadores, que o precedêraõ, aquelles que julgavaõ aplacar seus deoses, sacrificando-lhes os Christaõs, só tiveraõ recompensa de oraculos enganadores, e huma funesta morte. Esta reflexaõ o penetrou, e o moveo a invocar o verdadeiro Deos. Hum dia que se achava á frente de seu exercito, vio no Céo o signal da Cruz com estas palavras: *Por este signal vencerás.* Foi na verdade vencedor, e por todos os modos manifestou seu reconhecimento para com aquelle Supremo Ser, que lhe havia concedido a

a victoria, acordando aos Christaõs, por dous Edictos, a liberdade de professar sua Religiaõ. O mesmo Imperador professou a Fé de *J. C.*, ainda que differisse seu baptismo até ao momento de sua morte.

Seu zelo pelos progressos do Christianismo era extremoso; humas vezes levantavaõ-se Templos por suas ordens, e por suas despezas; outras assignava fundos para a conservaçaõ destes Edificios, e subsistencia de seus Ministros. Sua generosa piedade o levou, naõ sómente a accumulá-los de bens, mas tambem a confirmar as doaçoens, que lhes faziaõ os Fieis.

Em respeito á Santa Cruz, e signal de nossa redempçaõ, prohibio de condemnar para o futuro criminoso algum a este supplicio. Este mesmo signal adoravel foi collocado por sua disposiçaõ sobre os estandartes, cunhado nas moedas, e pintado em todos os quadros, que tivessem o seu retrato. Em fim, quando depois da morte de todos os seus concur-

ren-

rentes, ſe achou Senhor ſó do Imperio; prohibio os ſacrificios públicos, e particulares; mandou fechar hum grande numero de Templos; deſpojou-os de ſeus ornamentos; tirou os jogos ſeculares, e o horrivel eſpectaculo dos gladiadores. Os Magiſtrados, e os Governadores, longe de ſe oppôrem ao augmento da verdadeira Religiaõ, favoreciaõ-na de todo o ſeu poder; ainda que menos por zelo, que por politica.

Origem do Arianiſmo.

Os deſvelos de *Conſtantino* ſobre a extinçaõ da idolatrîa, foraõ diſtrahidos durante algum tempo, pelas inquietaçoens, que lhe cauſou huma hereſîa quaſi taõ perigoſa, como o paganiſmo. Ella devêo ſua origem a hum Presbytero de Alexandria, chamado *Arío*. Inſtruido nas ſciencias humanas, de hum eſpirito vivo, ardente, ſubtil, fecundo em ſahidas, exprimindo-ſe com extrema facilidade, paſſava por inven-

civel na diſputa. Eſte homem ao meſmo tempo ardiloſo, e arrebatado, era taõ prompto em penetrar o coraçaõ dos homens, como habil em dar-lhe movimento por todas as ſuas molas. Ainda q́ foſſe ,, cheio ,, de artificio, e naſcido para a intri- ,, ga (diz M. *le Beau*) ninguem pare- ,, cia mais ſimplice, mais humano, ,, mais dotado de franqueza, e de ,, rectidaõ, ou mais diſtante de to- ,, da a cabála. Seu exterior ajudava ,, a ſeducçaõ. Huma figura alta, ,, hum roſto compoſto, pallido, mor- ,, tificado, hum acceſſo gracioſo, ,, huma converſaçaõ liſongeira, e ,, perſuaſiva; tudo em ſua peſſoa ,, parecia reſpirar ſó virtude, cari- ,, dade, e zelo pela Religiaõ. ,,

Para formar hum partido, que o ſeguiſſe, começou a eſpalhar no anno 324 huma doutrina, que fez tantos maiores progreſſos, quanto mais liſongeava o orgulho da razaõ humana. Segundo eſte hereſiarca, o *Filho* de Deos naõ era igual ao *Pai*, nem de ſua meſma natureza, e por conſe-

consequencia naõ era Deos. Só via nelle huma creatura tirada do nada, possuindo na verdade as perfeiçoens, que o faziaõ participar da Divindade por hum modo particular, mas capaz de peccado, e sujeito ás fraquezas da humanidade.

Arío sustentou seus erros por huma dialectica subtil. Os sofismas (diz o Abbade *Pluquet*) saõ em todo o tempo enganadores, quando elles combatem hum mysterio. O heresiarca fez adoptar seus erros por hum grande numero de simplices Fieis, de Diaconos de Presbyteros, e de Bispos. As mulheres principalmente deixavaõ-se ligar pelas exterioridades de huma devoçaõ terna, e insinuante, que *Ario* sabia taõ bem fingir em seus animos. Setecentas virgens de Alexandria, e de suas visinhanças foraõ suas adherentes, como seu melhor Padre espiritual.

Seus proselytos dogmatizavaõ nas praças públicas, espalhavaõ-se por outras Igrejas, e disfarçando ao principio sua doutrina com artificio, im-

immediatamente communicavaõ feu veneno. Por todas as Cidades, e povoaçoens do Egypto, da Syria, da Paleftina, fó fe ouviaõ difputas, e conteftaçoens. O povo era efpectador, e juiz do combate, vindo as familias a dividir-fe pelos mefmos dogmas, que as deviaõ reunir.

Dous Concilios de Alexandria anathematizáraõ fucceffivamente o auctor de tantos males. Porém *Ario* tinha Sectarios, cujo credito, e genio contrabalançavaõ os esforços, que faziaõ os Prelados Catholicos para extinguir fua heresîa nafcente. Seus mais célebres partidiftas, foraõ os *Eufebios*, hum Bifpo de Nicomedia, outro de Cefarêa; ambos infinuantes, lifongeiras, dobrando-fe ás circunftancias; porém o primeiro mais oufado, e activo; o outro mais acommodado, e circumfpecto. Eftes dous homens perigofos, obravaõ de conloio. O primeiro deo afylo a *Ario*, quando foi obrigado a deixar Alexandria.

Em fimilhante afylo he que efte here-

heresiarca compôz seu poema intitulado, *THALIA*. Este titulo, que só annunciava alegria desestins, era versificado na mesma medida, que as Cançoens de *Sotade*, famosas por sua extrema indecencia. *Ario* semeou nelle os principios de sua doutrina; e para o tornar acommodado á capacidade dos espiritos mais simplices, fez cantigas proporcionadas ás diversas condiçoens do pôvo. Formou-os para os viajantes, para os maritimos, e para os mais officiaes. A qualidade de *proscripto*, e de *perseguido*, que sabia fazer taõ bem apreciar, lhe attrahia a compaixaõ do vulgo, e igualmente a de certos Bispos.

Eusebio de Nicomedia oppôz aos Concilios de Alexandria, outro composto dos Bispos da Bithynia, que foi favoravel á doutrina de *Ario*. Inquietava tudo nas Igrejas do Egypto, da Lybia, do Oriente. Naõ se viaõ mais, que ditos de diversos ranchos, e cartas sobscriptas por huns, e rejeitadas por outros, annun-

annunciando tudo hum proximo incendio.

Concilio de Nicea.

Constantino prevendo as consequencias occasionadas pelos novos erros, escreveo huma carta a *Ario*, e a seu Bispo *Alexandre*, em que fallava da alteraçaõ, segundo a idêa que della se lhe havia dado. ,, As ,, questoens que vos dividem (dizia ,, o Imperador) naõ saõ necessarias, ,, e só procedem de huma inutil o- ,, ciosidade: pódem-se excitar para ,, entreter o espirito; porém ellas ,, naõ devem chegar aos ouvidos ,, do povo. He necessario nestas ma- ,, terias reprimir o prurito de fal- ,, lar. Vós no fundo sois do mesmo ,, sentimento, e com facilidade vos ,, podeis de novo unir. Se naõ po- ,, deis concordar sobre huma ques- ,, taõ taõ frivola, ao menos soffrei- ,, vos neste debate particular. ,,

Póde ser que esta carta do Imperador, (diz o Abbade *Racine*) em

que

que impoem ſilencio aos dous partidos foſſe formada por *Euſebio* de Nicomedia: porém no que toca á queſtaõ, que ahi ſe chama frivola, conſiſtia em ſaber, ſe *J. C.* era Deos, ou creatura, e por conſeguinte, ſe tantos Martyres, e outros Santos; que o adoráraõ, depois da publicaçaõ do Evangelho, tinhaõ ſido idolatras, adorando huma creatura, ou ſe elles rendêraõ ſeus cultos a dous deoſes, ſuppondo, que ſendo Deos, naõ era o meſmo com ſeu Pai.

A Carta de *Conſtantino*, naõ havendo produzido o effeito, que elle eſperava, julgou que era neceſſario convocar huma Synodo geral dos Deputados da Igreja: enviou pois a todo o mundo Chriſtaõ cartas circulares para convidar os Biſpos, e os principaes membros do Clero, a virem a Nicea na Bithynia.

Trezentos e dezoito Biſpos, e hum numero infinito de Presbyteros, e de Diaconos ſe acháraõ no Concilio. A grande idade do Papa S. *Silveſtre* o impedio aſſiſtir; porém enviou.

viou-lhe seus Legados. *Constantino* foi a elle em pessoa com o fim de ser o mediador da paz da Igreja, e ainda que se achava no estado de Cathecumeno, tomou lugar entre os Bispos em huma cadeira de ouro. O Concilio celebrou-se no palacio Imperial. A abertura se fez em 19 de Junho de 325: citáraõ o Presbytero *Ario*, que apoiado de alguns Bispos, teve a ousadia de defender suas opinioens, posto que fosse confundido por Santo *Athanasio*, que nesse tempo, só era Diacono. O Concilio depois de testemunhar o horror, que tinha á doutrina de *Ario*, quiz estabelecer a doutrina da Igreja. Começou-se pois declarando, que *J. C.* he verdadeiro Deos, igual ao Pai, sua virtude, sua Imagem, subsistindo nelle, e em fim o mesmo Deos. Como os Arianos, fecundos em subtilezas, achavaõ sempre meios de eludir estas expressoens, o Concilio naõ achou termo mais proprio para exprimir a unidade indivisivel de natureza, do que a palavra *Consubstancial*;

cial. Esta palavra, em que Santo *Athanasio* teve a maior parte, foi depois o terror dos Arianos.

Quando convieraõ nesta palavra, e em outras proprias para exprimir a Fé Catholica, *Ozio* formou dellas a solemne profissaõ, taõ conhecida depois pelo nome de *Symbolo do Concilio de Nicea*: o qual foi concebido nestes termos: ,, Nós cremos em ,, hum só Deos, Pai todo poderoso, ,, Creador de todas as cousas, vi- ,, siveis, e invisiveis: e em *J. C.* ,, hum só Senhor, filho unico de ,, Deos, gerado da mesma substan- ,, cia do Pai, Deos de Deos, luz ,, de luz, verdadeiro Deos de Deos ,, verdadeiro: gerado, e naõ feito, ,, consubstancial ao Pai: por quem ,, foraõ feitas todas as cousas no ,, Céo, e na terra. Que por nós ,, outros os homens, e pela nossa ,, salvaçaõ desceo dos Céos, incar- ,, nou, e se fez homem; soffreo, ,, resuscitou ao terceiro dia; subio ,, aos Céos, e virá julgar os vi- ,, vos, e os mortos. Nós cremos

,, tam-

,, tambem no Espirito Santo.,, O auctor do Arianismo foi logo desterrado com seus principaes adherentes, e toda a arrogancia, que elle havia affectado ao entrar no Concilio, se mudou em opprobrio.

Estabelicida contra *Ario* a Consubstancial idade do Verbo, passou o Cõcilio aos regulamentos da disciplina: declarou, que para o diante se celebraria o dia de Pascoa, naõ ao da Lua decima quarta, mas no Domingo, que se seguisse a Lua cheia depois do equinoccio da primavera: assim ficou decidida para sempre a questaõ agitadissima no Pontificado do Papa S. *Victor*. Esta decisaõ foi seguida de vinte Canones de disciplina, que nós ainda temos. Prohibio-se ordenar neofytos, e os que tivessem perdido a graça baptismal, por mais penitencia, que tivessem feito. Vê-se a divisaõ das Provincias estabelecidas, e o nome de *Metropolitano*, dado ao Bispo da Capital. Prohibio-se igualmente debaixo de qualquer pretexto que fosse,

o deixar Biſpo algum, Presbytero, ou Diacono, huma Igreja para paſſar a outra, olhando-ſe como abuſos as translaçoens, que começavaõ a introduzir-ſe. Os Biſpos das tres grandes Capitaes do mundo, Roma, Alexandria, e Antioquia tem juriſdicçaõ nas Provincias vizinhas, &c. &c. O Imperador antes de deſpedir os Padres, honrou-os com ſeus preſentes, e beijou as cicatrices daquelles, que haviaõ confeſſado generoſamente a *J. C.* no meio das torturas. A concluſaõ deſte Concilio, o primeiro eucumenico, foi em 23 de Agoſto de 325.

Reſtituiçaõ de Ario; *ſua morte.*

Ario tinha numeroſos ſequazes na Côrte, entre outros, hum Sacerdote que dominava com exceſſo o eſpirito de *Conſtantino*; porque ſua irmã *Conſtancia* ao eſpirar lho havia recommendado. A inſtigaçaõ, e empenhos deſte Presbytero, foi, o heresiarca reſtituido depois de tres annos

nos de desterro. Presentou ao Imperador huma profissaõ de fé, cujo veneno se achava occulto debaixo de termos equivocos. *Constantino*, julgando-o Catholico, permittio-lhe entrar de novo em Alexandria. Santo *Athanasio* successor de *Alexandre*, e defensor invencivel da Divindade do Verbo, naõ quiz recebê-lo em sua communhaõ: Os Arianos o denunciáraõ a hum Concilio, convocado logo em Cesarêa, e transferido a Tyro em 335, onde foi deposto por crimes imaginarios.

Este Concilio recebeo huma profissaõ de fé de *Ario*, concebida em termos capciosos, e escreveo em seu favor á Igreja de Alexandria. O pôvo recebeo com muito custo o pérfido novador, por que lhe attribuia o desterro de Santo *Athanasio*, que acabava de ser mandado a Treveris. *Constantino*, instruido do desassocego, que a presença de *Ario* causava na Alexandria, chamou-o a Constantinopola, e lhe perguntou se seguia á fé de Nicéa? *Ario* o segurou com

juramento, que ſua crença era orthodoxa, e que nunca defendêra os erros, pelos quaes o haviaõ anathematizado em diverſos Concilios. O Imperador ordenou immediatamente a *Alexandre* Biſpo de Conſtantinopola, que o admitiſſe á Communhaõ dos Fieis. O Santo Prelado animava-ſe para reſiſtir ao hereſiarca, quando eſte deſventurado morreo, eſvaindo-ſe de ſuas meſmas entranhas, na occaſiaõ em que hia á Igreja acompanhado de peſſoas com armas, a fim de conſeguir violentamente o fructo de ſua empreza.

Invençaõ da Cruz. Piedade de Santa Helena.

Eſte ſucceſſo intereſſante para a Religiaõ, havia ſido precedido em 327 por outro ainda muito mais glorioſo. Santa *Helena* Mãi de *Conſtantino*, Princeza igualmente piedoſa, e activa, emprendeo na idade de 79 annos, a trabalhoſa jornada de Jeruſalem, que intentava ornar de huma

ma Igreja magnifica. Todos os lugares, por onde paſſou, experimentavaõ ſua generoſidade ineſgotavel. Dava ás maõs cheias, principalmente aos Soldados, e aos pobres; a huns dinheiro, a outros veſtidos. O Imperador tendo-lhe acordado todos os meios de fazer bem, a Imperatriz libertava os priſioneiros, perdoava aos criminoſos, tirava das minas os condemnados a tal ſupplicio, e em fim ſua viagem, foi huma ſerie de beneficios, e de graças.

Chegada a Jeruſalém, ficou ſummamente enternecida á viſta do deploravel eſtado, em que ſe achavaõ os lugares Santos. Os Pagaõs tinhaõ elevado ſobre o Calvario hum Templo a *Venus*, a fim de que o culto abſceno deſta deoſa deſviaſſe os reſpeitos, e acatamentos dos Chriſtaõs. A meſma memoria do Sepulchro de *J. C.* já eſtava perdida. *Helena* pelos indicios de hum Judeo, mandou demolir o Templo da deoſa da ſenſualidade, e deſcobrio o tumulo do Salvador. Cavando nos orredores deſte

reſpeitavel monumento, ſe acháraõ tres Cruzes, e hum milagre ſervio para ſe conhecer a de *J. C.*

Helena adorou neſte lenho Sagrado, naõ o lenho (diz Santo *Ambroſio*) *o que ſeria renovar a idolatria, mas o Rei dos Céos, que havia ſido prêgado nelle.* Enviou huma parte conſideravel deſte precioſo theſouro ao Imperador ſeu filho, e deixou o outro em Jeruſalém em huma caixa de prata. Começou-ſe logo ao redor do Santo Sepulchro, huma ſumptuoſa Igreja com o titulo da *Reſurreiçaõ*, edificando-ſe quaſi ao meſmo tempo outras duas; huma em Bethlem em obſequio ao berço de *J. C.*; e outra ſobre o monte Olivete, para honrar ſua Aſcenſaõ.

Depois de haver dado aos Santos Lugares todo o ſeu eſplendor, voltou Santa *Helena* a ſeu filho, que recebeo ſeus ultimos ſuſpiros no mez de Agoſto de 327. Eſta Princeza eſtava cheia de dias, e de virtudes. Tanto era ſua figura mais reſpeitavel, quanto ſe deſvelava pela ſimplici-

plicidade de ſeu ornato, e práticas humildes em occultar a Mageſtade Imperial. Nas Igrejas, ſó ſe diſtinguia das outras mulheres por ſeu fervor. Ao tempo de expirar, exhortou ſeu filho a ſervir a Deos com temor, e o fortificou na fé.

Morte de Conſtantino. Conſtancio *ſeu filho favorece o Arianiſmo.*

Conſtantino ſobreviveo ſómente dez annos a ſua Mãi, morrendo em 337, regenerado pela graça do baptiſmo, que differio receber até á ultima doença. Eſte Principe amou a Igreja, que lhe devêo todo o ſeu eſplendor, e liberdade: porém facil em ſe deixar enganar, affligio-a no caſo do Arianiſmo, quando penſava ſervi-la. Entregou ás perſeguiçoens dos hereges, muitos Biſpos dignos da ſua protecçaõ. O deſterro, e depoſiçaõ dos defenſores da Fé de Nicêa (diz Mr. *le Beau*) balançaõ ao menos a gloria de haver convocado eſte celeberrimo Concilio. Em fim as

lu-

luzes com que o baptiſmo lho eſclareceo o eſpirito, lhe moſtráraõ igualmente, que deſterrando os Prelados adherentes á verdade, havia abuſado de ſeu poder; recommendou, ſe reſtituiſſe Santo *Athanaſio*, e ſe protegeſſem, os Orthodoxos.

Conſtantino morrendo, ordenou, que o Imperio ſe dividiſſe entre ſeus tres filhos, *Conſtantino*, *Conſtancio*, e *Conſtante*, participando tambem delle ſeus ſobrinhos *Dalmacio*, e *Annibaliano*: porém as ultimas vontades dos Principes ſaõ raramente executadas. Julga-ſe (diz o Padre *Longueval*,) que elles tem aſſaz mandado em vida, e que ſua auctoridade naõ deve ſobreviver á propria peſſoa. Os exercitos ſó quizeraõ obedecer aos filhos de *Conſtantino*, que dividíraõ entre ſi o Imperio. *Conſtantino* o mais velho dos tres, ficou com a Gallia, a Heſpanha, e a Bretanha; *Conſtancio* com todo o Oriente; e *Conſtante* com a Italia, a Illyria, e a Africa.

O novo *Conſtantino*, que havia conſa-

consagrado á Religiaõ as primicias de seu Reino, favorecendo os Orthodoxos, foi morto desgraçadamente junto de Aquiléa em 340, de 24 annos de idade. *Constante* seu irmaõ, feito por sua morte Senhor de todo o Occidente, herdou seu zelo contra a heresîa.

Constancio, que reinava no Oriente, estava bem longe de o imitar; começou seu governo pela morte cruel de seus parentes, e continuou-o pela perseguiçaõ dos Catholicos. Os Arianos, favorecidos por este Principe, convocáraõ hum Concilio em Antioquia, no qual deraõ por successor a Santo *Athanasio*, que tinhaõ deposto, hum de seus faccionarios, chamado *Gregorio*. Este intruso, querendo fazer sua entrada em Alexandria, se revoltou o povo, e muitas pessoas foraõ mortas violentamente. Os Templos foraõ profanados pelos Pagaõs, entrando nisto á competencia; os Santos Mysterios se víraõ calcados aos pés, e as virgens ultrajadas.

San-

Santo Athanaſio *reſtabelecido.*

Conſtante deteſtava tanto o Arianiſmo, quanto ſeu irmaõ *Conſtancio* parecia ama-lo. A uniaõ de Santo *Athanaſio* á verdade, ſua firmeza, ſua coragem lhe haviaõ dado huma grande idêa deſte Prelado. Reſoluto a fazê-lo reſtabelecer em ſua Sé, inſtou vivamenee ſeu irmaõ a convocar hum Concilio. *Conſtancio* empenhado em huma guerra contra os Perſas, e temendo crear hum novo inimigo, recuſando entrar nas intençoens de ſeu irmaõ, eſcreveo aos Biſpos Orientaes para ſe acharem em Sardica Cidade de Illyria, Metropole dos Dacios. Juntáraõ-ſe mais de ſetenta Biſpos, e os Prelados Arianos vendo logo, que o Concilio naõ ſeria favoravel a ſeu partido, retiraraõ-ſe a Filipolis na Tracia, onde em hum Conciliabulo excommungáraõ Santo *Athanaſio*, e ſeus partidiſtas. Entretanto eſte illuſtre defenſor da Conſubſtancialidade do Verbo; reſtabelecido

do pelos Padres de Sardíca, foi entregue a ſeu rebanho; ainda que iſto ſómente ſe praticou em 349, dous annos depois da Celebraçaõ do Concilio. A Congregaçaõ de Sardíca foi ſempre venerada na Igreja pelos anathemas arremeçados contra a impiedade Ariana, ou pelos Sabios Canones de diſciplina, que nella ſe promulgáraõ.

Revoluçoens do Imperio; novas perſeguiçoens dos Catholicos.

A paz dada á Igreja naõ foi de longa duraçaõ. *Conſtante*, que governava o Imperio do Occidente, tinha, Miniſtros, que fizeraõ o pôvo deſgraçado, e o Principe odioſo. *Magnencio*, Germano de Origem, e Soldado de fortuna, aproveitou-ſe do deſgoſto dos Vaſſallos, para uſurpar a dignidade Imperial. Fez-ſe proclamar Imperador em Autun no anno 350 entre o divertimento de hum feſtim, onde ſe moſtrou reveſtido de purpura. *Conſtante* abandonado da me-

melhor parte de ſuas tropas, vio-ſe obrigado a fugir para Heſpanha; porém foi apanhado, e morto em Elna nos Pirineos, depois de 13 annos de Reinado.

Santo *Athanaſio*, que perdia ſeu mais zeloſo protector, fez hum excellente elogio das qualidades deſte Principe. Louva mais que tudo ſeu zelo pela fé, ſuas liberalidades para com as Igrejas, e contempla ſua morte, como huma eſpecie de martyrio. „ Outros auctores poſteriores naõ „ daõ de *Conſtante* huma idêa taõ „ vantajoſa. Elles o repreſentaõ pe- „ lo contrario como hum Principe „ dado aos mais infames exceſſos, „ e o accuſaõ de ſe haver apunhala- „ do para naõ cahir nas maõs de ſeus „ inimigos. Vale mais que nos guie- „ mos pelo juizo de Santo *Athana-* „ *ſio*. (*HIST.da Igreja Gallic.*Livro „ 2.)

Todavia *Conſtancio* vencedor dos Perſas, marchou contra *Magnencio*, que o desfez em duas batalhas campaes. Eſte uſurpador fugio para Liaõ, onde

onde para se subtrahir á vingança de seus inimigos, se apunhalou, depois de ter morto de raiva seus parentes, seus amigos, e sua propria mãi, em 353.

Constancio, unico Senhor do Imperio, depois da morte deste General rebelde, tornou-se em perseguidor dos Bispos Catholicos. Perseguio-se de novo Santo *Athanasio*, naõ como errante em materia de fé, mas como culpado de pertendidos crimes de Estado. Hum Concilio celebrado em Arles no anno de 353 foi de tal modo allucinado pelas intrigas dos Arianos, que *Vicente*, hum dos Legados do Papa *Liberio* sobscreveo á condemnaçaõ de Santo *Athanasio*, que foi separado da Communhaõ da Igreja. O Papa cheio de afflicçaõ, e amargura pedio hum novo Concilio á Constancia. Foi convocado em Milaõ em 355, e posto que este Synonodo fosse composto de hum grande numero de Prelados Orthodoxos, os Arianos tiveraõ a superioridade. Os Bispos, que recuzáraõ condemnar *A*-

tha-

thanasio, foraõ desterrados; o mesmo Papa *Liberio*, foi bannido para Thracia. Os hereges annunciáraõ entaõ seus erros nos pulpitos, ganháraõ muitos Prelados Catholicos pelo engodo do dinheiro, e intimidáraõ outros por suas ameaças. As dignidades Ecclesiasticas só foraõ para os Arianos, ou seus fautores; os Concilios juntos por taes Bispos, tornaraõ-se em Conciliabulos politicos, cujas decisoens eraõ reguladas pelo poder Secular. O Papa *Liberio*, enojado de seu desterro assignou para alcançar a sua restituiçaõ, huma formula de Fé, em si capciosa, e renunciou tambem á Communhaõ de *Athanasio*, que havia sido lançado fóra de sua Sé, e obrigado occultar-se. Porém no meio desta desolaçaõ, a Igreja foi consolada pela firmeza de hum grande numero de Bispos das Gallias, entre outros Santo *Hilario* de Poitiers, que seu zelo pela sã doutrina fez desterrar para a Frygia. *Liberio* envergonhado de sua queda, levantou-se logo, e raparou

o

o eſcandalo por ſua piedade, e por ſeu ardor para com a Fé Catholica.

Diviſaõ dos Arianos; novos Conſiliabulos.

Os Arianos aſſimilhando-ſe a todos os mais hereges, começáraõ a dividir-ſe em muitas ſeitas. Os principaes Cabeças do Arianiſmo tendo ſido depois de *Ario*, *Aecio*, e *Eunuco*, ſeus diſcipulos tomáraõ os nomes de *Aecianos*, e de *Eunomianos*. Chamavaõ-lhes tambem *Arianos puros*, para os diſtinguir dos Semi-Arianos. Eſtes ſuſtentavaõ contra os *Arianos*, que o Filho de huma natureza ſimilhante ao Pai; porém naõ queriaõ convir com os Orthodoxos, que tiveſſe a meſma eſſencia. Cada hum deſtes partidos dominou na Côrte, ſegundo a diſpoſiçaõ do eſpirito do mudavel, e caprichoſo *Conſtancio*. Facultava a huns, e a outros a permiſſaõ de juntar Concilios, nos quaes ſe eſcurecia mais a verdade, do que ſe aclarava.

Fi-

Fizeraõ-ſe duas aſſembleas deſte genero no meſmo anno de 359; huma em Rimini á borda do mar Adriatico, outra em Seleucia na Illyria. A primeira foi compoſta dos Biſpos Occidentaes, e a ſegunda dos Prelados do Oriente. Ambos violentados em ſuas deciſoens, ou entregues á seducçaõ dos hereges, feríraõ de algum modo a doutrina do Concilio Niceno.

Os Biſpos congregados em Rimini, havendo no principio anathematizado o erro de *Ario*, acabáraõ pela aſſignatura de huma profiſſaõ de Fé equivoca, em que naõ percebêraõ o veneno ariano que occultava. Entaõ os Arianos tiráraõ a maſcara, e ſegundo a expreſſaõ de S. *Jeronymo*, o mundo Chriſtaõ gemêo com tal fraudulencia, admirando-ſe de ſe ter tornado em Ariano.

Os Biſpos, na volta para as ſuas Dieceſes, abríraõ os olhos, e declaráraõ naõ haver jámais conſentido no indigniſſimo Decreto de Rimini. Uniraõ-ſe ao Papa *Liberio*, e aos mais

mais, que naõ tiverem parte em ſimilhante dolo. Eſta foi a origem de huma perſeguiçaõ, na qual S. *Gaudencio*, Biſpo de Rimini, foi morto apedrejado, e baſtonado pelos Soldados do Preſidente *Marciano*.

O erro achou ainda menos obſtaculos em Seleucia. A abertura do Concilio ſe fez a 27 de Septembro, e de cento e ſeſſenta Biſpos, ſó appareceo Santo *Hilario* deſterrado neſſe tempo na Frygia, e doze, ou treze Biſpos do Egypto, que propugnáraõ conſubſtancialidade do Verbo. O Concilio ſe dividio. Os puros Arianos fizeraõ á parte ſua profiſſaõ de Fé, e os Semiarianos eſtiveraõ pela que ſe havia formado no Concilio de Antioquia, celebrado em 341. Depois de ſe haverem anathematizado mutuamente; ſeparáraõ-ſe ſem concluir couſa alguma de ſeus intentos.

Os principaes dos dous partidos, partíraõ a Conſtantinopola, onde ſe achava entaõ o Imperador. Eſte Principe ſempre addicto á heresîa, occupou-

cupou-se unicamente em fazer assignar aos Deputados de Seleucia, e aos outros Bispos a formula de Rimini, empregando successivamente as sollicitaçoens, e as ameaças. Pronunciou a pena de desterro contra os que recusassem sobscrever á dita fórmula, a decima oitava formada pelos Arianos: tanto he dificil de desterminar a propria, e devida crença, quando qualquer se desvia da da Igreja!

Convocou-se logo outro Concilio em Constantinopola, e *Constancio* dirigio todas as decisoens, fazendo assignar tambem a fórmula de Rimini, taõ favoravel aos Arianos. Os que naõ quizeraõ, foraõ olhados como inimigos do Estado.

Morte de Constancio.

O Imperador tinha com effeito inimigos; porém naõ eraõ os Catholicos. *Juliano* seu cunhado, havendo sido proclamado Imperador em Parîz, obrigou-o a por-se á frente

te de ſuas tropas. Na marcha, que fez para combatê-lo, foi acommettido de huma ardente febre, que derepente ſe tornou perigoſa. Morreo pois na heresîa, como havia vivido, tendo primeiro recebido o baptiſmo de hum Ariano, chamado *Euzoio* Biſpo de Antioquia.

Eſte Principe, dizem, teve hum excellente natural, mas foi corrompido pelas lizonjas dos Cortezaõs. Senhores de ſeu eſpirito coſtumaraõ-no pouco a pouco a conſiderar a Conſubſtancialidade do Verbo, naõ como dogma, mas como huma vã ſubtileza Theologica, ou como huma queſtaõ de pura curioſidade, de que os ſugeitos inquietos, e ardentes quizeraõ formar hum negocio importante.

Alguns Auctores Chriſtaõs referem, que em ſeus ultimos momentos, tremendo á viſta do juizo de Deos ſe arrependeo de tres couſas: primeira de haver derramado o ſangue de ſeus parentes; ſegunda de ter dado a *Juliano* a igualdade de Ce-

ſar; terceira de errar com os Arianos. Porém eſtes factos (diz Mr. *le Beau*) saõ incertiſſimos. O que ſe dá por ſeguro, he que elle fôra até os fins de ſua vida o jogo dos Arianos; e que os Prelados Catholicos ſó experimentáraõ nelle rigores; ao meſmo paſſo que os Biſpos hereges foraõ tratados com ſumma bondade.

Reinado de Juliano.

Juliano, que lhe ſuccedeo, aborrecia os primeiros Officiaes de *Conſtancio*, e mais que todos a *Euſebio* Camariſta, que foi na Côrte o ſuſtentaculo do Arianiſmo. Permittio a todos os Chriſtaõs, o profeſſar cada hum ſeus particulares ſentimentos: a Fé de Nicêa renovou entaõ ſeu eſplendor, e o erro perdeo muitos partidiſtas.

Com tudo a tolerancia de *Juliano* procedia menos do amor da verdade, que dos deſejos que tinha de reſtabelecer o paganiſmo. Eſte Principe educado na Religiaõ Chriſtã, naõ a amou jámais. A politica dirigia ſua

sua crença. Usou de vestido Clerical, e para se livrar da crueldade, e ciume de *Constancio*, tomou depois o habito de Monge, buscando deste modo evitar huma sorte igual á de seu irmaõ *Gallo* mandado matar pelo mesmo Imperador. Sahindo do Claustro, desposou-se com *Helena*, irmã de *Constancio*, que o enviou para as Gallias, onde foi proclamado Imperador. Logo que ficou pacifico possuidor do throno pela morte deste Principe, abrio os Templos dos falsos deoses, restabeleceo-lhes o culto, e tomou a dignidade de Soberano Pontifice com todas as ceremonias pagãs. Vio-se immediatamente correr por toda a parte o sangue das victimas. Seu palacio veio a ser, como hum vasto templo, e do mesmo modo seus jardins. Observava-se o Imperador postrado diante dos deoses de ouro, e de pedra, partir a lenha, atiçar o fogo, soprá-lo até faltar-lhe a respiraçaõ, e matar por si mesmo as victimas. Todavia naõ quiz obrigar pessoa alguma por vio-

lencia a ter parte em ſeus ſacrificios.
„ Os *Galileos*, (aſſim chamava elle
„ aos Chriſtaõs) „ os *Galileos* dizia
„ o Imperador, ſaõ menos máos,
„ que inſenſatos. He preciſo ganha-
„ los pela razaõ, e ſuavidade. Naõ
„ ſe moſtraõ elles aſſaz infelices em
„ ſe enganarem na couſa mais eſſen-
„ cial do mundo? Saõ ſem duvida
„ a meus olhos mais dignos de pie-
„ dade que de odio. „

Eſta compaixaõ inſultante ligada ás mofas, ás caricias, e aos beneficios, fez apoſtatar, principalmente na Côrte, huma grande multidaõ de pertendidos Chriſtaõs, que havendo abraçado noſſa Religiaõ, como ſe toma huma moda, a deixáraõ, logo que víraõ, ſe propunha outra nova. Catholicos no tempo de *Conſtantino*, Arianos no Reinado de *Conſtancio*, e idolatras no Imperio de *Juliano*. Porém no meio da prevaricaçaõ univerſal, houveraõ em todos os eſtados Chriſtaõs generoſos, unidos á verdadeira Religiaõ; ſacrificando-lhe todas as eſperanças da

da ambiçaõ. Taes foraõ *Joviano*, e *Valentiniano*, que succêdêraõ a *Juliano*, hum depois do outro, achando ainda desde esta vida o centuplo, pela haverem arriscado por *J. C.*

Parecendo a *Juliano* hum opprobrio, o nome de perseguidor, naõ attentou o Christianismo a força descoberta. As vantagens temporaes, as vexaçoens córadas com estranhos pretextos, o artificio, e a velhacaria foraõ as armas, de que se servio. Restituio todos os Bispos desterrados por *Constancio*. *Aêcio* o partidario mais acerrimo do *Arianismo*, recebeo da sua parte honras extraordinarias, porque seu irmaõ *Gallo* o distinguio com sua amizade. Tratando igualmente bem os Orthodoxos, e os Hereges, imaginou, que faria nascer, pela confusaõ dos differentes partidos, huma guerra intestina no seio do Christianismo, cujos defensores, lacerando-se por suas proprias maõs, inspirariaõ desprezo sobre seus dogmas, e suas regras de costumes.

As riquezas, ſendo á ſeus olhos hum meio de ligar os pobres á Religiaõ, deſpojou as Igrejas de todas as ſuas rendas para da-las a ſeus Soldados, ou uni-las ao proprio dominio. ,, Eu quero, dizia elle, a-
,, judar os *Galileos* a praticar ſua
,, Lei admiravel, e facilitar-lhes a
,, entrada no Reino dos Céos. ,,
Revogou os privilegios das Igrejas, as penſoens aſſignadas por *Conſtantino* aos Clerigos, ás Virgens, ás Viuvas, obrigando ainda todos á reſtituiçaõ do paſſado com hum rigor extremo: mas como os Chriſtaõs poderiaõ defender-ſe na Juſtiça, prohibio-lhes mover qualquer pleito, e exercitar cargos públicos, a fim (dizia elle) de ſe conformarem com os preceitos do Evangelho, que lhes ordena, que ſoffraõ as injurias, e que fujaõ das honras.

Os Auctores Chriſtaõs tiravaõ da inſania das fabulas do Paganiſmo a condemnaçaõ da idolatrîa, e ſe ſerviaõ frequentemente dos diſcurſos de *Plataõ* (eſcreve o Abba-

de

de *Choisi*) para estabelecer a moral de *J. C. Juliano* quiz privá-los desta vantagem, separando-os de professarem as bellas letras, ou humanidades. ,, *Homero* (dizia *Juliano*) ,, *Hesiodo*, *Demosthenes*, *Herodo-* ,, *to*, *Thucydides*, *Isocrates*, e *Ly-* ,, *sias* reconhecêraõ os deoses por ,, auctores de sua doutrina. Para que ,, he pois offerecer a mocidade es- ,, tes homens, como grandes perso- ,, nagens, e condemnar ao mesmo ,, tempo sua Religiaõ? Comecem ,, os *Galileos* por imitar sua pieda- ,, de para os deoses, e se julgaõ, ,, que elles se enganaõ, vaõ só ex- ,, plicar *Mattheus*, e *Lucas* em suas ,, Igrejas.,, Muitos professores Christaõs quizeraõ antes deixar suas cadeiras, que a Religiaõ do Salvador. *Victorino* da Africa, que ensinava Rhetorica em Roma com huma distincçaõ, que lhe mereceo huma estatua, teve principalmente esta generosidade, e seu exemplo foi util a outros muitos professores de humanidades, como se poderá ver depois

no artigo dos *Escriptores Ecclesia. sticos.*

Ainda que *Juliano* testemunhasse hum vilipendio singular a respeito dos Christaõs, com tudo sentia à vantagem, que lhes dava o esplendor das virtudes. Quiz aproveitar-se de seus costumes para reformar o Paganismo. Exhortou os sacrificadores, e todos os Pagaõs zelosos a desvelarse na imitaçaõ, do que obravaõ os *Galileos.* ,, Os Pontifices (dizia el-
,, le) viviaõ, como se estivessem
,, sempre na presença dos deoses;
,, appliquem-se a purificar seus pen-
,, samentos; orem particularmente,
,, e em publico, ao menos de ma-
,, nhã, e á noute. Nenhum chegue
,, aos espectaculos, auctorizando-
,, lhe a impureza com sua presença:
,, porém mais que tudo (accrescen-
,, ta o mesmo Imperador) estabele-
,, cei em cada Cidade hospitaes pa-
,, ra exercitar a humanidade para
,, com os estrangeiros, e os indigen-
,, tes. He vergonhoso, que nenhum
,, Judeo mendigue, e que os impios
,, Gali-

,, Galileos, além de ſeus pobres,
,, nutraõ tambem os noſſos. ,,

A pezar da brandura, que *Juliano* affectava ao reſpeito dos Chriſtaõs, que queria privar da gloria do martyrio, naõ ſoube moderar eſte odio occulto, que o animava ſempre contra o Chriſtianiſmo. Dava os cargos publicos aos inimigos mais crueis deſta Religiaõ, que achavaõ mil pretextos de perſeguir ſeus mais fieis obſervadores. As ordens que o Imperador havia dado para o reſtabelecimento da idolatrîa, e reedificaçaõ de ſeus templos, eraõ multiplicadas occaſioens para ſe ſentirem as Cidades cheias de tumultos, excitados pelos Pagaõs. Houveraõ Martyres na maior parte das Provincias. Hum dos mais célebres foi S. *Baſilio*, Sacerdote de Ancyra, que morreo no meio dos tormentos com huma coragem admiravel. Na Fenicia, os Pagaõs matáraõ hum Diacono, que havia quebrado muitos idolos no tempo de *Conſtantino*, comendo-lhe os figados, depois de lhe abrirem o ventre: tanto

to he aſſignalado o fanatiſmo dos póvos, em quaeſquer tempos para execuçoens horriveis, e inauditas, principalmente quando elle ſe excita, e tolera pelos Principes.

Juliano fez outra tentativa contra a Religiaõ Chriſtã. Para falſificar a Profecia de *J. C.* ſobre Jeruſalem, quiz renovar o Templo; porém o Céo o impedio com milagres ſignalados, e referidos, como indubitaveis nos Hiſtoriadores contemporaneos. Preparava-ſe a deſcarregar nóvos golpes no Chriſtianiſmo, quando pereceo em hum combate dado aos Perſas, da idade de 31, ou 32 annos em 362. Principe valeroſo, caſto, liberal, juſto, quando o fanatiſmo o naõ alienava; mas vaõ, ſuperſticioſo, extravagante, dado á magia, e a todas as manîas do Paganiſmo. Hydropico de gloria, como os avarentos o ſaõ das riquezas: percebia-ſe (diz Mr. *le Beau*) neſta alma todo o jogo da vaidade.

Juliano achava-ſe quaſi no ponto de mandar a Africa hum Edicto

de

de perseguiçaõ. Os Pagaõs esperavaõ com ancia a volta do Imperador para verem correr o sangue dos Christaõs. A' nova de seus primeiros successos na Persia, o Sofista *Libanio*, encontrando em Antioquia hũ Christaõ, que conhecia, lhe disse, para insultar a *J. C.*: *Entaõ que faz ao presente o filho do Carpinteiro? Faz*, respondeo o Christaõ, *huma tumba para o vosso Heroe.*

No meio dos gemidos, que a morte de *Juliano* arrancava á Idolatrîa, S. *Jeronymo* ouvio estas palavras da boca de hum Pagaõ: *Como pódem os Christaõs exaltar a paciencia de seu Deos? Ninguem há taõ prompto em sua colera. Naõ tem, naõ tem podido suspender por algum tempo sua indignaçaõ.*

Entre os Auctores antigos, que fallaõ de *Juliano*, huns o louvaõ excessivamente, outros vaõ sobre seus escuros feitos. Aquelles saõ adoradores de *Juliano*, como de suas divindades, estes, cujo testemunho he por outra parte respeitavel (diz Mr.

le

le Beau) só descobrem nelle hum inimigo do verdadeiro Deos. Todos porém confessaõ, que elle se mostrou furioso contra os Christaõs. „ *Juliano* só poupando suas vidas nas pa-„ lavras, e nos Edictos, foi o mo-„ delo dos Principes perseguidores, „ que querem evitar esta censura „ por huma apparencia de benevo-„ lencia, e de equidade. „ (*Hist. do baixo Imperio.* Liv. 14.)

Reinados de Joviano, *e de* Valente.

A hum Principe inimigo declarado do Christianismo, succedeo hum Imperador taõ firme na Fé Catholica, como intrepido na guerra. Este foi *Joviano*, filho do Conde *Véteraniaõ.* O exercito, que seguio *Juliano* na Persia, lhe decretou a Corôa Imperial, que elle só recebeo, com a condiçaõ, de que os Soldados seriaõ Christaõs. Depois de ter alcançado a paz de *Sapor*, Rei da Persia, hia applicar todos os seus cuidados ao restabelicimento da sã doutrina.

Re-

Renovou todas as Leis de *Constantino* contra a Idolatrîa, e fez sobre ella novas ainda mais severas. *Juliano* tinha restituido, sem distinçaõ, todos os que *Constancio* perseguio. Os Donatistas confundíraõ-se com os Catholicos, para que a divisaõ reinasse sempre entre os Christaõs, e se enfraquecessem por suas discordias. *Joviano*, pelo contrario, só foi favoravel aos que haviaõ sido desterrados pela Fé. Honrou particularmente Santo *Athanasio*, que era respeitado, como o primeiro de todos elles; porém huma inopinada morte, causada em 364 por huma vaporaçaõ de carvaõ, privou a Igreja, e o Imperio deste bom Principe, que reinou oito annos. Sua piedade naõ immortalizou menos seu reinado, do que seu esforço.

Depois da morte de *Joviano*, o Imperio foi dividido. O Oriente ficou sujeito a *Valente*, e o Occidente a *Valentiniano*. Este Principe era todo dedicado á verdeira Fé. A Igreja Latina gozou em seu governo de hu-

huma conſtante paz. Os Sectarios do Arianiſmo, que eraõ em pequeno numero, naõ tiveraõ quaſi auctoridade alguma.

A ſórte da Igreja Grega naõ foi taõ venturoſa. A mulher do Imperador *Valente* era Ariana. Ella o levou aos erros de ſua Seita. Os hereges exercitáraõ no tempo de ſeu Reinado, e por ſua auctoridade, as violencias que eraõ proprias de ſeus animos. S. *Baſilio* lamentou-ſe, de que os Catholicos, ſoffrendo muito maiores males, que no tempo dos Imperadores Idolatras, naõ tiveſſem a conſolaçaõ de alcançar o glorioſo titulo de Martyres. Huma chuſma de Paſtores, preferindo ſeus lugares, e ſeus deſcanços ao intereſſe de Deos, e da verdade, cedêraõ á perſeguiçaõ. Os Arianos penetráraõ até aos deſertos da Thebaida, para lançarem della os ſolitarios, que naõ queriaõ entrar em ſeu partido; porém eſta tormenta durou pouco. *Valente* vencido pelos Godos, foi queimado achando-ſe inteiramente vivo jun-

to de Andrinopola em 378.

Theodosio *declara-se contra os Arianos. Concilio de Constantinopola.*

Theodosio célebre Capitaõ Hespanhol, que o Imperador *Graciano* tomou por seu Collega depois da morte de *Valente*, naõ adoptou os sentimentos deste derradeiro Principe. Declarou-se abertamente pelos Catholicos. Começou seu Reinado por hum Edicto que ordenava seguir a Fé de Nicêa, ensinada pela Igreja Romana. Abolio desde logo todos os Edictos dados por seus predecessores em favor dos hereges. Mandou entregar todas as Igrejas aos Orthodoxos, e os que recusáraõ restitui-las, foraõ tratados, como rebeldes.

Para procurar á Igreja huma paz duravel, convocou em 381 hum célebre Concilio em Constantinopola; o segundo dos Ecumenicos, ou Geraes. Os Bispos congregáraõ-se de to-

todas as Provincias do Oriente, e fizeraõ quasi o numero de cento e cincoenta. Como o principal fim da celebraçaõ do Concilio era a reuniaõ das Igrejas, e a extincçaõ das heresîas, formou-se nelle hum Symbolo, que he o que nós cantamos hoje na Missa, ao qual se juntou depois a palavra *Filioque*. Condemnaraõ-se pela mesma Assemblêa, todos os hereges do tempo, e formaraõ-se muitos Canones. O que dá a prerogativa de honra, ou o segundo lugar depois do Papa, ao Patriarca de Consttantinopola, teve pelo tempo adiante muitas difficuldades da parte de Roma.

O Concilio Geral, naõ tendo podido conduzir as ovelhas errantes ao aprisco, *Theodosio* convocou dous particulares, hum em 382, e outro em 383.

Fizeraõ-se ambos em Constantinopola. Todos os cabeças das seitas scismaticas, foraõ mandados assistir ao ultimo. Elles sim se juntaraõ, porém em vaõ se procurou sujeitá-los á Fé Catholica, naõ havendo

vendo cousa alguma que vencesse a obstinação dos Arianos, Eunomianos, e Macedonianos. A teima destes monstros obrigou *Theodosio* a publicar contra elles huma Lei severa, que os amargurou, ainda que os não fez mudar de opinião.

Zelo de Theodosio *respectivamente a destruição da Idolatria.*

Os Pagãos não o acháraõ mais bem disposto a seu favor, que os scismaticos. Debalde procuráraõ extremosamente no anno de 384, pelo eloquente *Symacho*, prefeito de Roma, o restabelicimento do altar da Victoria. O Imperador lho recusou com firmeza. N'huma viagem que *Theodosio* fez a Roma em 389, exhortou os Senadores a abraçar a Religião Christã, cuja moral simplice, e sublime podia elevar, sem estudo, o ultimo dos homens acima dos maiores Filosofos. Em vaõ se lhe representou, que Roma, havia quasi doze seculos, subsistia com a protec-

çaõ de ſeus deoſes. Santo *Ambroſio* já tinha reſpondido a eſta objecçaõ, moſtrando que os triunfos de Roma pagã naõ eraõ devidos ás ſuas divindades; porque lhe eraõ cõmuns com ſeus inimigos; mas ſómente ao valor de ſeus guerreiros, e á diſciplina de ſeus Soldados. *Theodoſio* deſpedio conſecutivamente os Senadores, declarando-lhes, que o theſouro publico naõ faria mais os gaſtos dos impios ſacrificios; e q̃ o Eſtado preciſava ſó de militares, e naõ de victimas. Supprimir os fundos deſtinados para os ſacrificios, era quaſi deſtruir os Templos: na verdade notouſe logo hum grande numero delles fechados, ou demolidos.

Theodoſio naõ ſó tolerava, que ſe deſtruiſſem os monumentos da Idolatria, mas tambem o permittia expreſſamente, com tanto que ſe naõ tocaſſem nas Eſtatuas, que ſerviaõ de ornamento ás Cidades. Mandou por todo o Imperio ordens ſobre o inteiro deſtroço dos deoſes, ſuperſtiçaõ, e falſo culto. *Theofilo* Biſpo

de

de Alexandria executou-as com tal ardor, que nada lhe faltou para excitar o motim, e a ſediçaõ. Demolio os templos de *Bacho*, e de *Serapis*, edificando em ſeus lugares Igrejas ao verdadeiro Deos. Os Egypcios, povo ſempre ſuperſticioſo, viraõ com horror arruinar os objectos de ſeu culto, e deſmaſcarar ós artificios de ſeus Sacerdotes; notando-ſe as eſtatuas ôccas, por onde ſe praticava o engano dos Oraculos. A reſiſtencia, que elles fizeraõ aos mandados do Imperador, foi taõ exceſſiva em alguns lugares, que os executores Imperiaes ſe contentáraõ, que fechaſſem os templos.

Huma nova Lei de *Theodoſio*, em 392 prohibio tambem a todo o Vaſſallo do Imperio o fazer offerta alguma, ou ſacrificio no interior de ſua caſa, e igualmente o accender velas, queimar incenſos, ſuſpender grinaldas de flores em honra dos deoſes domeſticos. Eſte Edicto declara criminoſo de Leza Mageſtade, qualquer que ſe atrever a ſacrificar,

ou a consultar as entranhas das victimas. Ordena a confiscaçaõ da casa, onde se houver offerecido incenso, e da terra, ou campo, cujas arvores se ornassem com as fitas, e bandas, que enfeitavaõ as victimas, ou as cabeças dos Sacerdotes. A mesma Lei obriga aos Officiaes, e aos Conservadores das Cidades a denunciar os culpados, e condemna os Ministros em trinta libras de ouro, descuidando-se de sua execuçaõ. Estas severas Leis intimidáraõ hum grande numero de Pagaõs, e muitos renunciando seus erros abraçáraõ a verdadeira Religiaõ. Os mais nobres Senadores de Roma, os *Anicios*, os *Probros*, os *Paulinos*, *os Grachos* procuráraõ reduzir-se ao Christianismo, com todas as suas familias. Ainda que a idolatrîa tivesse defensores nesta Capital do mundo, o pôvo Romano corria em chusmas ao Vaticano, reverenciar os tumulos dos Apostolos; ou a Latraõ receber o baptismo; a *Theodosio* foi, que se devêo em parte, este beneficio. *Pe-*

Penitencia de Theodoſio.

O zelo de *Theodoſio* brilhava em todas as occaſioens, unindo-lhe hum inteiro obſequio conſagrado á diſciplina da Igreja. Eſta ſujeiçaõ ſe moſtrou principalmente em huma importante circumſtancia. Os habitadores de Theſſalonica, tendo-ſe revoltado em 388 contra ſeus Magiſtrados, os lançáraõ fóra de ſua Cidade. Eſte attentado irritou de tal modo o Imperador, que logo enviou tropas com ordem, para que naõ perdoaſſem a algum dos Theſſalonicenſes. Os Soldados, achando-os ſitiados, juntos em hum dia ſolemne, os immoláraõ á vingança do Imperador, e lhes matáraõ mais de ſete mil.

Eſta horrivel carnagem, na qual ſe havia confundido o innocente com o culpado, indignou todo o Imperio. *Theodoſio* preſentando-ſe á porta da Igreja de Milaõ hum dia de feſta, Santo *Ambroſio* Biſpo deſta Cida-

Cidade, lhe prohibio a entrada até que elle expiasse a mortandade de Thessalonica. O Imperador se sujeitou, e seguio na penitencia, que lhe impoz o generoso Bispo, todas as regras da Igreja. Santo *Ambrosio* o admittio á Communhaõ dos Fieis, quando declarou por hum mandado expresso, que as sentenças de morte, se executariaõ depois de trinta dias. Esta Lei salvou tambem depois a Cidade de Antioquia, que tendo arrastado pelas ruas a estatua da Imperatriz *Flacilla*, serîa tratada, como Thessalonica, se naõ fosse causa, de que o Imperador tivesse tempo de socegar as ondas de sua colera.

O fim do Reinado de *Theodosio* foi taõ glorioso, como o seu principio. Depois de se haver signalado por sua Religiaõ, seu valor, sua genorosidade, sua justiça, morrêo accumulado de gloria em 395. Seu unico defeito era hum genio ardente, e arrebatado, que naõ reprimio sempre. Dividio o Imperio por

seus

ſeus dous filhos, *Arcadio*, e *Honorio*, que lhe herdáraõ o Sceptro, ſem lhe ſucceder em ſuas principaes virtudes.

Quarenta dias depois da morte de *Theodoſio*, Santo *Ambroſio* pronunciou ſua oraçaõ funebre na Igreja de Milaõ. Louvou ſua fé, á qual attribuio ſuas victorias, ſua humildade, que tanto reverberou de ſua penitencia pública, e mais que tudo ſua facilidade em perdoar. ,, Julgava, diz o Santo Padre, receber hum beneficio, quando lhe ,, pediaõ alguma graça. Nunca moſtrou melhor diſpoſiçaõ para perdoar, que quando ſe havia deixado arrebatar da colera: ſua indignaçaõ tornava-ſe entaõ em remedio dos culpados. O meſmo arrojo de ira, era para ſeu animo, a maior razaõ de conceder a graça.

Con-

Conquiſtas da Religiaõ Chriſtã ſobre a Idolatria.

Nós vimos o que *Theodoſio* fez por eſtabelecer o Chriſtianiſmo ſobre as ruinas da Idolatrîa. Em ſeu tempo, e no dos Imperadores dedicados á verdadeira Religiaõ, eſta ſe avantajou naõ ſómente no Imperio, mas fóra delle nas vaſtas regioens, onde o zelo de muitos Miſſionarios levou a luz do Evangelho.

As naçoens das vizinhanças do Rheno, as partes mais deſviadas da Gallia, foraõ allumiadas por eſta divina chamma. O Chriſtianiſmo penetrou entre os Godos, e no meio de outros póvos vizinhos do Danubio. Os Armenios recebêraõ as verdades Evangelicas deſde os principios do Chriſtianiſmo, e o Commercio deſta regiaõ com Oſdroena regiaõ da Meſopotamia, os fez paſſar á Perſia, onde haviaõ Igrejas numeroſas.

S. *Frumencio*, que na ſua mocidade

dade foi levado captivo á Ethiopia, chegou por ſeu eſpirito, e por ſuas virtudes ao lugar de Miniſtro, aproveitando-ſe de ſeu credito, para attrahir a eſta regiaõ Chriſtaõs do Imperio Romano. Em huma viagem, que fez ao Egypto Santo *Athanaſio*, ordenou-o Biſpo, e o obrigou a voltar para as terras dos Barbaros; reconhecendo a Igreja ſer elle o primeiro, que os roteou por ſuas zeloſas diligencias. *Frumencio* eſtabeleceo-ſe na Abiſſinia, e fez hum grande numero de Chriſtaõs.

A Converſaõ dos Iberianos, póvos vizinhos do Ponto-Euxino, foi devida a huma mulher Chriſtã captiva entre elles. Tendo curado a Rainha de huma perigoſa doença, perſuadio-a da ſantidade do Chriſtianiſmo. Eſta Princeza converteo ſeu marido, que enviou embaixadores a *Conſtantino*, para lhe pedir Biſpos, que podeſſem inſtruir a ſeus Vaſſallos. Eſte Principe lhos mandou, ficando mais ſatisfeito da conquiſta eſpiritual, do que ſe tiveſſe

ga-

ganhado huma grande Provincia.

Os Sarracenos, taõ famosos depois no tempo de *Mafoma*, habitavaõ no quarto seculo diversos lugares da Arabia, e estendiaõ-se pelos desertos da Mesopotamia, e da Syria. Este pôvo guerreiro achava-se dividido em differentes tribus, que vendiaõ seu sangue, e seu serviço, huns aos Romanos, outros aos Persas. Muitos movidos com a pureza dos costumes, e da marivilhosa vida de alguns solitarios se sujeitáraõ á verdadeira Fé, hum pouco antes do Reinado de *Valente*; e Santo *Hilariaõ* lhes edificou huma Igreja na Cidade de Elusa.

Outros póvos, chamados Homeritas habitavaõ a extremidade da Arabia Feliza para o Oceno: *Constancio* tendo-lhes enviado huma embaixada, em cuja frente hia *Theofilo* o *Indiano*, ordenado Bispo pelos Arianos; o Principe dos mesmos Homeritas, instruido por elle nos dogmas da Religiaõ Christã, deixou de todo o culto de seus pais,

e

e mandou edificar Igrejas, que *Theofilo* igualmente consagrou. Este Bispo passou depois á Ilha de *Diu* sua patria, e dahi a outras partes dos Indios, onde cuidou em dar a conhecer o Christianismo.

Hereges que perturbáraõ a Igreja no mesmo tempo de Ario.

O Arianismo achava-se debilitadissimo, do mesmo modo que a Idolatrîa pelos Edictos de *Theodosio*; porém naõ foi só este o erro que inquietou a Igreja. Alguns Sectarios aproveitando-se da paz, de que ella gozava no tempo dos Imperadores Christaõs, accendêraõ em seu seio (diz o Padre *Longueval*) guerras civís, sempre mais pestiferas, que as estrangeiras. Estes novos inimigos da verdade tratáraõ naõ sómente de alterar o deposito da Fé; porém alguns delles renováraõ o furor dos tyrannos, que a tinhaõ perseguido. Entre as seitas, que este Seculo vio nascer, singularisáraõ-se princi-

principalmente as dos *Donatiſtas*, dos *Macedonianos*, dos *Eunomianos*, dos *Aécianos*, dos *Photinianos*, dos *Meſſalianos*, dos *Luciferianos*, dos *Apollinariſtas*, dos *Priſcillianiſtas*, dos *Jovinianiſtas*, dos *Collyridianos*. Façamos conhecer em poucas palavras eſtes differentes Hereges.

Dos Donatiſtas.

Os Donatiſtas tiveraõ por cabeça *Donato*, Biſpo de Caſas-Negras em Numidia, que excitou hum ſciſma na Africa depois da morte de *Monſurio*, Biſpo de Carthago, ſuccedida em 311. Diſputou-ſe ſobre o dar-ſe-lhe hum ſucceſſor, e *Ceciliano* Arcediago deſta Igreja, foi legitimamente eleito para encher a Sé vagante. *Donato*, offendido, por lhe naõ darem eſte lugar, intrigou para lho arrebatar. Pondo-ſe á frente de huma facçaõ, ſuſtentou, que *Ceciliano* ſendo ordenado por *Traditores* (vem a ſer por aquelles que haviaõ entregado as Santas Eſcri-

ptu-

pturas aos Idolatras no tempo das perſeguiçoens) naõ podia fazer alguma das funçoens do Epiſcopado. Buſcou juntar hum Concilio em Carthago , em que o Biſpo foi depoſto , e ſeus partidiſtas , collocando em ſeu lugar o *Majorino*. O partido do novo Biſpo , e de *Donato* ſeu apoio, ſubio tanto de ponto , que na maior parte das Cidades da Africa haviaõ duas Aſſembleas , e dous Paſtores , hum Catholico , outro Donatiſta. Debalde o Imperador *Conſtantino* fez juntar muitos Concilios em Roma , Arles , e Milaõ para anathematizarem eſtes ſciſmaticos. Elles rejeitáraõ os caminhos de ſuavidade , deſprezando igualmente os Edictos lavrados para os reprimir.

Seu furor inflammando-ſe pelos caſtigos , attirou com elles aos ultimos precipicios , ſaqueando as Igrejas, profanando a Euchariſtia, pizando aos pés os Santos Oleos , deſmantelando os altares , quebrando os vaſos , &c. Juntáraõ ao ſciſma a heresîa : pertendêraõ que era neceſſa-

rio

rio rebaptizar todos os Hereges, e que a Igreja achando-se extincta por toda a terra, e naõ subsistindo já entre elles, precisava-se reordenar todos os Bispos, e todos os Sacerdotes que eraõ de seu partido.

A *Majorino* havia succedido *Donato*, naõ de Casas-Negras, mas outro naõ menos turbulento, e ainda mais perigoso pela superioridade de seu espirito. Era hum homem sabio, eloquente, de costumes puros; mas fero, orgulhoso, desprezador dos Bispos, dos Magistrados, do Imperador. Declarava-se altamente o primario do partido, defendendo-o por sua ousadia, por suas virtudes apparentes, e por suas obras. Seus modos imperiosos aturdiaõ de tal modo aos Sectarios, que juravaõ por seu nome; sendo-lhes este sufficiente para dar novos espiritos á sua coragem, e a seu furor.

*

Das

Das Circoncellioens.

Os Donatiſtas eraõ quaſi todos fanaticos, chegando-ſe a formar entre elles huma eſpecie de maniacos, que levavaõ o enthuſiaſmo até raivarem de furor. Chamavaõ-lhes *Circoncellioens*, porque corriaõ ſem ceſſar ao redor das caſas nas campinas. A maior parte eraõ paizanos groſſeiros, e ferozes, que ſó entendiaõ a lingua Punica. Animados de barbaro zelo, renunciavaõ á agricultura, faziaõ profiſſaõ de continencia, e tomavaõ o titulo de *Vingadores da juſtiça*, *e de Protectores dos opprimidos.*

Para encher ſua miſſaõ, davaõ liberdade aos eſcravos, corriaõ as eſtradas, e obrigavaõ os Senhores a deſcer de ſeus carros, e a caminhar diante dos meſmos eſcravos, os quaes faziaõ ſubir ao lugar, que lhes naõ competia. Alliviavaõ os devedores, matando os crédores, quando eſtes naõ queriaõ ceder inteira-

men-

mente das obrigaçoens que tinhaõ em ſeu poder.

Ao meſmo paſſo q̃ ſe naõ ſerviaõ da eſpada, por dizerem que *J. C.* prohibira ſeu uſo a S. *Pedro*, armavaõ-ſe de groſſos bordoens, a que chamavaõ *baſtoens de Iſrael.* Manejavaõ de tal modo eſta arma, que moiaõ hum homem, ſem o matarem de improviſo. Seu clamor de guerra ſe reduzia a eſtas palavras, *Louvor a Deos*! ſervindo eſtas palavras ſagradas em ſuas bocas para ſignal de morte. Hum dos ſupplicios, que exercitavaõ nos Catholicos, era cobrir-lhes os olhos com cal desfeita em vinagre, e deſemparar os deſgraçados no meio deſte terrivel tormento.

Ainda que fizeſſem voto de caſtidade, davaõ-ſe ao vinho, e a todas as ſórtes de infamias, correndo com mulheres, e moças embriagadas, que traziaõ frequentemente em ſeus ſeios provas de ſua incontinencia.

Os principaes de taes ſcelerados chama-

chamavaõ-se *os Cabeças dos Santos.* Os furiosos, que peleijavaõ debaixo de seu mando, corriaõ á morte com o mesmo impeto, com que a praticavaõ nos outros. Trepavaõ ao mais alto dos rochedos, e dahi mesmo se precipitavaõ em bandos; outros se queimavaõ, ou se atiravaõ ao mar. Os que intentavaõ adquirir o nome de Martyres, o publicavaõ muito tempo antes, a fim de serem bem tratados com regalos, e depois de haverem engordado, como touros para os sacrificios, hiaõ ás insanas precipitaçoens já referidas.

Finalmente depois de hum Seculo de violencias exercitadas por estes hereges, o Imperador *Honorio*, que queria fazê-los entrar no saudavel aprisco, ordenou huma conferencia regulada entre os Bispos Catholicos, e os Prelados Donatistas. Esta Assembléa sendo convocada em Carthago no anno 411, os primeiros formáraõ nella o numero de 280; e os outros o de 159. Santo *Agostinho* encarregado por seus Col-

 legas

legas para diſputar contra os Prelados ſciſmaticos, derribou-os pela força de ſua eloquencia, e extenſaõ de ſeu ſaber. Alguns renderaõ-ſe ás ſuas razoens; hum grande numero perſiſtio em ſua teima: mas pouco a pouco a ſeita ſe enfraqueceo, e ſe diſſipou, onde avultava mais: ſórte ordinaria de todos os que tem levantado eſtandarte contra a Igreja.

Dos Macedonianos.

Os Macedonianos tomáraõ ſeu nome de hum Ariano, chamado *Macedonio*, que tendo-ſe apoderado da Sé de Conſtantinopola, quiz dar a ſi meſmo hum nome fundado no ſyſtema, porque intentou deſtinguir-ſe dos outros Arianos. Seu erro conſiſtia em aſſeverar, que o Eſpirito Santo naõ era Deos, mas ſómente hum Anjo da primeira ordem. „ Se „ foſſe verdade, dizia Macedo„ nio, ſer elle Deos, e procedeſſe „ do Pai, ſerîa ſem duvida ſeu fi„ lho: *J. C.*, e o meſmo Eſpirito

„ vi-

„ viriaõ a ſer dous irmaõs, o que
„ ſe naõ póde dizer: por quanto
„ he certo, que o Salvador he uni-
„ co filho. Naõ ſe póde taõ pouco
„ dizer, que procede deſta peſſoa;
„ porque neſſe caſo, o Pai dir ſe-
„ hia ſeu avô. Tudo pois moſtra,
„ q̃ o Eſpirito Santo naõ he Deos. „
Eſtes ridiculos ſofiſmas naõ deixáraõ de formar Sectarios; e eſtes taes hereges eraõ numeroſiſſimos, quando o Concilio Geral de Conſtantinopola os condemnou em 381. Chamáraõ-ſe humas vezes *Macedonianos*, outros *Marathonianos*, porque *Marathonio*, Biſpo de Nicomedia defendêo com ſummo calor o erro de *Macedonio*. Eſta heresîa a pezar dos Anathemas pronunciados contra elle paſſou ao pôvo, e a muitos Moſteiros. Naõ teve com tudo Biſpo, nem Igreja particular até o Reinado de *Arcadio*.

Dos Eunomianos, dos Aecianos, e dos Fotinianos.

Fallando já acima das ſeitas do Arianiſmo, procuramos dar a conhecer os *Eunomianos*, e os *Aecianos*. *Fotino*, Biſpo de Smyrna, participou de ſeus erros, e os levou mais adiante. Naõ menos impio que *Ario*, porém mais ouſado que elle, atreveo-ſe a defender, que ſó havia huma peſſoa na Divindade; e que *J.C.* era unicamente homem, que naõ tinha, a fallar com propriedade, recebido exiſtencia alguma, mais do que ao ſahir do ſeio de *Maria* ſua Mãi. Eſta herésîa foi condemnda em muitos Concilios conſecutivos, e ſeu auctor privado da propria Sé no Synodo celebrado em Smyrna no anno de 351.

Dos Meſſalianos.

A Meſopotamia produzio eſtes hereges, ou mais depreſſa, eſtes fa-

naticos.

naticos. Elles começáraõ a apparecer ahi no anno de 360. Seu nome, em Syriaco, ſignifica *Oradores*, porquanto elles faziaõ conſiſtir a Soberana perfeiçaõ em orar ſem interrupçaõ alguma. Eraõ homens ſó de extaſis, ſó de relevaçoens. Eis-aqui ſegundo *Pluquet* a origem de ſeus erros, e de ſuas extravagancias.

O Evangelho enſina, que *para ſer perfeito, he neceſſario renunciar a ſi meſmo, vender ſeus bens, dá-los aos pobres, e deſapegar-ſe de tudo.* Hum fanatico por nome *Saba*, animado de hum deſejo ardente de chegar á perfeiçaõ Evangelica; tomou todas eſtas paſſagens á letra, caſtrou-ſe, vendeo ſeus bens, e diſtribuio ſeu preço pelos pobres.

J. C. diſſe a ſeus Diſcipulos: *Naõ trabalheis pela comida, que finaliza, mas pela que permanece na vida eterna. Saba* conclue deſta paſſagem, que o trabalho era hum crime, e fez para ſi huma Lei de viver na mais rigoroſa ocioſidade. Deo quanto poſſuia aos pobres, porque

o

o Evangelho manda renunciar as riquezas, e naõ quiz occupar-se jámais para se nutrir, a fim de naõ quebrantar o preceito, confórme a sua fantasia, de buscar hum alimento, que perece, e naõ serve para a eternidade.

Apoiado nestes lugares da Escriptura, tomados sempre á letra, *Saba* julgou, que nós estavamos sempre cercados de demonios, e que nossos peccados procediaõ das suggestoens destes espiritos perversos. Julgava, que no nascimento de cada homem, hum demonio se senhoreava delle, arrastava-o aos vicios, e lhe fazia commetter todas as culpas, que via em sua alma.

Pelo primeiro acto, que *Saba* praticou de renuncia a si proprio, ha provas de que era sujeito a fortes tentaçoens da carne, e como a Escriptura nos ensina, que o demonio da impureza se lança fóra pela oraçaõ, *Saba* julgou que este era o unico meio de triunfar das tentaçoens, e de se conservar sem peccado.

cado. Os Sacramentos, ſegundo *Saba*, apagávaõ ſim os peccados, porém naõ lhes deſtruiaõ a cauſa, olhando-os por eſte principio, como praticas indifferentes: hum Sacramento no ſeu modo de penſar aſſimilhava-ſe a huma navalha, que barbêa, e que deixa ſempre a raiz.

Quando o homem pela oraçaõ era libertado do demonio, que o rodeava, naõ continha mais a cauſa do peccado, e o Eſpirito Santo deſcia á alma purificada.

A Eſcriptura nos repreſenta o demonio, como hum leaõ esfaimado, que nos rodêa ſem ceſſar; *Saba* ſe ſuppunha de continuo acommettido por eſte eſpirito. Viaõ-no agitar-ſe violentamente no meio da ſua tal oraçaõ, atirar-ſe ao ar, e crêr ſaltar por cima de hum exercito de demonios. Obſervaõ-no como peleijando contra elles, fazendo todos os movimentos de hum homem, que batalha com o arco, e julgando o meſmo miſeravel deſpedir flexas ſobre os demonios.

A imaginaçaõ de *Saba* nem durante o fomno, fe aquietava. Perfuadia-fe ver realmente todas as fantaſmas, que ella lhe offerecia, e naõ duvidava que ſimilhantes viſoens foſſem verdadeiras revelaçoens. Teve para ſi que era Profeta; attrahio os reſpeitos da multidaõ; eſquentou a imaginaçaõ dos fracos; inſpirou ſeus ſentimentos, e vio-ſe hum tropel de homens, e de mulheres vender ſeus bens, paſſar huma vida ocioſa, e vagabunda, orar ſem interrupçaõ, e dormir a montaõ pelas ruas.

Eſtes infelices ſuppunhaõ a atmoſfera cheia de demonios, e naõ lhes occorria embaraço algum, de que elles reſpiravaõ o meſmo ar, aſſoando-ſe, e eſcarrando de continuo, para ſe deſembaraçarem de taes inimigos. Achavaõ-ſe humas vezes a luctar com os demonios, e áſſeteallos, outros cahiaõ em extaſis, e profetiſavaõ, ſubindo a mania até acreditarem ver a Trindade.

Naõ ſe ſeparavaõ da Communhaõ

nhaõ dos Catholicos, conſiderando-os, como peſſoas ſem eſpirito, ignorantes, e groſſeiros, que entendiaõ achar por ſua eſtupidez, nos Sacramentos forças para os attaques do demonio.

Os Meſſalienſes adiantaraõ-ſe em Edeſſa; foraõ lançados fóra por *Flaviano*, Biſpo de Antioquia, e ſe retiráraõ á Panfylia. Ahi meſmo ſe condemnáraõ por hum Concilio; mas paſſando á Armenia infectáraõ muitos moſteiros. *Letorio*, Biſpo de Malathia fez com que ſe queimaſſem nos meſmos moſteiros; porém os que eſcapáraõ ás chammas, retirando-ſe para outro Biſpo da Armenia, e achando nelle toda a humanidade, ſeguíraõ ſuas inſtrucçoens.

Dos Luciferianos.

Nas longas diſputas que excitou o Arianiſmo, houveraõ debates particulares, cauſados por exceſſo de indulgencia, ou de vigor, de que preſumiaõ certos Prelados. Deſte

mo-

modo *Lucifer* Bispo de Cagliari na Sardenha, homem de costumes puros, e severos, mas de hum caracter duro, e intratavel, excluio da Communhaõ Ecclesiastica naõ sómente os Arianos, e Semi-Arianos, mas tambem todos os Catholicos, que tinhaõ alguma correlaçaõ com os Bispos destes dous partidos. O zelo imprudente, que ostentou contra os Sectarios, o fez a elle mesmo cabeça da heresîa. Chamáraõ-se *Luciferianos*, áquelles que se separavaõ da Communhaõ dos Catholicos, e que persistiaõ neste scisma. Imputáraõ-se-lhes mais alguns erros. Accusavaõ-nos de ensinarem, que nossas almas saõ corporeas, e engendradas como os corpos: póde ser que isto fosse calumnia verdadeira; porém sempre he certo, que elles erravaõ em pertender, que de necessidade os Arianos deviaõ rebaptizar-se, quando voltassem á Igreja.

✳

Dos

Dos Apollinariſtas.

Apollinario Biſpo de Laodicêa, hum dos mais acerrimos defenſores da Conſubſtancialidade do Verbo, era taõ piedoſo, como ſabio; porém naõ deſconfiando das proprias luzes, cahio em hum erro ſingular. Cria verdadeiramente que *J. C.* incarnára, que havia tomado corpo humano, mas que naõ tomára alma humana; ao menos que a tal alma, a que o Verbo ſe unira, naõ tinha intelligencia alguma; mas ſó ſenſibilidade ſem razaõ, nem entendimento. Segundo elle, o Verbo de Deos animava o corpo de *J. C.*, de ſórte que do Verbo, e do Corpo reſultava huma ſó, e meſma ſubſtancia. Tirando pois as conſequencias, que ſe deduziaõ deſta opiniaõ, attribuio-ſe a *Apollinario* o haver ſuſtentado, que a Divindade padecêra, e morrêra; mas ſería eſſe ſeu verdadeiro ſentimento? Eis-aqui no que os Sabios naõ concordaõ.

Dos

Dos Prifcillianiftas.

O Egypto foi o primeiro berço deftes hereges. *Marco* de Menfis, havendo formado huma extravagante miftura de diverfos erros, juntos ás práticas obfcenas dos Pagaõs, dos Gnofticos, e dos Maniqueos, foi violentamente obrigado pelos Bifpos a defviar-fe. Paffou immediatamente á Gallia, e dahi á Hefpanha, onde corrompeo *Prifcilliano* Bifpo de Avila, que veio a fer cabeça da Seita.

Efte Prelado era nobre, rico, efpiritual, eloquente, fabio, profundo e fubtil dialectico. A aufteridade de feus coftumes, e fua humildade exterior, feu defapego das riquezas, feus jejuns, feus trabalhos o faziaõ recommendavel aos olhos do pôvo, mas debaixo de hum externo mortificado occultava hum coraçaõ corrompido, e hum efpirito vaõ, e inquieto. Como elle era de hum caracter lifongeiro, e infinu-

ante,

ante, ganhou bem depressa hum grande numero de Hespanhoes de toda a condiçaõ, e principalmente mulheres pouco assisadas, curiosas, avidas de novidades. Seus erros dilatáraõ-se em pouco tempo por toda a Hespanha.

Admittia, como os Maniqueos, hum máo *Principio*, e auctorisava a impureza, como os Gnosticos. Pertende-se que, nas suas assembléas nocturnas, seus discipulos oravaõ nús, e se entregavaõ aos mais infames appetites. Vendo quanto era necessario occultar suas abominaçoes, ensinavaõ que era permittido mentir, e perjurar, mais depressa do que descobrir hum segredo.

Os erros de *Priscilliano* dando já nos olhos a todos, os Bispos de Hespanha os anathematizáraõ, e elle foi bannido do reino. Continuou a dogmatizar, e cortou-se-lhe a cabeça em 385 por ordem do tyranno *Maximo*, á instancia de hum Bispo Hespanhol, chamado *Ithacio*, e de seus defensores. S. *Martinho* de To-

Tours desaprovou altamente este novo modo de punir os hereges, e se separou dos *Ithacianos*. Este Santo Bispo tinha representado em vaõ a *Maximo*, que *os Pricillianistas se achavaõ assaz castigados pela Sentença Episcopal, que declarando-os hereges, os lançava fóra da Igreja, e que era cousa inaudita, que hum Juiz secular pronunciasse em huma causa de Fé.*

A morte de *Priscilliano*, (diz *le Beau*) mostrou desde entaõ, que effeito deviaõ produzir na serie dos tempos, estes procedimentos inhumanos. Sua seita se augmentou por seu mesmo supplicio. Os que o haviaõ ouvido, como hum Apostolo, o reverenciáraõ como hum martyr. Seu corpo, e os de seus adherentes mortos com elle, foraõ transportados a Hespanha, e honrados, como preciosas reliquias. Jurou-se pelo nome de *Priscilliano*. Em fim a pezar dos decretos de hum Concilio de Toledo em 400, e as Leis oppressivas de *Honorio*, e de *Theodosio* o

mo-

moço, sua heresia se propugnou, até o meio do 6. Seculo.

Dos Jovinianistas.

Esta Seita devêo sua origem a *Joviniano*, monge de Milaõ. Elle ensinou diversos erros, renovados pelos hereges dos ultimos Seculos. „ O estado do matrimonio, segun- „ do o seu sentimento, era taõ per- „ feito, como o da virgindade, ou „ da viuvez. O Baptismo torna o „ homem impeccavel, e he hum „ logro impôr cada hum a si je- „ juns, e fazer outros actos de mor- „ tificaçaõ. Todos os peccados saõ „ iguaes, e sua divisaõ em mortaes, „ e veniaes, he huma quiméra. Em „ fim para cumulo de impiedade, „ defendia que *J. C.* naõ nascêra de „ huma Virgem. „ Estes hereges, condemnados em hum Concilio de Roma no anno de 390, foraõ reprimidos pelo poder imperial.

Dos Collyridianos.

Eſtes hereges eraõ huns ignorantes, que por huma piedade exceſſiva, reſpeitavaõ a Santa Virgem como, huma eſpecie de Divindade. Seu nome procede de huma eſpecie de bôlos, que lhe offereciaõ, e que ſe nomeaõ em Grego Collyridos. As mulheres eraõ os Sacerdotes deſte culto ſingular.

Dos Anthropomorfitos.

Hum Syrio, homem groſſeiro, e ſem letras, nomeado *Audio*, pertendeo que Deos tinha corpo humano, e membros formados como os noſſos: eſte foi o motivo de dar a ſeus diſcipulos o nome de *Anthropomorfitas*. Eraõ homens piedoſamente loucos. Affectavaõ a mais alta perfeiçaõ, e ſe apartavaõ da Communhaõ da Igreja, porque ella incluia em ſeu ſeio peccadores conhecidos. Eſta Seita penetrou ao Egypto,

pto, onde se conservou por algum tempo.

Escriptores Ecclesiasticos.

Os nomes de todos os Sectarios, que acabamos de representar ao Leitor, estaõ hoje em dia quasi inteiramente esquecidos; porém os dos grandes homens, que illustráraõ a Igreja ao mesmo tempo, que os primeiros a laceravaõ, viviráõ eternamente. Nós seriamos muito extensos, se quizessemos dá-los todos a conhecer: he pois necessario limitarmo-nos aos principaes, pagando a cada hum delles, o tributo de louvores, que merece.

Lactancio appellidado o *Cicero Christaõ*, porque era, segundo S. *Jeronymo*, o homem mais eloquente de seu tempo, foi discipulo de *Arnobio*. Seu mestre havia exercitado os proprios talentos contra os Gentios; e *Lactancio* emprendeo o mesmo genero de trabalho. Suas *Instituiçoens Divinas*, e seu livro *da*

Morte dos Perseguidores, seráõ sempre amaveis aos que amaõ a verdadeira Religiaõ, posto que naõ haja mostrado tanta energia em estabelecer o Christianismo, como em destruir a Idolatría, e tenha cahido em alguns erros. Foi encarregado da educaçaõ de *Crispo* filho de *Constantino*, e o que faz abrilhantar seu elogio, he que na Côrte, e na fonte das riquezas, naõ sentio augmentar suas precisoens, nem seus desejos. De todos os Auctores Ecclesiasticos, o Latim de *Lactancio* he o mais Romano.

Eusebio, Bispo de Cesarêa na Palestina, Prelado célebre por sua erudiçaõ, naõ se livrou assaz dos Arianos, pois os offereceo diante do Imperador *Constantino* com quem vogava. Sua *Demonstraçaõ Evangelica*, sua *Chronica*, e mais que tudo sua *Historia Ecclesiastica*, monumento precioso, teriaõ podido riscar da memoria sua propensaõ para hum erro excessivamente acreditado, se o segundo Concilio de Nicêa

céa o naõ tiveſſe anathematiſado.

S. *Antonio*, o pai dos Cenobitas, merece tambem hum lugar entre os Auctores Eccleſiaſticos. Naſceo em Coma no alto Egypto, em 251. Tendo ſó vinte annos, vio-ſe ſenhor de grandes bens; porém eſtas palavras do Evangelho: *Se vós quereis ſer perfeito, vendei quanto tendes, e dai o preço aos pobres*, movêraõ de tal modo ſeu coraçaõ, que as ſeguio á riſca. Tendo-ſe retirado a hum deſerto, o demonio empregou todos os artificios de ſua aſtucia para o enganar. Depois de ter alli paſſado 20 annos, entranhou-ſe em huma ſolidaõ muito mais profunda. Naõ inutiliſou ſeus talentos. Huma multidaõ de diſcipulos ſe uníraõ com elle, e imitáraõ ſuas virtudes. Sahio duas vezes de ſeu retiro para ir ſoccorrer os Fieis contra os perſeguidores idolatras, e contra os Arianos. Viveo 105 annos, e morrêo em 359. Nós temos delle *ſete Cartas*, e attribuem-lhe huma *Regra*.

Santo *Hilario* Bispo de Poitiers, sua patria, distinguiò-se por seu zelo contra os Arianos, que o fizeraõ desterrar para a Frygia. Este alentado defensor da Fé, tendo sido restituido á sua Igreja depois de quatro annos de desterro, receberaõ-no nas Gallias, como em triunfo. Terminou seus dias em 368. *Hilario* era de huma familia consideravel, que o educou nos erros do Paganismo, cujos absurdos reconheceo opportunamente. Tinha vivido algum tempo no estado do matrimonio, mas por hum consentimento mutuo separòu-se de sua mulher, quando a seu pezar o collocáraõ na Séde de Poitiers. Sua vida santa contribuio tanto, como seus escriptos para o progresso da Religiaõ. Nós temos deste Santo diversas obras contra o erro que cõbattêra com tanto esforço em muitos Concilios. Seus *doze livros sobre a Trindade* provaõ que havia recebido de Deos a intelligencia das verdades mais sublimes da Religiaõ.

Santo *Athanasio*, o modelo de

San-

Santo *Hilario* no affecto á verdade, foi exposto, como elle ás calumnias, e ás violencias dos hereges. Nenhum Auctor de seu tempo escreveo taõ profundamente, nem com tanta clareza sobre o Mysterio da Trindade, e da Divindade de *J. C.* sendo ainda hoje suas obras huma fonte inexgotavel de luzes. Terminou tranquillamente sua illustre carreira na propria Igreja de Alexandria, sendo de idade de 80 annos, em 371 *Athanasio* desterrado muitas vezes, achou huma nova patria em todos os lugares, para onde foi bannido. Seu espirito vivo, e penetrante, seu coraçaõ generoso, e desinteressado, seu caracter brando, naõ obstando a austeridade de seus costumes, lhe adquiriraõ defensores nos fins das Gallias, do mesmo modo que no seio de Alexandria. Juntava ás proprias virtudes huma eloquencia natural, enlançada com ditos vivissimos, sempre nervosa, hindo sem declinar a seu fim, e com huma precisaõ rara entre os Gregos desse tempo.

S.

S. *Basilio* o Grande, nascido em Cesarêa na Cappadocia deo desde sua mocidade as maiores esperanças. Depois de haver feito seus estudos em Constantinopola, viajou a Athenas, onde se aperfeiçoou, e teve huma estreita amizade com S. *Gregorio* de Nasianzo. *Basilio* amava a gloria, e tinha com que a adquirir no mundo; mas excitado pela graça, renunciou ás illusoens da vaidade. Depois que visitou no Egypto, e na Syria os mais famosos solitarios, foi eleito a seu pezar Bispo de Cesarêa. Perseguido pelos Arianos, e por outros hereges, achou toda a consolaçaõ em suas virtudes. Temos delle *Homilias*, *Tratados* de espiritualidade, e Regras ás quaes os Monges Gregos estaõ ordinariamente sujeitos, e S. *Basilio* têm nos Mosteiros do Oriente a mesma reputaçaõ, que S. *Bento* nos do Occidente.

S. *Gregorio* de Nissa, e S. *Gregorio* de Nasianzo appellidado o Theologo, foraõ dous dos ornamentos deste Seculo. O ultimo havendo

vendo hido a Conſtantinopola, combatteo os Arianos, e os Apollinariſtas, foi poſto na Sé Epiſcopal deſta Cidade; mas voluntariamente a deixou pelo bem da paz, e paſſou os ultimos oito annos de ſua vida no retiro do campo. He dos mais illuſtres Doutores da Igreja. Os livros Santos eraõ ſeu encanto; porém julgava que a leitura dos bons Eſcriptores de Athenas, e de Roma podia ſer util á Religiaõ. As letras profanas, diz S. *Baſilio*, ſaõ as folhas, q́ ſervem de ornato, e de defeza aos fructos. Tambem de todas as invectivas que S. *Gregorio* de Naſianzo desfecha ſobre o Imperador *Juliano*, as que ſe moſtraõ mais cheias de zelo, e energia, ſaõ as que o Santo fórma a reſpeito do Edicto, que prohibia aos Chriſtaõs as humanidades.

Trabalhou tambem em reparar os males que fazia eſte meſmo Edicto. Compoz em verſo, e em proſa hum grande numero de obras reſpectivas ſingularmente á Religiaõ. Seu pro-

jecto

jecto era de paſſar as bellezas dos Auctores profanos ao que eſcrevia, e conſervá-las ahi meſmo, como em depoſito ſagrado. *Apollinario* o *moço* teve as meſmas intençoens nos Poemas, Peças tragicas, comicas, e lyricas, que publicou. Porém por mais habeis que foſſem eſtes dous Eſcriptores, ſuas producçoens apreſſadas naõ podiaõ (diz Mr. *le Beau*) ſupprir as primoroſiſſimas obras de tantos Seculos.

A Igreja Latina ſe gloría de ter produzido Santo *Ambroſio*, elevado á Dioceſe de Milaõ, ſendo ſuas obras e ſeus coſtumes o modelo, e liçaõ dos Prelados. Havia ſido Governador do Milanez antes de ſer Biſpo. Morreo em 397 de 57 annos de idade, e 22 de Epiſcopado. Hum zelo ardente pelos intereſſes da Igreja, huma caridade ingenhoſa para com os pobres, huma terna compaixaõ a reſpeito dos peccadores, foraõ ſuas principaes virtudes.

Mas ſignalou-ſe principalmente por huma coragem verdadeiramente Epiſco-

Episcopal. *Quem vos ousará dizer a verdade*, escrevia o Santo ao Imperador *Theodosio*, *se hum Bispo se naõ atreve a fazê-lo?* Suas obras, compiladas em dous volumes em folio pelos Benedictinos de S. *Mauro*, (Parîs, 1691,) saõ divididas em duas partes: a primeira comprehende o Tratado sobre a Escriptura Santa, e a segunda o que escreveo em differentes materias. O appelido de *Doutor Melifluo*, que se lhe tem dado, prova a vantajosa idêa, que houve, e há em todo o tempo doçura, e suavidade de estîlo.

As *Cathecheses* de S. *Cyrillo*, Bispo de Jerusalém, o tem feito justamente célebre, e nos mostraõ que a Igreja professou sempre a mesma doutrina.

Nós poderiamos nomear ainda Santo *Efrem*, Diacono da Igreja de Edessa, de quem temos Sermoens. O Papa *Damaso* que protegeo os sabios, e foi igualmente Sabio; *Firmico Manerto*, que deixou hum Tractado sobre o *Erro das Religioens*

gioens Profanas: mas n' hum Compendio tal como este, naõ se póde, nem tambem se deve dizer tudo.

Igreja de Roma.

Entre os escriptores Ecclesiasticos, nós podéramos metter quasi todos os Papas, que tiveraõ a Sédè Romana, porque nôs restaõ de muitos destes Pontifices, Cartas, que tanto provaõ seu saber, como seu zelo. Os que governáraõ a Igreja neste Seculo, foraõ *Marcello* morto em 304, *Marçal*, *Eusebio*, *Melchiades*, *Sylvestre*, *Marcos*, *Julio*, *Liberio*, *Damaso*, *Siricio*, morto em 398.

Dos Soberanos Pastores, que nomeámos, *Damaso* foi hum dos mais recommendaveis por sua sabedoria, e por sua constancia. A maior, e a mais sã parte do Clero, e do pôvo Romano o elegeo depois da morte de *Liberio* em 366. O Diacono *Ursino*, ou *Urcisino* lhe disputou a Cadeira Pontifical, depois de haver attrahido ao seu partido muitos Cidadaõs

daõs de Roma. O Prefeito desta Cidade querendo prevenir huma sediçaõ, desterrou *Ursino* com seus principaes adherentes; porém os partidarios do Anti-Papa os tiráraõ das maõs dos Officiaes que os conduziaõ, e os leváraõ á Basilica de Sicina, (Santa *Maria maior*) onde *Ursino* se ordenára.

A parte do pôvo unida ao verdadeiro Pontifice, se juntou com espadas, e bastoens, sitiando logo a Basilica, onde houve hum grande combatte. Cento e trinta sete pessoas morrêraõ, e huma parte da Basilica foi queimada. O Prefeito naõ podendo socegar o tumulto, retirou-se a huma casa de campo, mas logo que sahio, tudo se apaziguou.

Damaso, tranquillo possuidor da Cadeira de S. *Pedro*, juntou hum Concilio, em que reprimio por Canones o luxo, e a avareza de certos membros da Clerisia, que abusavaõ da confiança, ou da fraqueza de seus penitentes para lhes extorquir presentes. O Imperador publicou, pou-

co

co depois, huma Lei dirigida ao Papa *Damaſo*, pela qual prohibia aos Eccleſiaſticos, o receber couſa alguma das mulheres, que elles dirigiſſem na conſciencia, ou foſſe por doaçaõ, ou por teſtamento. Os Padres, e os Concilios, (diz o Abbade *Choiſi*) ſe tem lamentado frequentemente deſtas irmãs eſpirituaes, que com o pretexto de devoçaõ ſacrificavaõ a taõ falſas allianças as preciſoens de ſuas proprias familias. *Eu naõ me queixo deſta Lei, mas ſinto ſummamente que nós a tenhamos merecido.*

Os Pontifices Romanos, ainda que de hum procedimento irreprehenſivel, tendo ſubſtituido huma certa repreſentaçaõ exterior á antiga ſimplicidade, excitavaõ algumas vezes as injuſtas murmuraçoens dos Pagaõs. *Amiano-Marcellino* cenſura-lhes as carroças, em q̃ ſe fazem levar; ſeus veſtidos excellẽtes, ſua meza ſumptuoſa; cõparando eſta magnificencia cõ a pobreza, e frugalidade de muitos Biſpos das provincias. Porém eſte Hiſtoriador prevenido, naõ attende a

que

que o Pontifice da Capital do mundo devia alguma cousa á grandeza de seu lugar, e que podia conservar a modestia do coraçaõ, a pezar do externo esplendor, ao qual se via constrangido.

A Sé de Roma era nesse tempo taõ importante, que hum Pagaõ de huma familia distincta, (*Papirio Pretextato*) dizia, segundo o que nos refere S. *Jeronymo*, *que elle se faria Christaõ, se o fizessem Bispo de Roma.* Os Bispos de Constantinopola, a segunda Capital do Imperio, começáraõ desde entaõ a envejar o poder, o credito, e a auctoridade do Pontifice Romano; porém naõ pudêraõ jámais dar a seus decretos o pezo, que os do Papa, reconhecido por Cabeça da Religiaõ, tinhaõ na Igreja Universal.

Costumes dos Christaõs; Culto.

O Christianismo, havendo sido abraçado pelo maior numero, depois da Converſaõ de *Constantino*, os vicios

cios dos Gentios entrárao agrassar entre os Christaõs. Viraõ-se misturados com os Idolatras nos jógos, nos espectaculos, nos lugares de devassidoens, naõ se envergonhando ainda alguns de exercitar o infame officio de Comediante. A impudicia, a avareza, a glotonaria, o appetite, o desejo da vingança, naõ foraõ menos communs, se acreditarmos nesta parte os Padres desse tempo, entre os Fieis, q̃ entre os Infieis. *Fleuri*, e *Racine* descobríraõ a causa destes males.

Depois que *Constantino* se declarou pelo Christianismo; os póvos se empenháraõ em ser filhos de sua Igreja. Entre huma taõ grande multidaõ de novos Fieis, introduzíraõ-se muitos attrahidos unicamente por motivos temporaes, com o desejo de fazerem melhor fortuna: a complacencia pelos parentes, e amigos; o temor dos Senhores, e em huma palavra, por causas que só fazem hypocritas. Por mais cuidado, que tivessem os Pastores no exame dos que aspi-

aſpiravaõ á Religiaõ Chriſtã, era impoſſivel, ſendo homens, que naõ foſſem enganados. Naõ ſe podia com facilidade diſcernir o principio, porque hum homem ſe fazia Chriſtaõ, nem porque laço ſe moſtrava unido á Religiaõ de *J. C.* Durante as perſeguiçoens, ninguem tinha que ganhar para eſte mundo, fóra do que o Salvador promette a ſeus Diſcipulos no Evangelho, que vem a ſer, afflicçoens, cruzes, perdas dos bens, e ainda da meſma vida. Examinava-ſe, com que ſe hia a ſuſtentar huma ſimilhante empreza, e ſó ſe deſcobria huma viva fé de bens, e males eternos, pelos quaes ſe arroſtavaõ todos os obſtaculos, que ocorriaõ em abraçar a Fé do Redemptor.

Mas quando nada já houve, que ſe expuzeſſe á perda, antes ſó ſe achou muito para ganhar, entrando no Chriſtianiſmo, a Igreja recebeo em ſeu ſeio huma multidaõ de peſſoas, que ſe ſujeitáraõ unicamente ao Evangelho, porque eſta era a Religiaõ do Soberano, e o meio de o ter

ſem-

ſempre favoravel. Viraõ-ſe tambem entrar muitos ſujeitos no Clero, que naõ quereriaõ ter tido ahi lugar algũ, ſe a eſperança das honras, e riquezas os naõ conduziſſe a ſimilhante Eſtado. Todavia encontravaõ-ſe grandes Prelados que perſiſtiaõ firmes na virtude entre as deſordens públicas; porém o Clero em geral moſtrava-ſe apaixonadiſſimo pelas dignidades Eccleſiaſticas, e pelo favor das grandes perſonagens. As riquezas, as honras, a nobreza, e o que há demais brilhante aos olhos do mundo, eraõ as qualidades mais recommendaveis para as eleiçoens. Os lugares eminentes da Igreja ſendo ambicionados, e igualmente occupados por peſſoas caracteriſadas com as diſpoſiçoens já ditas, levaraõ-nos abuſcar do meſmo modo os titulos confórmes a ſeu orgulho, e a ſeu diſtinto naſcimento.

O eſtado monaſtico havia feito progreſſos no Egypto, na Syria, e em todo o Oriente. A vida deſtes primeiros Solitarios ſó era huma ſerie

rie continua de preces, de jejuns, de trabalhos, de maceraçoens, e de auſtridades. Tratavaõ ſeus córpos com hum rigor, que faz eſtremecer noſſa fraqueza; mas quando eſtes Martyres de penitencia deixáraõ os deſertos, para ſe eſpalharem pelas Cidades, a relaxaçaõ ſe introduzio pouco a pouco, e deſde o fim do Seculo, de que nós traçamos a hiſtoria, foraõ neceſſarias Leis, para as tornar á primitiva perfeiçaõ.

A Religiaõ havendo feito novas conquiſtas ſobre a Idolotrîa, augmentou mais a mageſtade de ſeu culto. As Igrejas foraõ ornadas com magnificencia; enriqueceraõ-nas pela pintura, e eſculptura, digaõ o que quizerem os Proteſtantes: viraõ-ſe deſde entaõ imagens nos Templos. Creſcia o numero das Feſtas, e ſe celebrávaõ com pompa.

O coſtume de adminiſtrar o baptiſmo ſó nas Vigilias da Paſcoa, e Pentecoſtes eſtava em vigor neſte Seculo, ainda que houveſſem lugares, onde ſe extendia a ſolemnidade da

celebraçaõ deſte Sacramento a todo o tempo, que decorria entre eſtas duas Feſtas. Conferia-ſe ordinariamente nos Veſtibulos dos Templos, onde ſe achavaõ pias baptiſmaes de huma grandeza conveniente. Alguns tinhaõ devoçaõ de receber o baptiſmo no Rio Jordaõ. Hum abuſo, que ſe vio neſſe tempo, foi; que os Cathecumenos, que vem a ſer áquelles que ſe preparavaõ para receber o baptiſmo, differiaõ a ſua adminiſtraçaõ até á ultima velhice, ou até meſmo á morte.

Quanto á celebraçaõ dos Santos Myſterios, a palavra *Miſſa* já era conhecida, e ainda que houveſſe alguma pequena differença nas liturgias das diverſas Igrejas, com tudo ellas eraõ ſimilhantes no eſſencial. Naõ ſe permittia de modo algum nos diſcurſos públicos dirigidos aos Cathecumenos, o explicar-lhes diſtinctamente a natureza do Sacramento do Corpo de *J. C.*, e taõ pouco a do baptiſmo. Eis-aqui por que as Catacheſes dos Padres naõ ſaõ

taõ

taõ claras , como os Cathecismos feitos depois, que o Christianismo, tendo inteiramente anniquilado a Idolatrîa, naõ se receou nelles jámais explicar estes divinos Mysterios.

Fim do primeiro Tomo.

Tomo I.

Pag.	linha.	erro	emenda
5	27	fez feu	fez o feu
6	23	tres annos fua	tres annos da fua
9	20	de ver	dever
13	18	a eftrella	a eftrella d'Alva
14	27	feffar	ceffar
18	11	procedida	precedida
	23	Ariftobolo	Ariftobulo
20	19	enthufiaftes	enthufiaftas
	20	magnifica	magnificencia
		no Templo onde o acháraõ	no Templo , onde depois o acháraõ
23	7	batpizo	baptizo
24	6	e victoria	a victoria
	15	tentativa	tentaçaõ
	22	approvar	a provar
25	5	occupado todo	todo cheio
28	15	que fe renuncie	que elle fe renuncie
32	13	cede	fede
	16	acomoda-va-fe	accommodava-fe
33	7	de dignava	dedignava
	5	quizer-des	quizerdes
38	2	deos	deo-os
43	11	extrafiado	extafiado
49	9	o primeiro pois .	o primeiro peixe pois ;
52	16	aqulle	aquelle
55	7	infidiciofas	infidiofas
59	23	tem Profetas	tem os Profetas
61	18	recufaffem fem admitti-los	recufaffem admitti-los
63	20	lhe replicou	lhe replicou ella,
	23	crede-vo-lo vos	crede-lo vos ?
68	6	Salvador ; quem	Salvador , quem
	20	pagado	pago
69	6	incidiciofa	infidiofa
75	13	Perfuadi-os	perfuadio-os
77	9	com maior	com a maior
79	6	pateado	pacteado
101	10	conduzios	conduzio-os

Tomo I.

Pag.	linha.	erro	emenda
	12	abenço-ou	abençocu
	17	branoo	branco
105	19	omittem	omittem)
107	7	foi ſeu	foi o
	19	na Cidade	naquella Cidade
114	9	Segio	Sergio
	15	Coeció	Cocejo
116	16	ſe aſſimilhava	ſe lhe aſſimilhava
	21	ambos	ambas
117	13	Filemo	Filemo ,
	22	ſenha	ſanha
125	2	convertido ; e baptizado	convertido , e baptizado
	12	dous	dons
	8	aſſimilhaõ	aſſmelhaõ
	9	fatricitante	febricitante
129	10	combatem	combate
131	15	evitando	tirando
135	12	Liſias , comandava	Liſias , que commandava
139	20	onde achaõ	onde ſe ach õ
149	21	ſe confundiaõ	confundiaõ
154	10	iberto	liberto
155	16	determinar	de terminar
163	27	os rudes	aos rudes
168	15	in fin.	in fol.
-	16	ondinenſe 2. v. in fin.	Londinenſe 2. v. in fol.
180	26	que eraõ	que naõ eraõ
206	27	Simaõ	Simeaõ
207	24	oppunhaõ á Religiaõ	oppunhaõ, a Religiaõ
278	20	tudo para vos	tudo o que para vos
9	21	noſſas	voſſas
287	23	attrrahir	attrahio
299	21	Egypcio	Hum Egypcio
309	14	Daia	Daza
324	27	a reſpeito do Jancenifmo	a reſpeito do Janſeniſmo

Tomo I.

Pag.	linha.	erro	emenda
351	8	Confubſtan-cial idade	Confubſtancialida-de
362	26	que o desfez	que desfez
365	9	Eunuco	Eunomio
	15	o Filho de hu-ma	o Filho he de huma
366	3	Adviatico	Adriatico
367	1	tiverem	tiveraõ
368	9	deſterminar	determinar
376	13	viviaõ	vivaõ
394	20	Feliza para o Oceno	Feliz para o Ocea-no
405	7	relevaçoens	revelaçoens
418	19	offereceo	favoreceo